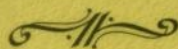
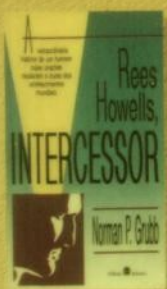




Clássicos
Betânia

Conheça
a vida
extraordinária
de Rees Howells,
um homem
que ousou
mudar os
rumos
da história
mundial
por meio
das suas
orações.



O INTERCESSOR



Editora
Betânia



Norman Grubb

Norman Grubb

O INTERCESSOR

Editora  Betânia

BELO HORIZONTE
2003

Do ORIGINAL
Rees Howells, Intercessor
© 1952 by Lutterworth Press

© 2003 by Editora Betânia
PUBLICADO ORIGINALMENTE POR
CLC Publications
P. O. Box 1449, Fort Washington, PA
19034, EUA

REVISÃO Lena Aranha
CAPA Inventiva Comunicação
FOTO DA CAPA Photodisc
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Editora Betânia

Ficha catalográfica elaborada por Ligiana Clemente do Carmo. CRB 8/6219
Grubb, Norman
O intercessor / Norman Grubb; revisão de Lena Aranha — 3. ed. - Belo Horizonte : Betânia,
2003.
288p. ; 21 cm.

Título original: Rees Howells, intercessor, c1952 ISBN 85-358-0085-9
1. Biografia - Rees Howells. 2. Intercessão. 3. Oração. I. Título.
CDD 922
248.32 232.8
2- EDIÇÃO, 1992 3-EDIÇÃO, 2DD3

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435, Venda Nova
31570-000 Belo Horizonte, MG
Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG
PRINTED IN BRAZIL

*“Não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus;
mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus.”*
(Rm 4.20)

ÍNDICE

Prefácio.....	06
1. Os Primeiros Anos.....	09
2. Dois Choques.....	13
3. O Encontro com o Senhor Ressuscitado.....	16
4. O Avivamento Galês.....	22
5. O Espírito Santo Toma Posse.....	24
6. Amando um Réprobo.....	31
7. Uma Aldeia sem o Avivamento.....	35
8. Os Mendigos.....	39
9. Amarrando o Homem Valente.....	46
10. Um Ramo na Videira.....	51
11. A Mulher Tuberculosa.....	54
12. O que é um Intercessor?.....	60
13. Desafiando a Morte.....	64
14. O Pai dos Órfãos.....	67
15. Lorde Radstock.....	72
16. O Chamado Para uma Vida Anônima.....	81
17. A Brigada sem Chapéu.....	85
18. O Voto de um Nazireu.....	89
19. A Cura do Tio Dick.....	95
20. Um Chamado Para Deixar o Emprego.....	100
21. Ilha da Madeira.....	103
22. O Casamento e a Vocação Missionária.....	111
23. Permanecendo na Fila.....	117
24. Os Avivamentos na África.....	122
25. A Compra da Primeira Propriedade em Gales.....	135
26. O Instituto Bíblico de Gales.....	144
27. A Compra da Segunda Propriedade.....	146
28. A Terceira Propriedade e o Lar das Crianças.....	151
29. O Livro de Oração Comum e o Rei Eduardo VIII.....	155
30. A Comissão de Toda Criatura.....	158
31. A Etiópia.....	163
32. A Visitação do Espírito.....	166
33. A Quarta Propriedade e os Judeus.....	170
34. A Intercessão por Dunquerque.....	176
35. A Batalha da Grã-Bretanha.....	183
36. A Rússia, a África do Norte, a Itália e o Dia "D".....	187
37. O Chamado ao Lar.....	196
Pós-Escrito.....	200

PREFÁCIO

Um dos grandes privilégios que tive foi colaborar na preparação desta biografia de Rees Howells. Em 1928, encontrei-me com o Sr. Howells pela primeira vez. Naquela época, eu era um missionário em férias e fui passar alguns dias com ele no Instituto Bíblico de Gales, que ainda estava no seu início. Eu sentia a luz simplesmente se derramar em minha alma à medida que ele narrava algumas das ocasiões em que o Senhor se manifestara em seu interior. Foi uma das grandes experiências da minha vida. Aprendi segredos do Espírito - como Aquele que desce para realizar sua obra poderosa por intermédio de agentes humanos - segredos esses que revolucionaram meu futuro ministério.

Nos anos que se seguiram, tive muitos períodos de grande amizade com o Sr. Howells. E sempre desejei saber por que me foi concedido esse privilégio. Em muitas ocasiões, ponderei sobre o quanto eu gostaria de conseguir o testemunho dele - aquela luz que o Senhor revelara a seu servo e as maravilhosas manifestações do Espírito que ele experimentara - para oferecer por escrito ao mundo. Agora percebo essa minha vivência como se fosse uma preparação, não identificada na época, para o que viria depois. Nunca pensei que o Senhor fosse recolher seu servo tão repentinamente; mas assim que ouvi a notícia, aqueles pensamentos de anos passados voltaram à minha mente. Foi devido a esse fato que a Sra. Rees Howells e Samuel Howells, o filho único do casal, ofereceram-me a grande honra de escrever a biografia dele. No entanto quero deixar claro que fui, por assim dizer, apenas o membro mais velho de uma equipe de escritores.

Primeiro, a Srta. Mary Henderson, secretária honorária do Sr. Howells, registrara fielmente as palestras matutinas e vespertinas que ele proferira no instituto durante os últimos dez anos -oitenta livros manuscritos contendo essas palestras, acrescidos de referências, e das experiências dele próprio. Depois, no preparo para esta biografia, ela dedicou semanas para indexá-los. Assim, pude ir direto às passagens importantes. Fomos colaboradores diários na preparação do livro, e ela conseguiu manter-me no caminho certo e estreito da exatidão em muitos pontos, além de acrescentar pequenos trechos vitais de informação.

Depois vem o Dr. Kingsley Priddy, o diretor da escola do instituto bíblico, que dedicou horas de seu tempo examinando cada capítulo. Ele pôde assim oferecer muitas sugestões valiosas. Com sua apreciação agudamente sensível no que se referia ao conteúdo espiritual da vida do Sr. Howells, ele, muitas vezes, deu o toque necessário para ressaltar a essência contida num determinado incidente.

O trabalho da Srta. Marie Scott também foi fundamental. Como professora de Literatura Inglesa na escola e no instituto, bem como uma das pessoas cuja vida foi impactada pelos contatos com o Sr. Howells, ela suavizou muitas

passagens cuja redação não era das melhores. Além disso acrescentou toques de inspiração ao texto.

A Srta. Doris Ruscoe, a diretora, que é bacharel em Letras, foi outra pessoa que participou dessa equipe. Ajudou, especialmente, a empregar os melhores métodos de produzir a biografia.

E, finalmente, tudo foi conferido pelo Sr. Samuel Howells, formado em Ciência Humanas, o atual diretor do instituto bíblico, e pela Sra. Rees Howells. Esta acompanhara o marido desde os primeiros dias de seu ministério e fora testemunha ocular de uma grande parte do que está registrado neste livro.

Achei uma experiência muitíssimo edificante e divertida produzir um livro em equipe, em vez de individualmente. E a cada dia, estivemos, de forma maravilhosa, cômicos da mão bondosa do Senhor sobre nós.

Quanto a alguns fatos referentes aos primeiros dias de Rees Howells, devemos muito a seu irmão mais velho, o Sr. John Howells, que sempre foi grandemente respeitado pela família; ao Sr. Dick Howells, um outro irmão que se aposentara como gerente de mina; à sua irmã, a enfermeira Catherine Howells, que foi profundamente dedicada a ele; e ao Sr. Tom Howells, o único membro remanescente da família que ainda vive na velha casa.

Extremamente generoso, irreprimível em sua alegria com o Senhor, a qual transbordava dele ("O Espírito é cheio de gracejos", ousou dizer certa vez), esse homem de Deus, que suportou em seu coração o sofrimento e o pecado do mundo até suas últimas forças, poderia ter contado sua própria história com maior vivacidade do que nós. Contudo, que Deus possa se revelar até mesmo por meio destas páginas, pelo véu da carne humana e por intermédio de um homem transformado, "de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3.18).

O Sr. Morgan James, diretor aposentado da Great Western Railway e amigo do Sr. Howells, expressou nosso sentimento muito bem:

"Ele foi o cristão mais generoso que conheci."

Os homens de Deus de sua geração reconheceram a unção peculiar de Deus sobre ele - Lord Radstock; o Sr. Albert Head, presidente da Convenção de Keswick; o Sr. D. E. Hoste, diretor da Missão no Interior da China; o Sr. Stephen Jeffreys, que fora poderosamente usado por Deus na evangelização e cura, e que, em seus últimos anos, dependera tanto da fé que o Sr. Howells possuía; o Sr. Dan Williams, fundador da Igreja Apostólica; o Sr. Paget Wilkes, do Grupo Evangelizador do Japão; o Rev. Andrew Murray, que escreveu um livrete a respeito dele e o convidou para uma visita; a Sra. Charles Cowman, autora de *Mananciais no Deserto*.

O Sr. Henry Griffiths, contador da National Coal Board, disse o seguinte com referência a seu primeiro contato com ele em 1921:

"Li acerca da poderosa ação do Espírito por intermédio dele na África. Certa ocasião, estava agendado para que viesse a Llanelly, por isso, aquela noite, caminhei cinco quilômetros para ouvi-lo. De todas as histórias a respeito de missionários que li, a dele foi, em minha opinião, a mais maravilhosa. Seu modo de falar era diferente, pois o Espírito trabalhara muito em sua vida.

Lembro-me de um jovem cristão perguntar-lhe como ele conhecia a voz de Deus e ele simplesmente perguntou ao rapaz:

"- Será que você consegue distinguir a voz de sua mãe de outras vozes femininas?

"- Sim, é claro, respondeu-lhe o jovem.

"- Bem, conheço a voz de Deus tão bem quanto você conhece a de sua mãe.

"Nunca me esqueci das reuniões na Convenção de Llandrindod, depois de seu regresso da África. Francamente, ele era uma pessoa excepcional. Tinha apenas quarenta anos e estava no auge de sua vitalidade. Aquela reunião foi tão especial e elevada a ponto de todos ficarem fascinados. Todos estavam extasiados, inertes e ninguém conseguia acompanhá-lo. Solicitaram-lhe que fizesse um apelo e, a seguir, só perguntou quem gostaria de entregar a vida a Deus como ele fizera. Todos se puseram de pé, inclusive os pastores. No dia seguinte, na reunião dos pastores, à qual me foi permitido comparecer, o Sr. Paget Wilkes falou a todos nós e reconheceu prontamente a presença do Espírito na vida do Sr. Howells, e disse o seguinte:

"'Há alguém aqui entre nós que eu gostaria de seguir por todo o país, nem que fosse só para carregar suas malas e limpar seus sapatos'."

Que Deus venha ao encontro de muitos durante a leitura deste livro; da mesma forma como ele veio ao encontro do autor enquanto o escrevia.

- Norman P. Grubb

OS PRIMEIROS ANOS

Rees Howells nasceu a 10 de outubro de 1879. Era o sexto filho de uma família de onze. O pequeno chalé caído ainda está de pé junto a Llandilo Road, na aldeia mineira de Brynamman, no sul do país de Gales, onde Thomas e Margaret Howells criaram suas três meninas e seus oito rapazes. É de admirar que a pequena casa pudesse abrigar uma família tão numerosa! Foi uma luta dura nos primeiros anos. O pai de Rees trabalhava na siderurgia e, posteriormente, foi trabalhar numa mina de carvão. Seu salário, a única fonte de renda da família, era irrisório e, às vezes, quando havia greve, não ganhava absolutamente nada. Além disso, também não havia auxílio-desemprego. Anos mais tarde, ele abriu uma pequena loja na aldeia para vender e consertar calçados e, à medida que os filhos mais velhos deixavam a escola e começavam a trabalhar, as coisas iam ficando mais fáceis. Contudo essa era uma família feliz, pois a piedade e o amor eram preeminentes no lar. O amor de sua mãe constituiu uma das mais profundas impressões na vida do jovem Rees, especialmente devido ao incessante cuidado que dispensava aos três pequenos membros da família, que mais tarde vieram a falecer. Quanto ao orgulhoso pai, um visitante um dia intrigou o jovem Rees, pois, após dar uma olhada ao redor e observar todas as crianças, exclamou ao seu pai: "Como você é rico!"

- Como ele pôde dizer que o senhor é rico? perguntou ele ao pai mais tarde.
- Bem, por quanto eu venderia você? retrucou-lhe o pai. Por cinco mil dólares? Ou será que venderia o John, quem sabe o David ou o Dick, por cinco mil dólares cada um? E por essa razão que sou rico!

A maioria das crianças começou sua vida de trabalhador na usina de estanho local, situada no fundo do vale abaixo da aldeia. A instrução que recebiam era ministrada apenas na única escola da aldeia. Não era permitido que as crianças trabalhassem antes de completarem treze anos. No entanto, quando Rees estava com doze anos, costumava levar a comida para seus irmãos na usina. Então um dia o gerente lhe perguntou se ele gostaria de fazer algum trabalho. Seu nome não constaria da folha de pagamento, porém ele receberia um salário que seria incluído no nome de seu irmão Moisés. Assim, aos doze anos, Rees abandonou a escola e passou os dez anos seguintes na usina de estanho, onde ele era considerado um bom operário. Ele trabalhava doze horas por dia. Levantava-se às 6:00h e não voltava para casa antes das 18:00h.

Tanto Rees como seus irmãos sentiam necessidade de ter mais instrução, por isso freqüentavam as aulas noturnas semanais na escola da aldeia. Naqueles dias, não havia ali uma biblioteca. O único centro de leitura era uma pequena loja de jornais, onde podiam ler o jornal e tomar emprestado um livro, mediante a taxa de um centavo por mês. Foi dessa maneira que dois de seus irmãos passaram em diversos exames. John, o mais velho, empregou-se na Railway Company e Dick tornou-se gerente da mina de carvão.

Rees não seguiu nenhuma linha específica de estudo, porém ele mostrava sinais de capacidade organizadora. Quando sua mãe pedia aos meninos para fazerem alguns serviços esporádicos, cada um deles faria sua parte. Com Rees, porém, era diferente - ele daria um jeito de arranjar uma meia dúzia de amigos para ajudá-lo - e depois pedia à mãe que desse jantar a todos eles. Ela devia pensar se realmente valia a pena pedir a Rees que fizesse algum serviço! A generosidade, que foi mais tarde uma característica tão acentuada em sua vida, já podia ser observada na sua meninice. Ele dava tudo o que tinha. Um de seus irmãos conta que uma freguesa entrou na loja para comprar sapatos quando o pai estava ausente. A freguesa tentou persuadir esse irmão a reduzir o preço do produto que queria, mas ele recusou. Poucos dias depois, ela chamou o pai e lhe contou a história, falando como era o "vendedor".

Conforme a descrição, poderia ser tanto o Rees como seu irmão. O pai não precisou nem de um segundo para concluir sobre quem ela se referia, pois ele sabia que Rees não teria se recusado a dar o desconto!

Rees desenvolveu um belo porte e tinha interesse em treinamento físico. Ele trouxe para casa halteres, luvas de boxe e assim por diante. Muitas vezes, lutava amistosamente com seus irmãos. Um apetite saudável acompanhava um corpo saudável. Algumas noites, Dick e Rees chegavam tarde, após cumprirem suas diversas obrigações. Se Dick chegasse primeiro, assim narra à história, a mãe que já subira para o quarto, perguntaria lá de cima: "É você, Dick? Sirva-se de um pedaço de torta". Contudo, se Rees chegasse antes de Dick, a mãe perguntaria lá de cima: "É você, Rees? Há uma torta na mesa. Deixe um pedaço para o Dick!"

No entanto o que sobressaía em Rees em seus primeiros dias era a consciência que tinha de Deus. Era como se uma presença invisível o protegesse desde o nascimento. Parecia ser como no caso de Paulo, que o Senhor separara desde o ventre materno e chamara por sua graça. Sob esse aspecto, os avós de Rees constituíram a mais poderosa influência sobre seus primeiros anos. O lar deles era outro chalezinho pintado de branco, chamado Pentwyn, situado na Montanha Negra. Conforme Rees declarou anos mais tarde, cruzar seus umbrais era passar da terra para o céu. Eles se converteram no avivamento de 1859, e Rees sempre acreditou que a bênção se estendeu a ele. Alguma coisa o atraía àquela pequena casa.

"Deus era sua atmosfera", diria ele.

Ele gostava de caminhar de sua casa, lá embaixo no Vale de Amman, subir pelos campos e ir deixando as casas para trás, uma a uma, até que um portão de ferro rangesse atrás dele. Ali, saía pelos espaços silenciosos dos declives da montanha, que em anos futuros tantas vezes foram seu lugar predileto para

uma conversa com Deus. Naquele lugar, os únicos sons que perturbavam o silêncio eram o canto da cotovia, o balido ocasional das ovelhas e o lamento do riacho que descia a montanha.

O jovem Rees iria até a crista do monte e, a seguir, desceria para o outro lado. Cortava com passos firmes os doze quilômetros do verde vale galés, que se estendia diante dele, até que alcançasse Pentwyn, seu amado chalezinho, que ficava empoleirado nos declives íngremes. Ali, o terreno coberto de urzes dava lugar novamente a cercas e campos. Geralmente, quando cruzava a porta de entrada, ouvia o som da voz de sua avó lendo a Bíblia para seu Tio Dick, que era inválido. Esse episódio nos faz lembrar de outro rapaz que, provavelmente, passava muitas horas em uma outra montanha negra, a Kara-Dagh, com Listra aos seus pés, a cidade onde o jovem Timóteo, sob a influência piedosa de sua avó Lóide e de sua mãe Eunice, cresceu.

Na verdade, os jovens dos tempos bíblicos, como José e Davi que temiam e serviam a Deus desde os dias de sua meninice, tiveram grande influência sobre Rees. Seu sábio pai criara os filhos no conhecimento das histórias bíblicas: as mais antigas lembranças de Rees eram aquelas leituras ao entardecer e o efeito que tiveram sobre ele. A história do Salvador - seu nascimento, sua vida e sua morte - estava acima de todas as demais e sempre o livrou de tomar seu nome em vão ou de ousar pecar contra ele.

Os prazeres normais do mundo não o atraíam. Ele caminharia quilômetros para ouvir alguém pregar e fazer com que ficasse "sob a influência de Deus", porém não "cruzaria a estrada para ouvir um concerto". Somente uma vez, assistiu a uma partida de futebol. À medida que os torcedores "gritavam e berravam" ao seu redor, percebeu que aquele não era um lugar para ele. Desse modo, fez um voto que, quando pusesse os pés fora dali, nunca mais iria a um lugar desses. E nunca mais foi.

O apóstolo Paulo fez aquela admirável declaração acerca de servir a Deus, como o fizeram seus antepassados, com a consciência pura. Rees parecia constituir outro exemplo disso.

"Não corri para o pecado", disse ele anos mais tarde. "Havia sempre um freio em mim. Parece que algumas pessoas são muito mais sensíveis do que outras, mesmo antes da conversão. Violentei minha consciência uma vez, quando meu pai me mandou entregar sapatos a um freguês e eu lhe cobreí um valor mais alto que o preço real. Comprei maçãs com a diferença. Embora tenha confessado esse pecado a meu pai, nunca consegui afastá-lo da minha mente - especialmente quando eu via maçãs! Na verdade, violentara minha consciência. Naturalmente, devido ao efeito que teve em mim, esse incidente impediu-me de cometer qualquer pecado maior."

Entretanto teve um outro efeito, o qual posteriormente reconheceu ser falso, pois acrescentou:

"Naqueles dias, eu pensava que, provavelmente, nascera com uma boa natureza!"

Tornou-se membro da igreja aos treze anos. De acordo com o conhecimento que tinha naquela época, resolveu que agora deveria "viver à altura do ensino do Salvador". A leitura do livro *Em Seus Passos, que Faria Jesus?* de Charles

M. Sheldon, plantou essa idéia em sua mente. No entanto, mais tarde, ele descobriu que, naturalmente, não poderia realizar esse anseio.

O contato com os outros jovens colegas na usina de estanho não o levou a abandonar suas preferências. Swansea, uma cidade cerca de apenas trinta e poucos quilômetros de seu vilarejo, nunca o atraiu.

"A vida da cidade, uma vida superficial, nunca me atraiu", disse ele. "Para mim, não ir a teatros não era uma provação, pois, realmente, não gostava desses lugares. Eu me sentia à vontade nas capelas e nas reuniões de oração. A natureza - os montes, os vales e os riachos - me atraía. As manhãs de domingo eram momentos maravilhosos para mim: o silêncio e a paz reinavam em tudo. Sentia que podia falar com Deus todas as noites, porque vivia uma vida pura, limpa, assim como centenas de pessoas em Gales que também viviam assim." Não havia nesse rapaz galês nada de extraordinário - era pacato, levava uma vida simples e trabalhava duro. Tampouco havia algo que inspirasse profecias para o futuro dele; exceto, talvez, uma piedade incomum, que poderia ser estranha aos olhos ingleses, embora não o fosse aos olhos galeses. Não é Deus, porém, quem transforma as coisas ordinárias em extraordinárias, quando lhe é dada a oportunidade?

Dois CHOQUES

Somente depois que Rees completou vinte e dois anos é que aconteceu algo para alterar o tranqüilo curso de sua vida em casa. Nessa época, era um jovem de boa aparência, ombros largos, mais de 1,80m de altura, mãos habilidosas, testa larga, que é uma característica comum entre os galeses, e, acima de tudo, olhos observadores, claros como cristal e penetrantes - os olhos de um profeta. Todavia, sob a face tranqüila, corria uma forte tendência - a ambição. Queria ver o mundo, queria ganhar dinheiro, e os Estados Unidos tornaram-se um ímã. Diversos jovens da aldeia já haviam ido para lá e estavam enviando notícias entusiastas referentes ao dinheiro que estavam ganhando: recebiam em um dia o que levavam uma semana para conseguir no sul de Gales.

Quando Rees ouviu isso, nada mais pôde detê-lo, nem mesmo o apego ao lar. Ele "calculava os lucros e as perdas, e a América sempre saía ganhando". Seus irmãos estudavam para fazer carreira. Ele, porém, decidiu "ganhar dinheiro e aposentar-se cedo na vida"! Seu primo, Evan Lewis, emigrara e trabalhava em New Castle, na zona do aço nos arredores de Pittsburgh, e Rees tomou um navio para juntar-se a ele. Ali, conseguiu um emprego numa usina de estanho. Contudo, antes de ele deixar Brynamman, veio-lhe uma palavra da parte de Deus, a qual considerava a maior bênção recebida antes de sua conversão. Um domingo à noite, um mês antes de embarcar, ele chegou atrasado à igreja e, como ela estava apinhada de gente, ficou de pé na entrada. O ministro lia Hebreus 12.1:

"Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas...! Essas testemunhas", disse ele, "são os homens de fé mencionados no capítulo anterior. Devemos saber que eles estão ao nosso redor; que são reais, porque Moisés e Elias falaram ao Salvador no monte, na transfiguração, e os discípulos os viram."

Depois, o ministro foi incisivo, como se soubesse que Rees estava ouvindo: "Jovem, você pode deixar o lar, pode ir a um lugar onde seus pais não o vejam. Lembre-se, porém, de que a nuvem de testemunhas e também Deus vêem você."

Essas palavras foram dirigidas a Rees. Não as conhecia, eram novas para ele, mas o efeito foi tremendo, pois foi tomado por uma impressão do outro mundo.

"Eu vi o monte de Hebreus 12.22", disse ele, "a cidade do Deus vivo, a assembléia universal e a igreja dos primogênitos."

E ele os viu não como espíões, mas estavam ali para encorajá-lo e fortalecê-lo. Era novamente a mão de Deus protegendo, colocando um freio externo em seu vaso escolhido, até que seu Filho lhe fosse revelado. Pois, até que esse dia chegasse, essa nuvem de testemunhas continuaria sendo "a maior realidade" de sua vida.

Após deixar sua terra natal, Rees continuou vivendo a mesma vida religiosa nos EUA, onde se tornou membro de uma igreja e nunca faltou a uma reunião de oração sequer. Somente uma vez, quase cedeu à tentação dos divertimentos mundanos, quando um amigo o convidou para irem a uma grande luta de boxe. Sem dúvida, seu antigo interesse pelo boxe foi uma atração. No entanto a mão controladora de Deus estava sobre ele. No dia anterior à luta, veio-lhe algo à mente:

"Se seu pai, ou se seu tio, estivesse aqui, você iria? E o que fazer com essa nuvem de testemunhas?"

Por fim, disse ao amigo que não o acompanharia naquela noite nem por uma fortuna!

Como Deus poderia levá-lo ao reconhecimento de que nascera em pecado e necessitava ser salvo, se ele vivia uma vida tão reta? O próprio pastor de sua igreja pensava que ele era "o melhor jovem da congregação" - um indício de que o pastor, provavelmente, também necessitava daquilo de que Rees necessitava! Seu caso não era diferente do caso de Paulo, "quanto à justiça que há na lei, irrepreensível" (Fp 3.6). Entretanto, enquanto não houver convicção da necessidade de mudança, não pode haver nenhum desejo de alcançá-la. Deus, no entanto, tem seus próprios caminhos.

A primeira marca que Deus fez nele foi por intermédio de seu primo Evan Lewis. Certa noite, ele provocou um choque repentino em Rees ao lhe perguntar se ele era "nascido de novo". Rees nunca ouvira essa expressão. Ele ignorava isso "tanto quanto Nicodemos". Entretanto percebeu que fora ferido e armou suas defesas:

- O que você quer dizer? Minha vida é tão boa quanto a sua.
- Não é essa a questão. Vamos colocá-la em outros termos: Você sabe se está salvo? perguntou-lhe o primo.
- Sou cristão e isso me basta, disse Rees.

Muito embora professasse não estar convicto, sua complacência fora abalada. Seu primo era leal e não deixou que o assunto morresse, embora aquela conversa sempre parecesse terminar em uma discussão infrutífera.

Um dia, no entanto, a seta realmente foi direta ao alvo. O primo lhe dissera que quando sua irmã estava moribunda, ela lhe falara a respeito da necessidade de aceitar o Salvador e, enquanto ela falava, ele "vira o Calvário".

Mais uma vez Rees não entendeu o que seu primo queria dizer, porém, instintivamente, sentiu que estava pisando terreno santo, e uma voz parecia adverti-lo de que parasse de argumentar. A impressão foi tão forte que ele resolveu deixar o lugar e procurar trabalho em outra parte, para que ele não "tocasse em coisa proibida". Mudou-se para Martin's Ferry, que ficava a uns 160 quilômetros dali. Entretanto, quando seu primo se despediu dele na estação, suas últimas palavras reforçavam ainda mais a prova:

"Se ao menos você fosse nascido de novo, não me importaria com sua partida. Contudo o que me preocupa é vê-lo partir, sabendo que você não é reto para com Deus."

Rees não conseguia esquecer essas palavras. O gracioso Caçador do Céu estava no seu encalço, "perseguido a caça sem pressa, com o passo imperturbável", com aqueles pés fortes que o seguiam e o seguiam, sem parar. Realmente, um certo dia, quando estava lendo um extraordinário livro muito aclamado na época, *Natural Law in the Splritual World* (A lei natural no mundo espiritual), do Prof. Henry Drummond, a luz começou a raiar. Esse autor disse que jamais pensara que fosse possível dar uma definição de vida, até que encontrou uma definição nas obras de Herbert Spencer. Este dizia que a vida é a correspondência com o meio ambiente. A criança nasce com os cinco sentidos e vários órgãos, e cada um desses órgãos corresponde com algo no ambiente: os olhos vêem as coisas, os ouvidos ouvem os sons, os pulmões respiram o ar, e assim por diante.

"Enquanto puder corresponder com meu meio ambiente, terei vida", dizia Spencer, "mas, se algo me acontecer, que me impeça de corresponder com meu meio ambiente, então eu morrerei. A morte, portanto, é a falta de correspondência."

Drummond estendeu essa definição até Adão. O Senhor dissera a Adão que no dia em que desobedecesse, certamente morreria. E morreu? Segundo a definição de Spencer, Adão morreria espiritualmente, pois embora continuasse a ter uma vida natural, ele perdera sua correspondência com Deus. Agora, só poderia voltar ao Senhor por intermédio do sacrifício, por meio de uma vítima morta em seu lugar.

Ao ler isso, Rees passou a levantar uma série de questionamentos: Será que ele mantinha correspondência com Deus? Será que o Salvador era tão real para ele quanto sua mãe? Será que conhecia a Deus como uma Presença diária em sua vida, ou ele só pensava em Deus como Alguém presente nas reuniões de oração? Se morresse, será que teria outro meio ambiente com o qual se corresponder? Ele era uma parte de seus pais e a distância não interferia na comunhão que mantinham, porém não tinha um relacionamento assim com Deus. Nesse momento, recordou aquelas palavras que seu primo lhe dirigia constantemente:

"Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus."

"Finalmente, entendi!" disse Rees. "Eu acreditava no Salvador, mas também sabia uma outra coisa: eu não era *nascido* dele. Com relação a manter uma correspondência com o reino espiritual onde o Salvador vivia, eu era um homem morto, pois estava fora do reino. Toda minha vida decente e minha religião nunca me capacitaram a entrar no reino. Eu estava do lado de fora, embora não fosse ébrio nem ladrão - porque não tinha correspondência com Deus."

Sua complacência religiosa caiu ao chão, despedaçada. Não tinha uma grande convicção em relação ao pecado, mas sabia que havia um abismo entre ele e Deus. Assim, uma preocupação mais profunda por seu destino eterno, mais do que por quaisquer dos negócios desta vida, apossou-se de sua mente.

O ENCONTRO COM O SENHOR RESSUSCITADO

“O Caçador está chegando cada vez mais perto da caça.” Aquilo que, em teoria, Rees começou a meditar, logo passou a enfrentar na realidade. De repente, caiu de cama com febre tifóide, sempre perigosa, mas naquela época era uma doença que, com frequência, era fatal. Não demorou muito para que visse a morte face a face. Nessa amarga experiência, estava sozinho, morando num quarto de pensão e longe do lar. Contudo, novamente, ali estava o dedo de Deus, pois, como ele disse mais tarde:

"Pela primeira vez tive medo e, quando me defrontei com a possibilidade de deixar este mundo e entrar num reino desconhecido, a agonia se apossou de mim, como nunca antes acontecera. Graças a Deus, meus pais não estavam ali para tirarem de mim aquele medo. Graças a Deus que a solidariedade humana não me cegou para a eternidade, pois podemos viver no meio de uma multidão, mas só podemos encontrar a Deus e enfrentar a eternidade sozinho." Ele clamou ao Senhor para que não o deixasse morrer. Enquanto ele implorava ao Senhor que lhe desse a vida eterna, a alegria que tivera de ganhar dinheiro, de viajar e de ver novidades ficara esquecida.

"Dá-me mais uma oportunidade", clamava ele, "e eu te darei minha vida." Fizera um voto nesse clamor. O Senhor o escutou. Mas, antes de conhecer a resposta, e enquanto o clamor subia ao céu, Rees sentiu no coração que ele não morreria. A partir desse momento, começou a melhorar. Contudo já era um homem mudado.

"À medida que enfrentava a perda de tudo e a entrada nas trevas eternas, toquei a vida real pela primeira vez", disse ele. "Eu vira o mundo, e tudo o que ele tinha de melhor, atirando-me a uma eternidade perdida, e sabia que devia tudo ao Deus que me livrara."

Desse momento em diante, ele jamais considerou a eternidade levemente, pois ele enfrentara a realidade do inferno uma separação de Deus para sempre. À medida que se recuperava, a gravidade de sua recente experiência o fazia examinar sua posição com renovado fervor. Fora libertado da morte, mas não do temor da morte. Ele sempre crera na encarnação, na expiação, na ressurreição - essas eram as mais preciosas verdades em sua vida. Por que, então, não eram reais para ele? Se Cristo vencera a morte, por que a temia

tanto? Aqueles que o ouviram falar nesse período de sua vida jamais se esquecerão de como ele fazia ecoar a resposta a essas questões:

"Descobri que tinha apenas um Cristo histórico, não um Salvador pessoal que poderia levar-me para o outro lado."

Durante cinco meses, buscou diariamente o caminho para Deus. Ele disse que gastaria cada centavo de bom grado e iria de uma extremidade a outra daquele vasto país, se pudesse ao menos encontrar um homem que lhe mostrasse o caminho para a vida eterna. Então, dirigiu-se ao único que lhe veio à mente. Percorreu os 160 quilômetros que o levariam de volta até New Castle, a fim de perguntar a seu primo acerca do caminho. Embora o primo conhecesse pessoalmente o caminho, parecia que não era capaz de torná-lo claro para Rees.

Durante esses meses, mudou-se novamente. Dessa vez foi para Connellsville, na Pensilvânia. Ali, afinal, "a caçada" deveria terminar.

"Cesse, quanto a mim, esse som de passos: Será que minha escuridão, afinal de contas, é à sombra da mão do Senhor, estendida carinhosamente para mim?"

Como era maravilhoso, pois cada movimento inquieto não passava de apenas mais um passo à frente na perseguição e na captura da presa. Não fazia muito tempo que Rees estava em sua nova residência, quando ouviu que um judeu convertido, Maurice Reuben, de Pittsburgh, estava na cidade para uma série de reuniões e encontros. A primeira noite em que foi ouvi-lo, Reuben contou a história de sua conversão e de como o Espírito Santo lhe revelara o Calvário. "Já ouvira um sem-número de pregações sobre o Calvário e acreditava nele", disse Rees, "mas, antes daquela noite, nunca vira o Calvário."

Estava sendo reconduzido exatamente ao ponto que tanto o impressionara no testemunho de seu primo.

Maurice Reuben contou que pertencia a uma família abastada, pois tinha o melhor que o mundo podia lhe dar e que vivera para ganhar dinheiro. Era gerente da Solomon e Reuben, uma das maiores lojas de Pittsburgh. Contudo a vida de um de seus fregueses causara um grande impacto sobre ele, até que um dia disse a esse cliente:

- Você deve ter nascido feliz.

- Sim, replicou o cliente, em meu segundo nascimento. Aceitei o Senhor Jesus Cristo e nasci de Deus. Em meu primeiro nascimento, era tão infeliz quanto você!

Reuben ficou tão comovido com esse testemunho, que comprou um Novo Testamento. Ao ler esses relatos sobre a vida de Jesus e sobre a igreja, impressionou-se com o fato de que todos os que seguiram Jesus eram judeus: João Batista, que indicou que Jesus era o Cordeiro de Deus; Pedro, Tiago e João, os principais discípulos. Além disso, o Salvador disse a um judeu: "Sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). Depois, ele leu a história do jovem rico. Foi um momento dramático -um judeu rico e convicto do século vinte tomava conhecimento das relações do Salvador com um judeu rico do primeiro século! Reuben percebeu o problema da seguinte maneira: se Jesus dissera àquele jovem para vender tudo a fim de herdar a vida eterna,

como ele, Reuben, poderia herdar a mesma dádiva, a não ser que se submetesse à mesma condição? Essa foi sua prova suprema. Se ele se tornasse discípulo, sabia que também perderia todos os seus bens. Contudo era tarde demais para recuar, pois fora tocado pela leitura e deveria seguir adiante. Assim, enquanto Reuben dizia essas palavras, Rees as repetia em seu próprio coração - era tarde demais, também, para ele recuar.

Reuben enfrentou o problema honestamente e calculou o custo. Sua esposa poderia deixá-lo, seu irmão poderia afastá-lo do negócio e nem um só judeu o seguiria, mas ele já tomara sua decisão. Se perdesse tudo, isso não faria a menor diferença. Então, um dia, a caminho da loja, Reuben ouviu uma voz que lhe repetia as palavras de João 14.6: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim". A verdade resplandeceu sobre ele - ele aceitou a Cristo e recebeu a vida naquele momento. Depois, contou o fato a seu irmão e a outros. De acordo com a vontade de seu pai, ele perderia o direito a cada centavo se mudasse de religião, mas o irmão lhe ofereceu uma grande quantia - sua parte do negócio - se ele saísse dali e fosse para Montana, no outro extremo do país. Reuben, no entanto, replicou:

"Recebi a luz em Pittsburgh e é em Pittsburgh que darei testemunho."

À tarde, naquele sábado, os detetives vieram e o levaram para o distrito policial. Na segunda-feira, dois médicos o visitaram em sua cela e lhe perguntaram acerca da voz que ouvira. "Será que duvidam da minha sanidade mental?" pensou ele.

Duas horas mais tarde vieram os guardas do hospício e o levaram para um quarto onde havia vinte e nove pessoas com distúrbios mentais. A amargura de estar ali dominou-o. Ele alcançara vitória no encarceramento, mas aquilo parecia mais do que ele poderia suportar. Ajoelhou-se ao pé da cama e derramou seu coração ao Senhor. Já não sabia mais há quanto tempo estava ali, mas parecia que se perdera e, a seguir, teve uma visão do Calvário. Disse que presenciou cada fase da crucificação. Esqueceu-se de seus próprios sofrimentos diante dos sofrimentos do Salvador e, enquanto olhava fixamente para a cruz, o próprio Mestre lhe disse: "E devo suportar a cruz sozinho e todo mundo andar livre?" De coração partido, Reuben respondeu: "Não. Há uma cruz para todos. E há uma cruz para mim". A partir daquela hora, ele era um novo homem. Em vez de queixar-se por estar no hospício, começou a orar pelos outros vinte e nove homens que se encontravam ali e disse ao Salvador: "Permite-me sofrer pelo Senhor. Seja o que for que me faça suportar, não me queixarei jamais".

Duas semanas mais tarde, o irmão de Reuben veio vê-lo e censurou-o por sua insensatez em se meter naquele lugar.

- Por que você não mostra um pouco de inteligência? perguntou ele. Saia daí e vá para Montana, rematou o irmão de Reuben.

- Essa oferta ainda está de pé? Portanto não é uma condição médica, mas algo diferente que está me mantendo aqui! disse Reuben com toda a agudeza de sua mente lógica.

Alguns amigos cristãos, com os quais mantinha contato, promoveram uma abertura de inquérito. Em seis semanas conseguiram sua liberdade. O caso foi

a tribunal e o julgamento foi referente à voz que escutara. O juiz chamou o médico e perguntou-lhe por que aquele homem fora considerado insano.

- Porque ele ouviu uma voz, disse o médico.

- O apóstolo Paulo também não ouviu uma voz? contraditou o juiz que era cristão. Isso é uma vergonha para a bandeira norte-americana, concluiu.

A seguir, voltando-se para Reuben, disse-lhe que processasse todos os envolvidos no caso. A resposta de Reuben foi esta:

- Nunca processarei ninguém, mas farei uma coisa, orarei por eles.

Ele atravessou o tribunal e foi oferecer a mão a seu irmão, mas este lhe voltou às costas. Foi à sua esposa, porém ela fez à mesma coisa. No entanto, que vitória obtivera em sua própria alma!

Alugou um pequeno quarto em Chicago, onde morava sozinho com o Senhor e muitos se converteram com seu testemunho e pregação, embora, por dois anos, não tivesse dinheiro para fazer nem uma refeição substancial. Um ano mais tarde, sua esposa foi ouvi-lo numa reunião ao ar livre e se converteu. E, pela primeira vez, viu seu filhinho que nascera logo depois que sua esposa o deixara. Ela estava disposta a reconstituir seu lar com ele, desde que ele ganhasse a vida como qualquer outro cristão. Seu coração se afeioou ao filhinho e essa prova foi ainda maior do que a primeira. O pedido dela parecia razoável, porém ele sabia que o Senhor o chamara do mundo para a vida de fé. Ele pleiteou com o Senhor, mas a única resposta que recebeu foi: "Volte para o Egito!"

Isso foi o suficiente e, uma vez mais, Reuben abraçou a cruz. Ele foi se despedir de sua esposa e filho, que estavam de partida para uma outra localidade - mais uma experiência muito difícil. Contudo, à medida que o trem se afastava da estação, parecia que Deus derramava em sua alma a alegria do céu. Ele, literalmente, dançava na plataforma. Não viu a esposa por mais três anos. No entanto, numa outra reunião ao ar livre, ela também teve uma revelação da cruz, cujo resultado ela testificou, ao relatar que, embora anteriormente não estivesse disposta a participar da vida sacrificial do marido, se fosse para a glória de Deus, ela agora se dispunha a mendigar seu pão de porta em porta. Reuniram-se novamente e ela se tornou uma colaboradora maravilhosa no ministério dele.

Uma coisa que impedia Rees Howells de alcançar suas vitórias antes era que, embora as pessoas dissessem que haviam nascido de novo, ele não podia ver em que a vida delas era melhor do que a sua. Como poderia, então, convencer-se de que elas tinham algo que ele não tinha? No entanto algumas vezes dissera ao Senhor:

"Se algum dia eu vir uma pessoa que viva de acordo com o Sermão do Monte, eu me renderei."

Antes que Reuben chegasse ao fim de sua história, o Senhor disse a Rees:

"É esse o homem que você procura?"

O que aconteceu a seguir naquela pequena capela metodista, Rees Howells conta com suas próprias palavras:

"À medida que Maurice Reuben trazia aquelas cenas sagradas diante de nós, eu também via a cruz. Parecia que passara anos e anos aos pés do Salvador, e

eu chorava sem parar. Sentia como se o Senhor tivesse morrido apenas por mim. Eu me perdi.

Vivera no temor da morte, mas vi Jesus tomar sobre si aquela morte por mim. Meus pais me amavam muito e, até aquele tempo, para mim não havia ninguém como eles. Contudo eles nunca sofreram a morte por mim. Cristo *sofreu*. Seu amor por mim, comparado ao deles, era tão imensurável que enchia os céus e a terra e, portanto, o Senhor conquistou meu amor - cada pedacinho dele. Ele me quebrou e tudo em mim foi direto para ele.

"A seguir, o Senhor me disse o seguinte:

"- Eis que estou à porta e bato. Posso entrar em sua vida, como entrei na de Reuben e tomei o lugar da esposa, do filho, do lar, da loja e do mundo? Quer me aceitar?"

"- Sim, respondi.

"Ele entrou e, naquele momento, eu me transformei. Eu nasci para um outro mundo. Encontrei-me no reino de Deus, e o Criador tornou-se meu Pai. Naquela noite, recebi o dom da vida eterna, aquele dom que o dinheiro não pode comprar.

"Quando fui para casa, meu amigo que me acompanhara à reunião, no entanto, não vira nada de interessante nela. Ele parecia-me tão rude. Todos os que não eram nascidos de novo pareciam rudes. O Salvador era tudo para mim. Ele não somente era o mais belo entre dez mil, mas entre milhões! Seu amor sempre estivera ali, mas antes de percebê-lo, eu não esboçara nenhuma resposta. No entanto, depois disso, o Senhor teria muitas respostas de minha parte. Tudo deste mundo era rude, grosseiro, mas tudo a respeito de Jesus era tão santo, puro e belo.

"Transformei-me por completo. Nenhum de meus velhos amigos podia entender o que acontecera. Eu não tinha comunhão com as coisas naturais. Não era nada referente a um ponto de doutrina, não era isso que eu via - só via o Calvário. Não era um assentimento mental; não mesmo, pois o véu fora afastado, meus olhos se abriram e eu *vi* o Senhor. Naquela noite, vi este mundo como um lugar amaldiçoado e ocorreu-me o pensamento de que eu nunca mais o tocaria.

"O amor do Salvador foi-me revelado. Não é possível explicar o que é uma revelação. Vi que o Salvador e o Pai, antes que eu sofresse, preferiram sofrer por mim. Nenhum amor natural neste mundo é como o amor do Salvador. Não era algo simples, o Salvador me ajudando de maneira exterior a ele; não, ao contrário, ele tomou meu lugar. Comparado ao amor dele, todo outro tipo de amor era algo rude, motivado por nosso ego, nosso 'eu'. Entretanto podia ver esse amor atravessando os séculos incontáveis da eternidade. Quando você recebe o Salvador, recebe o amor de Deus. Esse amor inundou meu ser e o inunda desde aquele momento.

"Percebi que, por habitar em mim, ele amaria os pecadores por meu intermédio, como ele me amou. Não seria o mesmo que me forçar a amar aos outros, como o Salvador não se forçou para me amar. Ninguém poderia ser meu inimigo, porque eu fora inimigo do Senhor antes de reconciliar-me. Se vivo no reino onde ele está, vivo para ter misericórdia, para ser bondoso, para

amar aos outros. Será que o amor de Deus em mim poderia causar dano a alguém? Deixara o mundo e sua loucura para nascer para aquele reino, onde há somente o amor de Deus - a vida mais atraente e fascinante para ser vivida na face da Terra."

Rees sempre se referia ao seu nascimento espiritual como o dia mais importante de sua vida. Foi o dia em que decidiu encerrar sua estadia nos Estados Unidos. Ele jamais se esqueceu de que foi naquele país, e por intermédio de um judeu, que ele encontrou o Salvador. Portanto tinha uma dívida para com o povo escolhido de Deus, uma dívida que ele saldaria em anos vindouros. Contudo sentia que seu primeiro testemunho deveria ser ao seu próprio povo, que o nutrira nas coisas de Deus.

A idéia de voltar para casa cristalizou-se em poucos dias, em razão de uma aguda tentação relacionada ao seu ponto fraco de antes - o amor ao dinheiro. O gerente das obras onde ele estava empregado o tinha em elevado conceito e ofereceu-lhe um serviço para ganhar um bom salário para aquela época, até mesmo para um norte-americano. No entanto isso representaria exigir mais do seu tempo. Ele disse a seu amigo que deixaria o país tão logo lhe fosse possível, porque o gerente estava colocando uma tentação diante dele, pois dissera ao Senhor que nunca viveria por dinheiro. O novo nascimento o empurrava rapidamente para fora da antiga vida. Conforme dizia, saíra para ver panoramas e, realmente, vira o maior de todos os panoramas do mundo o --Calvário!

O AVIVAMENTO GALÊS

O retorno de Rees ao país de Gales ocorreu num ano 'estratégico'. Foi em 1904, a época do grande avivamento, e sua experiência pessoal recente o preparou para tomar parte nele. Ele relatou o seguinte:

"Em pouco tempo o país todo estava em chamas. Cada igreja foi agitada até suas profundezas. Homens fortes derramavam lágrimas de arrependimento, e as mulheres eram movidas por um novo fervor. As pessoas eram revestidas de poder pelo Espírito, como no dia de Pentecostes, e para os de fora, muitas delas estavam embriagadas. Nos cultos, oravam, cantavam e davam testemunho. Era um avivamento da igreja, transformando os cristãos por toda parte em testemunhas: 'Pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos' (At 4.20)."

A presença e o poder do Espírito Santo na igreja sempre é um fato reconhecido pelos verdadeiros crentes. Assim, não era tanto um caso de pedir-lhe que viesse, mas de reconhecer sua presença e, muito em breve, reconhecer seu poder. Contudo muitas vezes eles tinham de orar pedindo a remoção dos obstáculos às bênçãos. A desobediência e os corações rancorosos eram dois pecados que tinham de ser constantemente considerados. Todavia a obediência às sugestões do Espírito e a confissão franca de Cristo traziam as bênçãos.

Após o primeiro hino, a reunião continuava por si mesma. Não havia dirigente, mas o povo percebia um controle invisível. Muitas vezes, os oradores eram interrompidos pelo cântico de um hino e pela oração, mas não ocorria discórdia nem quebra de harmonia. Havia barulho, excitação e emoção nas reuniões, mas isso era apenas a manifestação de pessoas que foram libertadas da escravidão. Quando alguém se queixava, um velho pregador dizia que ele preferia o barulho da cidade ao silêncio do cemitério! O avivamento provou o que o Espírito Santo podia fazer por intermédio de um grupo de crentes que tinham um só espírito e uma só mente como no dia de Pentecostes. Inúmeras vezes vimos o que o Senhor podia fazer por meio de um evangelista ou de um pastor entregue nas mãos de Deus, como Moody ou Finney. No entanto o avivamento galês foi o poder divino manifestado por intermédio da igreja. A nota dominante era: "Curve-se à igreja e o mundo será salvo".

O único objetivo era a salvação de almas. O Salvador disse que há alegria entre os anjos por um pecador que se arrepende, e eles podiam dizer que havia

alegria na igreja pelos convertidos. Os sinos do céu tocavam o tempo todo e havia um grito de vitória no acampamento.

Sob a influência do Espírito, havia um irresistível poder. Os mais débeis, muitas vezes, revestiam-se de uma majestade indescritível. Suas palavras eram cheias de unção quando mostravam como o Salvador foi "entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4.25). Congregações inteiras se enterneciam, e as pessoas clamavam em agonia de alma: "Que devemos fazer para obter a salvação?" Multidões experimentavam o poder do sangue de Jesus Cristo para a purificação de todo pecado.

O problema real, porém, surgia à medida que o avivamento prosseguia e milhares de almas eram acrescentadas às igrejas. O número de "crianças" que nasciam era maior do que o de "enfermeiras" para cuidar delas. A edificação dos convertidos tornou-se a maior necessidade, a qual, se não fosse satisfeita, constituiria a mais perigosa fraqueza do avivamento.

À medida que o entusiasmo arrefecia, percebíamos que, com certeza, muitos estavam mais apegados aos sentimentos, pois a Palavra de Deus ainda não era o alicerce sólido de sua fé. O diabo tirava vantagem dessa situação. Assim, alguns se tornavam frios e indiferentes, e o conflito espiritual começava. Vários crentes, como Rees Howells, embora fossem jovens no espírito, estavam pelo menos um pouco mais adiantados do que os que haviam se convertido no avivamento. Estes eram necessários, pois podiam atuar como intercessores e mestres, para levar a carga dos "bebês recém-nascidos" - ou seja, orar com eles e orientá-los a prosseguir.

Esses jovens intercessores, no entanto, logo começaram a descobrir o quanto o inimigo das almas era poderoso. Perceberam também que havia um conflito, não contra a carne e o sangue, mas contra os principados das trevas deste mundo, o qual não pode ser combatido com armas carnis. Eles necessitavam daquilo que eles mesmos ainda não haviam recebido, o dom do Espírito Santo para o serviço. Conforme Rees Howells disse mais tarde:

"A intercessão do Espírito Santo em favor dos santos neste presente mundo mal deve ser feita mediante os crentes cheios do Espírito Santo." (Rm 8.26,27).

Foi isso que levou ele e os outros a sentirem a necessidade que tinham da plenitude. Nada faltava na alegria e na satisfação que Rees encontrara no Salvador com relação à sua vida pessoal, mas ele não conhecia o segredo do poder para o serviço. Disse ele:

"Muitos culpavam os novos convertidos pelos seus deslizes, porém nos culpávamos a nós mesmos, porque não estávamos em condições de conduzi-los à vitória. Oh que tragédia estar desamparado diante do inimigo quando ele 'peneirava' os recém-convertidos como trigo!

"No capítulo 59 de Isaías, lemos que Deus viu que não havia nenhum ajudador e admirou-se de que não havia intercessor, exatamente como no nosso caso. Muitos de nós sentíamos a necessidade de sermos 'revestidos de poder do alto'. Estávamos na mesma posição daqueles discípulos a quem o Senhor disse que permanecessem até que fossem revestidos de poder. O relato

prosegue e diz que 'eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo' (Lc 24.52). Eles tinham júbilo antes de terem o poder, de sorte que o júbilo não era prova daquele revestimento do Espírito. Tínhamos a mesma alegria no avivamento, no conhecimento de um Cristo ressurreto e a certeza da vida eterna - um júbilo indescritível - mas, ao mesmo tempo, sentíamos a falta de poder para o serviço."

O ESPÍRITO SANTO TOMA POSSE

Ao voltar da América, Rees acomodara-se novamente na antiga casa da família, onde teve uma calorosa recepção. Contudo, em vez de retornar à usina de estanho, como alguns de seus irmãos, encontrou emprego numa mina da vizinhança, a uma distância de quase dois quilômetros, situada no vale. Ali, trabalhava no subsolo, extraindo carvão - o trabalho mais árduo de todos. Empregava suas horas de folga nas atividades do avivamento, mas o senso de necessidade espiritual crescia entre os obreiros. Então, em 1906, um grande grupo decidiu passar sua semana de férias de verão buscando o Senhor de uma forma especial. Foram para a Convenção de Llandrindod Wells - que, em Gales, corresponde à Convenção Inglesa de Keswick- para o aprofundamento da vida espiritual. Para Rees Howells, esse deveria ser, após seu novo nascimento, o mais revolucionário acontecimento de sua vida. Pouco antes do dia em que deveria partir, Rees se encontrava numa reunião em Brynamman, onde uma jovem lia Romanos 8.26-30. A leitura era bem vagarosa, o que dava tempo para cada palavra calar bem fundo: "Predestinou... justificou... glorificou..." Enquanto Rees ouvia, ele disse para si próprio: "Sei que sou predestinado segundo a presciência de Deus, e justificado - mas será que sou glorificado?" Isso o deixava perplexo, e a seguinte pergunta estava sempre em sua mente: "O que significa ser glorificado"?

Dois dias mais tarde, no trem que o conduzia a Llandrindod, com esse pensamento ainda diante dele, uma voz lhe falou:

- Quando você voltar, será um novo homem.
- Mas eu *sou* um novo homem! Protestou ele.
- Não, você é uma criança, foi à resposta.

No vagão em que viajavam, os outros cantavam o mais recente hino do avivamento, *O Cântico de Glória*. No entanto Rees não foi capaz de ouvi-lo, pois andava pelo corredor com aquela voz soando-lhe aos ouvidos: "Você será um novo homem".

Na primeira manhã da convenção, quem falou foi o Rev. Evan Hopkins, que era talvez o maior pregador sobre "a vida no Espírito" que a Convenção Inglesa de Keswick já produzira. Ele citou Efésios 2.1-6: "Ele vos deu vida... nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus". Ele salientou que foi o Senhor ressuscitado que apareceu aos discípulos após a ressurreição; mas quando o Espírito Santo desceu, ele revelou o Salvador exaltado à mão direita do Pai. A seguir, o Rev. Hopkins fez a pergunta:

"Vocês foram vivificados por Cristo? Foram ressuscitados para assentar-se com ele nos lugares celestiais?"

Em seu coração, Rees respondeu: "Sim, eu sei que fui vivificado, mas não fui ressuscitado com Cristo para aquele lugar de poder". E, no momento em que disse isso, ele viu o Senhor glorificado.

"Vi o Cristo glorificado - de modo tão real como quando vira o Cristo crucificado e o Cristo ressurrecto - e a voz que ouvira no trem me disse: 'Gostaria de sentar-se ali com ele? Há um lugar para você'. Nesse momento, eu me vi elevado com Jesus. Agora, sabia o que significava ser 'glorificado'. Eu o vi como João o vira em Patmos e fiquei deslumbrado como o apóstolo Paulo. Quando o Senhor revela uma coisa, ela é exatamente como é não é imaginação. Toda aquela noite estive na presença de Deus e do meu Salvador glorificado. Nada existe na natureza que seja suficientemente refinado para descrevê-lo. Via os homens como árvores que andavam."

Na manhã seguinte, o Rev. Hopkins falou sobre o Espírito Santo. Ele deixou claro que o Espírito Santo é uma Pessoa, com todas as faculdades de uma pessoa, exatamente como o Salvador. Ele tem inteligência, amor e vontade própria; e, como Pessoa, antes que ele venha morar em um homem, deve receber plena posse de seu corpo.

"Enquanto ele pregava", disse Rees, "o Espírito Santo me apareceu e eu o reconheci como Aquele que me falara no dia anterior e me mostrara o lugar de esplendor e de glória que os olhos naturais não podem contemplar. Antes desse dia, jamais me ocorrera que o Espírito Santo fosse uma Pessoa exatamente como o Salvador e que ele deveria vir e habitar em carne e sangue. Na verdade, a igreja conhece mais a respeito do Salvador, que esteve no mundo somente trinta e três anos, do que a respeito do Espírito Santo que está aqui há dois mil anos. Sempre pensara nele apenas como uma influência que se manifestava nas reuniões, e isso era o que pensávamos muitos de nós no avivamento. Não percebera ainda que ele deve viver em corpos, conforme o Salvador viveu aqui em seu próprio corpo."

O encontro com o Espírito Santo foi tão real para Rees Howells, quanto o fora seu encontro anterior com o Salvador. Ele relatou:

"Eu o via como uma Pessoa à parte da carne e do sangue, mas ele me disse: 'Como o Salvador tinha um corpo, assim eu também habito no templo purificado do crente. Eu sou uma Pessoa. Sou Deus e venho pedir-lhe que me dê seu corpo para que eu opere por intermédio dele. Preciso de um corpo para meu templo (1 Co 6. 19), mas este deve pertencer-me sem reservas, porquanto duas pessoas com vontades diferentes nunca podem viver no mesmo corpo. Quer me dar o seu? (Rm 12.1.) Contudo, se eu entrar, venho como Deus, e você deve sair (Cl 3.2,3). Não me misturo com seu eu'.

"Ele deixou muito claro que jamais partilharia da minha vida. Percebi a honra que ele me dera quando se ofereceu para habitar em mim. No entanto havia muitas coisas que me eram muito caras e sabia que o Espírito não conservaria nenhuma delas. A mudança que ele fazia era muito clara. Significava que cada pedacinho da minha natureza decaída deveria ir para a cruz e ele traria sua própria vida e sua própria natureza."

Era uma rendição incondicional. Do encontro, Rees saiu para um campo onde ele se desfez em lágrimas, porque, conforme disse:

“Recebera uma sentença de morte, tão real quanto a que um prisioneiro recebe no banco dos réus”. Já vivera em meu corpo por vinte e seis anos. Será que poderia abandoná-lo facilmente? Quem poderia entregar sua vida a uma outra pessoa em apenas uma hora? Por que um homem luta quando a morte chega, se é fácil morrer? Sabia que o único lugar apropriado para a velha natureza era a cruz. Paulo deixa isso muito claro no capítulo 6 de Romanos. Contudo, uma vez que isso se torne realidade, é algo que deverá durar para sempre. Não conseguiria ir ao encontro disso.

“Queria fazê-lo, mas, Deus meu, o custo era alto demais”! Chorei alguns dias. Perdi três quilos e meio, apenas porque vira o que o Senhor me oferecera. Como desejava que nunca tivesse visto isso! Ele me lembrou de uma coisa: que tinha vindo somente para tomar o que eu já prometera ao Salvador, não em parte, mas em sua totalidade.

"Visto que ele morrerá por mim, eu morreria nele e sabia que a nova vida era sua e não minha. Isso era claro para mim e pensei dessa forma por três anos. Portanto ele só tinha de vir e tomar o que lhe pertencia. Sabia que somente o Espírito Santo em mim poderia viver como o Salvador. Tudo o que ele me dizia fazia com que minha vontade crescesse, mas tudo não passava de uma questão referente ao prejuízo que haveria para realizar isso. Não dei minha resposta impulsivamente, mas ele também não queria que me precipitasse." Foram necessários cinco dias para tomar a decisão, os quais passou a sós com Deus. Ele continuou:

“Como Isaías, vi a santidade de Deus, e vendo-o, vi minha própria natureza corrupta”. Não eram os pecados que eu via, mas a natureza tocada pela queda. Eu era corrupto no âmago do meu ser. Sabia que tinha de ser purificado. Percebi e vi que havia tanta diferença entre o Espírito Santo e meu ser, como há entre a luz e as trevas.

“Nada é mais real para mim do que o processo pelo qual passei aquela semana toda”. O Espírito Santo continuou lidando comigo, expondo que a raiz da minha natureza era o ego, e só podemos expor aquilo que brota de nossa raiz. O pecado fora cancelado, mas não era com o pecado que ele estava lidando. Ele lidava com o ego - o resultado da queda.

"Ele não aceitaria nenhuma submissão superficial. Ele colocou o dedo em cada parte da vida do meu ego, e eu tinha de tomar decisões impassivelmente. Ele nunca poderia retirar nada de mim enquanto não lhe desse meu consentimento. Portanto, no momento em que permiti que isso ocorresse, houve algo purificador (Is 6.5-7), e nunca mais poderia tocar naquilo. Não se tratava de *dizer* que estava purificado, pois aquilo ainda tinha algum domínio sobre mim; não, era uma ruptura e o Espírito Santo assumiu o controle. Dia a dia, o processo continuou. Ele estava entrando como Deus, e eu só vivera como homem. Ele, porém, disse-me que 'o que era permissível a um homem comum, não seria permissível a mim'."

Essa "experiência de Llandrindod" marcou a crise, que foi seguida pelo processo de santificação (veja o comentário do próprio Sr. Howells à pág.

100), durante o qual o Espírito Santo, à base de sua rendição inicial, substituiu passo a passo a natureza do ego por sua própria natureza divina (2 Pe 1.4). Primeiro, havia o amor ao dinheiro, essa "raiz do mal" que, anteriormente, levava Rees à América. O Senhor lhe disse que tiraria de sua natureza todo o gosto pelo dinheiro e qualquer ambição pela posse de dinheiro.

"Tinha de considerar o que isso significava", disse Rees. "O dinheiro não teria para mim maior valor do que teve para João Batista ou para o Salvador. De certa forma, isso foi considerado em meu novo nascimento, mas agora o Espírito Santo ia à raiz do problema."

As considerações sobre esse ponto duraram um dia inteiro e, ao entardecer, sua atitude para com o dinheiro já mudara completamente.

Depois, havia o fato de que ele nunca teria o direito à escolha na formação de um lar.

"Percebi que nunca poderia dar minha vida a outra pessoa a fim de viver para ela somente. Será que o Salvador daria sua vida e sua atenção a uma só pessoa, em vez de dá-las a um mundo perdido? Tampouco o Espírito Santo poderia fazer isso. Ele tomou todo o tempo que foi necessário para mostrar-me exatamente o que isso significaria: a vida que ele viveria seria para servir aos homens. Será que eu estava disposto a isso?"

Uma das áreas com a qual lidou foi a ambição. Como era possível alimentar alguma ambição se o Espírito Santo entrasse em sua vida? O modo como o Senhor lhe mostrou isso foi da seguinte maneira: suponha que ele tivesse uma missão numa cidade e, após algum tempo, uma outra missão iniciasse um trabalho no mesmo lugar. Se, por um acaso, houver ciúmes entre as duas missões, e para a cidade for melhor que haja somente uma, então seria a sua que teria de sair. Ou, suponhamos que ele e um outro homem se candidatassem ao mesmo cargo, ele teria de deixar que o outro ficasse com o cargo. Ou ainda, se ele ganhasse um certo valor por dia, e um outro homem, que tivesse uma família, estivesse ganhando muito menos, o Espírito poderia dizer-lhe que desse seu cargo àquele homem. Ele via o Espírito Santo, dessa maneira, assumindo o lugar do outro e sofrendo em seu lugar. Sim, ele estava disposto a isso.

No quinto dia, sua reputação foi atingida. Enquanto pensava nos homens da Bíblia que foram cheios do Espírito Santo e, especialmente, João Batista, o Senhor lhe disse: "Então posso viver por seu intermédio o tipo de vida que vivi por intermédio dele". Um nazireu, vestido com pele de camelo, vivendo num deserto! Até mesmo nesse caso, ou aquilo que pudesse corresponder à vida de João Batista nos tempos modernos, era necessário tomar uma decisão. A palavra do Senhor sobre o assunto era esta: "Se eu viver por intermédio de sua vida, caso esse seja o tipo de vida que eu escolher você não poderá me deter".

Como o Salvador fora desprezado, ele deveria também estar disposto a ser desprezado.

Até aquela sexta-feira à noite, cada ponto de seu ego fora mencionado. Ele sabia exatamente o que lhe fora oferecido. Assim, a escolha era entre o que ganharia com o temporal e com o eterno. O Espírito resumiu o problema para

ele nesses termos: "Em nenhuma circunstância permitirei que você acaricie um só pensamento de seu ego, e a vida que eu viver em você será 100% dedicada aos outros. Você nunca será capaz de salvar-se, assim como o Salvador não pôde se salvar quando esteve neste mundo. Pois bem, está disposto?" Ele deveria dar uma resposta definitiva.

Naquela noite, um amigo lhe disse:

"Se alguns de nós nos apresentássemos após a reunião para um testemunho, você nosalaria de sua posição em Cristo?"

Imediatamente, o Espírito o desafiou: "Como você poderia fazer isso? Você já viu a posição dos vencedores, mas ainda não a alcançou. Venho lidando com você há cinco dias; mas você deve dar-me sua decisão hoje, até às dezoito horas. Lembre-se, no entanto, de que sua vontade deve desaparecer. Em hipótese nenhuma permitirei que você apresente um argumento contrário. Para onde eu o mandar, você irá. O que eu lhe disser para fazer, você fará." Era a batalha final contra a vontade.

"Pedi-lhe mais tempo", continuou Rees, "mas ele disse: 'Você não terá nem um minuto após as dezoito horas'. Quando ouvi isso, foi como se uma fera tivesse se despertado dentro de mim."

"- O Senhor me deu o livre-arbítrio, respondi, e agora me força a abandoná-lo.

"- Não o forço, replicou ele, mas faz três anos que você me diz que me pertence e que desejava entregar sua vida ao Salvador tão completamente quanto ele deu a dele por você.

"Desabei num segundo. O modo como me expressara era um insulto à Trindade.

"- Lamento muito, disse-lhe eu, não tinha a intenção de dizer o que disse.

"- Você não é obrigado a abrir mão de sua vontade, disse ele novamente, mas às dezoito horas virei saber sua decisão. Depois disso, você não terá outra oportunidade.

"Essa era sua última oferta e minha última oportunidade! Vi aquele trono (Ap 3.21) e todo meu futuro eterno dissipar-se. Disse-lhe: 'Perdoa-me, por favor. Eu o farei.'

"Uma vez mais escutei a pergunta: 'Está realmente disposto?' Faltavam dez minutos para as dezoito horas. Queria tomar a decisão, mas não podia. Nossa mente é muito astuta quando somos provados e, num instante, veio-me este questionamento: Como o ego pode dispor-se a abrir mão do ego? Faltavam cinco para as dezoito horas. Estava com medo daqueles últimos cinco minutos. Podia até contar os tique-taques do relógio. Então, o Espírito falou de novo.

"Se você não tem forças para dispor-se, gostaria que eu o ajudasse? Está querendo dispor-se? "

"'Tome cuidado', sussurrou o inimigo. 'Quando uma pessoa mais forte do que você está do outro lado, querer dispor-se é exatamente a mesma coisa que dispor-se'.

"Enquanto pensava sobre esse ponto, olhei para o relógio. Faltava um minuto para as dezoito horas. Curvei a cabeça e disse:

"'Senhor, estou disposto!'"

Uma hora depois, a terceira pessoa da Trindade já habitava e controlava totalmente sua vida e *seu* ser. O Espírito lhe citou as palavras de Hebreus 10.19: "Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus". Com essas palavras, conforme o relato de Rees, ele foi imediatamente transportado para outro reino, para o interior daquele véu sagrado, onde o Pai, o Salvador e o Espírito Santo vivem.

"Ali, ouvi Deus falar-me e ali vivi desde aquele momento. Quando o Espírito Santo entra, ele entra para habitar para sempre. Ao sangue seja a glória!

"Como adorei a graça de Deus! O Senhor vai tão longe a ponto de nos dar o arrependimento. Foi Deus que me ajudou a abrir mão da minha vontade.

Havia algumas coisas que ele solicitara durante a semana e que fui capaz de doá-las, porque, agora, eu era senhor delas. Quando, porém, me pediu para abrir mão da minha vontade, verifiquei que não poderia - até que ele me fez vencer essa dificuldade."

Uma testemunha ocular nos diz que não há palavras que possam descrever a pequena reunião naquela casa; a glória de Deus habitou entre eles aquela noite. Rees começou a cantar o coro: "Há poder no sangue", e, durante duas horas, não puderam parar de cantar. Então, das 21:00h até às 2:30h da madrugada, tudo o que aconteceu foi que:

"O Espírito Santo falava coisas com as quais nunca sonhara, assim como eu não cessava de exaltar o Salvador."

Quando acordou na manhã seguinte, ele disse:

"Reconheço que o Espírito Santo entrou para 'ficar para sempre'. A impressão que tive era de que 'ele me trouxera para a casa de banquetes e que o amor era sua bandeira sobre mim'. É impossível descrever as torrentes de júbilo que se seguiram."

Rees Howells não era uma pessoa dada a falar em público; era naturalmente quieto e retraído. Contudo, quando o Espírito Santo entrou, soltou-lhe a língua e lhe emprestou sua própria intrepidez. Naquela manhã, houve uma reunião de louvor na Tenda da Convenção, com cerca de mil pessoas presentes, inclusive uns duzentos pastores. A primeira pessoa que Rees viu foi seu próprio pastor e, se alguma coisa pudesse fazê-lo parar de falar, era a presença desse ministro de Deus. No entanto, durante a reunião, ele se pôs de pé e lhes falou clara e calmamente que chamava a todos para serem testemunhas de que o mesmo Espírito Santo que entrou nos apóstolos no dia de Pentecostes entrara nele e produzira resultados semelhantes. O efeito foi tão grande que durante a semana seguinte, quando as multidões se reuniam para ouvir as mensagens de um famoso orador, centenas de pessoas vinham perguntar a Rees como foi que o Espírito Santo entrou nele. Essa foi a primeira corrente daqueles rios prometidos que, conforme disse Jesus, fluirão daqueles em quem o Espírito habita.

AMANDO UM RÉPROBO

Quando o divino proprietário toma posse de uma propriedade, ele tem um objetivo duplo: cultivo intenso e frutificação abundante. Se a terra, no entanto, é terreno cujo plantio foi abandonado, ele só pode cultivá-la acre após acre. Agora, veremos o Proprietário trabalhando em sua propriedade recentemente reivindicada.

O primeiro acre que ele cultivou novamente em Rees Howells foi a vida de oração. Rees fora usado para fazer orações gerais. Mas, se alguém lhe perguntasse se ele obteria uma resposta, ele não saberia o que dizer. Agora o Espírito lhe disse: "O significado da oração é a resposta. Assim, de tudo o que eu lhe der, veja que nada se perca". Disse-lhe também que a oração eficaz deve ser a oração orientada. Desse modo, ele não deveria mais orar por todos os tipos de coisas a seu bel-prazer, mas deveria fazer somente as orações que o Espírito Santo lhe desse.

Em conexão a esse fato, havia uma outra importante lição: que ele nunca mais pedisse a Deus que respondesse a uma oração por meio de outros, pois agora ele poderia responder por intermédio dele. Isso incluía seu dinheiro. Quando houvesse uma oração pedindo dinheiro, ele deveria oferecer seu próprio dinheiro. O Espírito Santo mostrou-lhe que, no estado de insubmissão, ele poderia muito bem despende seu tempo pedindo a Deus que suprisse os campos estrangeiros e outras causas, sem, no entanto, estar disposto a permitir que Deus respondesse à oração por intermédio dele. Disse também que o Senhor fica, muitas vezes, "cansado de nossas palavras". Toda essa fantasia deveria ser posta de lado, para que pudesse obedecer às Escrituras de um modo mais prático.

A primeira oração desse tipo, em que o Espírito Santo orou por intermédio dele, foi a favor de um jovem chamado Will Battery. Ele viera para a cidade alguns anos antes a fim de morar com um tio, depois de ter sofrido meningite que o deixara em condições muito precárias. Nesse estado, ele se deixara consumir pelo álcool e ia de mal a pior. Havia dois anos que não dormia numa cama, pois passava as noites junto às caldeiras da usina de estanho. Andava sujo e não se barbeava; assim como não usava meias e nunca amarrava os cordões dos sapatos. O avivamento acontecera naquela cidade e centenas se converteram, mas ninguém o alcançara. Por intermédio do Sr. Howells, o que foi um motivo de surpresa para ele, o Espírito Santo estava trabalhando a favor desse homem. Deveria interceder pela sua sanidade e sua salvação,

assim como deveria amá-lo, "não por palavras, tampouco da boca para fora, mas por meio de ações e em verdade".

"Jamais teria me ocorrido amá-lo", disse ele, "mas quando o Espírito Santo entra, ele traz o amor do Salvador. Parecia que eu poderia entregar minha vida por esse homem. Havia um amor extravasando em mim que não conhecia e jamais experimentara. Naturalmente falando, ele seria o último homem com quem gastaria meu tempo disponível, e a usina de estanho seria o último lugar que visitaria".

Em suas horas de folga, fazia amizade com esse homem e passava todos os domingos com ele. Conforme nos relatou, sentia mais alegria buscando ganhar só essa pessoa, do que na capela em companhia dos outros crentes. Chegava até mesmo a caminhar pela aldeia com ele, embora ficasse embaraçado uma vez ou outra, quando as pessoas se voltavam e fixavam seu olhar neles. No entanto o Senhor o censurou por isso, conforme nos relatou. Uns dez dias antes do Natal, o Espírito perguntou a Rees qual seria o presente que ele gostaria de receber, visto que esse era o primeiro Natal desde que entrara definitivamente em sua vida. A escolha que Rees fez era óbvia: que Will Battery recebesse uma bênção. Entretanto Battery desapareceu daquele dia em diante!

"Procurei-o durante dez noites", disse Rees, "como uma mãe procura o filho. Ainda não conhecia os caminhos do Espírito Santo e não sabia que ele queria que eu confiasse nele."

Então, na véspera de Natal, Battery foi procurá-lo.

"Ainda posso ouvir seus passos", disse Rees, "e a sensação que tive naquele momento! Eu não fazia a menor idéia do amor que o Espírito Santo nutre por uma alma perdida, até que ele amou uma por meu intermédio. Que noite passamos juntos! No dia seguinte tive a alegria de passar meu primeiro Natal, depois que o Espírito Santo entrara em minha vida, na usina de estanho com esse jovem, desde as dez da manhã até às seis da tarde. Minha mãe me deu uma cesta com o jantar de Natal para nós dois; mas a minha alegria era grande demais e estava sem fome. Battery comeu tudo! As quatro da tarde, ele me perguntou se podia vir comigo para a reunião do chalé. Que alegria senti ao caminhar com ele para lá! Nunca lhe pedi que fosse, temendo embaraçá-lo." O trabalho, no entanto, não ficou completo em algumas semanas ou meses. Battery levantou-se na vida pouco a pouco, até que Rees pôde colocá-lo em um alojamento e conseguir-lhe um emprego na mina. Contudo ainda assim havia contratemplos, como na ocasião em que Rees teve de enfrentar uma irada dona de pensão. Will Battery fora deitar-se vestido com as roupas de trabalho da mina - inclusive as botas! Rees disse àquela mulher, sem titubear, que mandasse os lençóis para a lavanderia por conta dele! No entanto um dia o povo da capela pôde surpreender-se ao ver Battery sentado nas reuniões, vestido de forma aprumada e respeitável. Esse processo, no entanto, levou três anos até a vitória final, quando, por fim, o Sr. Howells pôde persuadi-lo a voltar para sua mãe, que era uma mulher convertida e orara por ele durante anos.

"Desse modo", disse o Sr. Howells, "comecei do início e amei apenas um. Contudo, se você é capaz de amar um, é capaz de amar muitos. E, se consegue amar muitos, pode amar todos."

A segunda oração de grande importância que o Espírito Santo fez por intermédio dele foi a favor de um homem conhecido pelo nome de Jim Stakes, cujo nome verdadeiro era James Thomas. Esse foi também o meio pelo qual o Espírito Santo deu a Rees Howells sua primeira lição sobre "doar de forma abundante". Como disse mais tarde:

"Visto que meu dinheiro agora pertence ao Novo Inquilino, o antigo inquilino tem de ser imparcial quanto à quantia que aquele doa. O Novo Inquilino, por sua própria natureza, é mais generoso do que o antigo. Este viveu muitos anos no Egito e, posteriormente, no deserto, sob a lei, e só se acostumou, na melhor das hipóteses, a dar o dízimo. Desse modo, quando o Novo Inquilino deseja dar presentes dignos de um príncipe, primeiro ele prova a realidade do submisso. Se ele se mostra autêntico, então não haverá futuros conflitos, quando forem exigidas quantias maiores."

A prova para Rees estava em Jim Stakes. Esse homem era tão mau-caráter que o ditado comum era: O que Jim Stakes não fez, o próprio diabo não poderia fazer! Ele era um dos piores ébrios, e houve um grande espanto quando ele se convenceu e foi em busca de salvação numa reunião de orações. Ele tinha muitos filhos, mas, devido ao seu velho vício da bebida, sua família passava grandes dificuldades, pois era muito pobre. Rees Howells o encontrara apenas uma vez, mas o conhecia bem, pois sua reputação era propagada pela boca do povo. Uma manhã, quando estava em oração, de maneira totalmente inesperada, esse homem "postou-se diante" dele. Rees conta que:

"Jamais conhecera tamanho conflito para uma alma que se encontra no reino espiritual". Pude permitir que o Espírito Santo orasse por meu intermédio apenas por uma hora. Eu vi o diabo, que o atacava, pois, se pudesse consegui-lo de volta, seria uma das melhores coisas que ele poderia fazer para contraditar a obra do avivamento. "Vi que se tratava de um conflito entre Deus e o diabo por uma alma e, a seguir, disse ao Senhor que faria qualquer coisa, se ele o guardasse."

Naquela mesma noite, havia um homem à porta que queria vê-lo. Sua surpresa foi tremenda, pois tratava-se de Jim Stakes! Caminhara três quilômetros porque, conforme relatou a Rees, disse que naquela manhã, às dez horas, enquanto trabalhava na mina, Rees Howells "postou-se diante" dele. Foi naquela mesma hora, de manhã, que Jim Stakes "postou-se diante" de Rees, e o peso da oração veio sobre esse homem!

"Está em dificuldades?" perguntou-lhe Rees.

Na verdade, ele estava. Estava com dois anos de aluguel atrasado e, naquela manhã, os oficiais de justiça marcaram sua mobília para penhorá-la. Dois anos de aluguel! Isso representava um bocado de dinheiro.

Depois de uma hesitação momentânea, o Sr. Howells disse:

"Eu lhe darei o aluguel de um ano, e tenho um amigo que, acredito, lhe dará o restante."

Subiu as escadas para apanhar o dinheiro, mas, antes de chegar ao topo, o Espírito Santo lhe falou. "Você não me disse esta manhã que daria *tudo* o que tinha para salvá-lo? Por que está lhe dando só a metade? O Salvador não pagou *toda* a sua dívida e o libertou?"

Rees Howells virou-se e desceu a escada correndo, para dizer àquele homem: "Lamento ter-lhe dito que daria o aluguel de um ano. Vou dar-lhe o aluguel de dois anos e, além disso, tudo de que necessitar. Vou livrá-lo de tal modo que o diabo não poderá mais usar esta situação para atingi-lo."

"No momento em que disse isso", declarou o Sr. Howells mais tarde, "a alegria do céu desceu. Era como se algo estalasse em minha natureza e o doar tornou-se mais abençoado do que o receber."

A importância do donativo cobria todas as dívidas dele.

Naquela noite, o Sr. Howells o levou diretamente para ver um amigo e orarem juntos. No caminho, ele lhe perguntou se sua esposa era convertida; se ela não percebera alguma mudança nele e não estava contente com isso.

"Sim", respondeu Jim, "porém ela não está salva; ela não tem roupa para ir às reuniões."

Enquanto ouvia, Rees Howells disse que sentiu no Espírito como se tivesse saído virtude para ela e, naquele momento, soube que ela também se converteria. No domingo seguinte, ele foi para a casa deles e a encontrou quebrantada. Aquele generoso donativo abatera-a, o amor a conquistara e o Espírito Santo a conduziu ao pé da cruz. Ali ela viu que uma dívida ainda maior fora paga em favor dela, e paga com um valor ainda maior - o precioso sangue de Cristo.

A bênção desse casal era o que Rees chamava de "o princípio dos dias" na cidade, pois foi na casa deles que tiveram início as reuniões de todos os sábados e domingos à noite, dirigidas por Howells e seus amigos. Muitos vinham a essas reuniões, e alguns dos piores indivíduos da redondeza entregaram seu coração ao Senhor.

Nessa nova experiência de vida no Espírito Santo, Rees tinha uma pessoa cuja amizade significava muito para ele - o Tio Dick. Quando ele voltou de Llandrindod, nem todos os crentes percebiam a necessidade dessa total submissão ao Espírito Santo, e alguns chegavam até mesmo a se opor.

Contudo Deus lhe deu alguém com a mesma mente e o mesmo coração - seu tio. De todos os crentes da região, talvez, conforme nossa maneira de pensar, o Tio Dick fosse quem menos precisasse dessa plena submissão. Durante vinte e seis anos, ele fora inválido, incapaz de caminhar mais do que uns poucos metros, e não conseguia ler mais do que alguns minutos de cada vez. Ele aceitara essa condição como sendo a vontade de Deus e, diariamente, passava horas em oração e pedia para que os membros da família lessem a Bíblia para ele. Antes do avivamento, quando o estado espiritual no país era bem degradante, ele se unia a muitos em oração por um avivamento e regozijou-se grandemente quando obtiveram uma resposta para essa oração.

Entretanto ele também conhecia sua própria necessidade. Antes do avivamento, mesmo dentre os mais piedosos das igrejas, poucos conheciam a vida eterna como um dom gratuito ou tinham a certeza de que seus pecados

foram perdoados. Até mesmo depois do avivamento, a verdade do Espírito Santo como uma Pessoa divina, que habitava no corpo do crente, era algo que a maioria das pessoas desconheciam, inclusive o Tio Dick. Ele tinha um desejo ardente de orar com mais poder, mas ainda não sabia como conseguir isso.

Ele se regozijou na conversão de Rees, e este continuou a considerar o tio seu mais valioso guia espiritual. Naturalmente, ele seria o primeiro a quem Rees procuraria quando voltasse de Llandrindod, para contar-lhe a respeito de sua nova experiência. Essa visita, porém, não seria fácil, porque o Senhor já revelara a Rees que ele deveria apresentar o Espírito Santo a seu tio. Assim, o mais jovem, que fora acostumado a ser abençoado por intermédio do mais idoso, agora abençoava o mais velho, houve um inversão de papéis.

Contudo o Tio Dick estava pronto. Enquanto Rees lhe falava da bênção e do preço - uma completa submissão da vontade, sem reservas - seu tio reconhecia essa experiência como sendo a Palavra do Senhor e a verdade das Escrituras. Foram necessárias três semanas para resolver esse assunto. Cada visita que Rees fazia, o tio lhe dizia:

"Estou certo de que estarei pronto dentro de poucos dias."

Assim, quando ele ficou pronto, isso representou uma gloriosa vitória. Ele era uma ilustração do fato de que um homem pode ser piedoso e devotado e, ainda assim, necessitar do Espírito Santo. Do mesmo modo, não foi de maneira nenhuma fácil para ele submeter-se plenamente.

Daquele tempo em diante, e por muitos anos, a comunhão no Espírito entre o tio e o sobrinho foi muito profunda. Era uma parceria espiritual, em que o Tio Dick se tornou o principal parceiro de oração de Rees. Ele continuou sua obra de oração durante umas oito horas por dia, mas com uma diferença: antes, qualquer necessidade que surgisse, tornava-se automaticamente assunto de oração; mas, assim como aconteceu com Rees, desde que o Espírito Santo tomou plena posse, a oração era guiada e tinha objetivos específicos. Portanto passou a ser um trabalho vitorioso com respostas definidas.

UMA ALDEIA SEM O AVIVAMENTO

Havia uma aldeia a cerca de oitocentos metros da casa de Jim Stakes, na qual não havia um único cristão sequer, ou um único local de culto. À época do avivamento, algumas pessoas começaram a realizar reuniões de oração ali, mas logo fracassaram. Depois que Jim Stakes e sua esposa foram abençoados, um dia o Senhor disse a Howells: "Já que você sentiu tanta alegria em ajudar aqueles dois, não gostaria de ajudar uma aldeia inteira? Mas, quando for lá, tenho outra lição a ensinar-lhe - você deve ser o primeiro sofredor". Isso significava que ele deveria ser como um pai, que é o primeiro a sofrer em sua família, ou como um bom pastor que dá a vida pelas ovelhas.

O Espírito mostrou-lhe que o Salvador tomou o lugar do pecador como o Portador do pecado, o Portador da enfermidade, o Portador da carga e que, portanto, em relação àquela aldeia, deveria permitir ao Espírito revelar o amor do Salvador por intermédio dele, de modo prático. Aquelas pessoas receberam a melhor pregação no avivamento, porém elas não foram tocadas por aquela pregação. Agora, o Espírito Santo levava seu servo para essa aldeia, para que fosse o primeiro sofredor. Desse modo, todos os que estivessem passando alguma necessidade pediriam a ele que a suprisse.

Assim, num domingo de manhã, o Sr. Howells, com seu amigo Johnny Lewis, a Srta. Elizabeth Hannah Jones - que mais tarde seria a Sra. Howells - e outros jovens obreiros cristãos que se juntaram a ele, visitaram a aldeia. Eles nunca viram nada igual antes. Barris de cerveja eram colocados ao ar livre, e as pessoas bebiam e jogavam todos os tipos de jogos. O nome do lugar era bem apropriado: Fogo do Inferno. Contudo, como disse o Sr. Howells mais tarde: "Eu abrigava só um pensamento: que o Espírito Santo tinha autoridade para expulsar os demônios e para perdoar os pecados."

E isso ficou provado no primeiro lar que visitou. A dona da casa não estava disposta a revelar a seus visitantes que estava assando bolo no domingo, de modo que acabou por deixar que o bolo queimasse no forno. Quando o Sr. Howells soube disso, voltou e disse a ela que pagaria pelo prejuízo que lhe causara e, a seguir, colocou sobre a mesa dinheiro suficiente para comprar dez bolos!

Uma boa ação tem asas e não demorou muito para que os aldeões descobrissem que esse bando de jovens, todos eles operários das minas ou das oficinas, vinham com algo mais do que só palavras. Aquela mulher abriu as

portas de sua casa para as reuniões. Ela e o marido, que tinham sido beberrões, foram os primeiros a se converter. E a mulher, principalmente, continuou seu caminho com Cristo e passou a ser uma das melhores pessoas da aldeia.

O Espírito deixou claro ao Sr. Howells que ele devia "viver a Bíblia" para o povo. As roupas das pessoas eram diferentes das que ele costumava usar, portanto deveria se vestir mais modestamente, para não atrair atenção sobre si. Ele trouxera da América um relógio de ouro, além dos que comprara para dar de presente - um para cada um de seus irmãos e irmãs - mas ele não deveria mais usar o seu.

"Se você vai ser o primeiro sofredor, não tenha um objeto que essas pessoas não podem ter", disse-lhe o Senhor. Quase todos na aldeia passavam dificuldades, e o Espírito lembrou-lhe as palavras do Sermão do Monte: "Dá a quem te pede" (Mt 5.42). O Espírito Santo complementou: "Todo aquele que estiver passando necessidades tem o *direito* de procurá-lo, pois você me deu tudo quanto possui. Digo-lhe que tudo isso é para as pessoas, e elas têm tanto direito a isso quanto você".

A maior oportunidade surgiu quando o Senhor alcançou o líder dos beberrões. Por muito tempo, o Sr. Howells orou por ele e pediu uma oportunidade de aproximar-se mais dele. Esse homem podia ver o amor de Deus expresso na vida de outros, mas ele mesmo ainda não o experimentara. A oportunidade, no entanto, havia chegado.

Houve um certo distúrbio fora da aldeia, no qual esse homem estava envolvido, e o caso poderia acabar no tribunal. O Senhor disse, pois, a Rees Howells: "Sua oportunidade é agora. Ofereça-se para resolver o caso para ele". Assim ele foi à casa do homem e perguntou-lhe:

"Será que você ficaria aliviado se este caso pudesse se resolver fora do tribunal? Se as outras pessoas estiverem dispostas a aceitar uma indenização, gostaria que eu a pagasse por você?"

Isso o deixou sem fala. O Sr. Howells continuou a narrativa:

"Ele era muito orgulhoso. Meras palavras jamais poderiam atingi-lo. Mas, quando ele viu o amor de Deus demonstrado daquela maneira, foi atingido num ponto vital e não agüentou. Confessou que fora o culpado e começou a vir às reuniões. Ali, podíamos sentir seu amor pelas outras pessoas."

Não demorou muito e mais de doze pessoas se converteram. Assim, as reuniões regulares tiveram início, incluindo uma escola dominical e um "grupo da esperança". Foram tantos que deixaram de freqüentar os botequins e voltaram-se para o Senhor, que a equipe de obreiros achou que deveria dedicar todo seu tempo para estar com eles. Realizavam cinco reuniões por semana e passavam as outras noites visitando os lares. A obra do Espírito propagou-se para além dessa aldeia, e logo havia convertidos espalhados por toda a vizinhança. Havia tamanho poder no ministério, que as pessoas costumavam dizer:

"Se Rees Howells visitar um lar, preste atenção, pois alguém se converterá!"

O Sr. Howells ganhava seu salário semanal na mina de carvão e possuía também algumas economias. Mas, nesse ritmo, percebeu que o dinheiro logo

acabaria. Foi então que o Espírito lhe mostrou tanto um mandamento como uma promessa. Ao jovem rico, o Salvador havia ordenado: "Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres... depois, vem e segue-me" (Lc 18.22). E aos que o seguiam desse modo, ele prometeu: "Ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo" (Mc 10.29,30).

Rees percebeu que, se desse um dólar, o Salvador disse que ele obteria cem dólares. Será que isso era verdade? Se fosse, certamente aguardaria com ansiedade o dia em que chegaria a esse ponto extremo, seu limite. Mas, será que era mesmo verdade? Isso foi o que lhe chamou a atenção e deu asas à sua imaginação - não o fato de estar sem dinheiro, mas a possibilidade, mediante as promessas, de essa quantia ser repostada. Será que essa permuta poderia realmente ocorrer, e ele obter o cêntuplo?

Chegou o dia quando lhe restava só o último dólar. O Espírito Santo lhe disse então: "Corte as cordas e receba as promessas". Era um chamado direto para depender de Deus. No entanto, é sempre mais fácil falar dessas coisas do que realmente praticá-las. Na verdade, fora muito mais fácil dar cem dólares, enquanto tinha em abundância, do que desfazer-se desse último dólar e chegar ao fim de suas economias - pela primeira vez em quinze anos.

"Oh, como o diabo teve pena de mim e apresentou-me esses argumentos!" disse o Sr. Howells. "Ele me disse que estaria dando um passo no escuro e que, se houvesse uma convenção, ou qualquer coisa desse tipo, eu não teria condições de ir, a não ser que tivesse pelo menos um dólar de reserva. O Espírito Santo, contudo, mostrou-me que, se Deus quisesse que eu fosse a alguma parte, ele, certamente, providenciaria os recursos. O perigo se torna real quando alguém tem dinheiro; pois se uma pessoa possui os meios, ela pode ir a muitos lugares sem consultar a Deus, como Jonas, que pôde dar-se ao luxo de pagar sua passagem para fugir da presença do Senhor! O fato é que, caso Deus não esteja no controle de nossos recursos, nunca poderemos ser realmente servos submissos."

Assim, ele aceitou a dificuldade e aprendeu a grande verdade: seu limite era uma oportunidade para Deus. Seus olhos se abriram para o fato de que ele teria direito de exigir do Senhor o que ele não poderia suprir sozinho. Do mesmo modo como o Espírito lhe dissera que as pessoas da aldeia tinham direito ao dinheiro dele para suprir suas necessidades, ele, agora, percebia que tinha direito aos recursos de Deus para atender às suas. Na primeira semana, suas despesas foram pequenas, e ele estava em condições de dizer ao Senhor, em sua oração, que não teria vindo a ele se tivesse o dinheiro.

"Eu estava apenas pedindo ao Senhor que fizesse o que eu teria feito se tivesse o dinheiro; e era para a obra dele. O dinheiro veio, e senti uma grande alegria quando descobri que não precisaria mais lidar com os recursos limitados do homem, pois teria acesso aos recursos ilimitados de Deus! As promessas do Senhor substituíram o dinheiro no banco e, para mim, elas eram iguais à moeda corrente. Já não tinha de levar minhas economias comigo

aonde quer que fosse, porque sabia onde o Tesouro estava, e como chegar a ele!"

Na aldeia, a maior prova veio quando uma greve era iminente. A última greve tivera uma duração de oito meses, e os trabalhadores passaram grandes dificuldades. O Sr. Howells reconheceu que a próxima poderia durar tanto quanto a outra. Com essa carga pesando sobre ele, o Senhor lhe fez uma pergunta: Será que ele permitiria que o Espírito Santo fizesse para o povo da aldeia, por intermédio dele, o que ele faria por sua própria família? A Bíblia prometia que o pão e a água estariam garantidos. Será que ele faria uma promessa à aldeia e daria a seus habitantes pão e queijo, além de chá e açúcar? Ele sabia que os donos das duas mercearias lhe dariam crédito, embora não o concedessem a nenhum dos aldeões. Será que sua dívida chegaria a um valor muito alto? Esse era um tremendo desafio. Como ele poderia fazer tal coisa? Foi só no domingo à noite, o dia marcado para o início da greve, que ele realmente enfrentou o fato. Então, ele lhes disse na reunião:

"Esta greve pode durar nove meses, mas nenhum de vocês passará necessidade, pois Deus provera conforme aquilo que prometeu. Nenhum de vocês precisa preocupar-se ou atemorizar-se."

A bênção que tiveram naquela noite foi tão grande, disse ele, que eles tiveram de encerrar a reunião para sentir o ar fresco noturno.

"Parecia que o cântico ascendia ao céu e os anjos desciam para nos encontrar."

Na manhã seguinte, ele se encontrou por acaso com um renomado agnóstico que, imediatamente, começou a resmungar contra a inutilidade da igreja e a insultar as autoridades de mineração, pois eram os responsáveis pela greve. O Sr. Howells perguntou-lhe:

"Bem, o que o senhor fará para minimizar o sofrimento dessas pessoas?"

A seguir, contou-lhe o que o Senhor lhe mandara prometer às pessoas na noite anterior. O homem ficou sem fala. Esse era um cristianismo contra o qual não havia argumento. Antes que ele se recuperasse, o garoto que vendia jornais passou por ali com a notícia de que a greve fora solucionada.

Todas as noites, por três anos, Rees Howells dirigia-se àquela aldeia após o término de seu dia de trabalho. Caminhava três quilômetros para ir e outros tantos para voltar. As condições climáticas nunca o detiveram. Uma noite, quando chegou do trabalho todo encharcado, depois de enfrentar uma chuva muito forte, seu pai observou:

- Eu não iria lá esta noite nem por duzentos dólares. Esse comentário espirituoso mereceu a seguinte resposta:

- Nem eu iria por duzentos dólares! Disse-lhe Rees.

OS MENDIGOS

Cada novo servo de Deus tem de aprender a refrear o corpo (1 Co 9.27) e, nos primeiros dias de seu treinamento, ele passa por disciplinas que são necessárias. "Se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a..." (Mt 5.30).

Deus começou a lidar com um apetite simples na vida de Rees Howells - o amor ao alimento. Isso aconteceu numa época em que ele tinha uma grande responsabilidade por uma certa convenção, a qual estava sendo desestruturada devido aos assaltos do inimigo. O Senhor o convocou para um dia de oração e jejum, o que era algo novo para ele. Acostumado, como estava, a um lar confortável e a quatro boas refeições por dia, foi um choque reconhecer que isso significava ficar sem jantar. Ele estava agitado em razão desse jejum. Será que aconteceria somente uma vez? E se Deus lhe pedisse para fazê-lo todos os dias?

Quando deu meio-dia, ele se achava de joelhos em seu quarto, mas não orou naquela hora seguinte. Mais tarde ele disse:

"Não sabia que tinha essa avidez tão arraigada. Minha agitação era a prova das garras que ela punha sobre mim. Se ela não tinha poder sobre mim, por que eu argumentava a respeito dela?"

A uma da tarde, sua mãe o chamou para almoçar, mas ele disse que não almoçaria naquele dia. Ela, porém, como todas as mães, o chamou novamente e insistiu:

"Não vai tomar muito de seu tempo."

O aroma delicioso que vinha lá de baixo era demais para ele, e ele não resistiu. Desceu para almoçar. Contudo, depois da refeição, quando retornou para seu quarto, não conseguiu voltar à presença de Deus. Ele se viu face a face com a desobediência ao Espírito Santo.

"Eu me sentia como o homem no jardim do Éden. Subi a montanha e caminhei quilômetros, amaldiçoando aquele 'velho homem' que havia dentro de mim. Sentia que, se Deus me tirasse o almoço até o fim de meus dias, teria razão para fazê-lo. Para algumas pessoas, esse episódio poderia parecer insignificante, mas uma vez que você é o canal de Deus, não há razão para desobedecer-lhe, ou para introduzir suas próprias idéias. Derramei muitas lágrimas e cheguei até a pensar que o Senhor nunca mais permitiria que eu voltasse à sua presença, até que ele me disse: 'Vou perdoar-lhe, mas você não ficará impune. Fique de mãos erguidas enquanto ora das seis às nove horas' (Êx 17.11,12; 1 Tm 2.8)."

Quanto mais perto uma pessoa está de Deus, mais e mais o menor pecado é encarado como o mais terrível deles.

Depois desse episódio, ele não jantou durante muitos dias, para passar aquele período na presença de Deus. Conforme disse mais tarde:

"No momento em que consegui vitória em relação a esse assunto, ele já não representava mais uma grande coisa para mim; pois era simplesmente um trampolim para o próximo chamado do Senhor. Assim, enquanto ainda desejamos uma coisa e não conseguimos afastá-la da mente, precisamos vencê-la. Quando nos elevamos acima dela, Deus pode até nos dá-la de volta. No entanto não dependemos mais dela."

Após um curto espaço de tempo, e apenas alguns meses depois que ele começou o ministério na aldeia, o Senhor lhe confiou mais uma comissão, para a qual essas lições foram um preparo óbvio. O Senhor lançou sobre ele o peso dos mendigos, os muitos homens que deveriam ser encontrados naquela cidade, perambulando sem lar e sem trabalho de um lugar para outro.

Deveriam dar uma oportunidade a todo mendigo que viesse à missão. Deveria ser uma lição prática do que é o amor divino para com um pecador indigno. O Espírito deixou claro o que deveriam fazer: dar a cada homem um conjunto de roupas novas, acomodação e trabalho, além de pagar sua pensão até que ele recebesse o primeiro salário. O Sr. Howells relatou o seguinte:

"Éramos chamados para pôr em prática Isaías 58.7, 'Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras...?' ' Em nosso primeiro amor, culpávamos todos aqueles que não acreditavam que a Bíblia era realmente verdadeira, mas agora o Espírito nos compelia a pôr em prática nossa própria crença! O Sermão do Monte estabelecia as leis do reino de Deus, e deveríamos agir de acordo com elas, completa e totalmente: 'Ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa... Dá a quem te pede... Amai os vossos inimigos...' (Mt 5.40,42,44).

"Logo descobri também que o objetivo do Espírito nessa empreitada era trazer-me àquele patamar em que amaria os que não inspiram amor. Minha própria natureza e meu amor natural tinham de ser trocados pela natureza e pelo amor divinos, antes que pudesse amar a um mendigo como ao meu próprio irmão. Ajudar as pessoas da aldeia era uma tarefa fácil se comparada com essa, pois tais indivíduos geralmente não ajudam a si mesmos e, muitas vezes, não apreciam a ajuda de outros. Mas tinha de agir com cada um deles exatamente como agiria com meu próprio irmão."

No mesmo dia em que essa nova comissão lhes foi entregue, viram, pela primeira vez, um mendigo na reunião. Ele andava pelas ruas durante meses, sem trabalho ou lugar para ficar. Então ouvira o cântico na missão. Ficou comovido com a recepção que lhe deram. Um dos crentes arranhou-lhe acomodações e trabalho. Dois dias depois veio outro. O Sr. Howells disse: "Notícia de caridade é como telegrama, vai a toda parte num instante. Não demorou muito para que tivéssemos um número maior do que havíamos imaginado. Não os impedíamos de vir. Como vinham de livre e espontânea vontade, não ousávamos mandá-los embora. Eu não os chamava de mendigos,

pois preferia o nome que o Salvador usou. Assim, chamava-os de pródigos. Aprendi, de acordo com 1 João 4.20, que não podemos amar o Salvador nem um bocadinho caso não amemos o menor daqueles por quem ele morreu." Em tudo isso, o Espírito estava guiando seu servo mais e mais para o segredo da intercessão - a identificação do intercessor com aqueles por quem ele ora. O Senhor o chamara para associar-se a Will Battery, algo que atingira seu orgulho. Ele o fizera responsável pelas dívidas de Jim Stakes, algo que atingira seu bolso. Agora, Deus o chamava para participar dos sofrimentos físicos dos necessitados, algo que atingiria seu corpo. Ele teria de aprender a sentir como eles sentiam e sentar-se onde eles se sentavam. Os mendigos não tinham a abundância de alimento que as outras pessoas possuíam, e Deus o chamava a descer ao patamar deles. Os albergues do governo forneciam aos necessitados duas refeições por dia, e o Senhor disse a Rees Howells para viver do mesmo modo, com duas refeições de pão, queijo e sopa. Os jejuns do meio-dia foram, na verdade, uma preparação para essa etapa. A dificuldade estava naturalmente em seu próprio lar, pois sua mãe não se mostrava muito disposta a deixar que ele vivesse assim, pois fazia o trabalho pesado de um mineiro. Contudo ele insistia, reforçando seus argumentos com a referência aos quatro jovens da Babilônia, os quais, depois de seus dias de abstinência, pareciam "mais robustos" do que o restante. Sua mãe teve de consentir, embora, com toda a engenhosidade maternal, fizesse uma sopa vespertina que era sempre a mais nutritiva que conseguia produzir! Ele tomava uma refeição às 6:30h da manhã e a outra às 5:30h da tarde, depois de seu dia de trabalho na mina, mas antes que saísse para a aldeia. A princípio, foi uma batalha, tanto física como mental, comer uma alimentação diferente à mesma mesa com os outros.

"Havia grande incerteza sobre como essa nova tarefa terminaria", disse ele, "e qual era meu objetivo em fazer aquilo. Nem eles nem eu nunca tínhamos visto um homem que fora chamado para jejuar, e eles pensavam que 'o experimento' logo chegaria a seu término. No entanto, em menos de duas semanas, o Senhor mudara de tal maneira meu apetite, que preferia aquelas duas refeições por dia as quatro de costume. Perdi aquela avidez por alimento e, durante todo aquele período, minha saúde era melhor do que a de qualquer outra pessoa. Nunca tive nem ameaça de dor de cabeça, e meu organismo estava em sua melhor forma".

Ele viveu desse modo por dois anos e meio.

O suprimento das necessidades dos mendigos logo absorveu todos os ganhos do pequeno grupo da missão, e eles se viram forçados a ter uma vida de mais fé ainda. Naqueles dias, a parábola do amigo à meia-noite era muito real para eles. A única diferença, no entanto, foi que aquele perturbou seu amigo apenas uma vez. Entretanto, eles eram forçados a ir quase todas as noites! O Sr. Howells disse que eles provaram o que o Rev. Evan Hopkins costumava ensinar sobre as três posições: lutar, agarrar e descansar.

A ilustração que o Rev. Hopkins usava era a de um naufrágio, quando as pessoas são atiradas ao mar. Na posição de *lutar*, elas estão na água, lutando

contra as ondas, e necessitam ajudar a si próprias. Na posição de *agarrar*, elas estão se agarrando ao bote. Ali, estão completamente seguras, mas não podem ajudar a ninguém mais, porque ambas as mãos estão ocupadas. Na posição de *descansar* elas se encontram sentadas no bote com ambas as mãos livres para ajudar os outros. O ponto de libertação era sempre quando alcançavam à fé do descansar.

Rees comentou o seguinte:

"Quando começamos a ajudá-los pela primeira vez, temíamos que, na mesma quinzena, eles viessem em número tão grande que não pudéssemos prover a todos. Assim, enquanto havia temor, havia luta interior. Logo descobrimos que não poderíamos prover e era exatamente a esse ponto que o Senhor queria que chegássemos. Então, tivemos de descobrir que Deus poderia prover, se confiássemos nele. O Espírito Santo permitiu que fracassássemos uma ou duas vezes e, desse modo, deixamos de lutar e de tentar realizar as tarefas por nós mesmos. Agarramo-nos às promessas de Deus, pleiteando com ele para que viesse em nosso resgate, e o Senhor nunca nos abandonou.

"Depois de muitas experiências duras, encontramos o lugar de descanso. Tornamo-nos como garçons que servem num restaurante. Não era da nossa conta se viriam dez, quinze ou vinte clientes, pois sabíamos que o Gerente não deixaria de prover o que fosse necessário. Dissemos ao Senhor que enviasse tantos quantos ele quisesse!

"Pagávamos a conta do armazém a cada duas semanas, quando nos reuníamos e esvaziávamos nossos bolsos. Certa ocasião, quando sabíamos que a conta estava muito alta, um irmão enfermo, que não estava ganhando nada naquele momento, disse:

"- Sinto-me envergonhado, porque só consegui menos de um dólar. Será que devo incluir esse dinheiro?"

"Nossa resposta foi:

"- E claro. Isso será como as moedinhas da viúva.

"Entramos no armazém, recebemos a conta e verificamos que a pequena quantia que aquele irmão ofertou completava a soma necessária para saldarmos nossa dívida, sem que faltasse um centavo sequer. Naquela noite aprendemos a não desprezar as ofertas pequenas. Repetidas vezes, verificamos que o dinheiro entrava até o último centavo necessário, e isso nos causava maior júbilo do que se tivéssemos uma grande quantia de sobra."

Em três meses, muitos desses homens foram socorridos. Cada um deles recebeu um conjunto de roupas novas, encontrou trabalho e ficou bem alojado. Alguns receberam a vida eterna. Uma noite, dezesseis deles estavam na reunião, bem vestidos e cantando de coração "Tudo está bem com minha alma", e um irmão que estava sentado perto do Sr. Howells cochichou:

"E verdade, e com o corpo deles também!"

Todavia somente aqueles que fizeram esse trabalho podem avaliar seu custo real. Havia ocasiões em que o mesmo mendigo voltava depois de já haver ganhado um conjunto de roupas novas. Ele vendia aquele conjunto e voltava para buscar outro! Havia uma mulher idosa que decaíra tanto em razão da bebida, que perambulava pelas ruas e "via coisas". Arranjaram-lhe um

alojamento, mas, quando ela caiu doente com pneumonia, nem seu filho nem sua filha cuidaram dela. O próprio Sr. Howells passou uma noite inteira ao lado de seu leito e, quando voltou para casa de manhã, sua mãe o censurou por "ficar acordado a noite toda cuidando daquela velha pecadora". Rees teve de lembrar sua mãe que o Pai nos recebera de volta "sem termos nada, a não ser nossos trapos imundos". Em uma outra ocasião, ele encontrou uma casa para uma família de mendigos e arranhou trabalho para o marido. Quando outra família veio em busca de ajuda, ele pediu à primeira família que repartisse a casa com esta última, pois ela era bem grande e daria para as duas. "O quê? Receber mendigos em nossa casa?!" foi o que lhe disseram. Sem dizer nem uma palavra, ele se foi e procurou outro lugar para aquela família.

"Depois de muitos meses nessa escola da fé", disse Rees, "o Espírito Santo colocou tamanho amor em nosso coração para com essas pessoas, que preferíamos nos privar das coisas a permitir que elas passassem necessidade. Éramos como pais para elas. Havia muitos desapontamentos; mas alguns foram permitidos para nos desapontar, porque faziam parte de nosso treinamento. Alguns não apreciavam a bondade, e, muitas vezes, ofendiam o Espírito Santo e pisavam o Sangue da Aliança. Tínhamos muitos fatos com os quais podíamos silenciar os críticos, que eram muitos".

A prova final de Rees com os mendigos foi em sua própria casa. Ele já se acostumara a levar para a aldeia qualquer roupa usada que encontrasse. Na verdade, sua mãe fazia uma piada em relação a esse fato. Ela dizia que, embora fosse costume da casa ter um armário cheio de vestimentas usadas, dentro de pouco tempo ela não conseguiria encontrar nem um pedaço de pano sequer para remendar as roupas da família! A prova, no entanto, tornou-se mais grave quando os mendigos começaram a vir à sua casa.

O Senhor dissera a Rees que ele não deveria ter um lugar para si próprio, em casa, diferente daquele que era dado aos mendigos. Ele disse:

"Sabia que mandá-los embora seria o mesmo que mandar o Salvador embora. E podia ver que uma prova se aproximava, a qual poderia significar que tivesse de opor resistência e sair."

Então, uma noite, a crise chegou a um ponto crítico.

Alguns membros da família disseram que deixariam a casa se as coisas continuassem daquele jeito. Cada vez que eles voltavam do trabalho para casa, esses mendigos estavam lá, e sempre se assentavam na cadeira de seu pai e não se levantavam quando ele entrava. Disseram também que não se responsabilizariam se acontecesse qualquer coisa à sua mãe, enquanto todos estavam fora.

"Foi uma das piores provas da minha vida", disse Rees, "vislumbrar a possibilidade de a casa do meu pai dismantelar-se. Contudo meu pai teve grande sabedoria na resposta que deu:

"Se eu impedir os mendigos, será que vocês também estão dispostos a que eu impeça a vinda de *seus* amigos? Todos nós trazemos nossos amigos à nossa casa, e se Rees se afundou tanto a ponto de só ter amigos andarilhos, eles devem ter liberdade de vir."

"Essa batalha estava ganha e, o mais surpreendente foi que, depois disso, nenhum outro mendigo veio à nossa casa."

AMARRANDO O HOMEM VALENTE

Uma noite, quando Rees Howells e seus amigos voltavam da aldeia, passaram por um grupo de mulheres que nunca tinham comparecido às reuniões. Pela maneira de falar, podia observar que estiveram bebendo, e uma pessoa daquele grupo exclamou:

"Onde está o poder para mudar essas pessoas?" Isso era um desafio, e Rees o aceitou. Sem mais demora, o Espírito o fez saber que ele deveria orar para que a líder daquelas mulheres, que era uma personagem notória e uma ébria desmedida, viesse para o reino de Deus até o dia do Natal.

Isso era algo novo. Ele vira muitos ébrios convertidos, mas o Senhor trabalhara mediante seus contatos pessoais com eles. Nesse caso, contudo, ele não tinha nenhuma ligação com a mulher, e o Senhor lhe disse que ele não deveria usar nenhuma influência pessoal, mas alcançá-la por meio do Trono. Seria uma verdadeira prova de força. Será que o Espírito Santo, por intermédio dele, poderia usar o poder da expiação para quebrar o domínio do diabo na vida dela e cumprir a palavra do Salvador em Mateus 12.29, acerca de amarrar o valente e roubar-lhe os bens? Ele percebeu que, se conseguisse essa prova visível da derrota do diabo, o Espírito Santo poderia utilizar a vitória por intermédio dele em larga escala. Para realizar isso, o Espírito lhe deu João 15.7: "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito". Tudo dependeria de sua permanência em Deus.

Na verdade, essa "permanência em Deus" deveria ocupar um lugar muito central em sua futura vida de intercessão. É importante ver o que o Espírito Santo ensinou ao Sr. Howells a esse respeito. Esse texto chave, João 15.7, deixa claro que a promessa é ilimitada, mas, no entanto, seu cumprimento depende da permanência em Deus. É por isso que, em todos os casos de intercessão, o Sr. Howells fala de guardar sua posição de "permanência" em Deus.

A chave das Escrituras para permanecer em Deus está em 1 João 2.6: "Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou".

Em outras palavras, significa estar disposto a que o Espírito Santo viva por intermédio dele a vida que o Salvador viveria, se este estivesse em seu lugar. O modo pelo qual o Sr. Howells mantinha essa permanência era passar, todos os dias, um determinado tempo de espera em Deus, no período que durava a intercessão. O Espírito Santo lhe falava, então, mediante a Palavra, revelando qualquer padrão que ele devesse atingir, especialmente em relação às "leis do reino" - o Sermão do Monte. Qualquer ordem que o Espírito lhe dava, ele deveria cumprir, pois a forma de permanecer é por meio do guardar seus mandamentos (Jo 15.10). O Espírito também buscava seu coração e derramaria luz em sua vida diária, revelando quaisquer motivos ou ações que necessitassem de confissão e de purificação no sangue de Jesus.

Contudo as ações do Espírito não eram tanto em relação às deficiências exteriores como o eram com respeito à natureza do ego, o nascedouro de suas deficiências. Nenhuma transgressão deveria se repetir, pois seria exigida uma obediência específica sobre esse ponto até que houvesse uma mudança interior radical. Ele estava sendo "purificado... pela... obediência à verdade", mediante o Espírito (1 Pe 1.22). Assim, ele não poderia entrar na presença de Deus se não obedecesse a tudo que lhe fora ordenado no dia anterior.

Naquele mesmo capítulo da Bíblia - João 15 - observamos a necessidade de permanência. A vida está na Videira. Enquanto o ramo se mantém unido a ela, em razão da permanência, a vida da Videira produz o fruto por intermédio do ramo. Em outras palavras, o poder está em *Cristo*. Enquanto o intercessor se mantém unido ao Senhor e permanece nele, o poder de Deus opera por intermédio do intercessor e realiza o que tem de ser feito.

Enquanto o Sr. Howells continuasse nessa posição de permanência, dia a dia, ele se tornaria cada vez mais cômico de que o Espírito estava envolvendo o inimigo na batalha e vencendo-o, até que, finalmente, ele tivesse plena certeza da vitória. O Espírito, então, lhe diria que a intercessão estava terminada, a posição ganha, e ele aguardaria a libertação visível em louvor e em fé.

Há graus e fases na permanência. Quanto mais profunda a união, tanto mais o poder da vida ressurreta de Cristo pode operar por intermédio do canal, e novas posições de autoridade espiritual serão ganhas. A permanência de Rees Howells era sempre de acordo com a luz recebida até aquele momento. Nesse sentido, a permanência num determinado período podia ser chamada de "perfeita", e a vitória reivindicada, embora ainda houvesse outros aspectos em que ele deveria tornar-se mais semelhante ao Salvador.

Durante a primeira semana da permanência, o Senhor falou poderosamente a ele sobre muitas coisas. O Sr. Howells relatou:

"Ele começou a lidar com minha natureza, e a mostrar-me as coisas que nunca sonhara que estivessem ali, atingindo profundamente meus motivos. Era um morrer diariamente. Quantas e quantas vezes pensei: Será que é possível bater em retirada?"

No entanto, com a obediência veio a purificação, até que na segunda semana ele disse o seguinte:

"Acostumara-me à minha posição e, portanto, podia ver o Espírito Santo amarrando o diabo. Logo reconheci que não estava lutando contra a carne e o

sangue, mas 'contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes' (Ef 6.12)."

As semanas que se seguiram, à medida que "obedecia prontamente ao Espírito Santo em todas as coisas", foram momentos de comunhão maravilhosa, até ao fim da sexta semana, quando o Espírito lhe disse que a permanência estava completa e a vitória assegurada.

"Então, eu estava permanecendo sem ser chamado a permanecer, caminhando na posição, e o Senhor me disse que agora poderia esperar para ver essa mulher mover-se", explicou ele.

Naquela mesma noite, com emoção em sua alma, ele a viu, pela primeira vez, na reunião ao ar livre e disse ao diabo: "Agora sei que o Espírito Santo é mais forte do que você; pois você foi reduzido a zero no Calvário".

Ele não deu nem um passo sequer para influenciar aquela mulher de alguma maneira, mas logo ela começou a vir às reuniões domésticas. Muitas pessoas se tornaram espectadoras, quando ouviram falar da oração. Agora, era um caso de louvar antes da vitória e, nas seis semanas restantes antes do Natal, o Espírito Santo não lhe permitiu mais orar por ela.

"Tive um conflito com aquela ordem - não orar", disse ele, "visto que o adversário pressionava sobre nossa necessidade de oração. No entanto, aquela teria sido uma oração de dúvida."

Durante esse tempo, não houve sinal exterior de arrependimento por parte daquela mulher.

Chegou à manhã de Natal, e a ordem que ele tinha era: *Sobe e toma posse*.

"Tive oportunidade de experimentar o que homens como Moisés passaram ao contar com alguma coisa com antecedência", disse ele. "Nem uma só dúvida me veio à mente naquele dia, e como eu estava forte! Louvei ao Senhor o dia todo. Não olhei para os meus cartões de Natal nem para os presentes, pois aquele era meu presente de Natal!"

Quando chegou a hora da reunião, a mulher estava lá, mas, como um grande número de pessoas trouxera seus filhos, havia muito barulho e não era, de modo nenhum, o tipo de atmosfera que influenciaria uma pessoa a arrepender-se. No meio da reunião, porém, "ela se pôs de joelhos e clamou ao Senhor por misericórdia. Foi uma vitória incalculável, e ela está firme até hoje".

Dentro de pouco tempo, o Sr. Howells pôde provar novamente que descobrira um grande segredo. O gerente de umas obras na vizinhança, embora se vangloriasse de nunca ter se ajoelhado em oração, fora tocado por aquilo que fizeram aos mendigos e ofereceu-lhes trabalho em sua fábrica. Ele costumava dizer a qualquer um deles que o procurava:

"Você está vivendo nas costas daqueles jovens, não está? Você começa aqui amanhã!"

A esposa dele fora abençoada, de modo que ocorreu ao bando de jovens obreiros orarem por ele até que fosse salvo. Enquanto esperavam em Deus, surgiu-lhes a pergunta: "Como poderiam chegar até esse homem?" Afinal, eles foram definitivamente levados a orar para que ele os convidasse a irem à sua casa. No domingo seguinte, ele os convidou. Contudo, para evitar amedrontá-

lo, nada lhe disseram sobre a oração, apenas cantaram hinos e passaram juntos alguns momentos agradáveis.

Foram convidados novamente para tomar chá e, dessa vez, ele estava mais à vontade. Então, ele lhes pediu que viessem na quinta-feira seguinte para realizar uma reunião. O Sr. Howells contou:

"Assim que deixamos sua casa naquela noite, o Espírito Santo disse-me para utilizar a posição que já ganhara - a de intercessão. Juntamo-nos em círculo e oramos: 'Agora, Senhor, o diabo foi amarrado. Assim, não permitas que esse homem escape, não dê outra oportunidade ao nosso inimigo'. Então o Senhor nos disse para permanecermos em oração até a quinta-feira seguinte, quando alcançaríamos a vitória."

Na quinta-feira à noite, quatro deles estavam caminhando para a aldeia e, enquanto passavam por um conjunto de casas, o Espírito disse ao Sr. Howells, sem nenhuma advertência prévia: "Vá àquela casa e bata à porta". Como poderia fazer tal coisa? Ele nem mesmo conhecia alguém naquela fileira de casas. Como poderia bater à porta de uma casa estranha sem nenhum bom motivo, ou mesmo sem um folheto para entregar?

A orientação parecia tão estranha que ele não era capaz de agir conforme fora orientado. Ele passou pela casa e caminhou uns cem metros, então a mão de Deus veio sobre ele e o Senhor disse-lhe, enfaticamente, que não deveria ir à reunião, a menos que passasse antes por aquela casa. Ele sabia que agora não havia escapatória, de sorte que voltou e levou consigo um de seus amigos.

Quando bateram à porta, uma garotinha veio abri-la e, sem quaisquer perguntas, convidou-os a entrar. Ali, encontraram uma mulher deitada na cama, bastante doente, pois sofria de tuberculose. Quando o Sr. Howells disse quem eles eram, ela ergueu as mãos e exclamou:

"Deus respondeu à minha oração! Estive pedindo a ele o dia todo para mandá-lo aqui!"

Na noite anterior, suas amigas pensaram que ela morreria e mandaram chamar o ministro. Ele trouxera o sacramento, porém ela se recusou a recebê-lo, porque não tinha paz. Alguém lhe falou sobre o trabalho deles na missão e, portanto, ela pensou que aqueles que trouxeram essas bênçãos para aquele local certamente poderiam ajudá-la a encontrar a paz. A mulher fora membro de uma igreja por muitos anos, mas não tinha certeza da salvação e, à medida que ela definhava, o temor da morte se apossava dela. Eles puderam apontar-lhe o Calvário, e ela aceitou a Cristo naquela noite. Quando teve essa certeza, ela ficou livre. Aquela foi uma "alegria insondável como o mar". A seguir, toda quinta-feira à noite, eles realizavam uma reunião em sua casa, e ela não cessava de agradecer-lhes, até que passou em paz para a presença do Rei. Naquela noite, Rees e seus companheiros chegaram atrasados para a reunião na casa do gerente das obras, mas o Senhor fez mais em uns poucos minutos mediante a obediência deles do que teria feito em algumas horas sem essa obediência. Enquanto narravam o que acontecera à mulher que jazia no leito de morte, o gerente caiu de joelhos, como se ele tivesse levado um tiro, e

procurou esconder-se sob sua cadeira, ao mesmo tempo em que rogava a Deus que tivesse misericórdia dele.

"Era um céu aberto", disse Rees Howells, "e nos juntamos aos anjos em seu júbilo por um pecador que se arrependera."

UM RAMO NA VIDEIRA

Certa noite houve uma reunião especial na aldeia, e um amigo de Rees Howells deveria entregar a mensagem. Os dois combinaram percorrer a aldeia juntos, mas, à hora de sair, o orador especial mandou avisar que não poderia vir. Ao ouvir isso, Rees ficou muito transtornado e percebeu o porquê. Naquele dia, não se preocupara com a reunião como era seu costume, pois dependera mais de seu amigo do que do Espírito Santo. Logo, verificou também que a Presença que sempre o acompanhava na jornada noturna à aldeia fora retirada, e o Espírito estava entristecido. Caminhou mais ou menos até a metade do caminho com o coração pesado e, então, não agüentou mais. "Perdoa-me, por favor," disse ele ao Senhor. "Prometo que isso nunca mais acontecerá. Se apenas vieres e concederes vitória nessa reunião, então faço um voto como Jefté, que ao voltar hoje à noite, dar-te-ei o que pedires". A reunião foi muito abençoada e, quando caminhava para casa, chegou o momento de seu voto. Perguntou ao Senhor o que ele desejaria dele. A resposta foi inesperada. "Depois desta noite", disse-lhe o Senhor, "quero que você seja um mordomo, não um proprietário. Quer abrir mão de todo o direito sobre seu dinheiro em meu favor?" Rees não entendeu a proposta. Seu dinheiro já não era do Senhor? Deus mostrou-lhe, a seguir, sua posição. Anteriormente, ele enfrentara o fato de que não poderia pedir ao Senhor para satisfazer uma necessidade que ele pudesse suprir sozinho. Desse modo, todo seu dinheiro fora realmente gasto na obra do Senhor. No entanto aquele ainda era seu dinheiro: ele ainda tinha a alegria de dá-lo e o direito de dá-lo ou de retê-lo. "No futuro, como mordomo", disse o Senhor, "você não terá nem mesmo o direito de doar sem minha permissão. E nenhum centavo do meu dinheiro será gasto, a não ser em coisas essenciais". Ao explicar o que ele queria dizer com isso, o Senhor lhe perguntou: "Se você tivesse filhos que se achassem sem alimento ou roupa, você gastaria um centavo na compra de um jornal ou de qualquer outra coisa que não fosse essencial?" A resposta de Rees foi a esperada: "Não!" O Espírito Santo continuou: "Pois bem, o mundo é meu campo de trabalho, e enquanto houver uma só pessoa necessitando das coisas essenciais da vida, você não deve gastar um centavo sequer em nenhuma outra coisa".

Ele enfrentou o que significaria perder aquela alegria de dar e a escravidão em que passaria o restante de seus dias. Entretanto ele viera diante de Deus para cumprir seu voto. Assim, ajoelhou-se na grama ao lado da estrada e, como não havia ninguém por perto, chamou as estrelas e as nuvens de testemunhas para registrar que daquela noite em diante ele seria apenas um canal.

Enquanto caminhava, o inimigo cochichou-lhe: "Será que você sabe o que fez? Você é um homem que agora está em piores condições do que um prisioneiro da cadeia de Swansea. Ele ganha um pouquinho, mas poderá gastar quando sair. Você, porém, nunca terá um dinheirinho seu". Rees, no entanto, respondeu: "É verdade, mas lembre-se disto - fiz isso por *livre escolha*". Ele relatou o que aconteceu no momento em que proferiu essas palavras:

"Era como se os céus tivessem ficado totalmente iluminados."

E o Espírito Santo lhe disse: "Deixe-me dizer-lhe o que você fez. Esta noite você foi enxertado na Videira, e toda a seiva pode fluir por seu intermédio. Você é um ramo no Salvador. O ramo não obtém nada, pois os necessitados é que ficam com o fruto. Contudo, depois desta noite, dessa posição de permanência, tudo o que o Pai quiser derramar ao mundo por seu intermédio, ele poderá fazê-lo. 'Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto' (Jo 15.8.) Visto que você fez isso por mim, você já não é mais um servo, mas o chamarei de amigo". E um amigo da Trindade! Essa era uma revelação pessoal das palavras do Salvador em João, capítulo 15 e, por muitos dias, disse Rees, a alegria e o reconhecimento desse fato o dominaram.

Nos dezoito meses seguintes, ele não gastou um centavo sequer, exceto em coisas essenciais. Na verdade, foi durante esse período que todo o sentido de posse em relação ao dinheiro foi retirado dele. A prova verdadeira, como acontece muitas vezes, foi sobre um ponto muito delicado, e só aconteceu quatro meses depois. Era uma questão referente a uma quantia ínfima e, conforme observou, "demonstra como o Agricultor vigia cuidadosamente o ramo".

Na Convenção de Llandrindod, ele encontrara um cavalheiro de Londres, o Sr. John Gosset, do qual ouviremos falar mais adiante. Esse amigo lhe pedira o endereço e, depois, no Natal, enviou-lhe dois livros e um cartão. O conflito surgiu com seu desejo de retribuir com um cartão de ano-novo e uma carta de agradecimentos. Assim, ele ponderou:

"Naturalmente, desejava retribuir o cumprimento. Aquela atitude lhe custaria muito pouco; mas o Espírito Santo deixara claro que o que importava não era a quantia, mas o princípio, e a obediência em manter a posição. Um cartão de ano-novo não era uma necessidade básica!"

Assim, ele escreveu ao Sr. Gosset agradecendo-lhe os livros, apresentando-lhe, ao mesmo tempo, o motivo por não enviar um cartão. Depois que a carta fora colocada no correio, o acusador veio com seu ataque: "Agora você insultou seu amigo! Você está sugerindo que ele usa mal o dinheiro dele".

Contudo o novo mordomo pôde confiar em seu Senhor, certo de que ele não deixaria que o inimigo causasse uma falsa impressão, o que não era, em hipótese nenhuma, sua intenção.

Duas semanas mais tarde, estavam orando por dez dólares que tinham de obter até um determinado dia. Naquela mesma manhã, chegou uma carta de Londres. Era do Sr. Gosset e, quando o Sr. Howells a abriu, a primeira coisa que ele encontrou foram dez dólares. A correspondência dizia: "Recebi sua carta e a bênção que obtive por meio dela foi de muito maior valor do que todos os cartões de Natal e ano-novo juntos. Todos os domingos, visito o hospital de Westminster, de modo que no último domingo sua carta foi meu sermão aos pacientes: uma posição ganha mediante a graça. Sempre que você precisar de dinheiro para sua obra, basta que me deixe saber e terei grande alegria de participar dela". Isso, é claro, o Sr. Howells nunca faria. Todas as suas necessidades seriam conhecidas somente por meio do Trono.

"Mas", acrescentou ele, "desse modo, poderíamos sempre contar com esse cavalheiro! Ele se tornou um grande amigo e, muitas vezes, o Senhor o usou para responder às nossas orações."

Ao comentar, mais tarde, sobre esse tratamento radical do Espírito com ele, o Sr. Howells disse:

"Acabei com a posse de uma vez por todas. Tornei-me tão morto para o dinheiro como as pedras ao longo da estrada. Naqueles dias, sentia um grande júbilo só de pensar que o Salvador me tornara um ramo, apenas um canal por onde sua própria vida de ressurreição pudesse fluir para o mundo necessitado. Não há afinidade mais íntima do que entre um ramo e a Videira. Contudo uma coisa que o Agricultor não pode fazer é enxertar a velha vida na Videira. O ego nunca pode permanecer no Salvador, nem sequer um átomo dele. Antes que você possa ser enxertado na Videira, você deve ser cortado da velha vida. Isso aconteceu de forma gradativa e houve muitas fases em minha vida antes disso. Sem a nova vida do Senhor, toda nossa atividade e nossa obra são como nada aos olhos de Deus. Toda seiva da Arvore corre por meio do ramo. E, quando essa nova vida flui por intermédio de nós, cada partícula de nosso ser lateja com ela, inclusive nosso próprio corpo. Se a Videira tem alegria, o ramo tem a mesma alegria, e os necessitados colhem o fruto."

Nos anos seguintes, Rees Howells teria de lidar com quantias volumosas do dinheiro do Senhor e, conforme disse-me mais tarde:

"Ele nunca me questionou sobre como gastei esse dinheiro."

O Sr. Howells jamais voltou a reclamar posse dessa mordomia, pois o preparo fundamental fora providenciado por meio da experiência daquela noite e da obediência nos dezoito meses que se seguiram.

A MULHER TUBERCULOSA

O primeiro caso de moléstia grave entre os convertidos na aldeia trouxe um novo desafio ao Sr. Howells. Tratava-se da mulher cujo bolo queimara durante uma de suas visitas. Ela contraiu tuberculose. O médico dera o caso dela por perdido, mas, embora estivesse esperando por sua morte, uma noite ela se reanimou de forma notável e anunciou às amigas que o Grande Médico lhe dissera que seria curada.

Na manhã seguinte, mandou chamar o Sr. Howells e perguntou-lhe se o Senhor revelara alguma coisa a ele. No entanto ele disse que não, pois até aquele momento o Espírito Santo ainda não lhe dera nenhuma oração para a cura. A mesma coisa se repetiu nas três noites seguintes, mas ele a confortou dizendo que oraria a esse respeito.

Na noite seguinte, enquanto ele aguardava diante do Senhor, o Espírito lhe disse que ele poderia orar em favor dela e indicou-lhe a súplica de Moisés em Números 12.13: "O Deus, rogo-te que a cures", bem como a palavra que tantas vezes lhe fora dada antes, em João 15.7: "Se permanecerdes em mim... pedireis o que quiserdes..." Foi um grande estímulo para a mulher saber que a palavra do Senhor viera a Rees também e, por toda a aldeia, houve grande emoção quando ouviram que esse seria o próximo desafio à fé.

Embora o Sr. Howells estivesse pronto para aprofundar-se mais com Deus, confessou que sentiu certo temor quando, dessa vez, ele entrou na posição de "permanência". A obediência já lhe fora tão custosa, que temia o que pudesse vir agora se conquistasse essa nova posição. Não lhe foi dito de início quanto tempo levaria, mas, realmente, ele esteve nessa oração durante seis meses. E, conforme relatou, "havia uma obediência diária, uma permanência diária e uma experiência diária".

Enquanto a oração continuava, havia duas coisas que estavam se apoderando dele cada vez mais. Em primeiro lugar, ele ficou preso àquele texto das Escrituras: "Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças" (Mt 8.17), e, pela primeira vez, reconheceu que, mediante o sacrifício expiatório, o Salvador provera não somente o perdão de nossos pecados, mas uma redenção plena de todos os efeitos do pecado e da queda. Visto que Jesus foi feito "maldição em nosso lugar" (Gl 3.13), por que esses sofredores deveriam continuar a arcar com os efeitos daquela maldição?

O Sr. Howells sempre oferecia aos pecadores não somente a libertação da culpa e do castigo do pecado, mas, também, o poder e o domínio sobre o

pecado, porque acreditava que Cristo carregou em seu corpo, sobre o madeiro, nossos pecados. Ele raciocinava assim:

"Mas, se ele tomou as nossas enfermidades, por que não ofereço cura em seu nome? Por que não haveria também liberdade do poder e do domínio da enfermidade?"

Qualquer coisa menos do que isso, conforme seu entendimento da Palavra de Deus, não daria ao Salvador a glória que ele merecia. Assim, resolveu pagar qualquer preço para provar que esse poder estava na expiação.

Em segundo lugar, durante a posição de "permanência" daqueles meses, ele aprendeu muito mais acerca do Espírito Santo como Intercessor divino do que já aprendera antes. É parte do ministério do Espírito na Terra interceder "com gemidos inexprimíveis... porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos" (Rm 8.26,27). A grande verdade, que vinha ao servo do Senhor com clareza cada vez maior, era que o Espírito Santo só pode interceder por meio daqueles templos humanos em que ele habita. Isso porque ele nunca pode interceder de uma forma arbitrária, mas somente quando seu canal está apto a se tornar um com ele nessa atividade.

O Sr. Howells - por intermédio dos necessitados e dos aflitos da aldeia, por meio de Will Battery e dos mendigos - já conhecera algo a respeito dos gemidos do Espírito nele e da obediência que era exigida. Mas, o que significaria interceder por um tuberculoso? Como intercessor, ele deveria penetrar os sofrimentos e tomar o lugar daquele por quem orava. Ele sabia que um tuberculoso preso ao leito não poderia ter uma vida doméstica normal, pois estava confinado a um quarto, separado de tudo quanto outrora representava os interesses e os prazeres da vida.

Assim, durante esse tempo de "permanência", o Espírito Santo aprofundou-se muito para identificá-lo com o sofrimento dos outros. E, à medida que o fazia, não era apenas a carga dessa mulher que recaía sobre ele, mas de todos os tuberculosos e de todos os sofredores do mundo. O Sr. Howells não tinha ido muito longe nesse caminho, quando se convenceu definitivamente de que, antes que tivesse terminado esse trabalho, o Senhor permitiria que essa moléstia viesse, literalmente, sobre ele. Somente depois de se tornar um verdadeiro tuberculoso, seria realmente capaz de interceder pelos tuberculosos. Veremos mais tarde que essa não era uma imaginação tola, mas uma possibilidade em sua vida. Isso ficou claro quando, depois de assumir grandes riscos pessoais para cuidar de um tuberculoso, parecia que ele contraía a moléstia. Além do mais, em todas as intercessões anteriores, ele tomara, literalmente, o lugar daqueles pelos quais orava e, desse modo, vivia como eles.

Ele compreendeu o que isso significaria e encontrou graça para aceitar essa realidade. Se desse modo o Senhor pudesse restituir essa mãe a seus filhos, isso seria um grande júbilo, além de saber também que, após a vitória em um caso, o Senhor poderia, a seguir, libertar muitas outras pessoas.

Durante os meses em que Deus esteve lhe falando assim, o Senhor também estava ajudando a mulher de um modo maravilhoso. Eles eram muito pobres e não tinham condições de comprar todos os tipos de alimento que ela gostaria

de comprar. Mas qualquer coisa que ela imaginasse, alguma pessoa, com certeza, entraria em sua casa trazendo exatamente aquilo em que pensara. Todas as noites, o Sr. Howells e os outros vinham até sua casa para ouvir as respostas que ela tivera de suas orações, e todos eles "riam alegremente como crianças". Toda a cidade ficou sabendo que estavam orando por ela, e o médico disse que ela não poderia estar vivendo dos seus pulmões - logo, "ela estava vivendo da oração".

A crise agravou-se na noite anterior à Sexta-feira da Paixão. Naquela noite, ela disse às amigas que estava piorando e sentia que ia morrer. O Sr. Howells não podia aceitar isso e insistiu com ela para que não perdesse a fé após tantos meses de intercessão. Toda a cidade fora informada de que ela seria curada, e ele não poderia aceitar o fracasso agora. Ela, porém, continuava dizendo que estava morrendo.

Quando ele foi para casa, reconheceu plenamente o que ela lhe dissera. Foi um momento obscuro.

"Obscuro por fora", disse ele, "porém mais obscuro por dentro."

Ele procurou examinar a posição. Será que havia alguma coisa de errado com sua "permanência"? Não, ele a vivera "dia a dia, hora a hora", e o Espírito dava testemunho disso. "Então, ela não vai morrer", disse ele ao Senhor. No entanto, a resposta que recebeu foi inesperada. "A intercessão que você fez foi por alguém com tuberculose. Agora, a morte chegou. Se ela deve ser libertada, aceite a morte no lugar dela esta noite."

Com toda sinceridade, ele se oferecera para ser tuberculoso no lugar dela; mas não estava preparado para o fato de que o fim da tuberculose fosse uma morte prematura. O Senhor só lhe pedia que fizesse o que ele sempre disse que estaria disposto a fazer - tomar o lugar dessa mulher para que ela pudesse ser libertada. No entanto, agora, isso significaria a morte em questão de horas. Sentira muitas vezes que havia um fulgor nas palavras do Salvador: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (Jo 15.13), mas agora não havia fulgor - apenas a escuridão.

Não que os laços carnis e prendessem a *este* mundo, mas havia a obra da missão, as almas que ele amava ali e o futuro que ele acreditava que o Espírito Santo planejara para ele. Deixar tudo isso de um momento para outro e enfrentar, a sangue frio, aquela separação entre a alma e o corpo, era mais do que ele se dispunha a aceitar.

Conforme ele mesmo relatou:

"Foi uma noite horrível, pois perdera a face de Deus. Aquela foi a primeira noite em que fui para a cama sem oração e decidi não prosseguir mais nessa vida de intercessão. Decidi também não revelar a ninguém sobre esse fracasso. Culpei-me a noite toda por haver começado aquilo. Como teria sido melhor, pensei, se tivesse continuado em uma vida de fé, sem tocar nessa questão de cura.

"Levantei-me na manhã seguinte, mas minha intenção era não ir para o trabalho, mas não me ajoelhei - não poderia enfrentar o Espírito Santo, pois sentia que ele era um estranho. Fui ver meu amigo que também estava orando pela mulher e sua primeira pergunta, como sempre, foi:

"Como está ela? "

"E a seguir, continuou com sua indagação:

"Qual a última posição de permanência? "

"Rompi em lágrimas e lhe disse que falhara e que não podia ir até o fim. Isso foi pior do que as trevas do Egito.

"Naquela noite, o Espírito Santo falou-me novamente. Jamais me esqueci desse fato. Como sua voz foi doce comigo! Disse-me: 'Você não reconheceu que o que eu lhe ofereci ontem era um privilégio'. Surpreso, retruquei: 'Um privilégio?' Ele continuou: 'Sim, foi-lhe oferecido um lugar entre os mártires'. Num momento as escamas caíram de meus olhos e vi aquele glorioso exército de mártires na cidade celestial, e o Salvador contemplando por mil anos aqueles que tinham feito por ele o que ele fizera por eles.

"Um mártir é aquele que abreviou voluntariamente sua vida aqui por amor ao Salvador, e não meramente aquele que morre no cumprimento do dever. E o Senhor mostrou-me que eu estaria entre eles. A princípio fiquei com medo de que tivesse perdido o direito à minha oportunidade devido à minha falta de disposição na noite anterior. Roguei ao Senhor que me perdoasse. Disse-lhe que, alegremente, faria o que ele me pedisse. Assim, caminhava para a morte - mas não havia morte ali! Descobri que o Salvador bebera cada gota daquele cálice por nós. Aquele cálice amargo, o amor bebeu-o todo. Agora, essa bênção estava preparada para mim. Num momento, percebi que estava do 'outro lado'."

Arrebatado pela glória do que vira, o Sr. Howells correu três quilômetros até a casa da mulher enferma para contar-lhe o que acontecera. E chamou todos para orar, porque o Senhor efetuará a transação sem mais demora - Deus curaria a mulher e, em vez dela, o levaria para a glória naquela noite. Ele achou que não era por acaso que era Sexta-feira da Paixão; pois, certamente, a vontade do Senhor era aceitar sua vida no dia em que o Salvador fora "obediente até à morte". Muitos estavam em lágrimas, e a própria mulher se recusava a orar.

Quando a visitou na noite seguinte, viu de imediato que algo acontecera. A face dela estava radiante como a de um anjo, e ela queria que todos viessem a seu quarto e ouvissem o que tinha a dizer. Ao meditar no que o Sr. Howells lhe dissera, ela não se dispusera a aceitar, pois ele fora mais do que um pai para ela e para muitos da aldeia. Portanto ajoelhou-se na cama e orou:

"Senhor, não quero ser curada. Não permita que alguém ore para que esta enfermidade passe para o Sr. Howells; pois ele lhe é mais útil do que eu e não quero ser libertada à custa dele". No momento em que ela fez essa oração, foi também levada à presença do Senhor e não cessava de louvar seu Salvador. O quarto encheu-se da glória divina, e a mulher continuou louvando a noite toda. "As semanas que se seguiram foram nada menos do que o céu na Terra", disse o Sr. Howells. "Não orávamos, pois não havia necessidade de oração.

Aguardávamos apenas que Deus fizesse sua vontade. Na verdade, a idéia de ser chamado para transpor o abismo e ir direto para a glória nos parecia mais atraente do que ter permissão para ficar aqui e fazer uma pequena obra de missão. Todos os dias, por três meses, eu esperava que minha vida fosse

tomada. O Senhor permitia que acreditasse nisso, para que não ficasse esperando sob a influência do momento. Ansiava por estar com Deus. Havia muita realidade neste hino: 'Dizem-me que as ruas são todas pavimentadas de ouro puro. E o Sol nunca se porá!.'

Então, depois de três meses, o Senhor a chamou para o lar repentinamente. Num sábado de manhã, quando o Sr. Howells estava trabalhando, chegou-lhe um recado para que viesse imediatamente. Antes que chegasse, porém, ela já havia morrido. Enquanto estava sentado ali na casa, o Senhor tratou com ele por mais de uma hora.

"Apesar de haver outras pessoas na sala", disse Rees, "eu estava a sós com Deus. Ele me disse que embora tivesse aceitado minha intercessão, não tiraria minha vida naquele momento; pois queria usar-me como um 'mártir vivo'. Nunca ouvira essa expressão antes, mas ele me fez entender que se alguma vez alegasse qualquer direito à minha vida mais do que um morto pode fazê-lo, perderia o direito à minha posição.

"No que se referia ao caso de cura, eu não deveria considerá-lo um fracasso, assim como não deveria proferir uma palavra sequer de defesa. Toda a cidade sabia que estava orando pela cura dessa mulher e, agora, fracassara abertamente. Foi apenas uma reação, em vez da glória que antecipávamos. Assim que me dispus a aceitar essa situação, uma das convertidas entrou no recinto. Disse-me que antes de nossa querida irmã falecer, ela me deixara um recado: 'Diga ao Rees e aos outros que não posso esperar por eles. O Salvador veio buscar-me e quero ir com ele. Diga-lhes que voltarei para encontrá-los' (1 Ts 4.14). A seguir, disse adeus, apertou a mão de todos ao redor e partiu para junto do Senhor.

'Esse glorioso testemunho, da primeira pessoa de nossa missão a dormir no Senhor Jesus, tornou esse 'fracasso' a coisa mais encantadora do mundo.

"A primeira prova, no entanto, veio durante os funerais. Centenas de pessoas se reuniram, porque ouviram falar muito dessa mulher e, especialmente, de sua cura. Naquela época, o ministro que deveria officiar aquele funeral não simpatizava com a obra. Ele abriu a Bíblia em Jó 13.1,4,5 e leu:

"'Eis que tudo isso viram os meus olhos, e os meus ouvidos o ouviram e entenderam... Vós, porém, besuntais a verdade com mentiras e vós todos sois médicos que não valem nada. Tomara vos calásseis de todo, que isso seria a vossa sabedoria!'

"Ele estava num lado da sepultura e eu, no outro, e isso em mais de um sentido! Ouvi o que disse, mas fiquei imóvel como se não tivesse ouvido.

Então, o Senhor me levou a fazer algumas observações sobre a vida que ela vivera antes de ir para a aldeia, e a vida transformada que viveu depois de seu encontro com Jesus. A prova disso estava no triunfo que teve sobre a morte, porquanto a morte foi tragada na vitória. Conteí como ela disse que o Senhor veio para levá-la, como ela desejava ir e que disse adeus aos que estavam ao seu redor. E acrescentei:

"'Já ouviram falar de alguma pessoa moribunda que se despediu de todos com um aperto de mão, como se fosse viajar?'

"A seguir, as pessoas começaram a cantar como numa reunião de avivamento. Os céus se abriram e a vitória foi tamanha que todos começaram a abanar seus lenços - inclusive os murmuradores tiveram de juntar-se a nós. Nunca havia me apiedado de um homem como me apiedei do ministro naquele dia. A sepultura triste transformou-se na porta do céu, e a partir daquele funeral tivemos o início da vida de ressurreição na missão.

"Só depois desse episódio foi que o Espírito Santo revelou por que fora necessário tomar essa vida - pois nenhuma carne deveria se gloriar na sua presença. Caso isso se desse, Deus não estaria livre para usar uma posição tão grande como essa, a não ser que fosse por meio de uma pessoa que já tivesse 'morrido' para ela. Primeiro a morte, depois a ressurreição. Como o primogênito e as primícias deveriam ser oferecidos ao Senhor, assim o primeiro caso de cura, as primícias da intercessão, pertenciam ao Senhor e tinham de ir para o altar."

O QUE É UM INTERCESSOR?

A verdade central, que aos poucos o Espírito Santo revelou ao Sr. Howells, a principal fonte de todo o ministério de sua vida, foi a intercessão. É possível observar o Espírito guiando-o para isso em todas as relações com ele, desde a Convenção de Llandrindod, quando tomou posse plena desse servo do Senhor, até que, em sua lida com a mulher tuberculosa, o significado da intercessão tornou-se totalmente claro. Daí em diante, o Espírito Santo o guiava sempre, tanto para conquistar novas posições como intercessor quanto para revelar, a outros capazes de suportá-las, as preciosas verdades que aprendera. Seria útil, portanto, parar por um momento e examinar com um pouco mais de cuidado o que significa ser um intercessor.

Que Deus busca intercessores, mas raramente os encontra, fica claro em sua exclamação de dor, por intermédio de Isaías: "Viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor" (Is 59.16).

Vemos o mesmo em seu protesto de desapontamento por meio de Ezequiel: "Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra... mas a ninguém achei" (Ez 22.30).

Talvez os crentes, de modo geral, considerem a intercessão apenas uma forma de oração mais ou menos intensificada. E, apesar da grande ênfase sobre a palavra "intensificada", há, no entanto, três coisas que devem ser vistas num intercessor, as quais não se encontram necessariamente na oração comum: identificação, agonia e autoridade.

A identificação do intercessor com aqueles pelos quais ele intercede é vista perfeitamente no Salvador. Sabemos que ele derramou sua alma até à morte: Ele foi contado com os transgressores, carregou o pecado de todos nós e *intercedeu* pelos transgressores. Como Intercessor Divino, que intercedia por um mundo perdido, ele sorveu o cálice da nossa condição perdida até à última gota. Ele provou a morte por todos os homens. Para fazer isso, no sentido mais pleno possível, ele se sentou onde nos sentamos. Ao tomar nossa natureza sobre si mesmo; ao aprender a obediência mediante as coisas que ele sofreu; ao ser tentado em todos os pontos como somos; ao tornar-se pobre por nossa causa; e, finalmente, ao ser feito pecado por nós, o Salvador conquistou essa posição com a mais completa autoridade. Isso porque foi o capitão da

nossa salvação, a qual se fez perfeita mediante seu sofrimento. Assim, essa é a mais plena compreensão de tudo o que suportamos. Ele pode fazer intercessão por nós para sempre e, por súplicas efetivas junto ao Pai, "pode salvar totalmente os que se chegam a Deus por ele". A identificação é, portanto, a primeira lei do intercessor. Ele suplica efetivamente, porque deu sua vida por aqueles por quem suplica. Assim, ele é o autêntico representante daqueles por quem suplica, pois submergiu seu interesse próprio nas necessidades e nos sofrimentos deles, além de, tanto quanto possível, literalmente, toma-lhes o lugar.

Há um outro Intercessor, e nele vemos a agonia desse ministério, pois ele, o Espírito Santo, "intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis". Esse Intercessor, o único presente na Terra, o qual não possui corações sobre os quais possa lançar sua carga, nem corpos mediante os quais possa sofrer e trabalhar, a não ser os corações e os corpos daqueles que são o lugar de sua habitação. Por meio deles, ele realiza sua obra de intercessão na Terra, e esses que se dispõem a ser habitação para o Espírito Santo se tornam os intercessores, porque o Espírito habita neles. Ele os chama para a vida verdadeira, o mesmo tipo de vida, só que em menor grau, que o próprio Salvador viveu aqui.

No entanto, antes que o Espírito possa levar um vaso escolhido a essa vida de intercessão, ele tem de ir ao âmago e lidar com tudo o que é natural. O amor ao dinheiro, a ambição pessoal, o afeto natural pelos pais e pelos amados, os apetites do corpo, o amor à própria vida, tudo o que leva um indivíduo, até mesmo um convertido, a viver para si mesmo, para seu próprio conforto ou vantagem, para seu próprio progresso, até mesmo para seu próprio círculo de amigos, tem de ir para a cruz. Não é uma morte teórica, mas uma crucificação real em Cristo, algo que somente o próprio Espírito Santo pode tornar real na experiência de seu servo. Tanto como uma crise quanto como um processo, o testemunho de Paulo deve tornar-se nosso: "Estive e ainda estou crucificado com Cristo". O ego deve ser libertado de si próprio para tornar-se agente do Espírito Santo.

A medida que a crucificação prossegue, a intercessão começa - quer pela carga interior, quer pelo chamado à obediência exterior. Assim, o Espírito começa a viver sua própria vida de amor e de sacrifício por um mundo perdido por intermédio de seu canal purificado. Vemos isso na vida de Rees Howells. Podemos também observar a expressão máxima disso nas Escrituras. Veja o caso de Moisés, o jovem intercessor, que deixou o palácio por livre iniciativa para se identificar com seus irmãos escravos, assim como quando os acompanhou "por todo aquele grande e terrível deserto" (Dt 1.19). É possível observar a intercessão atingir seu máximo quando a ira de Deus caiu sobre eles em razão de sua idolatria, pois a destruição deles era iminente. Nesse momento, Moisés, como intercessor, não oferece seu corpo por eles, mas sua alma imortal: "Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste" (Êx 32.32); e, na realidade, ele chamou isso de "fazer propiciação" por eles.

Observe o apóstolo Paulo, o maior homem da nova dispensação, como Moisés fora da antiga. Seu corpo, por muitos anos, mediante o Espírito Santo, foi um sacrifício vivo, para que os gentios pudessem ter o evangelho. Por fim, sua alma imortal é oferecida sobre o altar. Aquele mesmo homem que se regozijava em sua carta aos romanos, porque nada poderia separá-los do amor de Deus (Rm 8), diz, momentos mais tarde, que o Espírito dá testemunho com ele, de que ele mesmo desejaria ser "anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne" (Rm 9.3).

Esses são exemplos do intercessor em ação. Quando o Espírito Santo realmente vive sua vida num vaso escolhido, não há limites aos extremos aos quais ele o leva, em sua paixão por advertir e por salvar os perdidos. Isaías, aquele aristocrata, teve de andar três anos "despido e descalço" (Is 20.3) como uma advertência a Israel. Dificilmente podemos dar crédito a tal coisa! Oséias teve de casar-se com uma prostituta, para mostrar a seu povo que o Esposo celestial estava disposto a aceitar de volta sua esposa adúltera. Jeremias não teve permissão para se casar, como uma advertência a Israel contra os terrores e as tragédias do cativo. Ezequiel não pôde verter uma lágrima sequer pela morte de sua esposa, a delícia dos seus olhos. E assim, essa lista poderia prosseguir. Cada instrumento de Deus, que foi usado de modo grandioso, foi de algum modo, um intercessor: Wesley pela Inglaterra apóstata; Booth pelos desamparados; Hudson Taylor pela China; C. T. Studd pelo mundo não evangelizado.

A intercessão, no entanto, é mais do que o Espírito partilhando seus gemidos conosco e vivendo sua vida de sacrifício pelo mundo por nosso intermédio. É o Espírito alcançando seus fins de graça abundante. Se o intercessor conhece a identificação e a agonia, ele também conhece a autoridade. É a lei do grão de trigo e da colheita: se ele morrer, produz muito fruto.

A intercessão não cobre o pecado. O único que cobre os pecados do mundo inteiro é Jesus, o Filho de Deus. A intercessão, no entanto, identifica o intercessor de tal modo com o sofredor, que ela lhe dá um lugar preponderante diante de Deus. O intercessor move Deus. Ele leva Deus a mudar de opinião. Ele atinge seu objetivo, ou melhor, o Espírito atinge esse objetivo por intermédio dele. Desse modo, Moisés, por meio da intercessão, tornou-se o salvador de Israel e impediu sua destruição. Assim também, resta-nos pouca dúvida de que o supremo ato de intercessão de Paulo pelo povo escolhido de Deus permitiu que lhe fosse concedido uma grande revelação - a evangelização de amplitude mundial e a salvação final de Israel (Rm 10,11), além de possibilitar que Deus a efetuasse.

O Sr. Howells falara, muitas vezes, a respeito da "posição de intercessão conquistada", e a verdade desse fato ficou evidenciada em muitas circunstâncias de sua vida. É um fato referente à experiência. O preço é pago, a obediência é cumprida, as lutas e os gemidos interiores seguem seu pleno curso, e então a palavra do Senhor vem. O frágil canal é revestido de autoridade pelo Espírito Santo e pode dizer a palavra de libertação. Obras maiores são realizadas. Não somente isso, mas uma nova posição em graça é

conquistada e mantida, embora essa graça só possa ser apropriada e utilizada em cada caso sob a orientação direta do Espírito.

O Sr. Howells costumava referir-se a ela, conforme o relato do Sr. Muller, como entrar na "graça da fé", para contrastar com o receber "os dons da fé". O que ele queria dizer era que, quando oramos de uma maneira normal, podemos esperar que Deus, por sua bondade, nos conceda o que pedimos. Se o Senhor nos atende, regozijamo-nos, pois essa é sua dádiva a nós. Entretanto não temos poder ou autoridade para dizer que sempre podemos obter a mesma resposta em toda ocasião. Esses são os dons da fé. Contudo, quando um intercessor conquista o lugar de intercessão num determinado campo, então ele entra "na graça da fé". Assim, paralelamente a essa linha especial, o mar insondável da graça de Deus está aberto a ele. Esse é o lugar de intercessão conquistado.

O Sr. Howells referia-se à experiência de George Muller. O Sr. Muller nunca conquistara um lugar de intercessão por enfermidade, mas, numa ocasião, Deus restabeleceu uma pessoa enferma por quem ele orara. Em uma outra ocasião, ele orou por outra pessoa enferma, porém não houve cura. Toda-via, o Sr. Muller disse que aquele não fora um fracasso da oração, porque nunca conquistara um lugar de intercessão por enfermos e, portanto, a resposta à primeira oração foi meramente "um dom da fé", o qual, necessariamente, não se repetiria. Por outro lado, ele ganhara um lugar de intercessão por órfãos. Ele sempre estava pronto a ser o primeiro sofredor a favor deles. Assim, se houvesse alimento suficiente para todos, exceto um, esse um seria ele. E, nesse domínio referente ao suprimento, Deus o fez responsável para que todas as necessidades sempre fossem satisfeitas, pois as portas do Tesouro de Deus estiveram permanentemente abertas a ele e, desse modo, ele poderia tomar tanto quanto necessitasse.

O Pastor Blumhardt, da Alemanha, foi, todavia, um homem que conquistou um lugar de intercessão por doentes. Em suas primeiras lutas com os espíritos maus, ele ficou mais de dezoito meses em oração e jejum antes de conquistar a vitória final. As queixas se acumulavam contra ele, pois negligenciara seu trabalho como ministro e devotara-se à cura dos enfermos. Entretanto ele disse que o Senhor lhe dera a parábola do amigo à meia-noite e dos três pães e, embora indigno, ele continuava batendo. Assim, orou sem interrupção e Deus abriu a porta. Não apenas centenas de pessoas foram abençoadas, mas ele estabeleceu um padrão para a igreja. Após a vitória final, ele conquistou um acesso tão fácil ao Trono que, muitas vezes, quando as cartas que recebia pediam oração por pessoas enfermas, depois de examiná-las por um simples momento, já podia descobrir se a vontade de Deus era para a cura ou não. Os sofrimentos alheios se tornaram muito penosos para ele, pois suplicava por eles como se fosse para si próprio. Isso era intercessão.

DESAFIANDO A MORTE

Mesmo em face desse aparente fracasso com a mulher tuberculosa, o Sr. Howells sabia que ganhara a posição de intercessão. Ele mesmo não precisava de prova, mas estava certo de que o Senhor daria um sinal exterior da vitória interior. Isso aconteceu alguns meses mais tarde.

Ele foi chamado para ver um homem na aldeia, que estava moribundo. Quando chegou à sua casa, encontrou-o já inconsciente. Sua mulher estava muito aflita, pois tinha dez filhos e ele era o único na família que trabalhava para ganhar o pão. O efeito sobre o Sr. Howells foi imediato. O sofrimento da mulher veio sobre ele como se ela fosse sua irmã. Saiu para um campo e chorou. Ao descrever essa experiência, disse:

"Quando você chora, ou, melhor dizendo, o Espírito Santo em você é quem chora, é você quem toca o Trono."

Ele sabia que o único meio de ajudar aquela mulher era trazendo-lhe de volta o marido, mas qualquer possibilidade de ajuda estava além do limite humano. Assim, parecia que o Senhor o fizera entrar nos sentimentos dela a tal ponto, que os sofrimentos dessa mulher se tornaram os sofrimentos dele, e ele se sentiu responsável por suas necessidades. Deus é o Pai dos órfãos e o amparo das viúvas. Portanto sabia que, a menos que pudesse prevalecer em favor do marido, o Espírito Santo insistiria em tomar aquele lugar por intermédio dele e ele se tornaria responsável por prover para essa mulher e por sustentar-lhe os filhos.

Ele voltou à casa da mulher e ficou sentado ali, esperando que ela descesse, quando ouviu uma voz, num plano que para ele parecia novo, que falou: "Ele não morrerá. Ele viverá". O Sr. Howells descreveu essa situação da seguinte maneira:

"Que tranqüilidade invadiu aquela sala! E a tranqüilidade que Deus cria quando está presente."

A esposa desceu e imediatamente ele lhe disse:

"Desde que a vi pela última vez, senti sobre mim um grande peso de oração em favor de seu marido, e o Senhor me disse que ele não morrerá; ele viverá." Ela, porém, não se convenceu. Ele podia ver que ela não acreditara nele e havia alguns motivos, algo muito compreensível, para isso: um era a condição de seu marido, e, o outro, era que a última pessoa que o Sr. Howells disse que seria curada morrera recentemente.

Ele a deixou e voltou para sua casa. Enquanto fazia o trajeto costumeiro, o Senhor começou a falar-lhe de novo: "Você não se dirigiu àquela mulher do modo como faz quando está realmente certo. Amanhã bem cedo você deve voltar e dizer-lhe isso de novo, mas sem duvidar". Foi uma confirmação tão forte que, enquanto ia para a cama, ele declarou em voz alta: "Voltarei amanhã para desafiar a morte e dizer-lhe: 'Você não levará esse homem!'."

Como tinha de apanhar um trem na manhã seguinte às oito horas, ele saiu antes das seis para fazer a caminhada de três quilômetros até à aldeia. Nevava, a manhã estava escura como breu e o Maligno o atacou por todo o percurso.

"Era como se legiões de demônios estivessem resistindo a mim", disse ele.

"Sentia-me como um homem caminhando contra a maré, e o inimigo continuava dizendo: 'O homem morreu logo que você saiu ontem!'."

Foi uma severa prova de fé; mas, depois de batalhar por todo o caminho, à medida que ele se aproximava da casa, "foi agradável ver a luz". Quando ele entrou, disse à mulher:

"Não a censuro por não acreditar no que lhe falei ontem. Eu não lhe disse com a certeza com a qual digo às coisas que sei, mas voltei esta manhã para falar-lhe agora que seu marido não morrerá. E, como prova do que lhe digo, acrescento que, se ele morrer, eu sustentarei você e seus filhos."

Ela ficou visivelmente radiante, visto que dessa vez realmente acreditara nele, pois ele voltara à sua casa com grande alegria, bem diferente da primeira vez que viera.

"Parecia que o céu baixara para regozijar-se, e eu sabia que a morte não poderia levá-lo. Não havia morte ali", disse ele.

Ele esteve fora dois dias, durante os quais se recusou a tomar nota dos ataques do inimigo. Enquanto retornava, o diabo ainda se mantinha firme, dizendo-lhe que o esperavam para dar-lhe a notícia de que o homem morrerá e pedir-lhe que falasse no funeral! Quando ele chegou à estação, alguns dos crentes o aguardavam, e um deles gritou:

"Ele está fora de perigo. No momento em que você deixou a casa, ele ficou melhor!"

O caso seguinte foi mais difícil. Era uma mulher, a mais firme entre seus convertidos, em cuja casa realizava as reuniões domésticas. Ela era esposa de um deles, William Davies, e cunhada da mulher tuberculosa. Estava passando muitíssimo mal após o nascimento de um filho, e o médico não dera esperanças quanto ao seu restabelecimento. Quando o Sr. Howells chegou à casa dela, estavam todos chorando.

- Será que você sabe qual é a vontade de Deus? Foi a primeira pergunta, proferida em meio à ansiedade de William Davies.

- Ele ainda não a revelou, respondeu ele, mas não creio que ele a tome sem me dizer nada.

Esse foi o primeiro raio de luz. Não havia tempo para mais delongas, e William, em sua ansiedade, pressionou-o ainda mais.

- Acha que Deus lhe falará hoje? Rees assegurou-lhe:

- Creio que sim. Voltarei agora para casa e estou certo de que ele falará comigo.

Naturalmente, a pergunta vital era: "Qual é a vontade de Deus?" Embora tivesse ganhado a batalha em uma intercessão, a vontade do Senhor tem de ser revelada em cada caso. Nesse, o próprio fato de que ele desejava que ela vivesse poderia mudar sua maneira de julgar. Somente aquele que é imparcial pode descobrir a vontade de Deus, conforme o Salvador disse em João 5.30. Naquela caminhada de três quilômetros, Deus sempre falava com seu servo. "Tenho-vos chamado amigos" (Jo 15.15) não era uma teoria vã para ele, mas um relacionamento precioso e prático. Ele sempre esperou que o Mestre partilhasse esses segredos com ele. Assim, enquanto caminhava naquele dia, veio-lhe de novo a palavra do Senhor: "Ela será curada e não morrerá". Rees relatou o seguinte:

"No momento em que ouvi isso, senti a alegria da cura."

Ele retornou logo depois do meio-dia, pois cada minuto era importante. Dessa vez, pôde até brincar um pouquinho com William:

"Se eu lhe contar a vontade de Deus, será que você acreditará? Se acreditar, e eu lhe disser que sua esposa vai ficar melhor, cuide para que não haja mais lágrimas! E se quiser chorar, é melhor que chore agora, antes que lhe diga qualquer coisa!"

Conforme o relato do Sr. Howells:

"O Espírito Santo estava naquela casa, e eu sabia que ele dominara a morte. Naturalmente falando, a morte estava no quarto, porém eu me sentia em perfeita paz. Descemos e oramos, e seis de seus filhos uniram-se a nós. Tivemos uma reunião de louvor esplendorosa, e a mulher melhorou naquele mesmo dia!"

Mediante a posição conquistada em sua intercessão a favor da mulher tuberculosa, o servo de Deus, em casos de enfermidade, se tornara sensível à voz divina de um modo como nunca acontecera antes. No caso da mulher tuberculosa, essa fora uma longa subida espiritual, mas agora ele descobriu que, num momento, podia receber a palavra do Senhor. Ele teve tantos desses casos naquela ocasião, que parecia que esse era seu ministério especial. O Sr. Howells referiu-se muitas vezes a esse período, pois acreditava que uma nova era de cura irromperia na igreja cristã. Talvez, somente a eternidade revelará o quanto a intercessão do Espírito e a crença por intermédio dele contribuíram para o avivamento da cura espiritual, testemunhada em muitas partes da igreja em anos recentes.

O PAI DOS ÓRFÃOS

Quando a mulher tuberculosa morreu, ela deixou quatro filhos pequenos. Foi uma prova tamanha para o marido, que ele acabou por se entregar aos maus hábitos e à bebida, negligenciando demais seus filhos. Certo dia, o Sr. Howells estava se sentindo oprimido por esse fato, e o Senhor mostrou-lhe claramente que algo deveria ser feito em favor daquelas crianças. Perguntou ao Sr. Howells o que deveria fazer com elas, e este não lhe deu resposta. Ele lhe disse: "A menos que você me dê uma resposta, elas terão de ir para o orfanato". Então, o Espírito Santo lhe perguntou: "Se acontecesse qualquer coisa a seu irmão ou a sua cunhada, você deixaria que os filhos deles fossem para um orfanato"? A resposta do Sr. Howells veio imediatamente: "Certamente que não". O Senhor disse-lhe: "Por que você me responde tão rapidamente quando o assunto se refere à sua própria família, mas não tem nada a dizer com referência a esses quatro pequenos órfãos?" A resposta do Sr. Howells foi a esperada: bem, naturalmente, o sangue é mais denso do que a água". O Espírito Santo, no entanto, retrucou: "Sim, mas o *espírito* é mais denso do que o sangue"!

As coisas ficaram caóticas quando o pai foi embora e deixou as crianças para trás. A primeira idéia do Sr. Howells foi que ele devia responsabilizar-se por elas, como um tutor, além de pagar uma mulher para ir à casa das crianças e cuidar delas. Isso era mais do que muitos teriam feito, porém o Senhor lhe disse: "É de um pai que elas precisam - não de um tutor. Eu sou o Pai dos órfãos, mas não posso ser um Pai para eles do céu, por isso devo ser Pai por seu intermédio".

Ele teve de enfrentar com coragem o que aquilo acarretaria - formar um lar com elas e ganhar o suficiente para mantê-las, até que o maiorzinho tivesse idade para assumir seus irmãos. Isso significaria perder de quinze a vinte anos de sua vida, e lá se iam todas as suas esperanças de um dia levar a mensagem do Espírito Santo ao mundo. Além do mais, eles não eram seus filhos e não sentia um amor de pai pelas crianças, assim como não havia nada nele que o fizesse desejar ter esse amor.

Foi a primeira prova sobre sua posição como mártir, uma realidade que o assaltou repentinamente. Esse fora o desafio que o Espírito lhe lançara. Devia ter tomado o lugar da mãe na tuberculose e na morte. O Senhor, porém, a levou e o trouxe de volta como um "mártir vivo". Se aquilo foi real, então ele

devia tomar o lugar dela agora, cuidando dos quatro pequenos por ela. Não havia saída para isso, e ele não ousava questionar a autoridade do Espírito Santo em sua vida.

"Mas", disse ele, "é preciso ter a natureza de Deus para amar os filhos de outras pessoas como seus próprios".

Por fim, disse ao Senhor:

"Estou disposto a que o Senhor seja um Pai por meu intermédio, porém não posso sê-lo a não ser que o Senhor os ame por meu intermédio, de sorte que eles não pareçam filhos adotivos, mas legítimos. E para fazer isso, terá de mudar minha natureza".

Na verdade, nunca pensou que Deus pudesse fazer isso, mas ele o fez. Uma noite, ao lado de sua cama, ele encontrou o amor de Deus derramando-se sobre ele - o amor do Senhor pelos órfãos. Não houve laços que o prendessem. Esse amor transbordou em direção àquelas quatro crianças - nada agora poderia impedi-lo de ir morar com elas. Ele sentia que essas crianças tinham direito sobre ele. Ele expôs sua posição nestes termos:

"Qualquer órfão tem direito a que Deus lhe seja Pai, por essa razão essas quatro crianças tinham o direito de exigir que o Espírito Santo lhes fosse Pai por meu intermédio."

O amor divino, no entanto, não poderia limitar-se a quatro. Ele disse:

"Senti que amava todas as crianças do mundo que não tinham ninguém para cuidar delas. Era o amor de Deus fluindo por intermédio de mim."

Ele arranjou alguém para cuidar das crianças provisoriamente, enquanto fazia todos os preparativos para ir morar com elas. Isso não constituía prova para ele, pelo contrário, era tudo alegria. Contudo, no mesmo dia em que ele deveria mudar-se, três tias, irmãs da mãe, disseram que gostariam de levá-las e dar-lhes um lar. O Senhor mostrou-lhe que essa era sua provisão para elas, porém ele ganhara a posição de "pai dos órfãos".

A prova dessa realidade deveria ser observada nos anos seguintes. Ninguém poderia deixar de observar como o Sr. Howells, em seus últimos dias no Instituto Bíblico, e a Sra. Howells cuidavam e amavam os filhos de missionários e as crianças judias refugiadas - alguns deles moravam na casa desse casal e outros, muitos deles, no lar alegre para os filhos de missionários, que ficava ali perto - sem reconhecer até que ponto Deus lhes dera, na realidade, o coração de pai e de mãe, que poderia ajuntar, não somente quatro, mas setenta crianças sob suas asas.

Comentando mais tarde sobre isso, o Sr. Howells disse:

"O lugar de intercessão conquistado naquele tempo é válido até hoje. O Senhor não tinha necessidade de repetir a prova, a menos que houvesse indiferença ou retrocessos. Daquela posição conquistada, podia orar continuamente a favor dos órfãos e pedir ao Senhor que lhes fosse Pai, mesmo que por intermédio de outros, porque uma pessoa só pode pedir a ele que faça por intermédio de outrem o que está disposta a aceitar que o Senhor faça por intermédio dela. Essa é a lei da intercessão em todos os níveis da vida, ou seja, que somente à medida que somos examinados e provamos ter disposição para fazermos, nós mesmos, uma determinada coisa, podemos

interceder pelos outros. Cristo é nosso Intercessor, porque ele tomou o lugar de cada um por quem orou.

"Nunca somos chamados a interceder pelo pecado, pois essa intercessão já foi feita de uma vez e definitivamente. Contudo muitas vezes somos chamados a interceder pelos pecadores e por suas necessidades, e o Espírito Santo jamais pode 'amarrar o homem valente' por nosso intermédio num patamar mais elevado do que aquele em que o Espírito primeiro alcançou vitória em nós. 'Não é possível dirigir o mundo, até que você seja dirigido'."

De um modo maravilhoso o Senhor também usou o Sr. Howells para revelar seu amor ao pai que abandonara os filhos. Por mais de dezesseis anos, desde quando era ainda um rapaz, o Sr. Howells contribuía com dinheiro para o Clube Beneficente dos Doentes Recabitas - uma cooperativa que era uma forma de plano de saúde para a aldeia - mas agora o Senhor lhe dissera que não deveria mais contribuir.

"Como o Senhor tinha a posse do dinheiro", disse o Sr. Howells, "eu não poderia usá-lo sem sua permissão. O diabo andava ocupado, pois tentava me advertir de que eu não teria provisão para os tempos difíceis e, em linguagem clara, meu fim seria em um asilo - e por toda a minha vida tive horror até de dizer o nome daquele lugar!"

O Senhor, no entanto, o fez firmar-se num texto das Escrituras: "O que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve falta" (2 Co 8.15), e, assim, o Clube dos Recabitas "teve de ir para o altar", sem que lhe fosse permitido reivindicar as quantias já pagas.

Entretanto, três meses depois que o homem abandonara os filhos e fora também obrigado a deixar a cidade em razão de um pecado que cometera, o Sr. Howells foi guiado, de maneira muito estranha, a pagar os compromissos atrasados desse homem com relação ao Clube Beneficente dos Doentes e, daí por diante, a mantê-los em dia. Essa foi uma orientação que o surpreendeu, pois, se era errado que ele pagasse sua própria conta do Clube, como poderia estar certo pagar a conta desse homem?

O Espírito Santo, porém, lhe revelou que o erro, quanto a ele, não estava em pagar o clube, mas em manter seus pagamentos. Deus o chamara para a escola da fé e, portanto, para ele, a posição da fé, uma vez conquistada, seria um substituto completo do clube e uma garantia contra a perspectiva de um asilo.

"Mas era igualmente claro", disse o Sr. Howells, "que não podíamos dizer que uma coisa é errada para os outros simplesmente porque fomos chamados a abrir mão dela; isso depende de nossa posição ou estágio na vida".

Assim, pagou a conta desse homem no clube, e ninguém ficou sabendo disso. Aquele homem sumira e ficou sem dar notícias por cinco meses, quando Rees recebeu uma carta dele, em que contava que estava preso ao leito, com tuberculose, e que sofreria grave hemorragia. Durante duas semanas, lutara consigo mesmo para ajoelhar-se e pedir perdão ao Senhor, mas estava envergonhado demais para fazê-lo, porque ele desonrara "o Nome abençoado". Contudo, num domingo de manhã, os obreiros do Exército da Salvação chegaram em frente à casa onde se encontrava e, enquanto cantavam, ele saiu

da cama, ajoelhou-se e recebeu o perdão e a paz. Agora, escrevia para dizer que estava muito arrependido por haver cedido à tentação e desgraçado a missão devido ao pecado que cometera. Pedia aos amigos que o perdoassem, uma vez que o Senhor já o fizera. Ele não tinha nenhum dinheiro para pagar sua pensão, porém o médico conseguira que fosse encaminhado para um asilo na semana seguinte.

Quando o homem soube o que o Sr. Howells fizera por ele, o amor de Deus o quebrantou. Em vez do asilo, ele foi levado para a casa de seu pai e recebia uma quantia em dinheiro por semana, durante cinco meses, até que ele passou em paz para a presença do Senhor. Seus filhos receberam uma quantia em dinheiro após sua morte. O incidente causou um grande efeito na aldeia e constituiu também uma prova para o servo de Deus de que o Senhor Poderia não somente impedir que ele fosse para o asilo, mas também impedir, por intermédio dele, que outros fossem, se ele prestasse total obediência ao Espírito Santo. Em todas essas experiências, o Senhor tinha um duplo propósito - a bênção dos necessitados e a transformação do seu servo.

"O Espírito Santo me conduziu degrau após degrau", disse ele. "O processo de mudança da natureza de alguém (substituir sua natureza carnal pela natureza divina) era muito lento e amargo. Era um morrer diariamente para deixar a vida de Cristo se expressar por meio da sua vida terrena. Essa vida, porém, era a vida de uma vítima. Cristo, por um lado, foi a maior Vítima da cruz, mas, por outro lado, o maior Vencedor. O caminho diário, no entanto, era o caminho da cruz - todo motivo egoísta e todo pensamento egoísta deveriam ser considerados imediatamente pelo Espírito Santo. Nos dias de minha meninice, o homem mais rigoroso que conheci foi meu professor, mas quantas vezes não disse que o Espírito Santo era mil vezes mais rigoroso - o professor só podia julgar nossas ações, mas o Espírito Santo julgava nossos motivos." Uma noite, por exemplo, quando seu amigo e ele falavam numa reunião ao ar livre, o amigo pregou em primeiro lugar, e o Espírito Santo usou-o de tal forma, que o Sr. Howells começou a perguntar a si próprio como poderia pregar depois dele (ele não era um orador dotado para falar ao ar livre). Por fim, esse pensamento se transformou em ciúme. Disse ele:

"Ninguém sabia desse fato, mas naquela noite o Espírito Santo me açoitou e me humilhou até ao pó". Ele mostrou-me a feiúra desse ato e como o diabo tiraria vantagem disso em prejuízo das almas daquelas pessoas. Nunca vi nada que odiasse mais do que aquilo e, infelizmente, só eu mesmo deveria ser culpado por isso. "Você não veio ao ar livre para que essas almas fossem abençoadas"? Disse ele. 'Nesse caso, que diferença faz por intermédio de quem eu as abençôo?' Ele me fez confessar o pecado a meu amigo, e se o Espírito Santo, alguma vez mais, encontrasse esse pecado em mim, eu teria de fazer uma confissão pública. Daquele dia em diante, não ousei acariciar um pensamento de ciúme, pois, em minha experiência, o Espírito Santo não voltou atrás em sua palavra nem uma só vez. Qualquer advertência de castigo que me fizesse, caso desobedecesse, teria de pagar a pena completa. Alguém até poderia pensar que fosse uma vida de escravidão e de temor. Seria para a

carne, mas para o novo homem em Cristo era uma vida em que eu gozava da mais plena liberdade.

"A princípio, tinha a tendência de apiedar-me de mim mesmo e de resmungar em face da pena pela desobediência. Contudo, à medida que via que deveria ou perder esse ego corrupto aqui ou suportar a vergonha de sua exposição futuramente, comecei a tomar o partido do Espírito Santo contra mim mesmo, pois considerava o despojamento uma libertação, em vez de uma perda."

LORDE RADSTOCK

Na convenção de Llandrindod, em agosto de 1909, o Sr. Howells encontrou-se novamente com seu amigo, o Sr. John Gosset, para quem enviara uma carta explicando acerca do cartão de ano-novo, que o Espírito Santo o impedira de mandar. Ouvindo-o falar em uma das reuniões sobre a oração e a intercessão, o Sr. Gosset foi tão abençoado que falou a seu amigo, Lorde Radstock, sobre o assunto. O resultado foi que ele pediu ao Sr. Howells que falasse em uma reunião especial de crentes. Ele lhes disse que sua própria experiência era uma prova da diferença entre um guerreiro da oração e um intercessor, e os pontos realçados eram preciosos, porém, já foram abordados num capítulo anterior. Um guerreiro da oração pode orar para que algo seja feito, muito embora não esteja disposto a permitir que a resposta venha por seu intermédio, assim como não está obrigado a continuar em oração até que ela seja respondida. No entanto um intercessor é responsável por atingir seu objetivo e nunca ficará livre até que o tenha alcançado. Ele fará o que for preciso para que a oração seja respondida por seu intermédio. Contudo, depois que a posição de intercessão for conquistada, provada e comprovada, o intercessor pode reivindicar todas as bênçãos nesse patamar, sempre que for da vontade de Deus assim fazer. É como no caso do matemático Euclides, salientou o Sr. Howells: até o ponto em que uma pessoa aprendeu as proposições, ela pode fazer comentários sobre elas, mas nem um passo além. Desse modo, nunca é preciso percorrer duas vezes o mesmo terreno, a menos que a pessoa não tenha certeza de suas conquistas.

Durante sua apresentação, o Sr. Howells também abordou a cura divina e contou sobre as considerações do Senhor com relação à mulher tuberculosa: como o primeiro caso ganhou teve de ir para o altar, porque as primícias pertencem a Deus. E, embora o Espírito Santo testemunhasse que ganharia aquela batalha, ele teve de aceitar o fato como um fracasso seu. Contudo, por intermédio desse episódio, o Senhor sentenciou a carne à morte, para que em todos os casos de cura futuros o ego não recebesse a glória.

Ao dizer isso, ele não fazia a menor idéia de que Lorde Radstock fora guiado da mesma maneira. O fato foi, posteriormente, registrado em sua biografia. Ele aceitou a verdade da cura divina mediante Tiago 5.15: "E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará", e suplicou que ele mesmo agisse

de acordo com essa verdade. Na realidade, ele acreditava que a negligência dessa ordem por parte da igreja era a causa de muito sofrimento.

Depois que ele assumiu essa posição, sua filha mais velha ficou gravemente enferma. Ele conhecia muitos médicos entre seus amigos religiosos, mas sentia-se levado a recusar a ajuda deles. Entretanto, a despeito de sua fé na Palavra de Deus, "o céu silenciou-se e a filha morreu". Junto a seu leito de morte, ele pôde dizer:

"Mesmo que o Senhor me mate, ainda confiarei nele."

Essa foi uma tremenda prova à sua fé, que lhe causou grande agonia pessoal. Contudo, mediante a aflição ele veio a ser mais do que vitorioso e, mais tarde, foi usado em centenas de casos de cura divina. No entanto ele nunca entendera por que sua filha morrera, até que ouviu o Sr. Howells. Ele compreendeu de imediato a palavra acerca das primícias irem para o altar; mas isso o fez ficar admirado de como o Senhor pudera revelar essas leis a seu jovem servo.

Ele ficou tão impressionado com esse fato, que disse a Rees Howells que Deus lhe dera uma luz que deveria ser transmitida à Igreja de Cristo e, como um preparo na universidade lhe seria de muita ajuda, ele gostaria que Rees fosse para a faculdade às suas expensas. Lorde Radstock também o levou para ver muitos de seus amigos e lhe pediu que repetisse esse mesmo ponto para eles. Entretanto, como disse o Sr. Howells, em relação ao direito de Deus sobre as primícias:

"Só uma pessoa próxima de Deus poderia entender aquilo."

O Sr. Gosset ficou tão contente com o resultado da visita, que disse a Rees que gostaria que ele se encontrasse com muitos de seus amigos em Londres, incluindo *Sir* Robert Anderson, o Diretor Geral dos Correios. Assim, o convidou para vir como seu hóspede. Esse fato foi a abertura de uma nova porta para o jovem mineiro se encontrar com "pessoas de categoria"! Como ele disse:

"Nada poderia agradar mais ao homem natural do que isso, e meu primeiro pensamento foi: 'Você não sabe onde tudo isso vai terminar!' Novas oportunidades surgiam de muitas direções, mas essa me agradou mais do que qualquer outra. Tinha uma certa satisfação, bem secreta, de torná-la conhecida a meus amigos. Quando voltei para casa e lhes contei tudo o que acontecera, eles também ficaram muito contentes e, até mesmo, pensaram que seria o término dessa vida estranha, como o alimento insosso e outras peculiaridades! Exteriormente, era uma grande honra ser solicitado a falar sobre a oração e a intercessão a homens como Lorde Radstock e *Sir* Robert Anderson, mas não fazia idéia da grande lição que o Senhor tinha para me ensinar por intermédio desses encontros."



Rees Howells no seu 34.º aniversário.





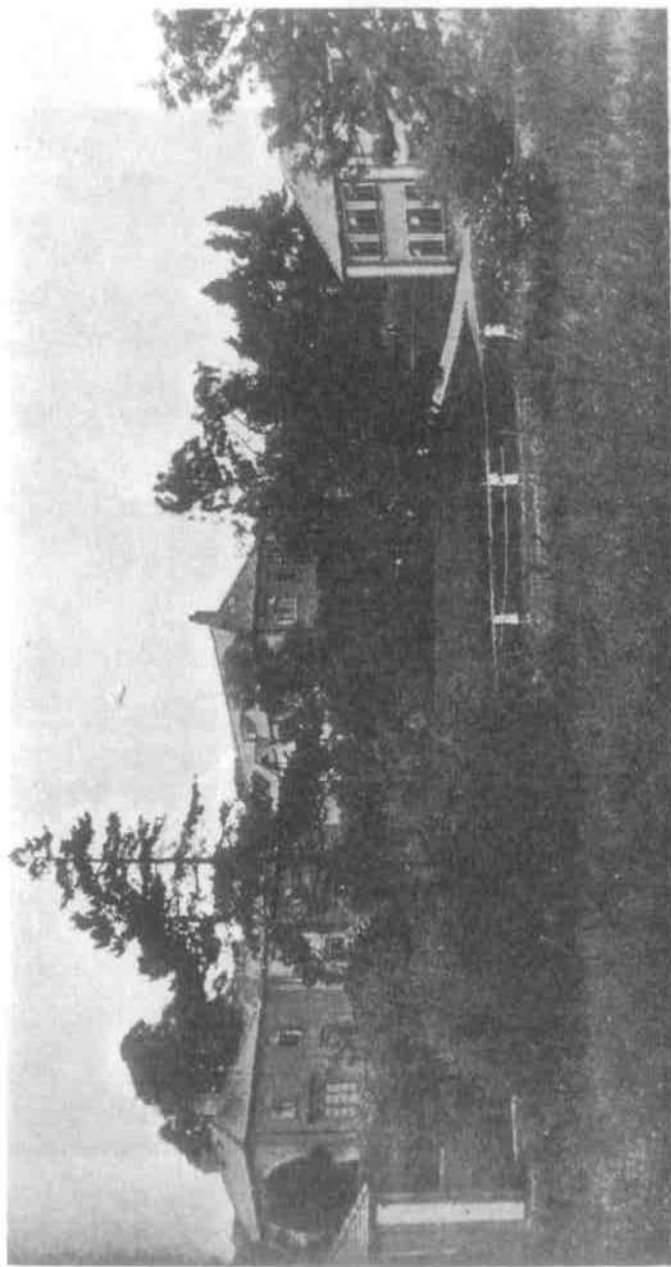
Sr. e Sra. Howells com o Imperador da Etiópia.



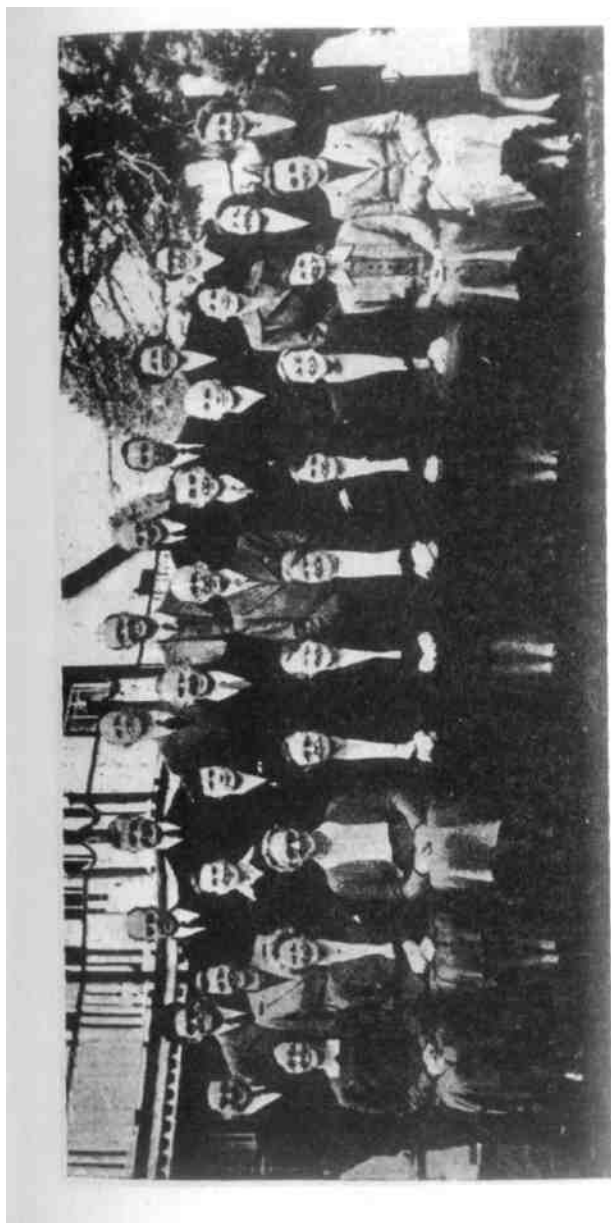
Sr. e Sra. Howells e Samuel nos terrenos de Derwen Fawr.



Rees Howells segurando a pequena Ruth.



Glynderwen, a primeira casa adquirida.



Alguns funcionários do colégio, 1953.



Derwen Fawr, a segunda casa adquirida.



Sketty Isaf, a terceira casa adquirida.

O CHAMADO PARA UMA VIDA ANÔNIMA

Cerca de um mês depois de receber o convite do Sr. Gosset, houve um novo chamado de intercessão. Embora muitos beberrões na aldeia tivessem sido gloriosamente convertidos, havia alguns homens que não se converteram. Eles freqüentavam as reuniões e demonstravam o desejo de seguir a Deus, mas estavam tão terrivelmente escravizados à bebida, que o inimigo ainda os dominava. Havia necessidade de, uma vez mais, amarrar o "valente e roubar-lhe os bens" (Mt 12.29). Realmente, a intercessão provou ser o primeiro passo para longe de um ministério público, para uma vida no anonimato.

Por três anos, depois de terminado seu dia de trabalho, Rees Howells estivera na missão todas as noites. Havia reuniões cinco vezes por semana, e as outras duas noites eram para visitação. Trabalhava na mina das 7:00h da manhã às 4:30h da tarde e, depois, andava três quilômetros para chegar à aldeia e outros tantos para voltar para casa, não importando as condições do tempo. Não havia disponibilidade para comparecer a quaisquer outras reuniões, pois dificilmente deixava seu rebanho, exceto durante a semana da Convenção de Llandrindod, à qual eles levavam tantos novos convertidos quantos lhes fossem possível levar. A obra estava tão bem estabelecida que, aos domingos à noite, muitas pessoas vinham das redondezas - era como um avivamento contínuo.

O efeito externo sobre a aldeia era que três anos antes a cervejaria mandava dois vagões e uma carreta carregados de barris de cerveja a cada quinzena, nos dias de pagamento, mas agora havia uma só carreta, e apenas pela metade. Diziam, em tom de brincadeira, que teria sido conveniente que a cervejaria tivesse persuadido Rees Howells e seus amigos a se tornarem acionistas! "O único inimigo que tínhamos", disse o Sr. Howells, "era o próprio diabo! Todas as pessoas nos respeitavam, pois sabiam que buscávamos seu bem-estar. Embora muitas vezes passássemos por provações em nosso interior, elas nunca souberam disso; pois havia um avivamento perene quando estávamos com elas. Oh, como o nome de Jesus era precioso para nós! Nas reuniões ao ar livre, a cidade entoava o hino 'Bendito o Nome do Senhor'".

A dificuldade do Sr. Howells era encontrar tempo para a oração. Realmente, sua única oportunidade estava naquela caminhada de três quilômetros até a

missão, pois metade do trajeto era em um trecho solitário. Ele sempre tentava estar sozinho nessa metade, e, depois de deixar para trás a última casa, ele tirava o boné e continuava em atitude de oração. Conforme o costume da época, andar com a cabeça descoberta, quando estivesse fora de casa, era considerado algo muito esquisito. Quando, porém, estava sozinho, a presença de Deus era tão real que ele sempre descobria a cabeça.

Isso se tornou quase um hábito, pois nem uma vez sequer fez esse trajeto sem colocar o boné no bolso. E, quando voltava tarde da noite, depois que as luzes da cidade estavam apagadas, ele fazia todo o trajeto com a cabeça descoberta. Embora hoje isso nos pareça curioso, nada o faria andar sem chapéu durante o dia! Conforme ele disse:

"A brigada dos sem-chapéu ainda não era conhecida naquele tempo!"

Esse hábito, aparentemente trivial, foi a primeira coisa que o Espírito usou para fazê-lo insensível à influência do público. Um domingo de manhã, bem cedo, ele estava com o Senhor em oração. E a glória daquela manhã era muito mais brilhante do que a luz do Sol. Havia tamanha paz e um silêncio tão solene, que ele sentia que o lugar era terreno santo.

"Já sentira isso algumas vezes antes, mas naquela manhã era muito mais intenso, era como se as palavras de Isaías tivessem se tornado uma realidade: 'A luz da lua será como a do sol, e a do sol, sete vezes maior, como a luz de sete dias'. O Senhor mostrou-me, então, que a posição de 'permanência' na intercessão, para a qual ele me chamara, devia ser mantida em atitude de oração o dia todo. Pela primeira vez, não pude levar comigo meu chapéu! Andar pela cidade, ir à missão, tudo sem chapéu - isso parecia impossível! Não, eu nunca conseguiria fazer isso! *Nunca!*"

"A glória logo se acabou, e o Sol não tinha mais do que a luz de costume, se é que não tinha até menos e, misericórdia, como eram densas as trevas que vieram sobre mim! Como desejei que eu não tivesse saído àquela manhã. Mesmo o jejuar não se comparava a essa humilhação. Somente os de casa estavam envolvidos na prova do jejum, mas, nesse caso, deveria dar um espetáculo perante todos da cidade. Eles nunca tinham visto um homem sem chapéu fora de casa!"

Quando chegou a hora de ir à missão, o Espírito Santo lhe disse que não deveria ir, a menos que obedecesse. Enquanto estava ajoelhado, o Senhor lhe perguntou quais eram seus motivos para não querer obedecer. Será que ele queria sair da presença do Senhor? Não, não era isso. O único motivo que ele poderia apresentar era que a influência do público sobre ele seria grande demais e, portanto, não seria capaz de enfrentá-la. O Senhor, no entanto, lhe disse que esse era o verdadeiro motivo por que lhe pedira para fazê-lo e que não deveria pregar de novo sobre estar morto para o mundo enquanto ele próprio não estivesse morto.

"Há ainda muito do mundo em nós, quando, muitas vezes, pensamos estar mortos para ele!" comentou o Sr. Howells. "Costumava rir de um homem que usava o boné do Exército de Salvação, mas, naquele dia, desejei que o Espírito Santo me permitisse usar até mesmo aquele boné ridículo! Ele,

porém, não permitiria nenhum acordo. Tive de dizer: 'Sou escravo e só o Senhor pode me resgatar'."

A família Howells era muito conhecida e respeitada na cidade e, portanto, a idéia de desonrar os pais tornava a prova duplamente dura. Pensou que se pudesse poupar sua mãe, então não se importaria tanto, porque isso, além do jejum, certamente a faria pensar que havia algo errado com ele. No entanto ele faria qualquer coisa para evitar magoá-la e ferir seus sentimentos.

"Eu estava lá em cima orando", disse ele, "tentando reunir minhas forças, o tanto quanto fosse possível, mas o Senhor parecia estar longe demais. Muitas vezes, numa prova, parece que não há Deus no mundo".

Sua mãe sabia que ele estava mais atrasado do que de costume e ouviu-o descendo as escadas. Ela foi encontrá-lo e levou-lhe o chapéu, escovou-o para ele, com aquele carinho próprio de uma mãe.

"Quando falei a ela que não usaria o chapéu, pensei nas palavras do velho Simeão a Maria: 'Também uma espada traspassará a tua própria alma' (Lc 2.35). Isso é o que significa para os pais verem um de seus filhos trilhando um caminho estranho!

"Nunca me esqueci de como andei pela cidade naquele dia e passei por pessoas que iam a outras igrejas. E falar sobre estar morto para o mundo! Cada nervo sensível em mim estava vivo à opinião dos outros! Não estava em uma situação muito melhor daquela de um cego. Parecia que o diabo reunira todas as forças do inferno para atacar essa simples obediência. Em si mesma, essa atitude não tinha nada de mais; pois fora chamado apenas para passar o dia na atitude de oração e isso já significava uma pequena separação do mundo. Oh, as profundezas dessa respeitável natureza humana - porém ela estava em processo de ser mudada para a natureza divina! Foi uma libertação chegar à missão. Ela, conforme o Antigo Testamento, era como uma cidade de refúgio contra o vingador de sangue, e entre nós mesmos sempre havia uma risada após uma prova."

Todavia *não* era somente aos domingos que a atitude de oração deveria ser mantida. "Quer trabalhando, quer caminhando, quer fazendo qualquer outra coisa", as almas pelas quais ele orava deviam estar em seu coração, e isso significava andar todos os dias sem chapéu.

"Até certo ponto tive vitória sobre isso", disse ele, "porém era uma verdadeira morte ir trabalhar sem chapéu. Contudo, agora era mais difícil desobedecer do que obedecer, e as pessoas se acostumaram com o fato".

Ao separá-lo para si, o Senhor o estava preparando para levá-lo muito mais longe do que isso. Ele iria afastá-lo totalmente do ministério público, e o passo seguinte viria por intermédio de um ataque do inimigo a seu especial amigo e cooperador na missão. Eles se amavam.

"Por natureza", disse o Sr. Howells, "ele era uma das pessoas mais amáveis que já encontrara e, como Apolo, ele era eloqüente e poderoso em relação às Escrituras".

Entretanto o inimigo, por intermédio de alguns crentes, começou a dizer-lhe que enquanto ele permanecesse na companhia de Rees Howells na aldeia, ele

nunca chegaria ao seu máximo. Na verdade, ele precisava ter seu próprio trabalho.

O Senhor mostrou ao Sr. Howells a gravidade desse ataque e disse-lhe que ele era o único que poderia salvar o amigo: "O único meio pelo qual você pode fazer isso é dando-lhe exatamente a coisa que o inimigo diz que ele nunca conseguirá. Por que você não lhe dá a liderança da missão? Fique na retaguarda, como um intercessor. E ore para que a missão seja um sucesso ainda maior nas mãos dele do que nas suas". E o Senhor lembrou-lhe que essa era exatamente uma das coisas sobre as quais lhe falara anos antes em Llandrindod.

Ele precisaria enfrentar o efeito que isso teria sobre sua vida.

"Por três anos dediquei todo meu tempo, dinheiro e tudo mais à missão", disse ele, "e estive ali todas as noites. E agora, quando havia grandes perspectivas, o Senhor me pedia que passasse para segundo plano e apoiasse meu amigo como ele me apoiara anteriormente. A missão estava crescendo e se tornaria ainda mais popular, mas o povo, naturalmente, atribuiria todo o êxito a meu amigo. Eles nunca veriam e não se lembrariam de que foi necessário que alguém lançasse o alicerce.

"Passei por um grande conflito interior para permitir que meu amigo obtivesse o êxito exterior. Essa era a esfera seguinte do ego com a qual o Espírito Santo lidaria, um processo difícil, pois teria de permitir que o ego fosse substituído por sua natureza divina. Por três dias, não me dispus a aceitar mais essa prova, porém já sabia que seria levado a ultrapassar mais essa barreira. Esse era o modo como Deus trabalhava em alguém, até que essa pessoa tivesse tanta alegria numa vida anônima como numa vida franca e bem-sucedida. Se meu objetivo na vida era fazer a vontade de Deus, então poderia verdadeiramente dizer que qualquer caminho levaria ao mesmo júbilo."

A história de Madame Guyon, na qual era possível ver plenamente o processo de santificação, ajudou-o muito nessa época. Mesmo em um calabouço, na França, ela diria: "Nada mais peço, de bem ou de mal, senão a união com sua santa vontade".

Deus o fez vencer e operou outra mudança profunda em seu ser. A semelhança de Jônatas, foi capaz de amar o homem que lhe tomou o lugar. Ele considerou o assunto completa e exaustivamente com seu amigo e disse-lhe como Deus o estava conduzindo. Assim, daquele momento em diante, a missão seria dele, enquanto Rees ficaria na retaguarda em oração:

"Faça dela uma grande missão. O Senhor conquistará as almas por seu intermédio, e eu estarei orando por você. Quero que a missão se torne mais bem-sucedida por seu intermédio do que quando eu estava ocupando esse cargo."

A BRIGADA SEM CHAPÉU

Pouco tempo depois, logo que o Sr. Howells transferira a missão para seu amigo, ele previu que receberia uma carta de Londres pedindo-lhe que fosse, na semana seguinte, hospedar-se com o Sr. Gosset. Seu primeiro pensamento foi que não poderia ir porque fora chamado a conquistar essa nova posição de intercessão e isso lhe tomaria três meses. Deitou-se sentindo que fizera um verdadeiro sacrifício, mas na manhã seguinte o Senhor perguntou-lhe:

- Por que não vai a Londres?

- Devido à minha intercessão, respondeu Rees.

- Por que você não pode interceder em Londres? Indagou-lhe o Espírito Santo, que sempre ia até à raiz do ego que desejava atingir. Diga-me, qual é seu verdadeiro motivo para não querer ir?

O Sr. Howells teve de confessar que era porque ele não tinha coragem de ir a Londres sem chapéu.

"Alcansei vitória, pois consegui ficar sem chapéu em casa", disse ele, "mas ir a Londres e hospedar-me com pessoas de alto nível social era algo que estava fora de cogitação". Sabia que o Sr. Gosset nunca me permitiria insultá-lo. Eu era sensível aos sentimentos alheios e, depois da bondade que ele demonstrou, teria recusado qualquer soma de dinheiro, mas não faria tal coisa.

"As mil e uma desculpas da carne! Mas o Espírito Santo não aceitaria nem uma delas sequer. Ele planejava tudo isso para provar se eu obedeceria a ele ou ao homem. Muitas vezes, as pessoas dizem com grande petulância que é uma honra ser considerado um louco por amor a Cristo, mas uma coisa bem diferente é ser chamado pelo Espírito Santo para ter um comportamento bizarro."

O conflito era grande. Ele chegou até mesmo a pensar, momentaneamente, se não seria possível recuar dessa "vida de submissão, dessa vida de escravo, dessa morte diária, para apenas viver uma vida cristã comum, pregando o evangelho e ajudando os pobres", como muitos de seus amigos faziam.

Entretanto o Espírito o levou à realidade de sua posição de "mártir vivo", na qual não tinha direito à sua vida aqui no mundo mais do que um morto teria. Houve algum questionamento, como sempre havia, até que realmente chegasse a ser um com o Espírito Santo naquilo que o Espírito fazia, porém ele sabia que não tinha escolha e não ousaria mostrar nenhuma má vontade, para que ele não perdesse o privilégio de sua posição de mártir.

O Espírito, "que nunca impele", atraiu-o com as cordas do amor, mostrando-lhe a amarga cruz que o Senhor suportou. Como diz a Bíblia: "Não tinha aparência nem formosura... era desprezado e o mais rejeitado entre os homens... ferido de Deus e oprimido" (Is 53. 2,3,4).

"Na missão", disse o Sr. Howells, "costumávamos cantar":

"Aonde guiar-me meu Senhor,

eu seguirei por seu amor;

é sua mão que me conduz...

"Agora, no entanto, seguir meu Senhor era uma luta muito amarga! Pedi-lhe que me mostrasse, nas Escrituras, que ele anteriormente chamara seus servos para fazer esse tipo de coisa, caso o Sr. Gosset e seus amigos me pedissem para justificar na Palavra o que estava fazendo. Disse ao Senhor que iria, se ele fizesse isso. Como um raio, ele apresentou João Batista e Elias: o primeiro, vestido unicamente com uma pele de camelo e alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre; e o segundo Passando três anos e meio entre uma caverna e a casa de uma viúva, onde, todos os dias, comia com ela e seu filho a última refeição do dia. Esse fora o caminho da cruz deles para o poder.

"O Senhor sempre me encostava contra a parede e, depois, eu daria uma risada e diria: 'Sim, Senhor, como sempre o Senhor me tirou desta situação difícil'. Assim, entreguei os pontos, mas dessa vez resmunguei um pouco e, quando o Senhor me fez lembrar de João Batista, fiquei com medo de que pudesse enviar-me a Londres não só sem o chapéu, mas sem outros apetrechos também! De modo que me mantive ocupado o dia todo, só para o caso de o Senhor querer adicionar um pouco mais à obediência."

Chegou o dia de ir a Londres. Sua mãe já se acostumara com ele sem chapéu na própria cidade, porém ela o limpava e o escovava bem naquela manhã. Essa foi a primeira prova! O diabo também lhe sugeriu que seria melhor levar um boné no bolso, caso chovesse. Ele, porém, o contestou ao dizer que um guarda-chuva seria mais apropriado!

Quando o trem entrou em Paddington, ele disse que se sentiu como alguém que está indo para a forca! O Sr. Gosset estava lá para encontrá-lo e o recebeu de forma digna de um rei quando desceu do trem. Então, ele pôs a cabeça dentro do vagão e disse:

- Você esqueceu seu chapéu!

- Não, eu não trouxe um chapéu, disse Rees.

- O quê?! Vir a Londres sem chapéu?! Oh, meu caro, isso não! Você deve reconhecer, Rees, que não está mais no interior. Não pode vir a Londres sem chapéu, disse o Sr. Gosset.

- Então devo voltar, retrucou Rees.

- Não é uma questão de voltar, disse o Sr. Gosset, mas uma questão de usar chapéu.

"Nunca me compadecei de um homem como me compadecei do meu anfitrião", disse o Sr. Howells, "quando me levou de Paddington a Piccadilly num carro aberto". Ele estava vermelho como um camarão. No caminho, ele me disse: "'Tenho um boné novo em casa, e é um boné muito caro; ele não me serve, e vou dá-lo a você'.

"Tive de dizer-lhe então que, mesmo que me dessem todos os bonés de Londres para usar um deles naquela época de Natal, eu não os aceitaria, porque andar sem chapéu era uma das coisas que deveria fazer para manter minha posição de 'permanência' e para conquistar um lugar de intercessão. "Posteriormente, disse-me que seu orgulho nunca fora tão ferido como naquela ocasião. O Senhor tentara atingi-lo antes, porém ele não permitiria que ninguém se aproximasse dele. Ele disse que se enrubescera mais durante aquele trajeto do que em toda sua vida até ali."

Se o boné provocou tamanho conflito, o que dizer então do jejum e da alimentação singela? O que será que ele pensaria a respeito do "cardápio de Daniel"? Enquanto aguardavam a refeição, ele leu para Rees todos os convites que receberam para jantar.

"Como me senti exausto!" disse Rees. "Outra posição tinha de ser tomada". Sabia que só poderia tomar duas refeições bem simples por dia, portanto, do que adiantavam os jantares? Não disse uma palavra sequer; pois nunca poderia falar enquanto não fosse compelido a fazê-lo, além de já sentir, naquele momento, que minhas forças não eram suficientes para enfrentar mais esse obstáculo. O Sr. Gosset, disse-me:

"Tudo isto foi preparado para você e quero que prove de tudo à mesa".

"Então, tive de confessar que durante os três meses seguintes, eu só poderia tomar duas refeições por dia, cujo cardápio só poderia ser pão, queijo e sopa".

"Ele ergueu as duas mãos e exclamou":

"O que é que você fez comigo, Rees? O que eles dirão de meu hóspede? Que é um dos profetas do Antigo Testamento?"

"Ambos demos uma boa gargalhada, e eu lhe contei a respeito da prova a que fora submetido, ou seja, obedecer ao Senhor e vir a Londres, e sem chapéu. Disse-lhe que insultá-lo depois de toda sua bondade para comigo estava além do que planejara quando tomei minha posição de 'permanência'.

"E pensar que você faz tudo isso para alcançar as almas perdidas", foi sua resposta, 'e eu, um homem de idade avançada, não fiz nada, praticamente, para alcançá-las".

Depois ele completou seu pensamento e disse-me:

"Não desobedeça a Deus, mesmo que o rei o convide para jantar".

"No entanto, ele emendou imediatamente:

"Não posso andar com você em Piccadilly! Você terá de andar uns dois metros adiante ou atrás de mim!"

"Rimos por um bocado de tempo. Que cruz, mas que vitória gloriosa!"

O Sr. Gosset levou-o para visitar seus amigos, e Rees contou depois:

"Fui muito bem recebido e passei um bom tempo com todos eles, especialmente com Lorde Radstock e *Sir* Robert Anderson. O Senhor estava me provando para ver se aquela classe da sociedade me influenciaria e se eu poderia dizer que estava completamente morto para ela."

Contudo apenas no último dia é que veio às claras o verdadeiro propósito de Deus na visita. Na noite anterior à sua partida, o Sr. Gosset foi ao seu quarto e lhe disse:

"Deus revelou-me algo. Ele me disse que abençoaria minha casa porque você está aqui, como abençoou a casa de Obede-Edom, pois a Arca de Deus estava lá."

O Sr. Howells comentou que enquanto ele falava:

"O lugar se encheu com a presença de Deus, e eu mal pude agüentar tanto poder."

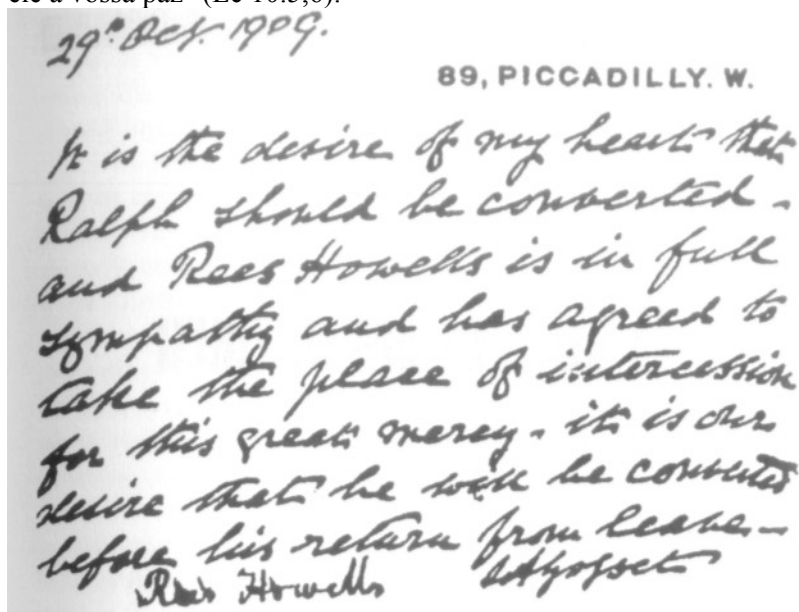
Na manhã seguinte, o Senhor levou o Sr. Howells a ler a respeito da mulher sunamita e dizer ao Sr. Gosset:

"Sabe que você fez para mim exatamente a mesma coisa que a mulher fez para o profeta? E eu, também, pergunto: 'O que posso fazer por você? Qualquer bênção que você queira receber de Deus, ele lhe concederá'."

Ele se comoveu e chorou. Ele tinha um grande desejo. Queria que seu filho que se encontrava no exército e estava para retornar da África, o capitão Ralph Gosset, que abandonara os caminhos em que fora educado, não trouxesse desonra à família.

"Deus fará mais do que isso", respondeu-lhe o Sr. Howells. "Ele não retornará ao exército sem que se converta."

Esse seria como o cumprimento da palavra do Salvador aos setenta homens que enviou para pregarem o evangelho: "Ao entrardes numa casa, dizei antes de tudo: Paz seja nesta casa! Se houver ali um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz" (Lc 10.5,6).



29th Dec. 1909.

89, PICCADILLY. W.

It is the desire of my heart that
Ralph should be converted -
and Rees Howells is in full
sympathy and has agreed to
take the place of intercession
for this great mercy - it is our
desire that he will be converted
before his return from leave -
Rees Howells R. Gosset

Cartão do Sr. Gosset

29 de dezembro de 1909

O desejo do meu coração é que Ralph se converta. Rees Howells também gostaria que isso acontecesse e concorda em colocar-se no lugar de intercessão para que essa grande bênção seja alcançada. Nosso desejo é que ele se converta antes que retorne à África, após sua licença de Natal.

O VOTO DE UM NAZIREU

O caminho de intercessão, que o Sr. Howells estava seguindo, assumia agora uma nova direção e começava a subir de maneira vertiginosa. Os casos difíceis, em razão dos quais fora chamado de volta, para posterior intercessão, eram todos da aldeia e estavam sob sua influência pessoal. Contudo o caso do filho do Sr. Gosset era diferente, tratava-se de alguém que ele jamais vira e, provavelmente, nunca o encontraria. Assim, não tinha meios possíveis de influenciá-lo, exceto por via do Trono. O Senhor lhe disse: "Este será o caso de prova de sua intercessão". Era evidente que o Senhor estivera preparando seu servo para conquistar uma posição muito mais elevada do que imaginara e, para isso, ele deveria deixar de lado seu trabalho entre os homens e lidar unicamente com Deus. A oração se tornara um assunto muito bem definido por estar escrito num cartão, assinado tanto pelo Sr. Gosset como pelo Sr. Howells, do qual cada um deles guardou uma cópia. O Sr. Howells considerava esse cartão uma das coisas mais preciosas que possuía.

Ao voltar de Londres, como parte de sua posição de "permanência", foi chamado a pôr-se de joelhos durante três horas todas as noites, das 18:00h às 21:00h, depois que voltava da mina. Ele viu como o Senhor preparara o terreno para isso, quando algumas semanas antes o fizera entregar a liderança da missão a seu amigo. Agora, ele era chamado para abrir mão de todas as suas atividades espirituais exercidas fora. E ele nem deveria comparecer às reuniões na missão. Ele deveria ler a Bíblia toda de joelhos, o que era, na verdade, o modo como sempre o fazia, e o Espírito Santo seria seu professor. "Levou um pouco de tempo antes que pudesse aprender a estar absolutamente quieto na presença do Senhor", disse ele. "Eu estava tão acostumado a pregar que, sempre que tinha uma nova luz sobre a Palavra, era capaz de pregar sem percebê-lo, embora não houvesse viva alma ali! Tinha de me controlar o tempo todo."

As condições iniciais da posição de "permanência" foram: (1) Jejum - duas refeições por dia. (2) Viver em atitude de oração - o que significava andar sem chapéu, com a cabeça descoberta. (3) Abrir mão de todo trabalho externo da missão, e não ir a um culto sequer. (4) Das três horas por noite a serem passadas de joelhos, duas eram de leitura da Palavra e uma de espera diante de Deus. Ele sabia que deveria haver outras posições de "permanência", porém essas ainda não lhe tinham sido indicadas.

Na verdade, essa vida era diferente daquela que ele levava - ocultar-se, depois de anos de atividade. Em vez de comunhão com os cristãos, deveria estar somente com o Senhor. Não tinha permissão nem mesmo para contar em casa, ou ao círculo mais amplo de seus amigos, que entregara a missão a seu amigo e entrara nesse caminho de intercessão. Assim, corria um boato de que algo na visita a Londres o desapontara e o levava a abandonar a missão e jamais comparecer a um lugar de culto.

A princípio, achava que jamais poderia obter júbilo dessa vida anônima como obtivera no trabalho ativo. Parecia-lhe uma tragédia que estivesse obtendo muita luz sobre a Palavra, mas que não pudesse revelar aos outros. Achou, até mesmo, que Deus nunca mais lhe permitiria pregar.

Outra desvantagem: não era tão fácil orar à noite como de manhã, porque os acontecimentos do dia causavam uma impressão em sua mente e, a princípio, era difícil livrar-se disso. Ele costumava dizer que embora pudéssemos nos afastar da presença das pessoas, era muito difícil silenciar as vozes do ego.

"Mas, depois de algum tempo, o Senhor me conduziu a um lugar onde, no momento em que eu fechava a porta às dezoito horas, deixava o mundo exterior e tinha acesso à presença de Deus. Era uma comunhão perfeita. Verdadeiramente, podia dizer: 'Tão perto, tão perto de Deus, mais perto não posso estar; pois na Pessoa de seu Filho, estou tão perto quanto ele!'"

O Senhor então lhe disse que deveria estar pronto a ser levado por ele a qualquer posição que os profetas e os apóstolos ocuparam.

"Eu vi como a iniquidade da nação foi lançada sobre Ezequiel", disse ele, "mas eu não tinha medo de ser provado em sustento como ele. Nem tinha medo de ser provado como Jeremias, mas tinha medo do que acontecera a Isaías! Nunca houve um profeta como esse homem da realeza, um dos maiores estadistas e escritores, mas vi como o Espírito Santo o humilhou naquilo para que fora chamado a fazer (Is 20).

"Meu único consolo era que, começando a leitura em Gênesis, levaria cerca de dois meses até alcançá-lo. Contudo, muito mais cedo do que isso, deparei-me com algo diferente, algo do que não poderia escapar. Não fui provado em Gênesis, mas quando cheguei em Números 6.2,5,6: 'Quando alguém, seja homem seja mulher, fizer voto especial, o voto de nazireu... Todos os dias do seu voto de nazireado não passará navalha pela cabeça... santo será, deixando crescer livremente a cabeleira... não se aproximará de um cadáver'. E o Espírito Santo me disse: 'Durante o período dessa intercessão, você viverá desse modo. Se seu pai ou sua mãe morrer, você não deve se aproximar deles e, sob pretexto nenhum, você usará navalha'.

"Disse ao Senhor que seria muito melhor morrer do que fazer isso. Tinha apenas trinta anos de idade, era um dos seis irmãos que viviam, todos, uma vida muitíssimo respeitável e sabia que eles não permitiriam isso em casa. Andar sem chapéu já era um bocado mau, porém isso era mil vezes pior. Pensava que todo homem que deixava a barba crescer aparava-a, pelo menos, uma vez por semana, mas um nazireu não poderia tocar na sua barba ou no seu cabelo. E o diabo cochichou: 'Desse jeito, em seis meses ela terá chegado aos seus joelhos, e o único lugar apropriado para você será o hospício. Não

seria tão ruim se você fosse para lá sozinho, mas, o pior disso tudo, é que seus pais irão também'.

"Disse ao Espírito Santo que não conhecia ninguém que tivesse sido chamado para fazer tal coisa nesta geração, então, como poderia entregar-me a isso? Mas, como sempre, ele insistiu em chegar ao verdadeiro motivo para a indisposição. As desculpas nunca servem para ele. 'Diga-me a verdade', disse-me ele, 'por que você não está disposto a andar como Samuel e João Batista?' Respondi que era para não escandalizar meus pais. 'Queres que eu os mande para a sepultura ou para o hospício?' replicou o espírito. E, realmente, achava que esse era o motivo.

"Mas o Senhor disse: 'Ponha seus pais na cruz. Minha mãe estava na multidão quando eu estava pendurado na cruz - a maior Vítima que o mundo já conheceu. Será que você não vai me dizer qual o verdadeiro motivo por que não está disposto a fazê-lo?' Então lhe disse o seguinte: 'O verdadeiro motivo é que a influência das pessoas será forte demais para mim e temo ser vencido por ela'. Assim, disse-me ele: 'Exatamente, e esse é o motivo por que eu quero que você o faça. Se não há nada do mundo em você, como o mundo pode influenciá-lo? Será que já influenciou alguma vez uma pessoa morta? Você será nazireu até que tudo isso seja tirado de você'. E acrescentou: 'Será que a barba, de certo modo, não é mais natural para um homem do que o barbear-se?'

"Infelizmente, tive de admitir que fosse.

"Contudo disse mais uma coisa ao Senhor: 'Já tinha sido muito desagradável levar os mendigos para casa, mas tornar-me um mendigo, já era demais - sei que meus irmãos nunca viverão comigo. Deixe-me ir para uma pensão'. Ele, no entanto, respondeu: 'Não, você tem de andar assim em casa. Antes que você conquiste essa posição, toda afeição natural e todo vínculo amoroso devem ser quebrados, até que as almas das outras pessoas se tornem para você como sua própria alma'."

Sabia que tinha de prosseguir até ao fim e que não adiantava resistir. O Sr. Howells tinha apenas de dizer, como de costume: "Ajuda-me a passar por mais esta dificuldade", pois, na verdade, necessitava de ajuda!

Ele teve a graça de dispor de uns poucos dias, antes que sua família ou os de fora notassem a ausência da navalha. Ele tinha de estar preparado para o efeito sobre os demais. Tudo isso estava ocorrendo apenas algumas semanas depois que as perspectivas para sua vida mudaram após o convite para ir a Londres. O pai do Sr. Gosset era amigo pessoal do Rei Eduardo VII, e a visita de Rees à casa do Sr. Gosset foi um acontecimento na vida de seu pai. Publicaram até uma notícia desse evento no jornal local, e ele sabia que fora o pai do Sr. Gosset que a divulgara.

Assim, ficaria claro que todos veriam que uma pessoa com o Espírito Santo pode andar na companhia de lordes, bem como de mendigos! Seus pais estavam verdadeiramente orgulhosos dele e aguardavam com ansiedade uma outra oportunidade. Em todos os estranhos caminhos pelos quais ele fora conduzido nesses meses, nunca duvidaram de sua sinceridade. Contudo a

objeção que faziam era que ele permitia que as coisas fossem longe demais. Mas agora era o coroamento *dessa* extravagância!

A primeira coisa que notaram foi que ele não saía à noite durante a semana como de costume e, portanto, queriam saber o que havia de errado na missão. Depois viram que ele não saía do quarto aos domingos. Seus pais não foram à igreja naquele domingo, e ele pôde ouvi-los cochichando no andar de baixo: "Que será que aconteceu a ele? Será que ficou desapontado com a visita a Londres?"

Finalmente, quando notaram que não se barbeava e passava todo o tempo no quarto, pensaram que havia acontecido o pior!

"Bebi aquele cálice até o fim", disse o Sr. Howells. "Foi muito custoso fazer meus pais passarem por essa experiência, e eles teriam feito qualquer coisa para impedir que, aos olhos do público, eu parecesse um verdadeiro fracasso. Como eu desejava poder dar uma explicação! Isso teria compensado tudo; mas não, o caminho era: 'Ele não abriu sua boca'. A morte para o mundo exterior que eu deveria enfrentar era tão dolorosa quanto a verdadeira morte. "Era uma grande morte. Esse era o assunto da conversa das pessoas, pois bastavam apenas duas delas para começarem a comentar. A carne não deveria ser poupada em nenhum ponto. Muitos pensavam que minha aparência exterior era o resultado de um fracasso, mas não podiam perceber em que missão fracassara. Naquele tempo, inclusive minhas roupas eram suficientes para deixar minha família envergonhada, porque o Senhor me fez dar as melhores que tinha e guardar somente um terno.

"Nas duas primeiras semanas não tive vitória, pois quando ia para o trabalho a experiência era muitíssimo dolorosa. Alguns anos antes, durante o tempo em que caminhei ao lado de William Battery, quando as pessoas, ao passarem por nós, olhavam fixamente, eu costumava corar, pois jamais vira um homem como ele - nunca se barbeava, os cabelos sempre compridos, os sapatos desamarrados e, então, pensava: 'Fico vermelho de vergonha só de caminhar com ele. Imagine se tiver de tomar seu lugar!' Naquele tempo, achava que o Salvador tomara o lugar dele, pois morreria a morte dele e trouxera toda a desgraça sobre sua família terrena, enquanto eu me mostrava sensível e corado de vergonha simplesmente por andar com ele. Então, algo estranho passou por minha mente: 'Um dia você terá de andar assim'. Então, do mesmo modo que o Senhor me dissera tal coisa, agora me via obrigado a fazê-lo. Se, ao passar por certas pessoas, eu apenas ficasse corado, ele me fazia percorrer o mesmo caminho novamente. Ele me vigiava em todos os pontos, até que me tornei tão insensível como se realmente fosse uma Pessoa morta. Somente o valor de uma alma perdida é que me Permitiu realizar tal façanha."

A desaprovação a ele vinha não apenas do mundo; pois grande parte dela vinha das pessoas religiosas. Achavam que ele estava indo longe demais e haviam profetizado essa queda, que acabara de chegar. Era a experiência do Salmo 69.8: "Tornei-me estranho a meus irmãos e desconhecido aos filhos de minha mãe". E o motivo é dado no versículo seguinte: "Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim". Somente algumas pessoas do círculo mais íntimo sabiam que era por livre escolha que

ele tomara esse caminho da intercessão, e que o Espírito Santo o estava fazendo trilhar aquele mesmo caminho de vergonha, para o qual tantos se desviam em razão do pecado. O mundo achava que ele era "como os monges, ou que alguma idéia tola lhe ocorreria", ou que era o efeito do fracasso e perdera o juízo.

Só podemos imaginar o que isso significava para a Srta. Elizabeth Jones, que permaneceu sua companheira espiritual, bem próxima, embora eles tivessem entregado a Deus a esperança de casamento. Certa ocasião, quando marcaram um encontro e ela não pôde chegar a tempo, o Sr. Howells pensou que ela, por fim, falhara, pois já não suportava mais ser vista com ele, com seu cabelo longo e desgrenhado e sua barba comprida. Ela, porém, não falhou nem uma vez sequer, pois permaneceu firme com ele até ao fim.

Contudo, se no começo o mundo o afetava, no fim era ele que afetava o mundo, pois as pessoas sentiam a presença de Deus quando ele estava por perto e faziam questão de dizer isso. Mesmo aqueles que não tinham fé religiosa tiravam o chapéu ao passarem por ele nas ruas; e um velho costumava dizer ao povo:

"Anotem minhas palavras: aí vai um João Batista moderno."

Uma evidência do efeito que ele teve sobre a cidade, foi observada mais tarde, quando um homem que não sabia seu nome simplesmente perguntou ao bilheteiro da estação onde morava "o homem que tinha o Espírito Santo", e foi encaminhado ao Sr. Howells.

Ele mesmo falou a respeito dessa prova:

"Em duas semanas alcancei a vitória e morri para a influência do mundo. Foi como Paulo disse: 'Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação' (2 Co 4.17). Oh, a glória daquela vida interior! As três horas vespertinas foram um tempo passado em glória; pois eram momentos em que a Palavra era iluminada pelo Espírito Santo.

"Que paz perfeita o Espírito me concedeu e que amor por uma alma perdida! Até aquela época, sempre tive medo das buscas do Espírito Santo. Isso porque eu temia as novas posições de 'permanência', pois sabia que não poderia recusá-las; e enquanto há o mínimo temor, não há liberdade perfeita. Se nunca foram provadas, as pessoas podem pensar que não têm medo. Eu achava que não teria medo nenhum de ir contra o mundo e suas opiniões, e que era uma coisa fácil estar morto para ele. No entanto essa foi a crença mais equivocada que já tive. Precisei ser libertado centímetro por centímetro; pois isso fazia parte do processo de santificação, quando a natureza humana e todas as suas luxúrias têm de ser trocadas pela natureza divina (Rm 6.6; 2 Pe 1.4). Diariamente, eu diminuía e o Senhor crescia. Além de tudo isso, era o terceiro céu com suas visões eternas!"

Depois de andar seis meses como nazireu, o Senhor lhe deu a certeza de que a intercessão fora conquistada e que ele já conquistara aquela maravilhosa liberdade na presença de Deus. Ele foi direto à sua mãe e disse-lhe que estava livre, que poderia barbear-se: isso fez com que ela se rejubilasse tanto que a única coisa que conseguia dizer sem cessar era:

"Graças a Deus!"

Nos meses seguintes, em sua correspondência com o Sr. Gosset, houve inúmeras referências a essa certeza nas cartas de ambos. A única indicação imediata da resposta foi que o filho do Sr. Gosset mudou seu modo de vida, assinou o compromisso, deixou o exército e foi para o Canadá trabalhar na lavoura. O Sr. Howells recebeu a notícia do resultado completo dessa intercessão somente doze anos mais tarde. Chegou-lhe uma carta da Cidade do Cabo, do Sr. Edgar Faithfull, Secretário da Missão Geral da África, escrita a 3 de agosto de 1921, que dizia:

"Meu caro Sr. Howells,

"O senhor deve ter recebido a notícia da morte do Sr. John Gosset em 12 de março último. Depois de estar acamado por uma semana com pneumonia, suas últimas palavras foram: 'O Senhor veio'. O Sr. Pirouet recebeu essa notícia por intermédio de seu filho, Ralph Gosset, que continua seu relato para falar de sua própria conversão. (O senhor disse '*Diolch Iddo*'?) Um evangelista realizou algumas reuniões às quais ele e a esposa foram. O homem falou sobre o 'filho pródigo', e as palavras 'caindo em si' não saíram da mente e dos ouvidos de Gosset. No dia seguinte, quando estava arando a terra, elas o perseguiam. Poucos dias depois, ele e a esposa deram seu testemunho na reunião. Essa é uma grande notícia e sei que o senhor ficará contente ao ouvi-la. Creio que o senhor dispensou tempo à oração em favor dele há alguns anos e teve a certeza de que sua oração fora ouvida. Creio que Ralph Gosset trabalha na lavoura em algum lugar do Canadá."

A CURA DO TIO DICK

Ao completar a intercessão de seis meses em favor do Capitão Gosset, na Páscoa de 1910, Rees Howells ficou livre para voltar à vida normal. No entanto o Senhor lhe ofereceu para continuar num ministério anônimo por mais quatro meses, a fim de conquistar mais algumas posições de intercessão, uma delas em favor das viúvas da Índia, cujos sofrimentos eram muito grandes sob o sistema predominante. Conforme seu próprio relato, preferiu continuar a vida de anonimato, pois, conforme relatou:

"A comunhão que tive com o próprio Senhor ultrapassou toda a comunhão que tivera com os homens; como também ainda precisava concluir a leitura da Bíblia com o Espírito Santo. A coisa mais difícil em minha vida tornara-se a mais agradável." Então, o Senhor lhe mostrou que essas viúvas estavam vivendo com apenas um punhado de arroz por dia e lembrou-lhe a lei da intercessão, ou seja, que antes que pudesse interceder por elas, ele deveria viver como elas viviam. De modo que sua dieta deveria ser uma refeição a cada dois dias - mingau de aveia, "o que o diabo poderia chamar de alimento de porcos!" Ele deveria abandonar o pão, o chá e o açúcar, para tomar um bocadinho de leite a cada dois dias - tudo isso custava menos de um dólar por semana. O Senhor também lhe disse que deixasse o lar e fosse morar em um quarto de pensão, pois sua mãe não suportaria vê-lo passar os dias com tão pouco alimento. Sabia que antes que isso pudesse ser realizado, ele deveria chegar à posição da qual nunca desejou sair. Será que o Espírito Santo poderia alterar de tal modo seu paladar que o alimento que passaria a consumir agora seria tão satisfatório quanto o excelente alimento a que estava acostumado em sua própria casa?

"Que agonia em razão da fome que sentia!" disse ele mais tarde. "O Senhor não facilita as coisas para nós. Ele não nos transporta nas asas da águia, por assim dizer. A vitória é aquela que alcançamos depois de atravessar as trevas. Lembro-me do sentimento que tive no primeiro dia, quando não havia pão de espécie nenhuma. Teria dado qualquer coisa só por um pedaço. Quando tomamos o lugar de outrem, temos de tomar seus sofrimentos, pois temos de caminhar cada centímetro desse percurso.

"Quando chegava a hora de cada refeição, não havia nada para mim. A maravilha é que eu não a procurava e não cedi. Somente Ezequiel era meu amigo, e tudo o que podia dizer era: 'Como ele fez isso?' (Ez 4)."

Assim, não era possível pensar que a intercessão para o Sr. Howells significava meramente atos custosos de obediência. Com suas agonias, subia um contínuo clamor a Deus pelo alívio dos sofredores, cuja carga ele estava carregando.

Ele continuou assim por dez semanas, e demorou dez dias para obter a vitória. Ele viu que o problema do jejum é sujeitar o corpo ao Espírito.

"Cada jejum, quando realizado sob a orientação do Espírito Santo, significa que nosso corpo se torna mais preparado para levar as cargas."

Ele começava o dia às 5:00h da manhã, passava o dia todo sem nenhum alimento, dormia no chão, levantava-se de novo às 5:00h e passava outro dia sem alimento até às 5:00h da tarde.

"Eu continuaria assim todos os dias de minha vida a fim de libertar aquelas viúvas da Índia", disse ele.

E quando conseguiu a vitória, uma refeição de dois em dois dias era o mesmo que três refeições por dia.

"Eu sabia que estava conquistando uma vitória para o Senhor", disse ele, "pela qual ele podia libertar aquelas viúvas."

Um fato significativo foi que, com a independência da Índia e a nova constituição em 1949, houve pelo menos uma transformação oficial nas leis de herança, que beneficiava as viúvas e, assim, um novo dia, em relação à emancipação geral das mulheres, acabara de raiar. Quem sabe qual foi a contribuição desse período de intercessão para essa liberdade e, na verdade, para as portas abertas atualmente, em toda a Índia, para a divulgação do evangelho?

Nesse período de intercessão, as posições finais do jejum para o qual Deus o chamara foram: primeiro uma refeição a cada três dias e, depois, um jejum total de quinze dias. No sétimo dia desse jejum, ele disse o seguinte:

"Continuava feliz e não fui atingido por ele. No sétimo dia, sentia-me exatamente como no primeiro. Não esgotei em absoluto minhas forças e não sentia necessidade de alimento."

O Senhor, porém, lhe disse, a seguir, que a intercessão estava ganha e que o jejum poderia terminar, embora ele mesmo quisesse completá-lo.

Durante esses meses finais de intercessão, ocorreu um incidente que o Sr. Howells sempre considerou uma das maiores experiências de sua vida. Lá na Montanha Negra, seu Tio Dick, que era inválido, ainda morava em Pentwyn, o antigo lar dos avós. No dia de ano-novo, antes de ir visitá-lo, Rees Howells subiu as escadas correndo para seu quarto. Antes de sair, costumava pedir ao Senhor que o protegesse sob o sangue e que o levasse a quem quer que precisasse de sua ajuda. Naquela manhã, no entanto, de uma maneira totalmente inesperada, o Espírito Santo falou-lhe: "É da vontade do Pai restaurar seu tio". Parecia "bom demais para ser verdade e algo grande demais Para que eu pudesse acreditar" - que após esses trinta anos seu tio poderia andar de novo como os demais homens.

Quando chegou a Pentwyn, seu tio, que sempre aguardava ansioso sua visita semanal, fez-lhe a pergunta costumeira:

- Alguma novidade do Senhor?

- Sim! Respondeu o Sr. Howells, e é a seu respeito.
- A meu respeito! Disse com surpresa. Fiz alguma coisa errada?
- Não, mas o Senhor me disse que é da vontade dele curá-lo. Podemos até imaginar o efeito que essa notícia teve sobre ele quando a escutou. Tudo o que pôde dizer foi que deveria sair e consultar o Senhor a esse respeito. Depois de uns quinze minutos na pequena horta dos fundos, ele voltou com a face radiante.
- Realmente, disse ele, devo ser curado em quatro meses e meio, isso acontecerá em 15 de maio.

Se eles tivessem deixado o assunto indefinido e não se houvessem comprometido com uma data, teria sido muito mais fácil tornar a cura conhecida do público. Mas o ponto que o Espírito Santo acentuava era que a cura deveria constituir para eles uma realidade naquele momento como o seria para as outras pessoas depois que se tornasse um fato.

"'Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem' (Hb 11.1). Esse não era um caso de luta com a fé", disse o Sr. Howells, "mas de permanecer firme e ver a salvação do Senhor."

"Ganhara a intercessão na longa batalha de seis meses em favor da mulher tuberculosa, e ganhar uma vez significava ganhar a posição; ela poderia ser utilizada em qualquer outro caso que o Espírito Santo desejasse."

Assim, a grande notícia tornou-se conhecida naquela semana, e logo passou a ser a conversa da cidade. Muitos se compadeceram de seu tio e disseram que ele se deixara enganar. Alguns chegaram a perguntar por que quatro meses e meio, em vez de um mês ou, até mesmo, uma semana, ou, quem sabe, um dia. "Mas nós não entendíamos essas coisas, portanto não tentávamos explicá-las", disse o Sr. Howells. "As pessoas sempre perguntavam: 'Por quê?' A única coisa que poderíamos dizer era que 'os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas', e Deus dera aquela data."

Duas semanas depois, seu tio teve uma piora e ficou de cama durante um mês. O povo dizia que em vez de ficar restaurado, quando chegasse o dia, ele, na verdade, estaria na sepultura!

Embora estivesse muito mal, o Espírito Santo os advertiu para que não orassem. Se o fizessem, suas orações seriam orações de dúvida. Na verdade, o Senhor dissera a seu tio que em vez de orar durante aquelas dez horas por dia, que tratasse de se preparar para o trabalho público que exerceria depois da cura.

Duas semanas antes da data da cura, o Senhor disse ao Sr. Howells que ele deveria deixar a casa por alguns meses e, depois de contar isso a seu tio, não deveria visitá-lo novamente, a não ser depois da cura, porque não era da vontade de Deus que algum homem recebesse o louvor pelo fato. Quando ele desceu a Pentwyn, o tio, com a glória do Senhor em sua face, perguntou-lhe: "O Senhor lhe contou por que ele disse quatro meses e meio e 15 de maio? Será domingo de Pentecostes. E o Senhor está me curando em memória do Pentecostes. Ele me disse que serei curado às 5:00h da manhã e que devo caminhar até a capela e voltar (uma distância de cerca de cinco quilômetros) pela primeira vez em trinta anos!"

O Sr. Howells visitava o tio todas as semanas, mas como agora não deveria visitá-lo de novo, naturalmente, o primeiro pensamento que viria à mente de todos era que fugira e deixara o tio em dificuldades.

"Rimos o dia todo em face da grandeza do plano divino", disse ele, "e nossa nota dominante naquelas duas semanas continuou a ser: 'aquietai-vos e vede o livramento do Senhor'."

Na noite anterior ao domingo de Pentecostes, seu tio estava muito mal, como nunca estivera antes. Todas as noites, entre 1:00h e 2:00h da manhã, ele tinha de levantar-se, pois era incapaz de permanecer deitado. Teve de fazer o mesmo naquela manhã. Era o último ataque do inimigo que sussurrava: "Está tudo acabado. Você está se sentindo exatamente como em qualquer outra noite, mas só lhe restam três horas". Um minuto, no entanto, é longo o bastante para o Senhor. Ele voltou para a cama e caiu num sono profundo. A seguir, a única coisa que ouviu foi o relógio despertar às cinco horas, e ele percebeu que estava perfeitamente restaurado. Ele acordou a família, e houve uma reverência tão solene na casa, que ficaram com medo de se mover, pois reconheciam que Deus realmente realizara aquele portentoso ato naquele exato momento.

Quando chegou a hora de caminhar até a igreja, o diabo sugeriu que deveria levar uma bengala, caso necessitasse de um pequeno apoio, e ele teve de dizer: "Arreda-te de mim, Satanás!"

Ele chegou à igreja e, assim, tiveram "outro motivo para ações de graça naquele domingo de Ações de Graça". Pessoas de todas as partes do distrito vieram no dia seguinte para vê-lo, e o correspondente galês do *The Life o Faith* (A vida de fê), o Rev. Wynne Evans, escreveu um artigo naquele jornal sobre a cura maravilhosa.

O Sr. Howells convidara dois de seus amigos para percorrerem uma distância de quase dezesseis quilômetros para tomarem chá com ele naquele domingo de Pentecostes. Passaram pelo distrito de seu tio e, até mesmo, passaram pela capela onde ele esteve naquela manhã, porém não ouviram nenhuma notícia a respeito de sua cura. O Sr. Howells também não ouvira nem uma palavra sequer. Foi um dia de prova; e o único assunto à mesa de chá era: "Será que o Tio Dick foi curado?"

Embora seu melhor amigo não persistisse em sua crença, Deus manteve seu servo firme até às onze horas da noite de segunda-feira, quando alguns de seus amigos gritaram em baixo de sua janela:

"Foi maravilhoso ver seu tio na capela."

Eles pensavam que ele já soubesse tudo a respeito daquele acontecimento, pois mandaram avisá-lo no domingo, mas o mensageiro incumbido da notícia confiou-a a outro, e ela nunca chegou.

O comentário do Sr. Howells foi:

"Se eu tivesse duvidado, será que teria me rejubilado? O Senhor nunca dá o testemunho, a menos que creiamos; e se cremos, podemos aceitar a demora. Para mim havia algo maior do que a cura; era uma outra confirmação de que a posição de intercessão fora ganha e, portanto, poderia ser empregada em qualquer caso que Deus desejasse."

Seu tio foi nomeado como uma espécie de missionário honorário da cidade e, no decurso dos cinco anos seguintes, visitou, repetidas vezes, todas as casas no raio de cinco quilômetros de sua aldeia e abriu muitos pontos de reunião de oração. Ele caminhou vinte e nove quilômetros com seu sobrinho um dia e não ficou doente nem um dia sequer depois de sua cura, até que o Senhor o chamou ao lar, após dizer-lhe que seu trabalho aqui terminara.

UM CHAMADO PARA DEIXAR O EMPREGO

É difícil acreditar que durante esses três anos, todos de intenso conflito e muitos triunfos no Espírito, Rees Howells ainda estivesse trabalhando diariamente num dos serviços mais duros que um homem pode realizar - no interior da mina, cortando carvão. Sua vida não era reclusa, monástica, mas um andar no Espírito aqui no mundo, embora nunca do mundo. Durante a adaptação lá embaixo na mina - um período de dez a quinze minutos, em que os homens se acostumam à escuridão - se ele estava lá, nem uma palavra obscena saíria dos lábios de seus colegas de trabalho. A impressão que causara a muitos daqueles jovens companheiros na mina pode ser muito bem avaliada por um incidente que ocorreu uns dez anos mais tarde, quando ele retornou do campo da missão africana para Brynamman. Numa reunião lotada, em sua igreja natal, a fila da frente estava repleta com aqueles mesmos homens, muitos dos quais raramente se aproximavam de um lugar de adoração. Um jovem mineiro, o Sr. Tommy Howells, que se convertera recentemente, foi tocado de tal maneira pela realidade prática que viu naquela vida "cheia de fé e do Espírito Santo", que naquela reunião o coração de ambos se entrelaçaram como os de Jônatas e Davi. E então, durante os três anos que se seguiram, Tommy tornou-se seu devoto colaborador e parceiro de oração. Contudo agora tivera mais um chamado, o qual deveria liberar Rees ainda mais de suas antigas amarras. Ele saíra para fazer seu percurso favorito, na Montanha Negra, onde os momentos de silêncio eram muitas vezes a porta do céu para ele, e um dia o Senhor lhe falou: "Por dia, em suas sete horas de trabalho, você ganha um dólar por hora", disse ele, "mas você não precisa mais trabalhar para um senhor terreno. Gostaria de sair do emprego e dedicar essas sete horas diárias trabalhando para mim?" Rees Howells estava em cima de uma ponte de madeira que atravessa um riacho, e o Senhor lhe perguntou: "Quer dar-me sua palavra de que não irá atrás de outra pessoa em busca de ajuda para mantê-lo? Se aceitar, levante a mão e repita: 'Não receberei nem um fio de linha ou um cordão de sapato de ninguém, a menos que o Senhor me ordene'." Como Abraão tomou essa

decisão, quando se recusou a tomar os espólios de guerra que por direito eram seus, para que os homens não dissessem que a prosperidade dele era proveniente de fontes naturais, Deus pedia a seu servo que tomasse essa mesma posição pelo restante de sua vida. Assim, naquela ponte ele ergueu a mão e fez o voto solene, acrescentando:

"Creio que o Senhor é capaz de manter-me melhor do que aquela Companhia de Mineração."

Isso não significava uma posição de fé, porque o Sr. Howells há muito tempo cessara aquele ministério ativo na missão e entre os companheiros cristãos, o que poderia levar as pessoas a contribuir para esse trabalho. No momento em que ele fez esse voto, o Senhor lhe confirmou a realidade do fato dizendo-lhe: "Lembre-se disto: você nunca deve tomar uma refeição em casa sem pagar por ela, ou seus irmãos poderiam dizer que o estão sustentando". Não que sua família se importasse de ajudá-lo, mas o Senhor queria que ele entendesse que a vida real da fé significava receber tudo o que necessitava das mãos de Deus, para que estivesse capacitado a pagar seu sustento, enquanto empregava todas as suas horas para Deus, sem que fosse dependente de homem nenhum, principalmente de sua família. Uma vez mais sua obediência a Deus tinha de ser provada à custa de magoar sua mãe. Ela ficara tão contente, pois ele não mais precisava viver como um nazireu e parou de fazer outras coisas "estranhas". Certamente, agora ele levaria uma vida normal. Assim, quando ele contou a ela a nova ordem de Deus, a princípio ela não pôde acreditar. Foi um verdadeiro conflito, que durou alguns dias. Ela questionou

- O que seu pai dirá? Perguntou ela. Se você pagar, será como um pensionista, e não um filho.

Mas era um voto a Deus e, conforme disse, era mais fácil Deus mudar do que ele quebrar o voto.

- Se a senhora permitir que pague por minha alimentação, ficarei em casa, disse-lhe, mas, caso contrário, devo abandonar a casa esta tarde.

Realmente, ele teve de sair para tentar arranjar um alojamento, pois sua mãe não concordou que ele lhe pagasse uma mensalidade por sua estadia e por sua alimentação.

Então, o Senhor lhe deu um mês de férias, o qual poderia passar em adoração ao Amado de seu coração. Ele ficava o dia todo na montanha, onde nem sequer via a face de ninguém. Não foram dias de intercessão ou de carregar a carga, mas de comunhão viva, imerso na presença de Deus. Sempre se referiu àquele mês como um dos mais preciosos de sua vida.

Começou o mês com um centavo apenas no bolso, e o Senhor não lhe adicionou nada. Assim, quando subia a montanha nos primeiros dias, o diabo lhe dizia toda manhã: "Você ainda não recebeu sua resposta à oração". Então, numa manhã, quando ele transpunha o portão de ferro, onde deixava para trás as casas e os campos, o Senhor lhe disse: "No momento em que você fechar esse portão, não permita que o diabo lhe fale novamente. Você não precisará de dinheiro nenhum até ao dia em que puder pagar sua mãe".

"De modo que eu dei um golpe no inimigo", disse Rees, "e lhe disse que não faria nem uma única oração por dinheiro até o fim do mês. Nunca duvidei de

que as pessoas para as quais trabalhava pagassem meu salário aos sábados, portanto, por que duvidaria de Deus? Não fiz nem uma única oração novamente, mas vivi para adorar a meu Noivo celestial".

No último dia do mês, lá por volta do meio-dia, o Senhor lhe disse para descer a montanha e ir para casa. E tão logo ele chegou, o pai entrou para almoçar. A prova final sobre seu novo chamado a uma vida de fé chegara.

- O gerente disse que conservou seu cargo em aberto, e que você pode assumi-lo de novo se quiser fazê-lo, disse-lhe o pai.

- Que homem tolo, por que fez isso? Exclamou Rees.

- Mas se você não quer ganhar mais seu sustento, continuou o pai, quem vai mantê-lo?

- O senhor não concorda que, se estou trabalhando para Deus, ele pode me manter como aquele último empregador terreno me mantinha? Perguntou Rees.

- Mas será que pode citar outra pessoa que leve essa vida? Perguntou-lhe o pai.

- George Muller, respondeu Rees.

- Mas ele já morreu. Será que pode chamar de volta os mortos para ajudá-lo? retrucou seu pai prontamente.

- Bem, respondeu Rees, o senhor não acredita nas palavras do Salvador: 'Não leveis bolsa, nem alforje... porque digno é o trabalhador do seu salário'?

Essa citação pareceu convencer seu pai, que apenas acrescentou:

- Eu só lhe estava dando um recado.

Enquanto falava, o carteiro chegou com uma correspondência para Rees. Era do Sr. Gosset, oferecendo-lhe um posto na Missão da Cidade de Londres, em que dizia que ele teria um ordenado de quinhentos dólares por ano. Ele acrescentou as palavras: "Os que pregam o evangelho, que vivam do evangelho", e as sublinhou. Rees podia ver a mudança no rosto do pai. Ele estava simplesmente pensando: "Como ele é feliz; tudo gira em seu favor".

- Vê isso? Disse ele a Rees. Os que pregam o evangelho, que vivam do evangelho!

- Certamente, respondeu-lhe Rees, e aqueles que pregam a fé devem viver pela fé!

A vitória estava ganha. Seu pai explodiu numa gargalhada e, em meia hora, o Senhor lhe enviara a libertação da qual precisava. Foi um bom começo para os quarenta anos de oração e de provas incessantes do Pai-Nosso: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (Mt 6.11).

ILHA DA MADEIRA

Exatamente na ocasião em que o Tio Dick fora curado, um jovem chamado Joe Evans teve uma forte hemorragia pulmonar. Esse rapaz recebera uma bênção maravilhosa em uma das primeiras reuniões realizadas em casa e era um grande ajudador na obra. Os médicos ordenaram que ele fosse para um sanatório, e ele veio perguntar ao Sr. Howells se deveria ir. Depois de esperar em Deus alguns dias, para que sua opinião não pesasse na balança por seus desejos naturais, ele disse a Joe que observasse o conselho médico. Parecia um lapso de fé, mas Deus lhe ensinara que só entra em ação quando os recursos naturais falham. Por isso ele disse a Joe:

"Você estará perfeitamente seguro indo para o sanatório. Provavelmente, o Senhor queira mostrar que a medicina não pode realizar essa cura."

Ele ficou no sanatório por cinco meses e, quando saiu, sua temperatura ainda estava muito elevada e a tosse perniciososa não cedera. O médico não lhe deu nenhuma esperança, mas ordenou-lhe que comprasse uma tenda e vivesse lá na Montanha Negra.

"Faça o que o médico lhe determina", disse o Sr. Howells novamente, "e se isso falhar, você terá, então, a oportunidade de ser curado pelo Senhor".

Muitas vezes, quando o Sr. Howells o visitava na montanha, Joe lhe dizia, em tom de brincadeira:

"Depois de eu pregar uma vitória plena e você conquistar aquele lugar de intercessão, aqui estou em minha tenda como uma bandeira no topo desta montanha, para que todos vejam que não temos fé para curar!"

Na verdade, conforme disse o Sr. Howells:

"Se o Espírito Santo não me houvesse ensinado que só deveria fazer as orações que ele próprio determinasse, já estaria me dedicando ao caso de meu amigo há muito tempo. Era uma prova de que, embora o lugar de intercessão estivesse ganho, só poderia usá-lo quando guiado pelo Espírito."

Joe esteve na montanha por mais de dois meses, porém, como não apresentava melhoras, o médico disse-lhe que, possivelmente, ele não resistiria ao inverno, a menos que fosse para um clima tropical, como o do arquipélago da Madeira. Isso foi confirmado por um especialista de Swansea, mas quando o pai de Joe ouviu isso, ele se revoltou contra o médico. A família

era muito pobre, e ele culpou o médico porque abrira uma porta através da qual o filho de um rico poderia passar, mas seu filho, não.

Naquele mesmo dia, o Sr. Howells recebeu uma grande quantia de oferta!

"O que faria com aquele dinheiro", disse ele, "se eu conseguia viver com uns poucos trocados por dia"?

Mas "o motivo não estava muito longe. Era "exatamente como Deus sempre agia". Ali estava o dinheiro para Joe! Portanto, o Sr. Howells perguntou ao pai de Joe:

- Se o senhor fosse um homem bem de vida, mandaria seu filho para os trópicos?

- Creio que mandaria, respondeu ele.

- Bem, tenho o dinheiro e ele pode ir, disse Rees.

O homem não se conteve e chorou. A graça de Deus era algo que ele desconhecia, mas, como disse o Sr. Howells:

"Ele viu o amor de Deus dando-lhe a oportunidade de fazer algo para seu filho, como se fosse um homem rico. Pensei que tudo aquilo valia a pena se ao menos o alcançasse."

O problema seguinte era descobrir como Joe poderia ir para a Ilha da Madeira, pois, evidentemente, ele não tinha condições de viajar sozinho. O Sr. Howells não pensara em levá-lo, pois o Senhor já começara a lhe mostrar seus planos para o futuro. Mas, numa noite, ele não pôde dormir, e o Senhor falou-lhe. Perguntou-lhe quem iria cuidar de Joe e, depois, acrescentou: "Se você não vai com ele, não permita que ele vá na companhia de nenhuma outra pessoa. Você não deve pedir a ninguém que faça o que você mesmo pode fazer".

Foi uma prova completa. Ele sabia o que isso poderia significar. Ele lidara tanto com tuberculosos desde o primeiro caso, que essa moléstia lhe causara certa repugnância e horror. Além disso, naquele ano, houvera uma grande campanha contra a tuberculose, para mostrar os perigos do estreito contato com qualquer doente.

Antes de mencionar o fato a alguém, ele falou com a Srta. Jones. Ele lhe deixou claro o que essa viagem poderia ocasionar, pois, em três meses de contato direto com um doente, ele poderia voltar tuberculoso. O que ela tinha a dizer a respeito disso? Ela orou dois dias sobre o assunto e, depois, disse a ele que estava resolvido. O Senhor perguntou a ela: "Se Rees estivesse tuberculoso e outra pessoa não tivesse se oferecido para acompanhá-lo, você não aceitaria essa incumbência? E a Palavra não diz para fazer aos outros como queremos que eles façam a nós?" Diante disso, ela aceitou a idéia. Assim, no verão de 1910, Joe e ele partiram para a Ilha da Madeira. Ao chegarem, um missionário de Funchal, a quem o Sr. Howells levava uma carta de apresentação, foi encontrá-los. Ele notou, imediatamente, que o estado da moléstia estava bem adiantado e perguntou se eles tinham sido aconselhados a ir por mais de um médico. Depois, indagou qual o hotel que preferiam, o inglês, cuja diária era mais cara, ou o português, com diária mais acessível. O Senhor já dissera ao Sr. Howells que tomasse sua posição costumeira de "permanência" e usasse o dinheiro apenas em coisas essenciais. Portanto

decidiram ficar no hotel português. Para o Sr. Howells, "depois de viver com uma refeição a cada dois dias, tudo ali era de primeira classe", mas não seria por muito tempo. Joe não se adaptou à alimentação portuguesa e, no terceiro dia, ele estava enjoado. Assim, o Sr. Howells lhe disse para repousar tranquilamente, enquanto ele ia para o campo para passar algum tempo com o Senhor. Ali, o Senhor mostrou-lhe o que fazer. Ele tinha o direito de gastar uma certa quantia por dia, ou seja, o custo dos dois naquele hotel. Conforme a orientação recebida, ele colocou Joe no hotel inglês e passou a viver com o restante.

Quando o missionário ouviu isso, ele disse que era impossível dormir na Ilha da Madeira com o valor que estipulara por noite e, muito menos, viver com essa quantia. Ele, no entanto, tinha uma sugestão a fazer. O Sr. Howells poderia usar o Repouso dos Marinheiros, que ficava no porão da casa da missão. Ele podia ter-lhe oferecido um quarto na casa da missão, o que parecia ser a coisa mais bondosa a ser feita, mas Deus orientara essa oferta e o Senhor tinha uma finalidade especial para ela.

Esse Repouso dos Marinheiros era um edifício grande, com quarto para mais de doze pessoas, "mas fazia alguns meses que estava desocupado", disse o Sr. Howells, "exceto pelas criaturas que, nos trópicos, vivem em lugares desocupados; de modo que ele experimentou um pouco o que Faraó e seu povo suportaram nas terceira e quarta pragas no Egito"!

Não dormiu na primeira noite, devido aos combates externos e aos temores internos! As coisas chegaram a um clímax à hora do café da manhã, no dia seguinte. A pequena caixa de aveia Quaker, o pão e o queijo estavam sendo partilhados por outros além dele, e eles estavam muito ocupados com seu desjejum, quando Rees foi preparar o seu!

"Pensei que tinha o direito de reclamar como Pedro - acerca daquelas coisas repelentes - e, em pensamento, comecei a rejeitar o missionário".

Normalmente, não faria aquilo por nada. Cuidei da minha mente, mas esse sentimento começou a crescer em mim e descobri algo em mim que me impedia de amá-lo.

"Estava cansado e sentia como se não valesse a pena viver". Sentia-me mais como um homem carnal, do que como um homem em quem o Espírito Santo habita. Tive vontade de chorar, mas o Senhor me disse: 'Antes que você chore, quero falar com você. Por acaso, você não pregou sobre James Gilmour, que viveu na Mongólia com uma pequena quantia por dia? Você não pregou sobre Ezequiel e o modo como ele vivia?' Pedi ao Senhor que me perdoasse, mas ele me disse: 'Isso deve estar em você. Eu o trouxe à Ilha da Madeira, a este lugar, para mostrar-lhe a diferença entre o meu amor e o seu; e mostrar-lhe que existe algo em sua natureza do qual devo livrá-lo. O Salvador o amou quando você o tratava pior do que a maneira como o missionário está tratando você. Quando Jesus esteve na Terra, ele tinha uma posição que você não permite que ela seja igualada em sua vida - amar os outros que fazem algo contra você, amar as pessoas que dão as coisas de pequeno valor como se estivessem dando o melhor que têm'.

"Louvei a Deus por descobrir isso em mim. Deveria amar o missionário, não pelo que ele me dava, mas porque não poderia deixar de amá-lo. Pude ver que a raiz da natureza do Salvador era o amor, e se a raiz da minha natureza fosse o amor, nada que o missionário fizesse poderia me afetar. Vi isso num relance e caí de joelhos, para pedir ao Espírito Santo que não me tirasse daquele lugar até que eu tivesse alcançado a vitória. Imagine se tivesse continuado a agir como um cego e um tolo, pregando o Sermão do Monte com isso em minha natureza! Se alguma vez amei o Salvador, foi nessa ocasião. Eu o vi amando os que o mataram - e não há limites para esse amor.

"Saí para as colinas da Ilha da Madeira naquele dia e vi a beleza do Senhor e o adorei. Perdi de vista meu amigo e vivi com o Salvador que é perfeito e santo. Vi o que seria, quando eu conquistasse essa posição: o Espírito Santo em mim com um perfeito amor, o perfeito perdão e a perfeita misericórdia para com os outros. Você poderia até pensar que conquistaria essa posição em uma hora. Alguém poderia até dizer: 'Você poderia ter perdoado!' Sim, talvez uma imitação de perdão, mas a coisa voltaria novamente. Entretanto, nunca perdoamos realmente até que nos tornemos semelhantes ao Salvador e possamos perdoar como ele perdoou. Diversas vezes, pensei que isso fosse real e que já amava o missionário, até que o encontrava. Então meus outros sentimentos voltavam à tona!

"Mas, mudei em seis semanas, tanto quanto um ébrio muda quando vê o que o Salvador fez por ele. Mudei completamente. A que vida o Senhor me trouxe! Oh, aquele amor perfeito! A prova disso ocorreu quando me encontrei com o evangelista local no dia seguinte. Antes, não conversava muito comigo, mas nessa manhã ele perguntou-me:

"- Onde o senhor mora?

"- Na casa da missão, respondi.

"- Na casa da missão? Indagou surpreso.

"Eu disse para mim mesmo: 'Que grande hipócrita!', pois podia ver Satanás atuando por seu intermédio.

"- No Repouso dos Marinheiros? Continuou ele.

"- Sim, respondi simplesmente.

"- Lá em seu país vocês chamam isso de cristianismo, colocar alguém num lugar como àquele? perguntou cheio de ironia. (Meu Deus, imagine o que eu teria dito se ele fizesse essa pergunta alguns dias antes!)

"Respondi-lhe com outra pergunta:

"- O senhor paga pela luz elétrica e pela lavanderia?

"- Sim, replicou ele, e elas custam um bocado caro.

"- Pois bem, eu obtenho isso de graça. Isso é cristianismo.

"Isso foi o que aquele missionário fez por mim! Oh, a liberdade! Oh, a vitória! Depois disso, nunca vivi em nenhum outro lugar que estivesse mais cheio da presença de Deus do que o Repouso dos Marinheiros. Houve mais comunhão ali em uma hora do que todo o tempo no hotel com suas refeições deliciosas. Eu sabia a diferença entre eu viver sozinho no Repouso dos Marinheiros, e Deus vivendo ali comigo."

No entanto, depois de dois meses no hotel inglês, Joe não mostrava nenhum sinal de melhora. Um dia, sucumbiu completamente à aflição, pois ele achava que estava morrendo e sentiu saudade do lar e da velha pátria. Foi um momento difícil, e o Sr. Howells sentiu que deveria tomar uma atitude.

"Acha que o Senhor o trouxe aqui e permitiria que você morresse sem nos revelar a vontade dele?", perguntei-lhe e, logo em seguida, acrescentei: "Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus."

Quando se separaram, na parada onde o Sr. Howells pegava o trenzinho que o conduzia montanha abaixo, Joe desandou a chorar. Era difícil abandoná-lo naquela situação, pois o Sr. Howells tinha medo de que ele pudesse sofrer uma hemorragia à noite, e suas lágrimas o comoveram.

Mas, "quando entrei no trenzinho", disse ele, "ouvi aquela voz que conhecia tão bem como uma criança conhece a voz de seu pai. Ela dizia: 'De hoje a um mês Joe estará restabelecido'. A glória de Deus desceu sobre o trem. Sua presença foi tão marcante, que as pessoas se viraram, pois parecia que notaram algo diferente".

Chegando ao Repouso dos Marinheiros, ele sentou-se imediatamente e escreveu três cartas: uma para sua família, outra para o pai de Joe e uma outra para a Srta. Jones, dizendo que, em questão de um mês, eles estariam de volta. Naquele dia, "quando tudo da natureza e da medicina falhara", o Senhor mostrou-lhe que "uma lei mais elevada entraria em ação".

Na manhã seguinte, ele voltou ao Hotel Reid para revelar a notícia a Joe. Primeiro, com seu modo brincalhão, perguntou-lhe que perspectivas tinha para o futuro. Ao que Joe respondeu cheio de pesar:

"Nenhuma, exceto a sepultura."

Ele, no entanto, prometera não se lamuriar quando se mudou para o hotel inglês, de modo que estava resignado com a vontade de Deus! Então, o Sr. Howells lembrou-lhe da bondade de Deus para com ele, quando estava no sanatório, durante o tratamento ao ar livre na Montanha Negra e em Madeira, para depois acrescentar calmamente:

"Mas ele guardou o melhor vinho até agora; Deus vai curá-lo em um mês!"

As lágrimas começaram a verter.

"Era como uma fonte aberta", disse o Sr. Howells, "e elas verteram por dois ou três dias. Parecia bom demais crer que ele voltaria ao lar e reveria seus amigos. Ele disse que crera no caso do meu tio, mas crer no seu próprio caso era outro assunto. Contudo, em um dia ou dois, ele já compreendera realmente o que estava para acontecer."

O Sr. Howells encontrou-se com a esposa do missionário naquela noite e, como de costume, ela perguntou pelo amigo.

- Ele está muito mal, foi a resposta, porém o Senhor me disse que vai curá-lo em um mês.

Para ela, essa parecia uma afirmação incrível e, a seguir, exclamou:

- Como o senhor pode dizer tal coisa? Sabe que isso nunca poderia acontecer, principalmente quando ambos os pulmões praticamente não funcionam mais. Isso nunca aconteceu antes!

Rees replicou:

- Nunca aconteceu devido à descrença, mas o Senhor me disse que vai curar o Joe, e voltaremos para Gales em um mês.

Na manhã seguinte, ele encontrou-se com o missionário. Este ouvira a respeito da conversa que sua esposa tivera com Rees e lhe falou:

- Ouvi dizer que vão retornar dentro de um mês! Vocês vieram para passar o inverno, mas agora voltam no meio da estação com um tuberculoso. Não quer consultar um especialista?

O Sr. Howells respondeu:

- Certamente que sim, pois ainda tenho uma boa quantia e estou pronto a tentar tudo quanto à medicina pode fazer. Portanto farei qualquer coisa que o especialista determinar.

Ele explicou ao missionário que não tinha nenhum conflito com a medicina e que Deus não intervém com uma lei espiritual enquanto a lei natural não foi esgotada e, a seguir, perguntou-lhe:

- Se o especialista achar que esse caso é uma impossibilidade, o senhor acreditaria que foi Deus quem o curou?

O missionário, com lágrimas nos olhos, respondeu-lhe:

- Creio, pois jamais ouvi nada mais plausível.

O missionário espalhou essa notícia em todos os hotéis de Madeira. Ficou também muito surpreso com a referência à grande quantia de dinheiro que Rees possuía. Não pôde entender por que o Sr. Howells vivia no Repouso dos Marinheiros se ele possuía todo aquele dinheiro!

O especialista fez um exame completo em Joe e disse que ele se achava em condições precárias, pois estava a ponto de ter outra hemorragia. Ele disse ao Sr. Howells que não saísse de perto dele e que a melhor coisa a fazer seria voltar para casa.

"De modo que ambos ficamos satisfeitos que a lei da natureza chegara a um fim", comentou o Sr. Howells.

Quando a carta chegou a Brynamman, dizendo que Joe ficaria curado em um mês, sua mãe mostrou-a ao médico que, em primeiro lugar, aconselhara Joe a ir para um sanatório. Ele riu quando a leu e disse que era impossível, mas acrescentou que, se isso acontecesse, ele se tornaria crente no mesmo dia.

O Sr. Howells prometera ao especialista que ficaria perto de Joe, de modo que foi para o hotel, para ficar junto dele.

"Foi um mês de férias", disse ele, "porque esse caso não precisava de oração.

O Senhor dissera que ele seria curado, por isso confiamos na palavra dele e estávamos felizes como os pássaros. Muitos em Funchal vieram a tomar conhecimento do fato e estavam aguardando o resultado com bastante interesse.

Na semana anterior à cura, eles confirmaram suas passagens e fizeram todos os preparativos para partir. Rees Howells também lembrou a Joe que o Tio Dick fora informado a respeito do momento exato da cura e sugeriu que Joe se dirigisse ao Senhor para pedir-lhe o momento em que seria curado no sábado de manhã, de modo que ele também tivesse uma participação nesse acontecimento. Ele voltou rindo, dizendo que tinha dois horários: 3:00h da madrugada e 6:00h da manhã, porém ele sabia que o primeiro vinha do diabo,

porque era cedo demais e, assim, ficou com o segundo! Concordaram em enviar um telegrama ao pai de Joe no dia da cura.

"O dia anterior foi cheio de entusiasmo", disse Rees Howells. "Dissera a ele que viesse ao meu quarto às seis horas da manhã seguinte e me trouxesse a notícia. Quando nos despedimos à noite, ele disse:

"Estou muito nervoso só de pensar que esta será a última vez que irei para a cama com esta tuberculose em meu corpo."

"Quanto a mim, mal pude dormir à noite em razão do júbilo e da emoção, mas foi um momento solene, principalmente entre cinco e seis horas da manhã, aguardando que chegasse a hora esperada". Mas, às seis horas não houve sinal de Joe; por isso o chamei, mas ele veio com sua manta sobre a cabeça e sentou-se ao pé da minha cama com o rosto abatido, e disse:

"Não há mudança em mim; estou exatamente como estava ontem!"

"Imediatamente o Espírito Santo me disse: 'Vá enviar o telegrama!' Pedi a Joe que voltasse para seu quarto e orasse por mim. Ele não entendia por que devia fazer tal coisa, pois pensava que só ele precisava de oração! Então, dirigi-me ao Senhor e lhe perguntei qual a causa da demora. 'Se eu lhe disser que ele está restabelecido', disse ele, 'você enviará o telegrama? Se você aceitar a minha cura em face do que você pode ver e do que seu amigo diz, você terá ganho uma posição mais elevada do que no caso da cura de seu tio'. Esse era um ponto muito difícil, pois sabia o que significava enviar aquele telegrama para o lugar onde meu tio fora curado. Todos diriam que, se falhasse nesse caso, então a cura de meu tio não passara de pura sorte. Somente uma verdadeira fé em Deus poderia levar-me a fazer isso. O Senhor me trouxe à memória o caso do servo do centurião. Será que creia na Palavra de Deus apesar de as aparências não indicarem nada em especial? Depois de uma tremenda luta, que durou cerca de uma hora, acabei enviando aquele telegrama, fundamentado apenas na palavra de Deus e antes de que a cura verdadeira ocorresse. Fui ao telégrafo antes das oito horas daquela manhã e transmiti uma única palavra: *Vitória*. Depois que o telegrama fora expedido, verifiquei que minhas mãos gotejavam suor.

"O dia seguinte era domingo, e, ao meio-dia, ambos nos assentamos em frente ao hotel esperando pela hora do almoço, quando o Senhor desceu sobre Joe como uma chuva, e ele ficou curado ali mesmo". Ele me disse imediatamente e dançava de júbilo. Pediu-me para disputar uma corrida com ele, e corremos até que ele me ultrapassou. Ele estava como Elias* correndo diante de Acabe - parecia que toda a energia fora para suas pernas! Em nosso júbilo, passamos o dia de descanso disputando corridas! Era uma alegria indizível, não somente pela cura, mas pela vitória da fé. Nós dois comparecemos à reunião do missionário naquela tarde. Era o primeiro culto a que Joe comparecia num período de doze meses. A vitória foi extraordinária quando o missionário falou publicamente sobre aquela cura."

Dois dias depois partimos de Madeira para casa. Eles tiveram uma grande despedida do hotel, por parte de muitos a quem o Senhor abençoou, e o missionário e sua família promoveram uma grande reunião à hora da partida.

Chegaram em casa no sábado e, no dia seguinte, o médico foi à casa de Joe e lhe perguntou se ele não fazia nenhuma objeção em ser examinado. Joe aceitou prontamente e, após o exame, o médico disse:

"Maravilhoso, maravilhoso! Não encontro nele nenhum vestígio da moléstia."

Naquele domingo, o médico foi à capela pela primeira vez desde que chegara à cidade e, alguns meses mais tarde, quando um tuberculoso foi consultá-lo, ele lhe disse:

"Olhe aqui, no seu caso um médico nada pode fazer; vá e experimente o Senhor!"

O jovem olhou para ele, como se ele estivesse gracejando, mas ele repetiu:

"E isso mesmo que quero dizer, vá e experimente o Senhor!"

Após a cura, a realidade do caminho de intercessão que estava por trás dessa vitória foi provada da maneira mais extrema. Joe entrou para o ministério, para o qual já sentira o chamado; mas pouco tempo depois que voltaram da Ilha da Madeira, o Sr. Howells começou a escarrar sangue. Ele estava certo de que, por seu estreito contato com Joe, contraíra a doença, porém sua paz interior não foi perturbada, e ele não se lamentava pelo que fizera. Na verdade, passados alguns dias, verificou-se que o problema não era nada grave, mas ele provara em seu próprio coração que sua submissão fora real.

O CASAMENTO E A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

Logo depois de seu retorno da Ilha da Madeira, Rees Howells casou-se com Elizabeth Hannah Jones, que também era de Brynamman. O casamento realizou-se a 21 de dezembro de 1910. Eles se conheciam desde a infância. Após meses de intensa convicção, ela nascera de novo no avivamento galês. Mais tarde, ela passou a fazer parte do grupo de colaboradores na aldeia e, aos poucos, o Senhor os foi aproximando, até que eles se indagaram se não era da vontade de Deus que se casassem e constituíssem um lar para os mendigos. Logo depois, contudo, eles foram conduzidos a uma direção contrária - abrir mão do casamento, sem ter a menor idéia se algum dia ele seria realizado. Só agora, três anos mais tarde, veio-lhes a palavra do Senhor no sentido de que deveriam se unir no serviço dele. A Sra. Howells, totalmente uma com ele em sua perspectiva de vida, tornou-se para o marido a ajudadora que Deus lhe dera e uma colaboradora infalível, sempre compartilhando suas cargas no Espírito.

Eles receberam um belo donativo dos Estados Unidos para as despesas de casamento; parte dessa quantia eles gastaram comprando coisas essenciais e a outra parte guardaram para o dia do casamento. Contudo, uma semana antes da cerimônia, uma pessoa em grande necessidade foi ao Sr. Howells em busca de ajuda. Na vida de fé, ele sempre manteve o princípio: "O primeiro a necessitar, o primeiro a ser atendido". E a necessidade desse homem chegou uma semana antes da necessidade deles. Assim, ele lhe deu o dinheiro, pois tinha certeza de que o Senhor proveria.

Contudo, um dia antes do casamento, nada havia chegado.

"Falei ao Senhor", disse ele, "que se fosse qualquer outro dia, eu não me importaria, mas não poderíamos estar desprevenidos naquele dia, visto que havíamos convidado minha irmã e meu cunhado para nos acompanhar de manhã e devíamos apanhar o trem antes da primeira entrega do correio. Veio a noite, e eu não tinha nem um único centavo! Essa era uma ocasião típica, em que era possível duvidar do Senhor, mas ele nunca falhara. Assim, tarde

daquela noite chegou o livramento. Recebemos uma quantia valiosa! Era nosso começo juntos numa vida de fé!"

Poucos meses depois, ele foi para os Estados Unidos com um amigo e começou a pregar novamente. Ele visitou muitos velhos amigos, especialmente na cidade onde se convertera. Três meses depois ele voltou e, dentro de pouco tempo, o Espírito Santo revelou-lhe que ele deveria começar a freqüentar a capela novamente. Foi uma sensação estranha, pois passara muito tempo na missão, para, a seguir, levar uma vida anônima. Ele e a esposa não freqüentaram a capela por mais de cinco anos.

O ponto seguinte era: para qual igreja deveriam ir? Ele era membro da Igreja Congregacional, e ela era da Igreja Batista. Enquanto buscavam a orientação do Senhor, foram levados a uma pequena igreja congregacional que, naquela época, não tinha pastor.

Essa mudança foi mais desconcertante para os crentes do que sua vida no anonimato, porque depois do avivamento houve certa desavença entre aqueles que foram abençoados e as capelas. Muitos saíram e começaram o trabalho de missões. John, irmão mais velho de Rees, por exemplo, que sempre gozara da mais elevada estima em sua família, converteu-se no avivamento, quando era diácono em uma das igrejas, e foi, mais tarde, com alguns amigos, responsável pela construção do Salão do Evangelho em Brynamman, o qual ainda é um centro de evangelização na cidade.

À medida que o tempo passava, mais a distância entre as missões e as igrejas se ampliava, embora nas igrejas onde os pastores foram abençoados no avivamento, os convertidos permaneceram e ajudaram. Assim, quando souberam que Rees voltara à capela, a atitude foi considerada um retrocesso, especialmente porque aquela que ele começou a freqüentar ficava só a um pouco mais de um quilômetro da missão.

Desde a primeira vez que começou a tomar parte nas reuniões, houve um movimento do Espírito. Então, num domingo, quando se dirigia para o culto, Deus lhe disse que deveria entrar para o ministério! Ele foi direto para casa e disse à Sra. Howells:

"Sabia que você se casou com um ministro?"

Ele não falou nada sobre isso às outras pessoas. No entanto, numa noite, os presbíteros lhe perguntaram se ele gostaria de entrar para o ministério e, depois de uma assembléia da igreja, ele foi aceito e pregou seu primeiro sermão. Um chamado para o ministério significava treinamento, de modo que, junto com o irmão de sua esposa, ele começou a freqüentar o instituto teológico em Carmarthen.

"Naquela época" disse ele, "em minhas pregações, nunca toquei na intercessão ou na minha vida passada, da mesma forma que o Apóstolo não falou dos anos que passou na Arábia". Simplesmente, tive um chamado para pregar o evangelho e mantive-me fiel a esse propósito. Que privilégio estar no púlpito e, pelo poder do Espírito Santo, proclamar as inescrutáveis riquezas de Cristo!

"O Senhor permitiu que eu voltasse a viver uma vida extremamente natural. Sempre fui grato a ele por permitir-me o privilégio de pregar às multidões em

muitas capelas da cidade. Não há glória maior que esta, a de proclamar a cruz. Fui chamado a pregar mais sobre a vida eterna do que sobre a Pessoa do Espírito Santo, pois há muitos em nosso país que crêem na expiação e na ressurreição, mas que não têm certeza de terem passado da morte para a vida. "A partir do momento em que comecei a pregar, não houve mais conquista de lugar de intercessão, porque todas as minhas horas e todos os meus pensamentos estavam voltados para esse trabalho."

Ele era, porém, o mesmo Rees Howells. Um dia, em Carmarthen, ele e um colega de escola passaram por um mendigo sem agasalho, que tiritava de frio. Imediatamente, o Sr. Howells tirou seu sobretudo e o deu a ele.

Depois, no meio de tudo isso, Deus o chamou novamente. Ele e sua esposa tinham um encargo de oração em favor de alguns amigos missionários, o Sr. e a Sra. Stober, da Missão Evangélica de Angola, que estavam na África Ocidental. Sentiam que deveriam ajudá-los de alguma forma e, enquanto consultavam o Senhor a respeito, leram numa revista que eles tiveram uma filha, Edith. O Sr. Howells sabia que a África Ocidental não tinha um clima adequado e bom para as crianças, de modo que ele disse à esposa que essa seria uma oportunidade de ajudá-los, eles poderiam cuidar da garotinha enquanto os pais estavam na África.

Essa foi uma prova verdadeira; a Sra. Howells estaria presa ao lar, no entanto a criança nunca lhes pertenceria. Ela tomou a decisão.

"Se eles deram a vida pela África", disse ela, "darei a minha pela criança."

Escreveram sobre o assunto aos Stober, mas a resposta foi que voltariam logo e, então, poderiam considerar o problema.

"Encontrei-me com meu amigo Stober na Convenção de Llandrindod", disse o Sr. Howells. "Nos primeiros dias ele não tocou no assunto, e, somente quando me encaminhava para a reunião missionária foi que ele me falou o quanto estavam gratos pelo oferecimento que lhes fizemos". Eles, no entanto, não desejavam deixar a Edith naquela época.

"Assim, fui direto para a reunião e ali tive uma visão da África! A Sra. Albert Head falava em nome da Missão Geral da África do Sul e solicitava um casal que tomasse o lugar do Sr. e da Sra. Edgar Faithfull, pois ele se tornara o secretário nacional. Já ouvira muitas pessoas falarem sobre a necessidade do campo da missão, mas nunca 'vira' os pagãos em sua necessidade até aquela tarde. O Senhor me deu uma visão deles, e eles estavam diante de mim como ovelhas sem pastor."

Sábado, quando voltou para casa, falou com sua esposa, especialmente sobre o casal que precisavam para essa missão. Naquela noite eles oraram por esse casal e não conseguiram parar de orar por muito tempo. Quando pararam, não podiam dormir e, antes que amanhecesse, o Senhor disse: "Responderei à oração por intermédio de vocês. Eu os enviarei para lá".

"Foi a maior surpresa da nossa vida", disse o Sr. Howells. "Pensávamos que havíamos tido uma visão dos africanos a fim de incumbir-nos de orar para que algum outro fosse. No entanto, com o Senhor, só podemos empurrar os outros quando estamos dispostos a ser empurrados. Havia mil e um impedimentos, mas o Senhor não aceitaria desculpas: onde há vontade, há caminho."

O maior problema foi que tiveram um filho. Na ocasião em que se ofereceram para cuidar de Edith, eles não tinham filho.

"Havíamos dito que aqueles missionários deveriam entregar a filhinha e dedicar todo o seu tempo à obra", disse o Sr. Howells. "Contudo não passava pela nossa cabeça que estávamos preparando uma armadilha para nós mesmos; pois o que pensávamos que os outros deveriam fazer, agora éramos chamados a fazer!"

Meses antes do nascimento do filho deles, o Senhor lhes disse que dessem a ele o nome de Samuel. Não havia Samuel na família. Esse nome lhes fora dado da mesma maneira que o nome de João foi dado a Zacarias. Havia diversas semelhanças em sua vida com a vida daquele profeta: uma delas era que o nome da Sra. Howells era Hannah (Ana), e ela também deveria colocar o filho sobre o altar do sacrifício.

"Foi nossa primeira prova quanto ao chamado, e a maior", disse o Sr. Howells, que conta o fato com as próprias palavras: "O Salvador dissera: 'Quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim' (Mt 10.37), e nesse momento o Espírito Santo nos disse: 'Agora vocês devem me provar que amam as almas dos africanos, as quais devem viver para a eternidade, mais do que seu próprio filho'.

"Será que ele realmente quer dizer isso?" Pensei. Sim, queria, do mesmo modo como disse a Abraão que levasse seu único filho à montanha e o oferecesse em holocausto. Muitas vezes, pregara sobre Abraão oferecendo Isaque, e enfatizava as palavras: 'Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas' (Gn 22.2). Como, na verdade, não sabia o que aquilo significava para ele!

"Eu sabia o que era dar minha vida, mas dar a vida de outro era muito diferente, algo completamente distinto. Deus nos havia dado o nome de Samuel antes que ele nascesse, e sabia que o Senhor tinha um propósito para sua vida. E essa era nossa nova prova. Deus disse: 'Se vocês o derem, nunca mais podem reclamá-lo'; e, desde quando Samuel nasceu, essa idéia não nos ocorreu nem uma vez sequer. Devíamos entregá-lo tão realmente quanto Deus entregou seu próprio Filho, e Abraão entregara o seu. A menos que sua rendição seja real e à altura do padrão, você não agüentará chegar ao fim. Não era uma questão de deixar Samuel para trás, para depois voltarmos nossa atenção para ele. Nenhum pensamento acerca de Samuel deveria nos trazer de volta ao nosso país.

"Chegou a ocasião em que minha mulher deveria fazer um curso de treinamento bíblico; mas não sabíamos qual o lugar que o Senhor reservaria para o pequeno Samuel. Deixamos o assunto inteiramente nas mãos do Senhor; pois não ousaríamos interferir, uma vez que poderíamos nos enganar grandemente.

"Poucas semanas antes de nossa partida, fui procurado por meu tio, irmão daquele que fora curado. Sua esposa era diretora da escola rural na localidade onde moravam, em Garnant, perto de Ammanford. Ele perguntou-me se iríamos levar Samuel conosco. Disse-lhe que não.

"Para onde ele vai?" perguntou ele.

"Disse-lhe que não sabia.

"'Bem', disse ele, 'Samuel deve ficar conosco.'

Eles nunca o haviam visto, embora morassem a uma distância de cinco ou seis quilômetros, porém ele disse que algumas noites antes algo lhes sucedeu a respeito do menino, e eles queriam cuidar dele enquanto estivéssemos fora. Alguns dias depois, eles vieram vê-lo.

"Voltar para casa naquele dia e contar tudo isso à minha esposa era mais do que podia suportar. Embora o tivéssemos entregado em nosso coração, quando o Senhor realmente abriu uma porta para ele, era como esmigalhar o íntimo de alguém. Entretanto, antes que chegasse à nossa casa, alcancei vitória suficiente para dominar-me, pois de nada adiantaria demonstrar à minha esposa que estava desmoronando. Quando cheguei à casa, ela estava brincando com o menino. Pensei que nunca o vira como naquela noite e, por alguns instantes, não pude dar a notícia; mas adquiri coragem e contei a ela. A cena seguinte pode ser mais bem imaginada do que descrita. Deveríamos nos alegrar, porque, afinal, só tínhamos de passar por essa situação uma vez na vida. Aquela noite provamos que a África nos custaria algo de muito valor. Alcançamos a vitória aos poucos; o processo foi lento e doloroso. Como era uma intercessão, era preciso percorrer cada centímetro.

"Meus tios vieram conhecê-lo, mas nunca tinham visto uma criança como ele! Sem dúvida o Senhor lhes colocara no coração o amor de pai e de mãe para com o menino. A primeira coisa que fizeram foi convidar minha irmã para servir-lhe de ama, exatamente como Miriã e Moisés.

"Por fim, cheguei a manhã quando minha irmã veio buscá-lo. Acredito que na eternidade voltaremos os olhos para trás a fim de ver o que suportamos, dando ao Senhor o que tínhamos de melhor; pois sabíamos o que era dar dinheiro, saúde e muitas outras coisas, mas essa prova foi duríssima.

"O diabo não estava tranqüilo aquela manhã, pois disse-me que eu era o homem mais duro do mundo por abrir mão de meu filho. E o pior de tudo foi que penetrou nos sentimentos da minha esposa, quando preparava as roupas e os pertences do menino. A saída do nosso filho foi algo muito mais profundo do que só esvaziar a casa; pois, na verdade, isso esvaziara nosso coração também. Quando cheguei à casa naquela noite, perguntei à minha mulher:

"- Como passou o dia?

"Ela disse que foi ao jardim e chorou, ao meditar muito sobre um hino. Disse-me:

"- Cantei muitas vezes aquele hino que diz:

Quando tudo perante o Senhor estiver

E todo teu ser ele controlar

Só então hás de ver, que o Senhor tem poder.

Quando tudo deixares no altar.

"- E essa manhã tive de prová-lo. Mas, depois o Senhor me disse: 'Compare-o com o Calvário'.

"E, com aquelas palavras, ela alcançou vitória.

"Depois, ao orarmos juntos, o Senhor mostrou-me a recompensa. Ele nos disse: 'Por tudo quanto vocês me deram, há cem vezes mais'. Assim, vocês podem reivindicar dez mil almas na África', e acreditamos nisso."

Depois que o Sr. e a Sra. Howells partiram para a África, Samuel ficou e tornou-se filho do Sr. e da Sra. Rees tão completamente, que seu nome foi mudado para Samuel Rees. Ele cresceu com eles e mais tarde foi para a Universidade de Oxford, onde se formou. Aconteceu com ele exatamente o que acontecera com o Samuel do Antigo Testamento, pois foi separado para o Senhor e o serviu desde a sua mocidade. Ele aceitou a Cristo como seu Salvador aos doze anos. Seus pais adotivos queriam que estudasse medicina, ele, porém, sentia que o Senhor o chamara para o ministério. Depois de seu curso na universidade, ele voltou para junto de seu próprio pai, com o consentimento amoroso de seus pais de criação, embora o Sr. e a Sra. Howells nunca tivessem levantado um dedo para atraí-lo na direção deles. Fora Deus que o enviara de volta para eles.

Ele se tornou diretor assistente do instituto bíblico, do qual, desde que seu pai foi chamado ao lar, é diretor. E, novamente, passou a ser conhecido de todos pelo nome de Samuel Rees Howells. O Senhor cumpriu de modo tão perfeito as promessas feitas a seus pais, mesmo antes de seu nascimento, além de também honrar grandemente o sacrifício que seus pais fizeram ao entregá-lo, derramando sobre o menino tamanho amor e cuidado, algo que seus pais adotivos lhe deram em abundância.

PERMANECENDO NA FILA

Entrementes, o Sr. Howells escrevera ao Sr. Albert Head, na época presidente da Missão Geral da África do Sul e presidente das Convenções de Keswick e de Llandrindod, para se oferecer para o campo da missão. Contou-lhe sobre a cura de seu tio e a de Joe. Depois, recebeu uma carta do Sr. Head pedindo-lhe que fosse a Londres para um encontro com o conselho da missão e levasse Joe também.

Na manhã em que eles partiram para Londres, ele e a Sra. Howells tinham apenas uma pequena quantia em dinheiro, e ela precisava usá-la naquele mesmo dia. Mas, como de costume, seguiram a regra "o primeiro a necessitar, o primeiro a ser atendido". Como ele sairia antes que o correio chegasse, ele tinha direito sobre o dinheiro, mas consolou sua esposa dizendo-lhe que certamente viria mais pelo correio!

Joe e ele chegaram a Londres com pouquíssimo dinheiro e haviam comprado apenas a passagem de ida. O Sr. Howells encontrou-se com o conselho na noite seguinte, e ele e a Sra. Howells foram aceitos para o campo. O Sr. Head combinara uma reunião para ele no dia seguinte, quando deveria falar sobre a intercessão. O Senhor abençoou e, quando ele partiu no outro dia, enquanto o Sr. Head lhe dava um aperto de mão, disse-lhe:

"O Senhor me falou por seu intermédio. Nunca 'mantive' um missionário antes, porém o Senhor me disse para mantê-lo como meu missionário. Ninguém mais o sustentará e, enquanto o senhor estiver pregando na África, compartilharei a colheita!"

Antes de tomarem o trem de volta, almoçaram com alguns amigos e, quando já estavam de saída, alguém colocou um envelope na mão do Sr. Howells. Ao abri-lo em Paddington, havia ali uma oferta bem generosa, em notas novinhas em folha. Eles chegaram com quase nada, mas estavam saindo com uma grande quantia!

"O Senhor fez por nós o que fizera com a água que foi transformada em vinho", observou Joe, que rematou: "Ele acaba de mudar a cor!"

Realizaram uma reunião de louvor quando chegaram em casa, pois a Sra. Howells contou como a quantia que ela precisava chegou meia hora depois que eles saíram.

"Não há nada melhor no mundo para fortalecer nossa fé do que as provas!" foi o comentário do Sr. Howells.

Posteriormente, ambos foram para a Escócia, onde a Sra. Howells deveria fazer o treinamento de um ano na Missão da Fé. Pouco tempo depois, ele a deixou ali e foi para Londres fazer um curso médico de nove meses, no Instituto Livingstone. Aqui, novamente, houve muitas experiências de fé e de livramentos.

Seu grande amigo na escola, com quem mantinha íntima comunhão no Espírito, era o Sr. Harold St. John, da Irmandade, que, posteriormente, veio a ser bem conhecido e muito reconhecido como professor de Bíblia. Eles costumavam levantar-se às cinco horas da manhã e esperar em Deus, e batiam na parede que havia entre seus quartos para acordar um ao outro. Entrementes, a Sra. Howells tinha todas as suas necessidades supridas na Escócia, e o Sr. Howells nem uma vez sequer teve de mandar-lhe nada.

"Estávamos na escola da fé", disse ele, "e não há nada que se compare com o ter de ser libertado para manter você na posição de 'permanência': você nunca poderá realizar isso sem passar por essa experiência."

Certa ocasião, restavam-lhe poucos dias para conseguir uma determinada quantia em dinheiro, necessária para a admissão da Sra. Howells num curso de obstetrícia no City Road Hospital, motivo pelo qual viera a Londres. Havia um estudante, formado em Cambridge, que vivia dizendo abertamente que nunca recebera uma resposta direta, definida de nenhuma oração que já fizera. De modo que o Sr. Howells o convidou a juntar-se nessa oração pela determinada quantia. Ele nunca ouvira falar de orar por dinheiro desse modo e de esperar que este viesse. Deveriam orar por duas horas numa tarde, cada um em seu próprio quarto. Ao fim da oração, o jovem estava exausto! Nunca o tempo passara tão lentamente para ele. Conforme disse, essas duas horas foram como dois meses! O Sr. Howells não orou o período todo naquela tarde e, portanto, sugeriu que deveriam voltar a orar mais duas horas à noite.

"O quê?!" exclamou o amigo, "quatro meses de trabalho duro por essa quantia?!"

Contudo ele concordou em tentar de novo, caso o Sr. Howells achasse que isso poderia ser de alguma ajuda. Antes de terminar esse segundo período de oração, o Sr. Howells foi ao quarto do amigo e lhe disse:

- Não precisa orar mais, estou satisfeito.
- Conseguiu o dinheiro? Perguntou o amigo.
- Não, mas consegui a fé, e o dinheiro virá.

Naquela noite, mais tarde, eles estavam caminhando juntos, quando esse estudante parou repentinamente, encostou-se numa cerca e caiu na gargalhada.

- De que está rindo? Perguntou-lhe o Sr. Howells.
- Eu estava apenas pensando no sujeito que terá de doar essa quantia.

Ele tivera uma visão. Dois dias depois, o Sr. Howells recebeu esse valor. Que bênção, quando ele foi ao quarto do amigo e ergueu as cédulas para que ele as visse! Tornou-se realmente um hábito do Diretor da Faculdade convidar o Sr. Howells para o chá, sempre que havia visitantes especiais, e pedir-lhe que relatasse algumas de suas experiências de fé.

Algumas pessoas queriam saber por que o Sr. Howells estudava medicina, depois que o Senhor lhe concedera exemplos tão maravilhosos de cura. O fato era, porém, como já mencionado, que ele nunca se opôs à medicina. O princípio que descobrira numa vida de intercessão era de que "o limite do homem é a oportunidade de Deus", e, na maioria dos casos, obtiveram o milagre da cura quando a medicina falhara.

Ao comentar sobre esse ponto, o Sr. Howells disse que se recusou a dar remédio somente em um caso, quando Samuel nasceu e sua esposa ficou gravemente enferma. O Senhor lhe dissera que ela não deveria tomar nenhum medicamento.

"Que prova foi aquela!" disse ele. "Era uma luta de fé para mim e uma luta com a morte para ela. Nunca me abalei em minha posição. A única coisa que sabia era aquilo que o Senhor me *dissera*. Falei a ela: 'Você não tomará remédio e não morrerá'. Certa manhã, em nossa leitura, as palavras 'Tende fé em Deus' (Mc 11.22) apareceram do nosso lado em letras douradas. Cremos e, daquele momento em diante, ela começou a melhorar."

Com relação ao assunto de medicamentos e fé, o Sr. Howells disse:

"Falar a outras pessoas que não tomem remédio, quando não temos certeza de nossa orientação, é uma verdadeira tragédia se elas morrem. Contudo sei de casos em que as pessoas foram orientadas a não tomar remédio e alcançaram uma vitória para a vida toda. Uma dessas pessoas foi Lorde Radstock, que me citou muitos casos de como o Senhor honrara sua fé. Uma outra foi A. B. Simpson, o fundador da Aliança Cristã e Missionária, que provou, repetidas vezes, haver cura no Sangue. Em casos de dar remédio, depende totalmente da orientação. Assim, se o Espírito Santo leva uma pessoa a não tomar nenhum medicamento, certamente ele providenciará a cura.

"Minha mulher e eu fomos orientados a realizar o curso de enfermagem e de medicina, e a prova foi que o Senhor teve de responder à oração para que pudéssemos fazê-lo". Depois que terminamos nosso treinamento em Edimburgo e Londres, o Senhor abriu-me o caminho para trabalhar com um médico, auxiliando-o por seis meses, e minha mulher foi fazer um curso de obstetrícia. Ambos os cursos nos foram muito úteis no campo missionário." Cerca de uma semana antes de embarcarem, eles receberam dinheiro da missão para pagar suas despesas até Londres, porém precisavam comprar mais algumas coisas. Desse modo, uma vez mais aplicamos a regra - "o primeiro a necessitar, o primeiro a ser atendido".

"Sempre temos uma tendência a guardar dinheiro, para que seja possível evitar as provas de Deus", disse o Sr. Howells, "e, dessa vez, tentamos fazer o melhor a nosso alcance! De qualquer maneira, tínhamos de gastar o dinheiro, e todas as pessoas do lugar pensavam que estávamos bem supridos. E realmente estávamos até aquela semana, e pensávamos que o dinheiro, por

certo, viria no dia anterior à nossa partida para Londres. Contudo a última entrega do correio chegou e nada de dinheiro. Nosso trem, no entanto, partiria antes do correio da manhã seguinte. Pensávamos que seria muito difícil dizer adeus a meu tio e a minha tia, assim como ao pequeno Samuel, mas o peso pelo dinheiro da passagem tornava a separação um pouco mais fácil! Com o Senhor, as coisas são muitas vezes assim: quando temos algo muito difícil para fazer, ele nos sobrecarrega de outro modo, para tornar a primeira mais fácil.

“Na manhã seguinte, a separação de nossos pais não foi tão difícil, porque tínhamos de caminhar até a estação sem dinheiro”! Estávamos certos de que este chegaria à plataforma da estação, mas isso não aconteceu. Até que chegou a hora da partida do trem. O que deveríamos fazer? Só havia uma coisa possível. Ainda tínhamos alguns trocados e deveríamos ir até onde eles nos levassem. A seguir, nosso limite seria a oportunidade de Deus. Teríamos de fazer uma baldeação em Llanelly, a uns trinta e poucos quilômetros de nossa cidade, e esperar ali algumas horas. Assim, sem que ninguém o soubesse, compramos uma passagem até lá. Na estação de nossa cidade natal, havia muitas pessoas desejando-nos tudo de bom, mas, na verdade, precisávamos era de dinheiro para ir a Londres! Muitos também foram até Llanelly, cantando durante todo o trajeto. Meu pensamento era o seguinte: 'Cantaria melhor se tivesse o dinheiro!

"Saímos para tomar o café da manhã com alguns amigos em Llanelly e depois voltamos à estação ainda sem nossa provisão. E agora chegara a hora do trem. Então, o Espírito me disse: 'Se você tivesse dinheiro, o que faria?' Respondi-lhe: 'Ficaria na fila da bilheteria'. O Espírito retrucou: 'Bem, você não vive pregando que minhas promessas são iguais à moeda corrente? Portanto seria melhor que você fosse para a fila'. Assim, nada havia que eu pudesse fazer senão obedecer.

"Havia umas doze pessoas na minha frente. Elas iam passando pela bilheteria uma a uma. O diabo continuava a dizer-me: 'Agora restam poucas pessoas antes de você e, quando chegar a sua vez, você terá de dar o fora. Você pregou tanto sobre Moisés, que tinha o Mar Vermelho pela frente e os egípcios atrás, mas agora você é que está cercado!' Respondi: 'É verdade, cercado, mas, à semelhança de Moisés, serei gloriosamente libertado!'

"Quando havia apenas duas pessoas à minha frente, um homem saiu do meio do grupo que nos acompanhava até ali e disse: 'Lamento, mas não posso esperar mais; tenho de abrir minha loja'. Disse adeus e colocou algum dinheiro em minha mão! Foi muitíssimo glorioso, mas era apenas um antegozo do que o Senhor faria na África, se obedecêssemos. Depois que adquiri os bilhetes, as pessoas que vieram conosco até ao trem começaram a dar-nos presentes, mas o Senhor as deteve até que tivéssemos sido provados. Fomos cantando o caminho todo até Londres!"

A chegada deles, no dia seguinte, o Sr. Head os convidou para o café da manhã. Disse-lhes, então, que tinha uma alta quantia para eles, mas que resolvera não mandar o dinheiro pelo correio.

"Graças a Deus o Senhor não o mandou", disse o Sr. Howells, e acrescentou para si próprio: "Foi muito bom ter passado pela prova de esperar na fila, e não a trocaria por nada."

Compraram tudo de que precisavam, exceto três coisas: um relógio, uma caneta-tinteiro e uma capa de chuva para cada um. Nunca mencionaram essas coisas a ninguém, mas, à hora do café, o Sr. Head perguntou-lhes:

- Que tipo de relógio vocês têm?

Em seguida lhes disse que seu filho Alfred desejava dar um relógio a cada um deles. Depois ele perguntou:

- Estão preparados para as estações chuvosas na África? Conseguiram boas capas de chuva?

Quando lhe responderam que ainda não tinham capas de chuva, ele lhes disse que fossem comprar uma para cada um deles e escreveu num cartão um endereço, dizendo-lhes que essas capas eram por conta dele. Logo que escreveu o endereço, perguntou-lhes:

- Já viram esse tipo de caneta-tinteiro?

- Não, responderam. Então, ele completou:

- Cada um de vocês precisa de uma.

As três coisas que eles mencionaram ao Senhor, ele providenciou para eles!

O Sr. Head pediu-lhes que, no dia seguinte, viessem para o café da manhã e para as orações. Sugeriu que o Sr. Howells contasse aos criados um pouco de suas experiências de fé.

- O senhor tinha uma vida de fé, há algum tempo, não tinha? Perguntou ele.

- É verdade, e muito recentemente também, respondeu o Sr. Howells, que contou-lhes sobre o episódio em que ficou na fila.

O Sr. Head mal podia respirar, esperando ouvir como ele se saíra dessa.

- Nunca ouvi coisa semelhante! Exclamou ele.

O Sr. Howells, no entanto, contou-lhe que ainda não terminara e que aquilo que acontecera em Corrie Lodge no dia anterior, naquela mesma sala, era ainda melhor. Assim, narrou-lhes a história dos relógios, das capas de chuva e das canetas-tinteiro.

- Prefiro isso a muito dinheiro, disse o Sr. Head, saber que o Senhor pode orientar-me desse modo em minhas contribuições.

Assim, deixaram a Inglaterra a 10 de julho de 1915, depois de uma gloriosa vitória, sabendo que Aquele que os chamara para essa vida era capaz de livrá-los em todas as circunstâncias.

OS AVIVAMENTOS NA ÁFRICA

A Missão Geral da África do Sul fora fundada em 1889, para levar o evangelho a muitas regiões não-evangelizadas da África do Sul. O primeiro presidente da Missão foi o Rev. Andrew Murray. Quando o Sr. e a Sra. Howells se filiaram a ela, a missão tinha cento e setenta obreiros europeus e africanos em vinte e cinco postos missionários. Essa missão abrangia uma vasta região - a norte, até a fronteira do Congo Belga; e a leste e oeste, até as áreas ainda não atingidas dos territórios portugueses de Angola e de Moçambique, respectivamente. Os Howells foram enviados para o posto da missão de Rusitu na Gazaland, próximo à fronteira da África Oriental Portuguesa. Eles se juntaram ao Sr. e à Sra. Hatch, que trabalharam ali por diversos anos e que, com os outros que os precederam, lançaram um alicerce firme, assim como pagaram um preço elevado para levar o evangelho àquela gente.

O Sr. e a Sra. Hatch estudaram, não fazia muito tempo, o assunto da segunda vinda do Senhor, dedicando tempo à Palavra de Deus e à oração, pois ansiavam por uma bênção mais profunda em sua própria alma, para que a bênção mais plena pudesse descer sobre seu povo. Quando, pois, os Howells chegaram, o coração daquele povo já havia sido preparado para uma obra do Espírito Santo.

No campo missionário, a coisa mais natural para os recém-chegados é passar um período de tempo considerável estudando a língua, aclimatando-se e familiarizando-se com a vida em um novo país. Mas o povo já sabia que o Sr. e a Sra. Howells vinham da terra onde houve um avivamento e, sem rodeios, perguntaram-lhes se haviam trazido aquela bênção com eles. O Sr. Howells disse-lhes que a Fonte de todo avivamento é o Espírito Santo. E que este poderia fazer entre eles o que fizera em Gales. Pediram-lhe que pregasse sobre o assunto. Tudo isso, evidentemente, por meio de um intérprete. Não

havia uma palavra para traduzir avivamento para o idioma deles, de maneira que ele lhes falou sobre Pentecostes: que foi Deus quem desceu naquele dia, para atuar sobre o coração de homens e de mulheres, além de arrastar multidões para o Reino. Desse modo, o Senhor poderia fazer a mesma coisa com eles, se estivessem dispostos a se arrepender. Nas reuniões que o Sr. Howells dirigia, ele continuou a falar-lhes sobre o avivamento e, em seis semanas, o Espírito começou a atuar nos cristãos. Na sexta-feira à noite, quando uns doze deles se reuniram na casa dos Howells, a Sra. Howells ensinou-lhes o corinho: "Senhor, manda um avivamento e que ele comece em mim". O Espírito estava sobre eles enquanto cantavam. Assim, continuaram o cântico nos dias seguintes em seus jardins e onde quer que estivessem. Enquanto o Sr. Howells os ouvia, reconheceu um som que ouvira no avivamento galês.

"Você o conhece quando o ouve", disse ele, "mas não pode produzi-lo. E, na quinta-feira seguinte, eu também estava cantando aquele corinho. Havia algo nele que mudava a gente e nos trazia para a quietude de Deus."

Naquela noite, como faziam todas as quintas-feiras, os quatro missionários se reuniram para a leitura da Bíblia e para a oração. Enquanto estavam de joelhos, o Senhor falou ao Sr. Howells, dizendo-lhe que a oração deles fora ouvida e que o avivamento viria. Ele pediu a todos que se levantassem, pois não havia mais necessidade de oração: o Espírito Santo desceria para conceder um Pentecostes naquela região.

Tão grande era o poder da Palavra de Deus que, depois disso, esperavam o acontecimento a todo instante. A cada batida à porta, estavam certos de que alguém lhes viria dizer que o Espírito Santo viera. Aguardaram durante dois dias e, no domingo, o Espírito Santo veio. Temos o relato do próprio Sr. Howells a respeito dos dias que se seguiram:

"Naquele domingo, um 10 de outubro - o dia do meu aniversário - enquanto pregava de manhã, pudemos sentir o Espírito vindo sobre a congregação. Ao entardecer ele veio. Jamais me esqueci disso. Ele veio a uma jovem, de nome Kufase, que jejuara por três dias, pois tinha uma convicção: não estava pronta para a vinda do Senhor. Enquanto orava, desandou a chorar e, em cinco minutos, toda a congregação clamava a Deus. O poder desceu como um relâmpago e um trovão. Nunca vira tal coisa, nem mesmo no avivamento galês. Escutara a respeito de apenas um fenômeno como esse, algo que acontecera com Finney e outros. O céu abriu-se e não havia espaço para conter as bênçãos.

"Perdi-me no Espírito e orei tanto quanto eles. Tudo o que conseguia dizer era: 'Ele veio!' Continuamos até tarde da noite; pois não conseguíamos parar a reunião. O que o Senhor me dissera antes de ir para a África estava acontecendo, e apenas seis semanas após nossa chegada. Não é possível descrever essas reuniões quando o Espírito Santo desce. Nunca me esqueci do som no distrito naquela noite - orações em cada *Kraal**.

"No dia seguinte o Espírito se manifestou de novo e as pessoas ficaram de joelhos até às 6 horas da tarde. Isso continuou por seis dias e as pessoas começaram a confessar seus pecados e a ficar livres à medida que o Espírito

Santo lhes concedia vitória. Elas obtiveram o perdão de seus pecados e se encontraram com o Salvador de um modo como só o Espírito Santo pode revelá-lo. Todos os que se aproximavam, ficavam sob a influência do Espírito. As pessoas se levantavam para dar testemunhos e era comum ver umas vinte e cinco de pé ao mesmo tempo.

* *Kraal* é uma aldeia fortificada dos indígenas da África do Sul. (N. do T.)

"Ao fim de uma semana, quase todos haviam alcançado a vitória. Tivemos duas reuniões de avivamento todos os dias durante quinze meses, sem uma única interrupção, e reuniões o dia todo às sextas-feiras. Centenas se converteram, mas estávamos aguardando com ansiedade mais conversões - os dez mil que o Senhor nos dissera que tínhamos direito de exigir."

Quando a notícia desse irrompimento do Espírito chegou à Inglaterra, e foi divulgada pelos postos missionários da vizinhança, a Sra. Bessie Porter Head, esposa do Sr. Albert Head, publicou dois livretes. Intitulavam-se *Advance in Gazaland* (Progresso em Gazaland) e *Retrospect and Revival in Gazaland* (Retrospecto e avivamento em Gazaland).*

A Sra. Head começou apresentando alguns dados sobre a fundação do posto missionário de Rusitu, em 1897. Diversos pioneiros, principalmente no início, deram à vida na fundação desse trabalho, inclusive a primeira esposa do Sr. Hatch. Eles semearam por muitos anos e, conforme disse a Sra. Head, depois que o Sr. e a Sra. Howells chegaram, a bênção começou:

"Os dois primeiros (o Sr. e a Sra. Hatch) labutaram por muitos anos ali, estiveram verdadeiramente 'semear com lágrimas' - com paciência e com oração - a semente da vida. Agora, os dois últimos (o Sr. e a Sra. Howells) os estão ajudando a 'ceifar com júbilo' uma grande colheita, a qual está sendo recolhida pelo poder do Espírito Santo para a glória de Deus."

Depois de descrever a poderosa ação do Espírito naquele primeiro domingo, ela continua seu relato:

"As reuniões duravam do amanhecer até ao pôr-do-sol, com um breve intervalo apenas". Ali, o povo chorava e confessava seus pecados, de maneira que os missionários não conseguiam dizer nem uma palavra sequer, a não ser simplesmente chorar com eles e orar por eles. Às vezes, todos, de joelhos, confessavam ao mesmo tempo seus pecados em grande agonia de alma e, a seguir, um ou outro 'ficaria livre' e começaria a cantar de júbilo. Isso acontecia dia após dia, de domingo até quinta-feira, quando o Espírito realizava um poderoso trabalho ao convencer as almas e ao levar às confissões como nenhuma ação humana conseguiria extrair delas...

"Ouvindo falar da obra de Deus de uma maneira tão maravilhosa em Rusitu, o Posto da Missão da Junta Norte-Americana (cerca de uns sessenta quilômetros ao sul) enviou um convite ao Sr. Hatch e ao Sr. Howells para visitarem o Monte Silinda"... Este é um grande posto missionário, com um corpo de médicos, um ministro, professoras, etc.

"Na primeira reunião, às 9 horas da manhã, em uma quinta-feira, o edifício estava apinhado de gente, e os missionários contaram como aquela bênção viera a Rusitu e quais foram as condições da bênção. Depois de dois ou três desses cristãos de Rusitu darem seu testemunho, as multidões começaram a

clamar por misericórdia e a confessar seus pecados. O número de pessoas era tão grande que foi impossível ajudar a todas elas, embora a reunião durasse até à uma hora da tarde naquele dia. Todos se reuniram novamente às duas horas e houve um momento maravilhoso, pois os homens que retiveram algo na reunião matutina vinham à frente para confessar seus pecados e choraram copiosamente - professores, evangelistas, estudantes, todos oravam e confessavam - e isso continuou sem nenhuma confusão, sob o controle do Espírito, até ao pôr-do-sol...

"Conforme dito anteriormente, ninguém, a não ser o Espírito Santo, poderia fazer as pessoas confessarem os pecados que as sobrecarregavam". Por exemplo, um homem alto se pôs de pé e relatou com voz embargada a seguinte história. Em uma das guerras entre os nativos, os jovens se vangloriavam de como matavam as mulheres e de outros crimes, de modo que esse homem matou uma mocinha a sangue frio. Depois, ele se tornou cristão e parecia que ela estava constantemente diante dele, como que a perguntar por que ele a matara. Como cristão comum, pensara que esse era um pecado grande demais para confessar e somente o poder do Espírito Santo o levou à confissão. Chorava sem parar e disse que era o maior de todos os pecadores. Por horas, ficou em agonia de alma. Que cena, porém, quando ele ficou livre! Ele só conseguia dizer:

"Obrigado, Senhor Jesus."

Começou a dar seu testemunho e disse que durante anos não soube o que era paz. A seguir, voltava a dizer:

"Obrigado, Senhor Jesus!"

"Naquele dia, cerca de cem almas alcançaram livramento completo e vitória plena". No sábado seguinte, muitos outros alcançaram a nova vida de paz e de submissão e, em vez de agonia de alma, a maioria louvava e cantava de júbilo. No domingo, mais de duzentos conquistaram a liberdade e nem foi necessário que os missionários falassem, pois quatro ou cinco se levantavam por vez, cada um deles aguardando sua oportunidade de dar testemunho...

"Talvez a perspectiva mais abençoada para a região seja que Deus se encontrou poderosamente com vinte moços e moças e os encheu do Espírito Santo". Esse grupo, algumas semanas antes, oferecera-se ao Senhor para a obra evangelizadora na África Oriental Portuguesa...

"Enquanto esse breve relato da obra de Deus vai para a tipografia, outras boas novas nos chegam às mãos acerca do contínuo derramamento do Espírito de Deus nessa região"... de Gazaland. Durante a breve visita dos Srs. Hatch e Howells a Melsetter, o poder do Espírito se manifestou de forma tão poderosa nas reuniões, que brancos e negros, igualmente, ficaram profundamente convictos e muitas vidas se renderam totalmente a Deus... As fazendas localizadas na estrada que vai a Melsetter foram visitadas, e seis holandeses e ingleses se converteram, além de quatro outros que, apesar de já serem cristãos, renderam-se plenamente a Deus...

"Será que esses fatos não são, na verdade, um grande encorajamento para todos nós, a fim de que 'continuemos em incessante oração', pois Deus

continuará a mostrar-nos suas 'coisas mais importantes', não somente em Gazaland, mas por toda a África do Sul? As pequenas chamas que já estão acesas em diferentes centros podem, por meio de nossas orações, se transformar em poderosas labaredas..."

Agora, a Sra. Howells é quem continua o relato:

"Após quinze meses, o escritório central da M.G.A.S. (Missão Geral da África do Sul), na Cidade do Cabo, enviou um pedido a todos os postos da missão, para que os missionários e os africanos dedicassem meia hora à oração, todas as manhãs, das 7:00h às 7:30h, especialmente para que todos os postos pudessem receber as mesmas bênçãos que experimentáramos em Rusitu. Rees costumava ir a uma pequena casa de verão, para esse período especial de meia hora de oração.

"Numa segunda-feira de manhã, mais ou menos um mês depois de começar a orar, vi Rees entrando em casa, mas saíra havia apenas um quarto de hora, e pude ver em seu rosto que algo maravilhoso lhe acontecera". Ele disse: "“Estava rogando fundamentado na Palavra, Malaquias 3.10, e vi o Espírito Santo descendo”. Ele me apareceu. Vi-o descendo sobre todos os postos da missão'.

"E a glória de Deus foi tanta, que estava fora de si. Ele não pôde ficar no posto, mas teve de subir a montanha. Não pôde se aquietar e, por um dia inteiro, caminhou quilômetros pela montanha gritando louvores a Deus. Acompanhei-o até que me cansei tanto, que não conseguia mais ouvir suas palavras! Ele permaneceu a semana toda naquele estado de graça - uma glória tão grande a ponto de ser quase insuportável."

O Sr. Howells não achava que ele seria o escolhido para percorrer os postos, até que, um mês mais tarde, receberam um convite para uma conferência em Durban, à qual todos os missionários que pudessem deixar seus postos deveriam estar presentes. Assim, pediram ao Sr. e à Sra. Howells que trouxessem roupa suficiente para seis meses, pois queriam que fizessem um circuito pelos postos missionários. O Sr. Howells esquivou-se de tal modo dessa responsabilidade de ser o único que Deus usaria, que disse que não poderia ir.

- Faz apenas dois anos que estou no campo, foi sua desculpa. Contudo o Sr. Middlemiss, superintendente na Cidade do Cabo, respondeu-lhe:

- O senhor é um homem que está sob a autoridade de Deus e deve vir!

Antes de sua partida para Durban, o Sr. Middlemiss escreveu o seguinte para o Sr. Howells:

"Sei que vocês não têm conta bancária (ele sabia que eles foram levados a dar 50% de seu salário para que pudessem continuar mantendo uma vida pessoal de fé), por isso faça o favor de telegrafar-me dizendo se têm o dinheiro para a passagem."

Contudo o Sr. Howells disse:

"Não, nunca telegrafarei. Vamos confiar no Senhor."

Ele considerava isso um bom meio de provar que o chamado era realmente do Senhor. A prova chegou pela última entrega do correio, antes que partissem às 6 horas da manhã no dia seguinte. Naquela correspondência havia uma carta

de um amigo dos Estados Unidos, que nunca lhes dera dinheiro antes, na qual enviava alguns dólares. Assim, começaram sua jornada de fé com plena segurança.

Havia quarenta e três missionários presentes à conferência. O Sr. Howells não esperava ter mais destaque do que qualquer outra pessoa, mas a bênção foi tão grande nas reuniões de abertura, que solicitaram que falasse todos os dias. Essas três semanas pareciam um avivamento. Algumas noites, as reuniões continuavam até as primeiras horas da manhã, e todos os missionários receberam uma bênção. Estavam tão cheios de júbilo que, inclusive, cantavam dentro dos bondes.

Ao término da conferência, todos os missionários, sem exceção, convidaram o Sr. Howells para visitar os postos da missão, confirmando desse modo a intimação que já recebera do Conselho na Cidade do Cabo. Todos voltaram, pois, para seus postos, a fim de orar e de preparar o terreno para a visita, na expectativa de que o Espírito Santo viria sobre cada posto missionário, como acontecera em Rúsitu.

O Sr. Howells continua o relato:

“Como poderia imaginar que haveria tantas pessoas salvas naqueles postos missionários, onde, em alguns casos, o terreno ainda era muito pedregoso”? O inimigo desafiou-me quanto a esse fato e me perguntou como poderia levar o avivamento de uma região para outra, cujas línguas eram distintas, além de estarem separadas por centenas de quilômetros. Não venci essa prova em um dia; pois houve batalhas duras, uma vez que os problemas eram tremendos. Contudo lembro-me de quando alcancei a vitória. Disse que não era necessário levar as pessoas, que receberam as bênçãos, de um posto missionário a outro, porque o Espírito Santo, o Autor do Pentecostes e a Fonte do avivamento, iria conosco.

“Em nossa jornada percorremos mais de 18.000 quilômetros e visitamos cinco países - Suazilândia, Pondolândia, Bomvanaland, Tembuland e Zululândia”. Passamos dois anos fora do nosso próprio posto missionário.

“No primeiro posto missionário, o primeiro dia foi muito difícil”. O missionário contou-nos a respeito do retrocesso da igreja local, relatando inclusive que alguns diáconos estavam causando dificuldades. Contudo, no terceiro dia, o Espírito se manifestou e varreu o local. Dois dos diáconos, que sempre se sentavam atrás, quando as pessoas começaram a confessar seus pecados e a alcançar grandes bênçãos, vieram a mim e me disseram:

"- Gostamos muito das reuniões, mas não apreciamos essa confissão de pecados. Quando ela começa, sentimos uma grande dor na nuca!

"- Exatamente, mas um dia ela descerá um pouco mais -até o coração de vocês! respondi-lhes.

"- Acha que temos de confessar? inquiriram.

"- Se pecaram contra Deus, a confissão é entre vocês e Deus; mas, se pecaram contra a igreja, devem confessar perante a igreja, respondi-lhes.

"Um desses diáconos chamava-se Jephthah. Ele foi orar e continuou em oração por uns três dias. Então, lá pela uma hora da madrugada, a esposa dele veio chamar-nos:

"Venham, por favor, o Jephthah está maluco de alegria! Diz que devemos tocar o sino e chamar todas as pessoas para uma reunião, mas disse-lhe que não poderia tocar o sino à esta hora da noite."

"A mãe dele, no entanto, saiu à procura das pessoas, chamou-as para se reunirem e, às 3 horas da madrugada, o templo estava repleto!

Jephthah estava cego, exatamente como o apóstolo Paulo. Desse modo, tiveram de conduzi-lo à igreja, onde confessou os pecados que vinha cometendo. Depois disso, muitos outros se converteram. Sua visão voltou alguns dias depois, e nós o levamos conosco por cerca de três meses. Quando dava testemunho, era sempre como tiros de uma pistola, pois um após o outro caía sob a convicção do Espírito. E ele nunca deixou de alcançar muitas vitórias.

"Na localidade seguinte havia uma escola com noventa e nove meninas. Elas ouviram falar que as pessoas estavam confessando seus pecados, por isso se reuniram e concordaram entre si mesmas que elas não confessariam seus pecados! Por conseguinte, as duas primeiras reuniões foram muito difíceis, mas, à meia-noite do segundo dia, um clamor subiu e não puderam mais resistir. Começaram a confessar, até que noventa e oito se converteram; a outra fugiu. Muitas começaram a orar por suas famílias, que nunca estiveram numa reunião.

"O local que visitei em seguida foi Betânia, onde morava a Rainha da Suazilândia. No primeiro dia, ficamos treze horas na capela, lidando o tempo todo com as almas. No terceiro dia, que poder havia ali! Não era a pregação, era o poder. Um africano orou:

"Senhor, dá-nos cem convertidos nos próximos três dias."

"Essas eram as ações do Espírito Santo.

"A Rainha de Suazilândia mandou chamar-me. Perguntou-me por que seu povo estava seguindo meu Deus. Disse-lhe que era porque encontraram o Deus vivo e receberam o perdão por seus pecados, assim como o dom da vida eterna. Disse-lhe que Deus tinha um Filho, e ele o deu para morrer por nós. Disse-lhe também que eu e minha mulher tínhamos um filho e o deixamos para podermos falar acerca de Deus para o povo da África. Ela ficou muito comovida ao ouvir que minha esposa e eu amávamos seu povo mais do que ao nosso próprio filho. Permitiu que fizéssemos uma reunião particular com os homens mais importantes de seu governo. Disse-me que não poderia olhar para ela, mas deveria falar como se estivesse conversando somente com eles! Mais tarde, na capela, o poder de Deus manifestou-se na reunião e, quando o provei, cinquenta se levantaram, inclusive a jovem rainha, a nora da rainha que reinava na época. O homem que orara por cem almas deu um salto e exclamou:

"Deus seja louvado pois respondeu à minha oração. Cinquenta almas - e a rainha, outros cinquenta! Temos nossas cem almas!"

"Contudo, antes que os três dias terminassem, cento e cinco aceitaram a Cristo.

"Algum tempo mais tarde, quando voltamos àquela comunidade, a velha rainha pediu para ter uma entrevista em particular conosco. Ela nos disse que

acabara de perder sua filha, que também se tornara cristã. Ela morreria em perfeita paz, confiando em Jesus. A rainha parecia muito comovida e acrescentou que ela também, em seu coração, aceitara o Salvador.

"Em Pondolândia, num posto missionário, numa Sexta-feira Santa, eu pregava sobre a crucificação, e o Espírito ressaltou estas palavras: 'Fora! Fora! Crucifica-o!' (Jo 19.15). Parecia que as pessoas viam o inferno aberto diante delas e, em massa, toda a congregação correu para a frente a fim de ficar em ordem com Deus. Temi que eles derrubassem o púlpito.

"Em outro local na Zululândia, onde estava pregando, um evangelista tinha convicção de que havia falta de poder para ganhar as almas. Ele saiu para o bosque e clamou a Deus a noite toda. No dia seguinte, aceitou o Espírito Santo. Ele obteve vitória de maneira muitíssimo gloriosa, e o resultado dessa unção foi tal, que não demorou muito tempo para que seu posto avançado se tornasse maior do que o posto principal."

De modo semelhante aos descritos acima, o Espírito Santo desceu sobre cada posto missionário e concedeu o avivamento, exatamente como o Senhor dissera que faria. Desse modo, cumpriu a promessa das dez mil almas. Em Johannesburgo, por exemplo, o Sr. Howells dirigiu grandes reuniões de avivamento durante vinte e um dias em uma das maiores igrejas, que ficava apinhada de pessoas todas as noites. Ele tinha de falar por meio de três intérpretes, pois havia muitas tribos distintas presentes no local. Isso, no entanto, não impediu o Espírito de romper as barreiras, e centenas vinham todas as noites em busca de salvação. Ninguém estava mais cômico do que o servo do Senhor, de que o Espírito Santo era o Autor de tudo aquilo, algo que acontecia "não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito" (Zc 4.6). Ele impunha as mãos sobre centenas de pessoas, para que desse modo, sob o poder e a orientação do Espírito, elas ficassem livres do pecado. Fora das reuniões, observava suas mãos e via como eram comuns. Por isso, perguntava a si mesmo de onde vinha o poder! Mas ele sabia!

Ao terminar a viagem, quando iam de Johannesburgo para Rusitu, um amigo os convidou para ficar com ele em Umtali, que era o ponto final da estrada de ferro. Dali, deviam pegar a diligência postal que corria até Melssetter para, depois, terminar a jornada a cavalo ou em lombo de burro. Quando chegaram a Umtali, seu amigo os encontrou na estação, e lhes disse que lamentava muito por não poder hospedá-los, pois todos em sua casa estavam com gripe. Assim, sugeri que eles fossem para o hotel, onde os missionários geralmente ficavam. Verificaram que isso lhes custaria um certo valor por dia. Não tinham dinheiro, mas o Sr. Howells disse à esposa:

"Alegremo-nos; estou certo de que o Senhor providenciará essa quantia antes do fim da semana."

Assim, tiveram oportunidade de tirar umas férias.

O correio chegou por via férrea no sábado à noite, e esperavam que o Senhor lhes enviasse algo por ele, pois deviam partir no dia seguinte às 6 horas da manhã. Quando, porém, desceram para esperar o trem, foram informados de que houve algum problema mecânico e não chegaria aquela noite.

"Brincamos um com o outro, pois, naquela noite, não iríamos desfrutar nossa refeição como de costume!" disse o Sr. Howells. "Disséramos ao gerente do hotel que fechasse nossa conta domingo de manhã. Às cinco horas da manhã, ele bateu à nossa porta e nos trouxe a conta. Dissemos-lhe que íamos ao correio e faríamos o pagamento às seis. As 5:30h saímos, orando por todo o trajeto. Tínhamos um número de caixa postal em Umtali e dissemos a alguns amigos que nos escrevessem para esse endereço.

"- Há alguma coisa na Caixa 32? perguntei.

"O homem olhou e disse:

"- Absolutamente nada, senhor.

"Mas, num relance, minha mulher lembrou-se de que o número de nossa caixa postal não era 32, mas 23! Havia apenas uma carta. O envelope já tinha cinco endereços diferentes. Essa carta nos seguira por toda a parte e nos alcançara exatamente naquela manhã. A quantia que havia dentro daquele envelope era o quádruplo do que tínhamos de pagar pelo hotel e pelo carro da diligência postal. Embora fosse um carro duro e sem amortecedor, esse era o melhor automóvel que poderíamos encontrar ali. Não pensamos no carro ou nos 230 quilômetros - as molas estavam em nós!"

Durante os primeiros dois anos ali, o Sr. e a Sra. Howells aprenderam a língua chindau. Ao voltarem para Rusitu, eles retomaram a rotina de um posto missionário africano. Enquanto o Sr. e Sra. Hatch saíram em férias, eles ficaram incumbidos de uma escola para crianças, bem como das reuniões e do trabalho de adultos. Embora não seja possível contar todas as suas experiências diárias durante esses anos, houve, contudo, um acontecimento fora do comum.

O avivamento continuava, porém havia um obstáculo especial: quase nenhum dos homens casados se convertera. Eles estavam presos por um antigo costume chamado *labola*, que alguns até acham que tivera sua origem em Labão! Segundo esse costume havia um preço fixado para se pagar por uma esposa, o que significava uma grande soma para um pai que tinha três ou quatro moças. Um homem convertido, porém, não poderia vender sua filha e, assim, nenhum deles se voltava para o Senhor. Então, o Espírito lembrou ao Sr. Howells a respeito de sua primeira intercessão por uma alma perdida e disse-lhe para desafiar o diabo nesse ponto, pois deveria usar a vitória do Calvário a fim de libertar esses homens para aceitarem a Cristo.

Nessa época, estava construindo uma casa, de modo que orou para que conseguisse homens casados para trabalhar nela. Seis deles se apresentaram. Havia orações todas as manhãs e, além disso, ouviam o evangelho. A primeira orientação que o Senhor lhe deu foi para pedir-lhes que viessem ao culto domingo de manhã, em vez de ficar cuidando do jardim de casa. Eles diziam que viriam todas as manhãs - e, como aquelas reuniões diárias se realizavam durante seu horário de trabalho, não faziam nenhuma objeção a serem pagos para ficarem sentados! Ele lhes disse que agradariam muito mais a Deus se viessem de livre e espontânea vontade aos domingos. Vieram, e cinco foram salvos. Foi a primeira brecha nas fileiras do inimigo, mas ainda havia centenas que não tinham sido alcançados. Como o Senhor poderia atingi-los?

Deus tinha um meio muitíssimo inesperado. Foi na época da grande epidemia de gripe espanhola, que se espalhou pelo mundo todo, logo após a Primeira Grande Guerra e causou milhões de mortes. Pouco tempo depois que esses cinco alcançaram vitória, o Sr. Howells ouviu dizer que a gripe espanhola atingira o distrito deles e muitos estavam de cama com a doença. Ficou preocupado, pois esse flagelo os alcançara justamente quando surgira uma oportunidade entre os homens casados. O Senhor, no entanto, disse-lhe: "Será que você não acredita em Romanos 8.28? Será que não é capaz de confiar em mim, de que essa é uma bênção disfarçada?"

Então, o Senhor lembrou ao Sr. Howells de como, na intercessão pelos doentes em sua aldeia natal, fora levado a desafiar a morte muitas vezes. Será que aqui seria capaz de desafiá-la novamente, mas numa escala muito maior? Ele já tivera uma prova bastante contundente desde que chegara à África, na qual fora capaz de provar a Deus nesse sentido por si mesmo. Foi num ataque muito grave de malária.

"Estou certo de que aquilo fora uma permissão apenas para provar essa posição", disse ele, "pois quando realmente enfrentamos o inimigo, não podemos fazer um desafio ousado como esse, a menos que estejamos certos de que resistiremos."

Depois de muitos dias com uma febre que não baixava, que resistira a todo tratamento comum, ele estava definhando rapidamente e uma noite parecia que não viveria até a manhã seguinte. A Sra. Howells afastara-se por uns momentos para orar e, enquanto ele ficou sozinho, o Espírito Santo lhe disse: "Por que não pede ao Pai para curá-lo?" Ele pensou que já pedira, mas o Espírito lhe disse: "Você não pediu crendo". Assim, ele apenas se virou no leito e naquele momento ficou curado.

"Fiquei pensando se minha esposa sabia do fato. Será que ela teria perdido sua carga? Ela voltou ao quarto e, no momento em que abriu a porta, viu que algo acontecera.

"'Você foi curado', disse ela. Então, dei uma boa risada e contei-lhe o que houve."

Três dias depois disso, ele saiu num carro de boi (conforme planejaram fazer antes que a febre o houvesse prostrado) e ele estava plenamente restabelecido. Embora ele trabalhasse e viajasse muito para lugares infestados de malária, ele jamais teve essa doença novamente.

Dessa vez, no entanto, ele teria de enfrentar a morte em larga escala. Depois de sua viagem pelos postos da missão, o Sr. e a Sra. Howells foram convidados pelo Sr. Charles Murray, filho do Dr. Andrew Murray, para visitar seu posto. Entretanto houve uma solicitação para que cancelassem a visita em razão da gripe espanhola, que já levava dois missionários e muitos convertidos.

Em Rusitu, a gripe espanhola atingiu primeiro o posto missionário. Em quatro dias, muitos estavam de cama, e os incrédulos diziam que era uma maldição dos espíritos ancestrais, porque os cristãos não respeitaram a *labola*. Contudo logo as aldeias cercadas também foram atingidas, e muitos estavam morrendo. Em dois ou três dias uma delegação do chefe veio ao posto e perguntou:

- Há muitas mortes entre vocês?
- Não! Respondeu o Sr. Howells. E vocês, tiveram alguma?
- Sim, muitas, disseram eles.
- E os feiticeiros não conseguiram fazer nada para ajudá-los? Indagou o Sr. Howells.
- Não. Dois deles até estavam entre os primeiros que morreram, responderam.
- E seus espíritos ancestrais? Perguntou Rees.
- Nossos pais nunca tiveram essa doença, responderam eles, de modo que seus espíritos não podem lidar com ela.
- Exatamente isso! Respondeu-lhes o Sr. Howells. Os feiticeiros falharam e os espíritos dos antepassados também falharam, mas nosso Deus não falhou.
- Então ninguém da sua gente vai morrer? Inquiriram eles. O Espírito Santo disse a seu servo: "Diga-lhes que, no posto missionário, ninguém morrerá". Ele, portanto, respondeu:
- Não! Ninguém morrerá no posto da missão. "Naquele momento, tinha a vitória da fé", disse Rees Howells e o Senhor orientou sobre o modo de fazer as coisas. Ele me disse que transformasse a capela em hospital e acendesse o fogo à noite, de sorte que a temperatura fosse mantida uniforme. Se não tivesse aqueles quinze meses de treinamento médico, ficaria desnorteado e, certamente, cometeria enganos. O número de casos aumentava até que quase cinqüenta caíam de cama de uma vez.
"Alguns dias depois, chegou uma outra delegação.
"- Ainda não tiveram nenhuma morte? foi a primeira pergunta.
"- Nenhuma, eu lhes disse.
"Fizeram mais uma pergunta:
"- Vão ter alguma?
"- Não. Ninguém morrerá no posto da missão, respondi simplesmente.
"Jamais diria aquilo, a menos que soubesse que o Espírito Santo era mais forte que a morte.
"- Bem, disseram eles, o chefe mandou-nos perguntar se alguns de nós, no caso de essa doença chegar, podem vir para o posto da missão a fim de escapar da morte.
"Assim, assegurei-lhes:
"- Diga ao chefe que qualquer pessoa de seu povo que queira pode vir para o posto missionário. Cuidaremos de todos que quiserem, e nenhum morrerá. Mas, lembrem-se disto: se vierem, devem admitir que nosso Deus é o Deus vivo, o único que pode ajudar quando os feiticeiros e os espíritos dos antepassados falham!"
Poucas horas mais tarde, ele viu uma procissão deplorável dirigindo-se para a missão - cinco dos piores pecadores, os mais resistentes ao evangelho, entre os homens casados! Lentamente, chegavam com os cobertores cobrindo a cabeça, e o temor da morte no rosto - suas esposas vinham atrás, carregando suas esteiras de dormir e copos para beber.
"Como louvei a Deus por ser meu Guia pessoal!" disse ele.
Depois disso, dezenas deles vieram. O Sr. Howells trabalhou dia e noite, durante três meses, para ajudar essas pessoas. A Sra. Howells labutou com ele,

até que ela mesma sucumbiu à doença. Ela ficou extremamente mal durante oito dias, mas uma coisa o Sr. Howells pôde dizer a ela - que não morreria! Houve um momento em que ele achou que pegara a gripe, pois estava fatigado devido às noites sem dormir e à provação prolongada. No entanto, enquanto atendia a um dos pacientes, o Senhor lhe falou o seguinte: "Se eu posso manter a morte afastada da missão, e você é necessário para cuidar desses doentes, não acha que eu posso impedir que o vírus o vença?" Sua fé agarrou-se a essas palavras, e disse:

"Alcancei a vitória naquele momento. Foi então que aprendi o significado daquele hino, 'Em Deus encontrei um refúgio', cuja última estrofe diz:

"Mil podem cair a meu lado,

E dez mil à minha direita,

Acima de mim suas asas se abrem,

Debaixo delas estou em segurança.

"Verifiquei que o Espírito Santo em mim era mais forte do que a gripe. Que coisa extraordinária era viver com Deus em meio a uma praga!

"Eu enfrentei dois casos que me provaram muito", acrescentou ele. "Se o diabo conseguisse levá-los, ele poderia levar cerca de cinqüenta. Fiz tudo o que era clinicamente possível por eles, mas não conseguia fazer com que a temperatura baixasse, embora tentasse os mais variados procedimentos médicos. Assim, eu os trouxe perante o Senhor e roguei por sua Palavra. No momento em que consegui a vitória, a temperatura deles baixou, e eu sabia que estavam salvos. Não houve nem uma morte sequer."

A notícia se espalhou na região, em um raio de mais ou menos trinta quilômetros, de que o Deus do homem branco era mais forte do que a morte. A convicção de ser um pecador apossou-se de muitos e, daqueles que vieram ao posto missionário, muitos encontraram o Salvador. Via-se a grandeza da vitória do Senhor *no* fato de que, mesmo após o término dessa epidemia, nas reuniões, um lado inteiro da capela ficava cheio de homens casados. O Sr. Howells disse:

"Eu falei ao Espírito Santo: 'Quão maravilhoso és tu! Tu pregaste mais aos africanos dessa maneira do que por meio de quaisquer de minhas palavras!'" Após o avivamento, alguns de seus homens, que ficaram cheios do Espírito Santo, costumavam descer de carro de boi até a África Oriental Portuguesa, entre o posto da missão e o porto de Beira. Algumas pessoas ali receberam as bênçãos, e aqueles que se converteram construíram um pequeno local de culto, embora tivessem sido advertidos pelos católicos romanos de que não deveriam orar juntos. Um domingo de manhã, seis soldados marcharam para a pequena capela e prenderam trinta e dois deles, e os mantiveram na prisão - homens, mulheres e crianças - por quatro meses. Nem um deles cedeu, pois "eles tinham o espírito dos mártires". Depois desse tempo, libertaram as mulheres e as crianças, mas forçaram os homens a beber cerveja. Disseram a seis homens que, se parassem de pregar, também poderiam sair naquele mesmo dia. Eles se recusaram e disseram que, se fossem libertos, eles pregariam no dia seguinte. Ficaram na prisão por dois anos, e quatro deles morreram ali.

Esses homens foram interrogados e perseguidos o tempo todo, porque os carcereiros não conseguiam entender o que é que eles tinham. Seus gritos de louvor e de júbilo costumavam aborrecê-los, por isso separaram Matthew, o líder deles, e o puseram com um incrédulo, um grande pecador que sempre acabava na prisão. Não ouviram nada na primeira ou na segunda noite e, portanto, ficaram contentes porque haviam parado com a gritaria. Contudo, na noite seguinte, foi pior do que nunca, não somente Matthew se regozijava, mas o velho incrédulo gritava louvores a Deus, porque ele fora salvo! Matthew contraiu varíola na prisão. Ele sabia que morreria, por essa razão chamou todos os seus amigos e lhes falou que estaria com o Senhor. Pediu-lhes também para que permanecessem firmes na fé. Depois, ele lhes disse adeus e partiu para a glória.

O Sr. Howells verificou que o único meio para se estabelecer permanentemente naquele país seria comprar uma fazenda, a qual lhe fora oferecida por um francês, por vinte e quatro mil dólares. Quando Timothy, o principal professor em Rusitu, e outros ouviram falar do assunto, disseram: "Nós todos daremos um terço de nosso salário para ajudar a comprá-la."

O Sr. e a Sra. Howells ficaram tão comovidos com o exemplo deles, que sentiram que deveriam dar uma oferta de gratidão especial, de dois mil dólares, além dos 50% de seus salários que já estavam dando.

Logo depois disso, durante as férias deles, o Sr. Howells estava contando numa convenção algo acerca de Matthew e o que acontecera na África Oriental Portuguesa. Ele não proferira nem uma palavra sequer sobre dinheiro, mas, durante sua apresentação, antes mesmo de completar cinco minutos, uma mulher no salão se levantou e disse:

"Pagarei por essa fazenda."

O Senhor disse ao Sr. Howells que não aceitasse todo aquele dinheiro, porque ela estava sob a influência da reunião, por isso disse a ela mais tarde:

"Não espero que a senhora dê mais do que eu."

O irmão dela disse, então, que ele daria dois mil dólares, além de mais duas outras pessoas que vieram e disseram que também dariam aquela quantia cada uma. Ele foi a Birmingham e novamente recebeu mais um donativo de valor idêntico. Foi a Dundee e, uma manhã, encontrou outros dois mil dólares sob seu prato. Em Glasgow, novamente, um outro homem disse:

"Se Matthew deu seu sangue, eu lhe darei dois mil dólares."

Por fim, tinha vinte e dois mil dólares em donativos de dois mil dólares.

Entretanto aquela fazenda não foi adquirida, mas diversos centros foram abertos no território.

Assim, terminou o período deles na África.

"Foi uma vitória completa", disse o Sr. Howells. "Não acho que tivemos nada que nos causasse nem uma hora sequer de dificuldade, além de, tanto para mim como para minha esposa, esses terem sido os seis anos mais felizes de nossa vida."

A COMPRA DA PRIMEIRA PROPRIEDADE EM GALES

O Sr. e a Sra. Howells chegaram à sua cidade de origem no Natal de 1920. Na sede da missão, todos diziam que nunca viram um casal, em licença, que gozasse de tão boa aparência.

"Tivemos umas férias de seis anos", disse o Sr. Howells, que queria começar as reuniões imediatamente!

O conselho insistiu que descansassem pelo menos algumas semanas, mas acharam que seria duro suportar ao menos seis semanas. Quando, porém, deram início ao trabalho, não tiveram nenhum descanso por três anos. O testemunho do Sr. Howells acerca do avivamento criou uma grande excitação. Por toda parte, as portas se abriam para ele e, na verdade, houve grandiosas bênçãos. Centenas de pessoas o ouviram e isso foi para elas uma experiência única. O conselho da missão reconheceu a operação do Espírito como algo tão fora do comum, que lhe deram autonomia, além de solicitarem que ele passasse cinco anos viajando por todo o mundo de fala inglesa, conforme Deus o guiasse, para levar seu testemunho ao povo de Deus por toda parte. Isso era o que ele mais desejava fazer.

"Não poderia imaginar nenhuma posição que se comparasse a esta, pregar o evangelho a dezenas de milhares de pessoas, com o Senhor abençoando", disse ele. "Antes de converter-me, tinha a idéia de viajar pelo mundo e, depois, abri mão dela. Agora, no entanto, o Senhor estava me dando essa oportunidade."

Uma vez mais, porém, aquilo que era inteiramente inesperado iria acontecer. Enquanto pregava ao grande auditório na Convenção de Llandrindod, em 1922, o poder foi tão grande que, embora ele fosse o primeiro orador em uma reunião, o presidente, o Sr. Head, pediu-lhe que fizesse um apelo para a plena submissão. O auditório todo - presidente, oradores e congregação - colocou-se de pé. O orador que deveria falar em seguida, o Rev. G. H. Lunn, disse que

sua mensagem estaria totalmente descontextualizada, e a reunião foi encerrada.

Imediatamente, um ministro solicitou ao Sr. Howells e a diversos outros que se unissem a ele em oração. Ele colocou diante deles o fato de que muitos jovens estavam respondendo ao chamado de Deus, mas que havia uma necessidade urgente de mais instalações de treinamento em Gales. Desse modo, sugeriu que pedissem ao Senhor um instituto para o treinamento de obreiros. Nunca passou pela mente do Sr. Howells que faria parte desse empreendimento. No entanto, enquanto se ajoelhavam para orar, o Senhor lhe disse: "Veja bem como você ora. Vou construir um instituto e farei isso por seu intermédio!"

Isso o chocou de tal modo que a única coisa que ele pôde dizer foi: "Se o Senhor está realmente falando comigo, confirme-o por meio da Palavra". Naquela mesma noite a confirmação veio por intermédio de 1 Crônicas 28.20,21, em que essas três promessas foram ressaltadas: "Sê forte... e faz a obra... porque o Senhor Deus, meu Deus, há de ser contigo; não te deixará, nem te desampará, até que acabes todas as obras... da Casa do Senhor... também se acham contigo... voluntários com sabedoria de toda espécie para cada serviço"; e a terceira, no capítulo seguinte (29.4), de que o Senhor lhe daria um talento de ouro, e esse talento valia uma altíssima soma em dinheiro, segundo verificou nas anotações de sua Bíblia.

Quando ele e a esposa oraram sobre esse assunto, pareceu-lhes uma grande prova. Significava serem afastados da única coisa que mais lhes alegrava - um ministério de avivamento de amplitude mundial. Significava novos e grandes investimentos financeiros, pois o Senhor lhes disse que teriam de fazê-lo por fé, ao passo que em seu trabalho atual todas as finanças eram providas. E, pior de tudo, deixaram um filho para irem à África, mas isso significaria que agora deixariam centenas de filhos espirituais na África para realizar esse empreendimento.

Eles estavam se preparando para ir à América do Norte, para uma visita de caráter particular, e a partida se daria dentro de três dias. Por essa razão, tomaram uma decisão ousada. Pediram ao Senhor que confirmasse o novo chamado enviando, já no dia seguinte, o dinheiro de que precisariam para a viagem toda. Não era um pedido fácil, porque não havia um motivo específico pelo qual as pessoas deveriam lhes dar dinheiro, pois todos sabiam que eles estavam recebendo uma ajuda financeira como missionários. No dia seguinte, no entanto, o Senhor lhes deu donativos pessoais cujo total era bem elevado, incluindo uma oferta que receberam de um homem que fora abençoado por intermédio do Sr. Howells havia onze anos e que dissera ao Senhor que, se ele o encontrasse novamente, lhe daria aquela importância. Os donativos lhes pareceram tão sagrados, que eles deram mais da metade à missão como oferta de gratidão, exatamente como Davi, que derramou a água do poço de Belém perante o Senhor.

Enquanto estiveram nos Estados Unidos, falaram a muitas congregações e visitaram centros renomados como a Reunião de Oração da Rua Fulton, em

Nova York. Um lugar, porém, impressionou o Sr. Howells mais do que qualquer outro: o Instituto Bíblico Moody de Chicago.

"Valia a pena andar 6.500 quilômetros só para ver aquele instituto", disse ele.

"De todas as visitas, aquela foi a mais valiosa. Novecentos homens e mulheres escolhidos a dedo por Deus."

E foi enquanto estava sentado na plataforma, aguardando sua vez de falar, que o Senhor finalmente solucionou para ele o problema do instituto. Ele perguntou-lhe: "Será que posso construir um instituto como este em Gales?" Rees respondeu: "É claro que pode, o Senhor é Deus". O Espírito, a seguir, continuou: "Mas o que farei, vou fazê-lo por meio de um homem. Você dirá a esses jovens que eu vim habitar em você. Será que posso construir esse instituto por seu intermédio?" Assim, o Sr. Howells concluiu seu relato: "Eu cri em Deus naquele instante. O instituto foi construído naquele momento!"

Ao voltarem para o lar em Brynamman, fizeram uma dedicação final de si mesmos ao novo chamado. Subiram a Montanha Negra, sua favorita, e ajoelharam-se ali. A seguir, entregaram-se por completo ao Senhor como instrumentos dele para erguer um instituto. Todo o dinheiro que os dois tinham naquele dia era apenas alguns trocados! Uma triste consequência, no entanto, era que isso significava desistir da missão, o que era algo emocionalmente bem difícil para os dois lados. O conselho não queria deixá-los sair, e eles jamais teriam abandonado a missão e os cooperadores, que aprenderam a amar muito, mas, no entanto, não os amava mais do que a uma ordem direta de Deus.

Não tinham idéia de onde se localizaria o instituto. Como Abraão, saíram sem saber para onde iam. No começo do verão daquele ano, 1923, um amigo ofereceu-lhes uma casa mobilia-da na praia para passarem umas férias. Foram para lá na expectativa de desfrutá-la, mas, assim que chegaram, um episódio muito curioso aconteceu. O Sr. Howells teve uma forte sensação de que não deveriam estar ali.

"Não me lembro de não ter gostado de um lugar antes", disse ele, "mas comentei com minha mulher: 'Não gostei daqui. Vamos para o lugar que meu pai recomendou - Mumbles!' Achei graça naquilo - conseguir uma casa em troca de nada e, depois, não gostar dela. Contudo, no momento em que fomos para Mumbles, verifiquei que aquele era o lugar onde Deus queria que estivéssemos."

Ficaram numa pensão por um mês, e o Sr. Howells passava o tempo nos rochedos, não para desfrutar o mar, mas para estar a sós com Deus, pois queria saber qual seria o passo seguinte.

Certa manhã, dois de seus amigos, o Professor Keri Evans e o Rev. W. W. Lewis, se reuniram com ele para uma oração. Ao tomarem conhecimento de que ele ainda não sabia onde o instituto se localizaria, o Sr. Keri Evans sugeriu Swansea. Para confirmar se aquela sugestão era do Senhor, o Sr. Howells fez um pedido específico em oração: "Se Swansea for o local, mostra-me o instituto antes que eu vá para Keswick na próxima semana". E a resposta veio prontamente: "Eu mostrarei a você amanhã".

No dia seguinte, enquanto o Sr. e a Sra. Howells caminhavam ao longo da estrada de Mumbles, que margeia a baía de Swansea, eles passaram por uma grande propriedade em terreno elevado de onde se descortina toda a baía, e notaram que a casa estava vazia. Foram até ao portão e viram que o nome do local era Glynderwen e, enquanto estavam de pé ali, veio-lhes a palavra do Senhor: "Este é o instituto!"

O Sr. Howells continua essa história com suas próprias palavras:

"Aquela casa parecia uma mansão! Não tinha a menor idéia do valor de um lugar como aquele, mas calculei que valeria uns setenta mil dólares. Nós, no entanto, só tínhamos dois dólares! Lembro-me da impressão que tive - comprar um lugar como este por fê!

"O jardineiro informou-nos de que o Sr. William Edwards, juiz de paz e dono da loja de tecidos, era o proprietário. Então, o Espírito me disse para pedir ao Senhor uma confirmação impossível para os homens, como prova de que Deus falara, pois quando o Senhor confirma dessa maneira, podemos estar certos de que foi ele quem realmente falou, e não o homem. Pedi que me mandasse, dentro de dois dias, um homem que conhecesse o proprietário - e não conhecíamos *ninguém* em Mumbles!

"E os meus sentimentos no dia seguinte eram muito confusos, porque sabia o que significaria construir um instituto. Se eu não obtivesse a prova, então estaria livre, e poderia desfrutar, de novo a liberdade que tive nesses últimos dez anos. Todavia, se a prova viesse, estaria comprometido e aceitaria a luta.

"Lá pelas dez horas da manhã seguinte, o pastor local veio visitar-nos.

Háviamos comparecido à sua igreja no domingo anterior, quando ele estava fora, e, ao ouvir dizer que éramos missionários, veio convidar-nos para o chá.

"- Conhece o Sr. Edwards, o negociante de tecidos? inquiri.

"- Sim, disse ele, conheço-o muito bem.

"Aí estava a mão de Deus! Mas num instante uma nuvem escura envolveu-me e fiquei ciente de que eu não estaria livre novamente até que o instituto fosse construído. Somente aqueles que passaram pelo mesmo caminho podem entender o que isso significava.

"Fui ver o Sr. Edwards, mas sentia-me tão fraco, como um convalescente de uma grave infecção. Ah, a responsabilidade, a opressão, os próprios poderes do inferno pareciam contra mim! O diabo disse que eu sempre fazia as coisas a meu próprio modo, sem dinheiro e sem entender de negócios. Parecia-me que não tinha forças para tocar a campainha. Quando lhe falei do motivo de minha visita, ele disse:

"'Outras pessoas religiosas estão interessadas no local, mas não da mesma religião que a sua. Vou a Londres hoje. Se o senhor voltar a procurar-me, considerarei o assunto.'

"Obviamente, pensava que um missionário não poderia comprar um edifício daqueles! Em primeiro lugar, disse ele, há uma taverna na propriedade e perguntou-me o que faria com um lugar desses. Aqueles momentos, quando saí de lá, foram muito difíceis! Será que fiz algo errado?

"No dia seguinte fui ver a propriedade novamente. Quando conversava com o jardineiro, este me contou que os católicos haviam comprado aquela casa.

Minha resposta foi imediata: 'Impossível!' A seguir, o Senhor disse-me: 'Essa foi a razão pela qual chamei-o para comprar esta casa. Você voltou da África para fazer um teste, em meu lugar, com a igreja de Roma'. Na verdade, eles foram responsáveis pela morte de seis de nossos melhores homens na África Portuguesa Oriental. Essa era a única relação minha com eles, e tudo que havia em mim levantou-se contra eles. Sabia que estavam comprando locais próximos de todas as universidades, e ninguém os impedia de continuar. Percebi que o Espírito Santo estava dizendo que nunca permitiria que a igreja de Roma tivesse novamente poder neste país, caso encontrasse homens que cressem nele. Sua palavra para mim foi muito clara: 'Ficarei muito descontente com você, caso eles adquiram essa propriedade'.

"Logo percebi que essa seria uma competição com a igreja mais rica do mundo, portanto, disse: 'O Senhor, no entanto, não me deu o dinheiro'. O Espírito Santo replicou: 'Mas eu não lhe prometi um talento de ouro? Se você acredita nisso, ajoelhe-se agora e reivindique este local'. Portanto, ajoelhei-me no gramado, ao lado da pequena ponte, e clamei a Deus: 'Eles nunca conseguirão esta propriedade. Eu a comprarei para o Senhor'."

Alguns dias mais tarde, ele falou novamente com o Sr. Edwards, e este lhe fez uma pergunta direta:

"Se eu dispensar o outro grupo interessado, o senhor 'fechará' o negócio comigo?"

O Sr. Howells não entendia nada a respeito de compra de propriedades, assim, antes de mais nada, ele teve de indagar o que significava "fechar" um negócio! Então, ele prometeu fazê-lo em duas semanas, após seu retomo da Convenção de Keswick.

Enquanto estive em Keswick, Deus deu-lhe mais uma confirmação maravilhosa. Recebeu um convite para orar na paróquia de Anwoth, no sul da Escócia. Como deveriam tomar uma grande decisão em Swansea, jamais teriam aceitado esse convite, se não fosse devido à orientação clara que receberam do Espírito. Logo que chegaram a Anwoth, ficaram na casa da Sra. Stewart, a viúva do ex-cônsul geral da Pérsia, que lhes contou que muitos dos partidários da reforma foram martirizados ali, bem em frente à janela de seu quarto. O Sr. Howells disse:

"Isso é Deus, e a orientação mais uma vez estava correta, pois trouxera-nos até aqui, por assim dizer, contra nossa vontade."

No dia seguinte foram convidados para tomar chá com *Sir William e Lady Maxwell*, na Cardoness House. A primeira coisa que fizeram foi levá-los a um pequeno quarto, no qual podiam ver pendurado na parede um documento. O anfitrião deles disse:

"Mostrarei agora a ação mais preciosa que já aconteceu na Escócia - a ação assinada com o sangue dos partidários da reforma.

"Quando me disse aquilo", contou o Sr. Howells, "senti meu sangue gelar em minhas veias, só de pensar que, em Glynderwen, o Senhor dissera que me trouxera de volta apenas para fazer um teste com a igreja de Roma e, agora, estava face a face com as ações dos partidários da reforma. Não consigo entender como não desabei no chão. Ali, pude observar as assinaturas

rabiscadas com sangue, como se tivessem sido feitas com uma pequena vareta. Quando vi isso, mudei completamente de atitude. Assim, não deixaria de realizar nada para vindicar o Espírito Santo.

"Nunca sentira nada parecido. Naquela noite, chorei em meu quarto e disse ao Espírito Santo: 'Mesmo que tenha de pagar com meu sangue, permitirei que faça isso por meu intermédio. Se o Sr. Edwards pedir um valor bem alto, pagarei essa quantia, e se, no dia seguinte, a igreja de Roma colocar fogo naquela casa, Glynderwen, ainda assim direi que esse foi o melhor investimento que fiz em toda a minha vida'.

"O Espírito veio a mim para que combatesse aquela igreja: essa ira de Deus em relação à igreja de Roma, se acendia em mim, por ter permitido que quinhentos milhões de almas, no continente europeu e em outras localidades, permanecessem na escuridão. Entrei em contato com um mundo em que a comunhão com as pessoas era algo que não deveria ser considerado. A única comunhão possível era com aqueles mártires, que deram a vida pela liberdade do evangelho. Quando vi aquelas ações, a força de Deus que me invadiu, transformou meu ser feito de barro, pois agora sentia como se fosse feito de aço."

Quando o Sr. Howells retornou de Keswick, o Sr. Edwards fez-lhe uma proposta definitiva de venda de Glynderwen, por um determinado valor.

"Pensei que pediria mais do que isso", disse o Sr. Howells, e pretendia aceitar a proposta; mas o Senhor disse: 'Não! Foi um talento de ouro que prometi a você - era um pouco menos que o valor proposto - e nem um centavo a mais'. Em um segundo, tomei a posição contra Deus e revelei minha atitude para com ele. Entretanto o Senhor não disse nenhuma palavra a mais, e eu sabia que não ousaria desobedecer-lhe.

"Quando questioneei o Sr. Edwards quanto à quantia que pedira, disse-me para discutir o assunto, no dia seguinte, com seu advogado. Mas, em vez de fazer isso, fui à casa de um amigo em Llanelly, onde não comi nem bebi por dois dias. Que agonia tive de suportar, mas que lições aprendi!

"Disse a Deus que me chamara para combater a igreja de Roma, mas que agora o Senhor estava irredutível devido a uma pequena quantia, a diferença entre o que deveria pagar e o preço exigido. Na verdade, reivindicara Glynderwen para ele. Será que acreditava que os católicos iriam comprar aquela propriedade? Se a batalha na Escócia fora ganha, será que o Espírito Santo poderia permitir que o Sr. Edwards vendesse a propriedade a outra pessoa?

"Agora, estava começando a ficar sério. Será que o Sr. Edwards estava nas mãos do Espírito Santo? Será que o diabo poderia induzi-lo a vendê-la para outra pessoa? Durante os dois dias seguintes alcancei a vitória e senti uma grande liberdade! Qualquer que fosse o preço que o inimigo oferecesse, ele nunca o aceitaria. Já ouvira dizer que o Sr. Edwards era um grande negociante, mas tinha de aprender que Deus podia controlá-lo. Cheguei a compreender que sempre que Deus deseja tomar posse de uma propriedade, o dono tem muito pouco a ver com ela.

"Quando voltei para casa, recebi uma carta do Sr. Edwards, em que dizia que todas as negociações estavam canceladas. Como não fora ver seu advogado, provei que não era um homem de negócios, e ele venderia a propriedade a outras pessoas que lhe ofereceram quase o dobro do que me pedira.

"A carta não me afetou, porque o Capitão Invisível estava no comando e isso já não era mais minha responsabilidade. Escrevi ao Sr. Edwards e disse-lhe, sem rodeios, que era muito mais difícil recusar sua proposta anterior do que aceitá-la; mas Deus dissera que deveria pagar um pouco menos. Assim, depois de passar dois dias com o Senhor, sem comer e sem beber, ele confirmara sua palavra. No entanto recebi uma carta em que ele dizia que reduziria o preço que pedira inicialmente. Ele se recusava a lucrar um centavo que fosse com essa transação. Será que a mão de Deus não estava nesse negócio?"

Quando assinaram o contrato, o Sr. Howells teve dez dias para efetuar o pagamento do sinal. No dia em que ele deveria se encontrar com o advogado para levar-lhe o dinheiro, faltava ainda uma parte. Quando chegou a hora aprazada, ele não tinha essa importância, mas pela fé se pôs a caminho do escritório. Não fazia muito tempo que ele estava lá, quando a Sra. Howells chegou. Ela foi atrás dele com a correspondência, e nela havia três cheques, cujo total era exatamente a importância que faltava.

A verdadeira batalha, no entanto, era o valor total a ser pago. Ele nunca lidara antes com altas somas, e sentia a grande responsabilidade que pesava sobre seus ombros. Ele não poderia promover reuniões, nem fazer quaisquer apelos. Seus olhos deveriam estar focados somente em Deus. Ele entregou-se à oração, e passou alguns dias em seu pequeno dormitório na casa de sua mãe, a sós com Deus e sua Palavra, das 6:00h da manhã às 5:00h da tarde, quando tomava sua primeira refeição. A noite ele continuava em oração com seu novo parceiro de oração, o Sr. Tommy Howells. Viveu dessa maneira por dez meses, até que a vitória foi alcançada.

Foi durante esse tempo que Deus lhe forneceu os princípios de fé em relação às finanças, os quais deveriam governar todas as suas futuras transações de larga escala, ou seja, na compra de propriedades e em sua manutenção.

Naquele tempo, George Muller era o único homem, que ele conhecia, que fizera a mesma coisa antes - sem concílios, sem denominação, sem permitir que suas necessidades fossem conhecidas, pois contava somente com Deus. A vida desse homem foi de grande ajuda para o Sr. Howells, pois havia alguém que já provara que as promessas de Deus eram dignas de confiança. Na verdade, disse que os únicos dois livros, os quais acreditava que poderiam ajudá-lo nesse período crítico, eram a Bíblia e a autobiografia de Muller. Entretanto, sentia-se encorajado ao pensar: "Deve ser verdade, pois Muller fez isso". Ele estava decidido a não ir além do que Muller fizera, o que significava não comprar ou construir até que já tivesse três quartos da quantia necessária.

Entretanto, em seus apelos diários ao Senhor para que tivesse em mãos o talento de ouro que ele lhe prometera, o Espírito lembrou-lhe de mais alguma coisa - o livro do profeta Ageu. Quando os judeus começaram a construir o segundo templo, e a obra fora paralisada em razão das acusações de seus

inimigos, o Senhor lhes disse, por intermédio de Ageu, que fossem avante e construíssem, embora, naquele momento, estivessem passando por um período de grande pobreza. Deus, no entanto, lhes disse: "Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos" (Ag 2.8). Quando começaram a construir, fundamentados na força daquela promessa, Deus levou o Rei Dario, na distante Babilônia, a examinar os registros do que Ciro lhes prometera e enviou-lhes tudo de que necessitavam (Ed 6).

Depois de colocar o Sr. Howells frente a frente com essa passagem, o Senhor disse: "Se você crer que eu sou o dono da prata e do ouro, enquanto você constrói, eu lhe darei o que for necessário". Em outras palavras, o Senhor estava conduzindo seu servo de modo distinto daquele que utilizara para guiar Muller. Ele não deveria aguardar até que tivesse três quartos do dinheiro, mas deveria seguir em frente e não esperar uma liberação de Deus hoje para uma necessidade de amanhã. O Senhor lhe ensinara anos antes, por meio de pequenas coisas, que "as promessas de Deus são como a moeda corrente" e que, portanto, ele deveria agir baseado nas promessas, faria como se realmente tivesse o dinheiro em mãos.

Ele, no entanto, nunca pensou que seria chamado a aplicar esse princípio em larga escala. Isso significava muitas provas severas, e ele não hesitava em usar os métodos normais de negócio, como os empréstimos bancários, quando orientado a fazê-lo. Mas a prova de que Deus estava com seu servo como também estivera com George Muller, embora a maneira de atuação fosse distinta, é que hoje não há dívidas ou hipotecas sobre as propriedades, cujo valor atual é muito superior ao que custaram a ele.

Mas voltemos à compra de Glynderwen. Havia a quantia seguinte a ser paga. O Senhor enviara donativos, cujo valor variava muito, durante os três meses seguintes. Antes, porém, de completar o montante, o advogado exigiu, de uma hora para outra, que a quantia fosse paga às onze horas da manhã seguinte. A princípio, ele ficou um bocado confuso, pois o Senhor permitira essa exigência repentina. Ele ia descendo a Rua Wind em Swansea e, quando chegou sob a ponte, veio-lhe uma palavra de Deus: "Confiai no Senhor continuamente, pois no Senhor estão os recursos eternos". Era uma mensagem do céu para ele. Assim, acreditou que às onze horas da manhã seguinte estaria passando novamente sob aquela ponte, trazendo o dinheiro consigo. Ele teve de tomar um trem e, quando encontrou um vagão vazio, ajoelhou-se e orou ao Senhor. Ele disse que poderia ter dançado de alegria. Na manhã seguinte ele já tinha o restante do valor. A mulher que enviou o dinheiro disse-lhe posteriormente que sentiu um grande pesar por ele durante aquela mesma meia hora em que ele creu. Pesava tanto sobre ela, que teve de fechar a loja para poder despachar o dinheiro. Naquele dia, pôde pagar a parcela e ainda ter lucro!

Glynderwen fora o lar de *Sir* Charles Éden, tio de *Sir* Anthony Éden. A propriedade tinha oito acres de terra, uma mansão e a taverna. A propriedade fora projetada com gramados, jardins e uma quadra de tênis, além de ter uma vista encantadora da Baía de Swansea e de Mumbles.

Durante os dias de prova, antes que pagasse aquela parcela, o Sr. Howells recebeu uma proposta de alguém que queria comprar a taverna e quatro acres de terra anexos a ela. Em Swansea, por muitos anos, não fora concedida uma licença sequer para a venda de bebidas alcoólicas, de modo que só a licença valia mais da metade da parcela que pagara. Assim, caso aceitasse essa oferta, teria a quantia extra que necessitava. Em assuntos financeiros, essa foi a primeira tentação grave, ou seja, aceitar um caminho fácil de livramento. Entretanto não havia possibilidade de comprometer o princípio. A oferta, portanto, foi rejeitada, e a taberna foi fechada. Desse modo, o valor referente à licença foi confiscado. O portador da licença, no entanto, foi indenizado por essa perda. Justiça é justiça para todos - para os santos e para os publicanos igualmente! Depois, com o acréscimo de oito quartos, a taverna foi transformada numa hospedaria para homens.

A propriedade toda foi colocada nas mãos de três depositários, que estiveram juntos nessa aventura de fé: o finado Rev. W. W. Lewis, um ministro renomado e respeitado em Swansea; o Sr. Henry Griffiths, que era, na época, o representante de confiança da Great Mountain Colliery Company, que agora faz parte do corpo de contadores da National Coal Board (Junta do Carvão Nacional); e o terceiro era o Sr. Howells.

O Sr. Edwards, o ex-proprietário, tornou-se muito amigo do Sr. Howells e, alguns anos mais tarde, fez donativos para a obra. Ele disse ao Sr. Howells: "Realmente, não poderia vender a propriedade para mais ninguém, a não ser você."

Quando a conta total foi paga, com cerca de vinte itens em sua discriminação, incluindo as despesas do advogado e a quantia paga ao portador da licença da taverna, o total chegou a um valor que correspondia a um talento de ouro mais três dólares!

A inauguração do instituto foi em uma segunda-feira após o domingo de Pentecostes, no ano de 1924. Muitos compareceram para ouvir a história do que Deus fizera durante aquele longo período de dificuldade comercial e escassez de dinheiro. Nessa reunião, cerca de mil pessoas compareceram. "Lembro-me de como Deus me provou", disse o Sr. Howells. "Na época, não tínhamos uma tenda sequer ou um edifício para abrigar as pessoas e as reuniões eram ao ar livre. Na semana anterior à inauguração, choveu muito. Pedira centenas de cadeiras emprestadas. No domingo, tive uma vitória, pois fiquei sabendo que teríamos bom tempo na segunda-feira após o Pentecostes. Foi um dia perfeito. Disse às pessoas que não haveria nem uma gota de chuva até que todos chegassem às suas casas naquele dia."

Um dos futuros professores do instituto, um estudioso de grego e hebraico, o Rev. Llynfi Davies, com mestrado em Ciências Humanas, testemunhou, posteriormente, que ele chegara àquela reunião um modernista e voltara um crente.

A imprensa, por não ter encontrado nenhuma comissão ou corpo religioso por trás daquela obra, chamou-a de "Instituto de Deus" - um título feliz!

O INSTITUTO BÍBLICO DE GALES

Após a abertura do instituto, durante os doze primeiros meses, tudo foi um grande sucesso. Havia cinco professores e trinta e oito alunos. As notícias do instituto estavam em todos os jornais do sul de Gales, e, após a primeira sessão, houve uma convenção à qual compareceram cerca de quarenta ministros. Contudo nenhuma obra de Deus pode ser estabelecida, a menos que passe pelo fogo. Simplesmente, em razão de sua crescente popularidade, Deus tinha de levar o instituto à morte, de sorte que não houvesse em quem confiar, exceto no próprio Senhor. Exatamente como anos anteriores, Deus tirara seu servo das vistas do público e da popularidade para a vida anônima que poucos entendiam.

Nas férias de verão, o Senhor mostrou ao Sr. Howells que não estava inteiramente satisfeito com o instituto. Havia mundanismo entre os estudantes e má vontade para com os padrões de fé e de submissão, os quais o Espírito Santo disse que deveriam estar presentes e ser mantidos no instituto. O Senhor o advertiu de que enfrentaria problemas, mas que, por meio deles, Deus purgaria a obra, para a glória do Senhor. Mesmo assim, não dava para fazer a mínima idéia de como essa prova seria severa.

Pouco tempo depois da abertura do segundo período letivo, houve um grave conflito interno, o qual acabou reduzindo o pessoal a dois funcionários e cinco estudantes. Não ganharíamos nada se entrássemos em pormenores trinta anos depois que tudo ocorreu. As feridas no corpo de Cristo são sempre dolorosas e nos colocam no pó, aos pés daquele que morreu para que fôssemos um.

Entretanto Deus tem modos maravilhosos de aproveitar o mal para realizar o bem e ele fez isso com o instituto.

Quanto ao Sr. Howells, Deus lhe deu uma instrução: "Onde não houver mexeriqueiro, a discussão cessa". Assim, ele não permitia que lhe dissessem nem uma palavra contra aqueles que saíram. O Senhor lembrou-lhe que fora capaz de amar o missionário na Ilha da Madeira e, dessa vez, sem necessitar

de semanas para chegar à mesma posição, ele achou que seria capaz de orar para que as bênçãos de Deus viessem sobre aqueles que saíram, do mesmo modo que orava pelos que ficaram.

Durante doze meses, não tiveram nem uma só aula, e muitos pensavam que o instituto nunca mais se levantaria. Mas ele passou esse tempo a sós com Deus em oração, e puderam provar que a obra não dependia do apoio humano ou da popularidade.

"Por meio dessa experiência", disse o Sr. Howells, "o instituto foi firmado na Rocha dos Séculos - sobre um fundamento que nenhum homem ou diabo poderia abalar."

É digno de nota que raramente tiveram grandes donativos até aquela época, mas, desse tempo em diante, Deus começou a enviar grandes somas em dinheiro.

Cinco anos mais tarde, por ocasião do quinto aniversário, em uma segunda-feira após o Pentecostes de 1929, o Sr. Howells divulgou o primeiro relatório impresso. Neste, ele disse:

"Desejamos apresentar-lhes um breve relato do que realizamos durante os últimos cinco anos por meio da fé e da oração fervorosa. Milhares estavam observando o resultado dessa aventura de fé - um instituto sem comissão, sem concílio, sem denominação, e sem uma personalidade rica para apoiá-lo. Nenhum apelo deveria ser feito quanto às finanças; pois um dos principais objetivos era fortalecer a fé do povo de Deus, dando uma visível prova de que ele é o Deus vivo e fiel... As necessidades do instituto, no momento presente, chegam a um alto valor diário.

"Durante os últimos três anos, ter em mãos os meios para atender nossas necessidades de três dias era um caso raro. A vontade do Pai é ensinar-nos o modo de confiar nele, a cada manhã, para suprir as necessidades do dia, uma demonstração prática das palavras: 'O pão nosso de cada dia dá-nos hoje'. Esses anos foram tempos de grande dificuldade financeira no mundo todo. A escassez de dinheiro e a pressão econômica levaram os homens a endurecer o coração, e muitos não foram capazes de resistir à tensão: porém o Senhor nos prova dia a dia que a fé viva está acima das circunstâncias. As demoras não fazem nossa fé arrefecer, pois nem a perda de amigos, nem a crise financeira no comércio podem tocá-la.

"Nesse período, o Senhor permitiu que fôssemos provados ao extremo; muitas vezes fomos pressionados ao máximo... para que não confiássemos em nós mesmos. Nossa fé cresceu com a obra, e demonstramos, repetidas vezes, que todas as provações tiveram o propósito de fortalecê-la. Se fomos capazes, há alguns anos, de aceitar o desafio para construir um instituto quando tínhamos apenas um dólar e, até o presente, já recebemos quarenta mil dólares, sem um único apelo, isso constitui um forte estímulo para confiar ainda mais.

"Temos seis professores no quadro de funcionários, quatro deles formados em diferentes universidades de nosso país; os outros dois são ministros de projeção na cidade. Temos trinta alunos no instituto, homens e mulheres, que foram chamados pelo Espírito Santo e que, alegremente, entraram para a escola da fé. A instrução é gratuita. O custo da pensão e da residência é o mais

baixo possível, pois por meio de donativos enviados ao instituto, em resposta à oração daquele que crê, pudemos oferecê-las por quase metade do custo real."

A COMPRA DA SEGUNDA PROPRIEDADE

Por dois anos, o Senhor sobrecarregou o Sr. Howells com a necessidade de arranjar uma outra propriedade, para poder prover mais acomodação e duplicar o número de estudantes. A palavra que ele recebeu foi: "Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação, e não o impeças; alonga as tuas cordas e firma bem as tuas estacas" (Is 54.2).

Um mês antes da impressão daquele primeiro relatório, ele ouviu falar da morte de *Sir* Charles Ruthen, o proprietário de Derwen Fawr, uma bela propriedade que ficava na estrada que vem de Glynderwen, um pouco mais acima. (Derwen Fawr é o nome galês para "carvalho grande". A velha árvore ainda está no mesmo local.) *Sir* Charles foi Diretor de Habitação do Ministério da Saúde e investiu muito dinheiro na propriedade, pois adquirira toda a terra entre ela e a estrada de Mumbles, para evitar que alguém atrapalhasse a vista que tinha da baía de Swansea. Essa propriedade tinha uma casa grande, três chalés e dezessete acres de terras.

Sir Charles exibira sua habilidade como arquiteto quando reformou a casa, dispondo as terras em gramados e canteiros de flores, assim como na construção de jardins italianos, para os quais ele trouxera da Itália obras em pedras caríssimas. Entre os hóspedes que passaram por ali, podemos mencionar o Sr. Lloyd George e sua família, quando ainda era Primeiro-Ministro, Lorde Melchett, e outros Ministros de Estado. A terra foi muito valorizada, pois a cidade de Swansea crescia, invariavelmente, na direção de Mumbles, e Derwen Fawr é a maior propriedade nas imediações do University College.

Então, o Senhor revelou ao Sr. Howells que Derwen Fawr era a propriedade que deveria comprar em seguida. Assim, começou a orar sobre o assunto e, às vezes, andava com seus amigos em torno do muro da propriedade, como, na Antigüidade, alguns homens rodearam os muros de Jerico. Pouco tempo

depois, ouviu dizer que Lady Ruthen pusera o imóvel à venda e, uma vez mais, a igreja de Roma estava fazendo sua oferta. Em face de tamanha prova, ele sentiu a necessidade de um sinal de Deus. Entendeu a gravidade da posição, porquanto, se adquirissem essa propriedade, poderiam estabelecer um centro bem próximo à Universidade. Ele estava certo de que Deus o chamava de novo para "ir contra aquele inimigo, a igreja de Roma". Por essa razão pediu ao Senhor que confirmasse por intermédio de um valioso cheque que, logo no dia seguinte, deveria lhe ser enviado por uma fonte que nunca lhe mandara dinheiro antes. De manhã, a primeira entrega do correio chegou sem nenhum dinheiro, e o mesmo aconteceu com a segunda, mas, na terceira, havia uma carta com uma quantia elevada, de alguém que nunca lhe doara dinheiro antes!

Exatamente nessa época, a grande depressão econômica estava no auge, e a Grã-Bretanha teve de abandonar o padrão "classe A". Era o pior tempo possível para realizar um empreendimento desses, uma outra grande responsabilidade. No entanto a carga que estava sobre ele era pesada.

"O Senhor sempre nos mostra todas as dificuldades", disse ele, "quando vai fazer qualquer coisa por nosso intermédio."

Assim, ele sentiu que necessitava pedir mais um sinal. Estava para completar cinquenta anos dentro de poucos dias e, portanto, pediu ao Senhor que lhe mandasse um cheque de valor elevado, um presente de aniversário, mas que, novamente, viesse de uma nova fonte.

"Posso lembrar-me agora da reunião que tivemos na noite anterior", disse ele, "louvando antes da vitória! Estávamos no tempo de crer em grandes coisas."

Na manhã seguinte, todo o pessoal da escola e os estudantes estavam aguardando esse sinal especial. Para a surpresa de todos, o carteiro só trouxe uma carta, procedente da Escócia.

"Com grande expectativa nós a abrimos e dentro havia um cheque de valor idêntico ao que eu pedira, proveniente de um doador inteiramente novo."

Ele levou o donativo a seu primo, o Dr. John Howells, que tinha um consultório em Swansea, e mostrou aquele cheque como o sinal de que deveria ser o dono de Derwen Fawr. O médico entrou em contacto com *Lady Ruthen* e, alguns dias mais tarde, os dois foram ver a propriedade. Ela fez uma promessa ao Sr. Howells, de que ele estaria em primeiro lugar se o outro pretendente mudasse de idéia. O fato mais notável foi que no mesmo dia em que eles fizeram essa visita a *Lady Ruthen*, encontraram o agente dos católicos romanos, que fora enviado de Londres para ver a propriedade!

"Mas o Senhor preparou as condições climáticas", disse o Sr. Howells.

"Aquele era um dia lúgubre, muito úmido, pois caía uma garoa fina, de modo que, certamente, ele não examinou nem metade do local. O terreno tinha um ar desolado, pois a vegetação não recebia cuidados havia algum tempo, e ele deve ter ido embora com uma impressão muito desagradável."

Mas o Sr. Howells estava "face a face com o inimigo". A prova já chegara. Será que ele faria a primeira proposta? Eles haviam oferecido bem mais por Glynderwen do que o preço que pagara por aquela propriedade. Quanto será que ofereceriam por Derwen Fawr? Ele se dirigiu ao corretor e lhe fez a

proposta. O corretor parece que achou a proposta aceitável, mas pediu-lhe que fosse vê-lo novamente no começo da semana seguinte.

"Lembro-me do pensamento que me ocorreu, com relação ao que fizera", disse o Sr. Howells. "Ainda tinha um compromisso para saldar, referente à compra de Glynderwen, mas já estava empreendendo novamente uma quantia elevada. Naquele domingo, estive fora, pregando. Quando fora para a cama sábado à noite, não pude dormir, de modo que me levantei e desci para lutar até o fim. Isso significava um mergulho repentino em uma dívida astronômica, sem um centavo sequer em mãos. Somente aqueles que puseram as mãos no arado e não podem olhar para trás sabem o que isso significava. "Todo o jejum do mundo é nada se o compararmos com a responsabilidade de uma dívida. Nunca faria isso por minha própria família, mas somente pelo reino de Deus. O diabo me disse claramente que se comprasse Derwen Fawr, além de Glynderwen, iria parar no tribunal de falências. E eu já me via lá. Mas, quando ele citou a palavra 'falência', disse-lhe o seguinte: 'Quando estive na Escócia, disse que se pagasse uma fortuna por Glynderwen e os católicos a reduzissem a cinzas no dia seguinte, ainda o consideraria o melhor investimento que já realizara em minha vida. Assim, não só estou disposto a falir por Derwen Fawr, mas estou disposto a dar a última gota do meu sangue para evitar que caia nas mãos da igreja de Roma'. No momento em que disse isso, alcancei a vitória. Senti-me livre como um pássaro na minha pregação no domingo.

"Na segunda-feira de manhã, voltei a Swansea e fui ver o corretor para saber se as negociações tinham sido bem-sucedidas. Ele ainda não chegara ao escritório e, enquanto andava pela cidade esperando por ele, encontrei-me com um amigo que me perguntou por onde andara no fim de semana. Ele me disse que não conseguia parar de pensar em mim.

"- Não é de admirar, pois estive no tribunal de falências!

"A seguir, descrevi-lhe a vitória de sábado à noite. Ele ficou pensando por um instante e, depois, indagou-me:

"- Por que você ficou sozinho para lutar essa batalha? Será que você é o único protestante no mundo?

"- Parece que sim, repliquei.

"- Bem, você não deve tomar uma posição sozinho neste negócio. Se os partidários da Reforma deram seu sangue para que conquistássemos esta liberdade, eu também darei algo para mantê-la. Vá até o corretor e, se sua proposta for aceita, volte a mim para pegar o dinheiro do depósito inicial, disse ele.

"Vitória além do valor!

"Ficamos parados, com os olhos marejados de lágrimas de júbilo. A subida era íngreme e difícil, mas pude dizer o mesmo que Abraão: 'O Senhor Provera... No monte do Senhor se provera' (Gn 22.14). E eu, também, parecia ouvir aquelas palavras que o Senhor falara a seu servo: 'porquanto fizeste isso... deveras te abençoarei... porquanto obedeceste à minha voz' (Gn 22.16,17,18). O livramento se encontra sempre no 'monte'. A fé viva deve provar primeiro para Deus que aceitou sua Palavra e sua promessa como uma vitória."

Quando o corretor chegou, ele disse que haveria alguma demora nas negociações. Então, o Senhor disse ao Sr. Howells que revelasse o desafio. De modo que enviou 4.000 livretes, contando a respeito da orientação do Senhor. Escreveu o seguinte:

"As negociações estão em andamento e, agora que o Senhor nos deu a vitória na fé, cremos que as palavras, 'O Senhor provera', muito em breve serão escritas sobre aquela maravilhosa propriedade."

Poucas semanas mais tarde, os católicos abandonaram a corrida, possivelmente em razão do relatório desfavorável de seu agente. Mas havia, também, uma outra associação interessada na propriedade, pois os empreiteiros locais sabiam que ela era uma das mais desejadas de Swansea. Assim, foram semanas repletas de tensão devido àquela situação delicada entre eles e o instituto.

A promessa que *Lady* Ruthen lhe fizera, referente à primeira desistência, era o único direito que o Sr. Howells tinha. Ele foi ao escritório do advogado num sábado, para buscar uma solução final, mas este lhe disse que estava muito ocupado e pediu-lhe que voltasse na segunda-feira. O Sr. Howells podia ver que o procurador o estava pondo fora da jogada, por isso na segunda-feira pediu a seu primo, o médico, que o acompanhasse.

"Foi um dia de apogeu, do qual nos lembraremos por muito tempo", disse o Sr. Howells. "Só havia uma funcionária no escritório quando chegamos. Ela disse que o advogado estava doente, em casa, mas que me enviara um recado, dizendo que Derwen Fawr estava vendida! Isso foi demais para meu primo, e ele foi muito franco naquilo que disse àquela secretária. Agora, na verdade, era a predição que estava sendo amargamente provada. Será que vinha realmente de Deus ou do homem? Se fosse de Deus, Derwen Fawr jamais poderia ser vendida a outra pessoa.

"Assim que deixamos o escritório, o Senhor deu-me forças para dizer a meu primo:

"- Derwen Fawr não foi vendida.

"Sua resposta foi enfática:

"- Será que você não ouviu a moça dizer que Derwen Fawr *foi* vendida?

Como pode dizer que não foi?

"- Porque o Senhor me disse para comprá-la. Há alguns meses mandei imprimir isso, respondi simplesmente.

"Depois, ainda lhe disse:

"- Quer ir à casa do advogado (ele era um antigo paciente de meu primo) e fazer-lhe uma visita?

"Ele concordou e, imediatamente, se pôs a caminho.

"A filha atendeu à porta. Conforme nos disse, ninguém poderia falar com o pai dela; pois estava doente demais para receber visitas.

"- É a primeira vez que ouço alguém dizer que um paciente está doente demais para receber o médico, respondeu meu primo e entrou, sem mais delongas.

"Lá, soube que a associação realmente enviara um cheque como sinal ao escritório do advogado, o qual seria aceito aquela manhã, se ele não tivesse

ficado doente; mas, no último momento, concordara em recusar-lhes o cheque.

"Então o Senhor me disse: 'Você deve comprar Derwen Fawr esta noite ou não fará isso nunca'. Assim, naquela noite, minha esposa e eu subimos para ver *Lady Ruthen*. Enquanto subíamos a estrada, vimos que todas as luzes se apagaram! 'Veja', disse o inimigo, 'eles sabem que vocês estão aqui, e não querem vê-los!'"

"Ela estava vacilante e disse que vinha considerando seriamente conservar a casa para si própria. Diante disso, lembrei-a de sua promessa, e seu genro a confirmou. Ofereci-lhe, pois, um pouco a mais do que a associação, e o negócio foi decidido ali mesmo. Seu genro pediu-me que desse ao advogado alguma quantia, que serviria como um sinal, até que o devido contrato fosse assinado. Tudo o que tinha no mundo eram cem dólares, referente a dois donativos que recebera naquele dia, e esse foi meu primeiro pagamento!"

A decisão da compra fora tomada na véspera de Natal, e o preço a ser pago foi acertado. Três dias depois, o Sr. Howells recebeu cinco donativos, os quais, junto com algumas outras pequenas quantias, o capacitaram a pagar o depósito legal e a garantir a propriedade. Ele não foi levado a aceitar a gentil oferta feita alguns meses antes por aquele amigo que, todavia, prestou uma ajuda substancial posteriormente.

Em uma segunda-feira depois do Pentecostes, em 1930, cerca de mil pessoas, vindas de todas as partes de Gales, reuniram-se para comemorar o sexto aniversário do instituto e a dedicação de Derwen Fawr. No terreno em frente da casa há um grande pedestal com cerca de um metro e vinte centímetros de altura, sobre o qual havia uma estátua. Esta foi removida e de cada lado do pedestal estão duas placas, um testemunho permanente da fidelidade de Deus - "Jeová-Jiré" (O Senhor provera) e "Fé é substância".

A TERCEIRA PROPRIEDADE E O LAR DAS CRIANÇAS

Embora o Sr. Howells ainda estivesse pagando a propriedade de Derwen Fawr e aguardando constantemente que o Senhor suprisse as necessidades diárias do instituto, veio-lhe a palavra do Senhor para que fosse em frente e erguesse novos prédios. Os dois primeiros a serem construídos foram uma capela para o instituto, com capacidade para 200 pessoas, e um salão de conferências que comportasse 400 pessoas. Depois vieram dois internatos masculinos e um internato feminino, para alojar uma centena de estudantes. Tudo isso tinha um alto custo.

Na ocasião em que os operários foram contratados, não tinha um centavo sequer. Havia um contrato, cuja duração foi de mais de dezoito meses, para os empregados da construção, que estavam regularmente registrados. O salário semanal deles representava mais um gasto alto, contudo nem uma vez sequer eles foram embora sem receber o pagamento completo. Mesmo assim, raramente tinha o dinheiro em mãos às sextas-feiras para os salários que seriam pagos no sábado. Às vezes, o livramento não viria na primeira entrega do correio de sábado, o que exigia muita oração antes da segunda entrega. "O Senhor me mantinha em 'permanência' diária e horária", disse o Sr. Howells, "para cumprir a condição de exigir uma resposta às minhas orações." Durante aqueles meses, pela primeira vez, ele foi levado a orar por um donativo de um determinado valor. Numa terça-feira de manhã, o Senhor lhe disse que suspendesse o trabalho de todos os operários, adiasse as aulas e devotasse cada hora para esperar em Deus. A obra não teria reinício até que aquela quantia fosse enviada e, durante aqueles dias, não "se ouviu o som nem de um martelo". Dia a dia eles "oravam cada vez mais alto, tocando o Trono com cada oração", até que na sexta-feira de manhã a quantia chegou. "Que grito de vitória no acampamento!"

Toda manhã, quando o leiteiro fazia sua entrega matutina no instituto, o Sr. Howells sempre estava de pé para cumprimentá-lo. Ele costumava dizer que, como ele mesmo, o Sr. Howells descobrira o segredo de que "você precisa ser um pássaro madrugador se quiser ter bom êxito no mundo!" Quando chegou,

na manhã após a grande vitória, ele desceu as latas de leite de modo a chamar atenção e, com as mãos nos quadris, perguntou-lhe:

- É verdade o que ouvi?

- O que é que você ouviu? inquiriu Rees.

- Que o senhor recebeu muito dinheiro! Exclamou surpreso o leiteiro.

- Isso mesmo! Essa é a mais pura verdade, disse Rees.

- Bem! Bem! Parece que o senhor e Amy Johnson (o aviador) são os únicos dois que podem conseguir dinheiro nestes dias! Rematou.

O projeto de construção estava quase chegando ao fim, quando recebeu o chamado seguinte, em 1932. O Sr. Howells estava lendo a vida do Dr. Whitfield Guinness, da Missão do Interior da China. Ele tivera uma experiência amarga, pois durante as férias escolares de seus filhos, ninguém oferecera um lar para eles na Grã-Bretanha, apesar de que seus pais sempre estiveram prontos a acolher muitas pessoas em sua casa. Ele disse que isso lhe causou mais agonia de coração do que quaisquer perseguições que ele sofreu na China.

O Senhor usou esse fato para trazer perante o Sr. Howells a necessidade que muitos missionários têm de deixar os filhos na pátria de origem. Foi uma das experiências mais profundas e angustiantes de sua vida. As angústias das mães que deixavam os filhos para trás, sem lar e sem os pais por perto, realmente vieram sobre ele. O Espírito Santo fez com que sentisse toda essa dor. Ele permaneceu em seu quarto, sem alimentar-se ou dormir, e seus gemidos podiam ser ouvidos, até que ele clamou ao Senhor: "Que queres que eu faça?" (Ele costumava dizer que há uma lei - quando você já não agüenta mais levar uma carga, o Espírito Santo deve tomá-la.) Ele só ficou livre quando o Senhor lhe disse: "Quero que você faça um lar para todo filho de missionário que não pode levar os filhos para o campo missionário", e ele consentiu.

Uma profunda experiência, sim, e um grande resultado. Dessa labuta veio a visão do lar e da escola para os filhos de missionários, o fruto daquela intercessão conseguida anos antes, quando Deus lhe disse que o tornara "um pai dos órfãos". A partir desse dia houve oração contínua no instituto, em que pleiteavam a causa das mães e dos pais que provaram, por sua obediência, que amam o Senhor mais do que a seus próprios filhos.

Para estabelecer o lar para as crianças, durante alguns meses o Sr. Howells negociou com a Companhia Swansea sobre a compra de Sketty Park, a mansão de *Sir* Byng Morris, com dezessete acres de terra, que não ficava muito distante do instituto; mas, por fim, a companhia decidiu não vendê-la. No dia seguinte, Sketty Isaf estava à venda. Essa era também uma propriedade de dezessete acres, exatamente do lado oposto da estrada para Derwen Fawr. Os donos estavam dispostos a vender a casa com cinco acres somente, dando opção de compra sobre os outros doze; O dono era o Major Pratt. Este, quando ouviu dizer que o Sr. Howells começara a orar sobre esse assunto, disse gracejando em seu clube:

"Se Rees Howells começou a olhar por cima do meu muro e a orar, é melhor que eu saia antes que algo me aconteça!"

E ele saiu!

O Senhor disse ao Sr. Howells que comprasse aquela casa. O contrato foi redigido pelo corretor e ele tinha de assinar, porém ele não tinha o dinheiro para efetuar o depósito. Assim, andou com o documento no bolso por três semanas. O corretor queria-o de volta, mas o Sr. Howells evitava encontrá-lo! Em três semanas, no entanto, o Senhor lhe deu vitória e Sketty Isaf foi adquirida por um valor bem inferior ao que valia. Somente devido à crise de mercado, em razão da depressão, uma casa como aquela, com um bom terreno, poderia ser comprada por um preço tão baixo. O mesmo se deu com Derwen Fawr, que foi adquirida por um valor muito abaixo do que teria alcançado num mercado normal. Posteriormente, ele comprou os outros doze acres e outros sete de um terreno livre adjacente.

O fracasso na compra de Sketty Park e, depois, a orientação do Senhor para adquirir um imóvel muito mais conveniente, o de Sketty Isaf, ilustram uma importante lição de fé, que o Sr. Howells explica desta maneira:

"Parece sempre que vamos morrer por algo que não é realmente essencial, para depois recebermos algo melhor em seu lugar. Assim, antes de eu comprar Derwen Fawr, tentei, durante meses, adquirir uma outra propriedade grande, a alguns quilômetros do instituto. Tomamos nossa posição de fé, o único local de onde podíamos comprá-la, porém minha oferta foi recusada - e eu sabia que a mão de Deus estava nessa recusa. Naquela mesma semana, Derwen Fawr foi colocada à venda. E eu não trocava Derwen Fawr nem por duas propriedades semelhantes àquela outra. Depois, tomei a posição de fé para comprar Sketty Park. No momento em que a companhia rejeitou minha proposta, senti uma grande alegria, porque pude reconhecer que a mão de Deus estava ali também. E, no dia seguinte, Sketty Isaf se encontrava à venda!"

Depois, prosseguiu relatando como, por último, mas não de menor importância, ele tentou comprar Sketty Hall, o lar de Lorde Swansea. Entretanto o local foi rejeitado depois que tomou sua posição de fé. Esse fato, no entanto, será registrado num capítulo posterior. Em vez daquela propriedade, o Senhor lhe disse para comprar Penllergaer. E essa grande propriedade, provavelmente, valha muitas vezes mais do que Sketty Hall. Esse mesmo princípio de fé poderia ser visto em operação em muitas outras ocasiões de sua vida. Na busca de algum grande objetivo que o Senhor lhe dera, nesse caminho, ele buscava e pediria algum livramento ou alguma provisão especial, que, como de costume, não obteria na exata forma em que pedira. Para os de fora, muitas vezes, isso poderia parecer um fracasso ou um engano, o que resultava em muitas críticas. Contudo o efeito sobre ele - e sobre aqueles que estavam com ele na batalha de fé - era o contrário: só o fortalecia na busca do principal objetivo da fé até que ele obtivesse o que buscava. Ele não consideraria isso um fracasso, mas um desapontamento provisório desse caminho, como uma pedra sobre a qual poderia colocar os pés - bem semelhante ao que se passa com o alpinista que escala um pico, pois pensa, erroneamente, que chegou ao ponto mais alto somente para ver outros pontos mais altos além desse, o que serve apenas para aumentar sua vontade

de atingi-los. Mais tarde, esse mesmo princípio operará nas grandes batalhas, em tempo de guerra de fé.

O instituto bíblico, nessa época, tinha cerca de cinqüenta alunos. Alguns dos mais antigos faziam agora parte do quadro de funcionários. Estavam entre eles Tommy Howells, amigo do Sr. Howells desde Brynamman, a Srta. Margaret Williams e outros, que assumiram vários postos de responsabilidade. O Rev. A. E. Glover, mestre em Ciências Humanas, autor de *A Thousand Miles of Miracle* (Mil milhas de milagre) era um dos professores. Alguns desses estudantes partiam para os campos missionários por intermédio de diferentes sociedades: um casal foi com a Missão do Interior da China; diversos deles, com a Cruzada de Evangelização Mundial; um estudante voltou ao antigo posto missionário do Sr. Howells em Rusitu, com a Missão Geral da África do Sul; e diversos deles entraram para o ministério na Grã-Bretanha.

A escola para os filhos de missionários foi aberta em 1933, com onze crianças, incluindo alguns alunos que vinham todos os dias da circunvizinhança, que também eram aceitos. Em relação ao desenvolvimento deles, tiveram o cuidado de preservar o lar como uma verdadeira família para as crianças, sem a intromissão da atmosfera escolar. Logo os números cresceram, tanto de estudantes diários como de filhos de missionários, e Deus começou a enviar funcionários: Kenneth McDouall, mestre em Ciências Humanas, como diretor e a Srta. Doris Ruscoe, bacharel em Letras, como diretora; a Srta. G. Roderick como diretora e mãe para as crianças, a Srta. Elaine Bodley, diretora da escola preparatória, e outros professores e assistentes, todos ofertando seus serviços gratuitamente para o Senhor. Em 1935, a escola mudou-se para Glynderwen e, devido ao seu rápido desenvolvimento, outras extensões se tornaram necessárias. Um prédio para servir de dormitório, três prédios de salas de aulas e um ginásio para esportes foram construídos. Como de costume, quando os construtores chegaram, não tinha em mãos nem um centavo sequer, mas o Senhor só liberou os salários da primeira semana com a chegada da segunda entrega do correio no sábado, em que recebemos um cheque. No sábado seguinte, o Senhor moveu uma senhora a deixar o seu jantar preparado para vir ao instituto com uma oferta. Dessa maneira, semana após semana, construimos todos os novos prédios do instituto e da escola nas três propriedades, algo de custo bastante alto. Enquanto construía esses prédios extras, o Sr. Howells recebeu nove donativos separados de valor bem elevado. Certa vez, o Senhor lhe disse que de todos os donativos superiores a uma determinada importância, ele deveria doar 25%. Em um ano ele deu uma grande soma para a obra de Deus em outros lugares, embora ele mesmo necessitasse dessa importância para essa obra de construção. Ele sempre acreditou na lei do cêntuplo e agia de acordo com ela. Começou o instituto com um dólar e, em quatorze anos, o Senhor enviou-lhe US\$ 650.000,00.

Durante esses anos, além das bênçãos que muitos visitantes receberam, embora já conhecessem o Senhor, houve uma contínua sucessão de pessoas que foram levadas ao Salvador, quer por intermédio das reuniões do instituto, quer pela influência do Espírito mediante a atmosfera do lugar. Na verdade,

seria necessário um volume apenas para narrar as muitas histórias de como "este e aquele nasceram" lá (SI 87.5).

O LIVRO DE ORAÇÃO COMUM E O REI EDOARDO VIII

Nos primeiros anos do instituto, houve alguns exemplos notáveis, numa escala nacional, de resposta à oração. Elas foram as precursoras da oração estratégica numa escala mundial, à qual o instituto deveria ser chamado em anos posteriores, e duas delas são dignas de serem registradas.

A controvérsia que houve em relação à proposta de introdução do novo Livro de Oração Comum na Igreja Anglicana, em 1928, não será esquecida. Praticamente, todos os bispos estavam a seu favor, a despeito de suas tendências romanistas e, segundo a previsão dos jornais, era certo que o Parlamento a aceitaria. Havia muitos poucos que acreditavam que a Câmara dos Comuns a rejeitaria. De repente, dois dias antes dos debates na Câmara, o Espírito Santo perguntou ao Sr. Howells se ele acreditava que o Senhor poderia impedir a aceitação desse novo Livro de Oração Comum. Se ele acreditasse, deveria convocar uma reunião naquela tarde com o propósito definido de "rejeitar o novo Livro de Oração Comum". Ele combateu a sós com Deus, das 10:00h da manhã à 1:00h da tarde, e só depois convocou a reunião. As aulas da tarde foram canceladas. O Espírito se manifestou com grande poder, e a reunião continuou até que o Senhor deu plena certeza da vitória.

Na manhã seguinte, os jornais noticiaram que a Câmara dos Lordes votara e aceitara o novo Livro de Oração Comum; porém o voto decisivo seria da Câmara dos Comuns, que deveria votar naquele dia. E o Espírito Santo disse ao Sr. Howells: "Continue, não duvide". As cenas dramáticas na Câmara dos Comuns serão lembradas quando, perante um auditório apinhado de gente, um ou dois membros falaram, como nunca antes, sobre os perigos de permitir que quaisquer novas tendências romanistas se infiltrassem sorrateiramente em nossa Igreja Nacional. Conforme o relato, havia uma atmosfera na Câmara dos Comuns, como se fosse uma reunião religiosa e, para espanto de todos,

eles votaram contra o novo Livro de Oração Comum. Conforme disse o Sr. Howells:

"O Senhor nos dera a vitória na tarde anterior."

Alguns anos mais tarde, em 1936, houve aquela grave crise nacional a respeito do Rei Eduardo VIII e seu possível casamento com a Sra. Wallis Simpson, uma americana divorciada. Nesse caso, o Senhor levou novamente o instituto a tomar posição em oração. Os diários das reuniões realizadas todos os dias dão o seguinte relato:

Dia 4 de dezembro. "As notícias sobre o rei vieram à luz nos jornais matutinos, e o diretor nos diz como elas são realmente sérias. Voltamos à noite e pleiteamos com o Senhor para guiar o rei, assim como para que desse sabedoria e discernimento a todos os que estão envolvidos nessa crise."

Dia 5 de dezembro. "Dia de oração do instituto. A situação na Inglaterra é muito grave, pois diz respeito não somente à nossa terra, mas ao Império Britânico."

Dia 6 de dezembro. "Dia de oração e de jejum no instituto. Oramos em favor do Império e de sua crise atual. O Senhor revela que é de sua vontade que Eduardo abdique. O Sr. Howells foi forte como um leão em sua luta e declarou: 'Eduardo não deve reinar, ou o Senhor não falou comigo'. Na reunião da noite, houve uma vitória maravilhosa à medida que críamos."

Dia 7 de dezembro. "Há ações de graças pela vitória de ontem. Os jornais revelam que, embora no final de semana passado o rei desafiasse sua posição, agora ele estava ansioso por fazer somente o que fosse melhor para o Império."

Dia 9 de dezembro. "Cremos que o Senhor ajudará o Rei Eduardo a tomar a decisão de acordo com a vontade de Deus, e que sua alma seja abençoada."

Dia 10 de dezembro. "Voltamos às 14:30h para pedir ao Senhor que controle o país, agora que já recebemos a notícia de que o Rei Eduardo VIII abdicou."

Dia 11 de dezembro. "Somos gratos, pois cremos no Espírito Santo. O Senhor salvou o Império e elevou o padrão de vida em nossa amada terra."

O instituto contava com um grupo crescente de amigos no sul de Gales, muitos dos quais eram visitantes freqüentes, que recebiam grande refrigério espiritual nas reuniões e na comunhão, e muitos eram fiéis sustentadores da obra. Para alguns, o Sr. Howells também era capaz de ministrar em assuntos da vida prática assim como da vida espiritual.

Um homem, que fora amigo do instituto desde sua fundação, passou por duras provações em seus negócios. Seus credores o estavam pressionando e um dia, em desespero, pediu ao Sr. Howells que orasse para que o Senhor retirasse as rodas das carroças deles! (Êx 14.25). O Sr. Howells verificou que seu amigo estava a ponto de fechar as portas e abandonar tudo.

"Você não pode fazer uma coisa dessas", disse ele. "Será que não é capaz de pensar em seus filhos?"

Ele o levou ao banco e conseguiu resolver a situação. Daquele dia em diante, ele começou a prosperar e, durante vários anos, o instituto foi muito abençoado por intermédio dele.

Havia um outro amigo do instituto, um diácono da igreja de Rees Howells, que costumava participar das reuniões. Seus negócios naufragaram, e ele veio com um coração muito pesado considerar o assunto com o Sr. Howells e pedir-lhe suas orações. Um dia o Sr. Howells foi à casa desse amigo e verificou que ele estava vendendo tudo. A mãe e a filha estavam chorando, mas o Senhor disse a seu servo que lhes dissesse que *ele* conseguiria satisfazer as exigências que lhes eram impostas, e aquelas lágrimas se transformaram em lágrimas de júbilo!

De outra feita, o Sr. Howells estava precisando de dinheiro para pagar os impostos, porém conhecia um homem que se achava na mesma situação, e o último prazo chegara para ambos. O Sr. Howells não tinha dinheiro suficiente nem para suas próprias necessidades, a quantia de que dispunha era bem inferior à que ele precisava, mas era exatamente a que seu amigo necessitava. Assim, ele foi à casa do amigo para dar-lhe o dinheiro. Ao chegar, encontrou o homem e a esposa ajoelhados, orando pelo dinheiro.

"Vocês podem se levantar", disse ele. "O Senhor me disse para livrá-los." Não disse nada sobre sua própria necessidade, mas, ao voltar ao instituto encontrou um donativo esperando por ele - o valor exato de que precisava. Em outra ocasião, o Sr. Howells estava orando por uma certa quantia de dinheiro, que precisava naquele mesmo dia. Havia uma mulher que sempre lhe dava aquele valor nessa determinada época do ano, na metade do trimestre. Ela chegou naquele dia e trouxe o livramento, porém ele podia ver que ela estava muito abatida. Ela lhe disse que o genro estava em grande dificuldade, e que até havia um processo na justiça contra ele. Se ele tivesse cometido aquele crime e fosse julgado culpado, ele iria para a prisão. O processo seria julgado em uma semana, e ela não conseguia dormir. Queria que o Sr. Howells conversasse com o Senhor a respeito desse assunto e, depois, lhe dissesse se ele seria preso ou não.

"Como orara por aquele dinheiro e a quantia chegou por intermédio dela", disse ele, "achei que isso talvez pesasse no meu julgamento. Será que o Senhor poderia dizer-lhe se o homem era culpado ou não? Foi o que pensei; porque se ele fosse culpado, o Senhor não poderia livrá-lo. Todavia, se ele não fosse culpado e corresse o perigo de ser preso, será que o Senhor poderia livrá-lo?"

"Subi e fiquei lá em cima por um longo tempo. Depois de muita oração, o Senhor me disse: 'Ele não é culpado e será libertado'. Por isso perguntei a ela: "- Foi o *Senhor* que a mandou hoje? *Ele* lhe disse que eu lhe daria o resultado?"

"- Sim, respondeu ela.

"- Se a senhora quiser chorar, chore o quanto quiser antes que eu lhe diga; mas depois não deve derramar uma lágrima sequer! Ele não é culpado, e ficará livre, disse-lhe então."

Para surpresa deles, o júri não chegou a um acordo e tiveram de adiar o caso por dois dias. Depois, quando o processo foi retomado, o juiz verificou que uma das testemunhas contou uma história um tanto diferente da que contara antes. O prosseguimento do processo foi interrompido e o juiz mandou

arquivar o caso. O homem foi inocentado, e a notícia espalhou-se por toda a cidade.

A COMISSÃO DE TODA CRIATURA

O outono de 1934 foi uma época maravilhosa no instituto. Bem cedinho, o Sr. Howells passava muitas horas a sós com Deus, examinando os quatro Evangelhos e obtendo grande luz do Espírito Santo sobre a Vida e a Pessoa do Salvador. Parecia que ele vinha às reuniões matutinas diretamente da presença de Deus, e a Sra. Howells, que conhecia as manifestações do Espírito na vida dele, estava cônica de que o Senhor o preparava para algo.

Na manhã do *Boxing Day**, o Espírito começou a falar-lhe ainda mais cedo do que de costume, antes que tivesse se levantado, e a Sra. Howells, que também estava acordada, ouviu-o repetindo:

"Toda criatura! Toda criatura!"

As três horas da madrugada, ele estava tão consciente de que Deus queria dizer-lhe alguma coisa específica, que ele se vestiu e desceu para sua sala, no andar de baixo da casa. Ali, o Senhor perguntou-lhe se ele acreditava que o Salvador pretendia que sua última ordem fosse obedecida.

- Creio que sim, respondeu ele.

- Então você acredita que posso levar o evangelho a toda criatura? Inquiriu o Espírito.

- Sem omitir nem um ponto, respondeu Rees, creio que o Senhor pode, pois tu és Deus.

- Habito em você, disse então o Senhor, posso fazer isso por seu intermédio? Durante anos, o Sr. Howells orou para que o evangelho se espalhasse por todo o mundo. Antes de ir para a África, o Espírito trouxe perante ele a promessa de Deus ao Filho no Salmo 2.8, e ele não deixou de orar nem um dia para que o Salvador tivesse "as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão". Assim, isso, em certa medida, era uma resposta às suas próprias orações, a razão pela qual aceitou o chamado para a África.

Depois, enquanto esteve na África, ele ficou impressionado com o comentário de Andrew Murray sobre a palavra do Salvador em Mateus 9.38: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara".

* Na comunidade britânica, o *Boxing Day* (literalmente, dia de colocar em caixas) é um feriado que ocorre na primeira semana após o Natal, quando se dão caixas com presentes para carteiros, entregadores e outros empregados. (N. do T.)

Andrew Murray, com base nesse versículo, ressaltara que o número de missionários no campo depende inteiramente da extensão a que alguém obedece àquela ordem e ora pelo envio de trabalhadores. E o Senhor chamara o Sr. Howells para fazer isso. Esse chamado, por sua vez, fora um dos modos de Deus prepará-lo para a comissão posterior de abrir um instituto bíblico. Desse modo, por muitos anos, ele fora um homem com uma visão mundial. Contudo essa nova palavra de Deus o responsabilizou diretamente para realizar essa missão. Não se tratava de mero assentimento à ordem geral de pregar o evangelho a toda criatura. Significava, caso fosse aceita, que ele e todos os que a aceitassem com ele, seriam escravos pelo restante de seus dias desta única tarefa - interceder, ir, servir os outros que vão - responsabilizar-se para providenciar para que toda criatura ouça o evangelho.

O modo como essa comissão foi interpretada, em termos concretos, para o Sr. Howells era que, nos próximos trinta anos, o Espírito Santo encontraria 10.000 canais de todas as partes do mundo* - homens e mulheres nos quais o Espírito entraria, e que permitiriam que ele tomasse posse completa deles para essa tarefa, da mesma forma como, anos antes, ele tomara posse de seu servo. Os recursos financeiros seriam extremamente necessários, mas Aquele que deu milhões para Davi, destinados à construção do templo, poderia dar igualmente àqueles que estavam construindo um templo muito mais precioso, um edifício que não era feito por mãos humanas, mas era eterno nos céus: e o Senhor deu a seu servo aquelas palavras de Deuteronômio 28.12: "O Senhor te abrirá o seu bom tesouro... emprestarás a muitas gentes"; e junto com essa palavra estava a promessa de um primeiro donativo vindo do "Tesouro" - uma grande soma - o qual deveria ser uma confirmação.

Quando Rees Howells saiu de sua sala, era um homem com uma visão e um encargo que jamais o deixariam - a "Visão de Toda Criatura". Ele a apresentou aos professores e aos alunos, e o dia de ano-novo de 1935 foi dedicado à oração e ao jejum. Sentiram a presença de Deus de um modo muito real e, embora eles não subestimassem a grandiosidade da tarefa, muitos deles ficaram imbuídos de uma profunda e crescente convicção de que Deus faria uma coisa nova. Essa era uma convicção de que como o Salvador descera ao mundo para fazer uma expiação por toda criatura, o Espírito Santo descera para tornar essa expiação conhecida a toda criatura, e completaria essa obra naquela geração.

Em um certo sentido, o mundo começou a ser o campo de visão deles.

Começaram a se abrir para que Deus lançasse sobre eles qualquer oração que facilitasse alcançar cada criatura com o evangelho.

* O fenomenal resultado de missionários consagrados que se apresentaram voluntariamente para a pregação do evangelho às centenas, desde a Segunda Grande Guerra, especialmente dos Estados Unidos, é significativo a esse respeito. Uns 600 saíram para um só campo - o Japão. As escolas e institutos bíblicos norte-americanos têm cerca de 40.000 moços e moças estudantes, e

algumas igrejas chegam a dar altas somas anualmente para o sustento direto de missionários evangélicos estrangeiros; isso sem mencionar as centenas de outros que saem da comunidade britânica, da Escandinávia e de outros países.

Responsabilizaram-se por interceder em favor de países e de nações, bem como em favor de missionários e de sociedades missionárias. O instituto tornou-se uma "casa de oração para todos os povos".

Uma forma assumida por essa batalha de oração foi a intercessão nacional e internacional, concernente a qualquer coisa que afetasse a evangelização do mundo. Toda criatura deve ouvir. Portanto as portas devem ser mantidas abertas. Suas orações se tornaram estratégicas. Eles deveriam enfrentar o inimigo e dar-lhe combate onde quer que ele se levantasse contra a liberdade de evangelizar. Deus estava preparando um instrumento - um grupo para lutar, de joelhos, as batalhas do mundo.

A primeira batalha de oração nessa escala internacional foi em 1936, quando a Alemanha enviou seus soldados para a região do Reno e violou o Tratado de Locarno.

"Sabíamos que a França ficaria alvoroçada naquele dia", disse o Sr. Howells, "e isso significava nada menos do que uma guerra européia e, por conseguinte, um estorvo à divulgação do evangelho. Somente aqueles que estavam no instituto é que podem reconhecer o peso que o Espírito Santo colocou sobre nós. 'Prevaler contra Hitler', disse-me o Senhor, e isso significou três semanas de oração e de jejum."

O diário das reuniões do instituto daquela época registra o seguinte:

21 de março. "As coisas estão muito tensas no Continente. Oramos até às 11:00h da manhã e voltamos às 14:30h, às 18:00h e às 21:00h. Pedimos ao Senhor que lide com a Alemanha."

23 de março. "A situação é muito grave, no Continente e em Londres. Reuniões às 9:00h e às 11:00h da manhã, e às 18:00h e às 21:00h. Pedimos a Deus para que trate com Hitler e com a nação alemã, e também que os responsabilizasse por suas atitudes."

24 de março. "A situação da crise européia se agrava cada vez mais, todos os países estão em desacordo entre si. A carga está ficando muito pesada, mas o Senhor nos permite pleitear a 'Visão de Toda Criatura' em sua presença. O Senhor desvia nossos olhos dos países para que se voltem para ele. Reuniões às 9:00h, às 18:00h e às 21:00h."

E continua nesse teor por outros cinco dias. Então, a 29 de março, o Sr. Howells veio à reunião e disse:

"A oração falhou. Estamos em terreno escorregadio. Somente a intercessão será proveitosa. Deus está exigindo intercessores - homens e mulheres que ofereçam a vida sobre o altar para combater o diabo, de forma tão real como teriam de combater o inimigo na frente ocidental."

Ficou claro que um soldado à frente de batalha não decide para onde vai, nem o que faz. Ele não pode tirar férias ou atender às exigências dos queridos e do lar, como as outras pessoas podem. E o Senhor lhes dizia que se de fato alguns se tornassem escravos do Espírito Santo em favor de toda criatura e lançassem

a vida na brecha (Ez 22.30), ele daria a vitória e afastaria a guerra. Um grande número de professores e alunos se renderam.

"Alcançamos vitória imediata", disse o Sr. Howells, "e sabíamos, a partir daquele momento, que Hitler não era mais do que uma vara nas mãos do Espírito Santo."

O diário registrou:

29 de março. "O dia mais maravilhoso no instituto até aqui. Grande dia de submissão, em que muitos aceitaram o desafio do martírio."

30 de março. "O fogo caiu sobre o sacrifício. O Espírito Santo se manifestou na reunião vespertina. Ajoelhamo-nos, e alguns começaram a cantar o coro: 'Bem-vindo, bem-vindo, bem-vindo! Espírito Santo, nós te saudamos'. Sentimos tamanha liberdade e poder que continuamos cantando esse coro durante uma hora."

1ª de abril. "Outro dia de adoração e de louvor ao Senhor. Ele desceu sobre o instituto, e este agora é um novo lugar; há cântico desde Derwen Fawr até Glynderwen."

Daquele domingo em diante, a crise de guerra na Europa mudou para uma busca de paz; foi a época em que houve uma proposta de um pacto de paz para os vinte e cinco anos seguintes. O instituto também teve a certeza de que eles poderiam prevalecer com Deus no sentido de manter a mão divina sobre Hitler e sobre a ameaça nazista. Toda vez que ele fazia uma nova arremetida, como aquela sobre a Áustria, os dias eram separados para oração. A maior prova ocorreu no verão de 1938, quando houve a disputa de Hitler sobre a Tchecoslováquia, resultando no que ficou conhecido como a crise de Munique.

Agora sabemos que a "voz" que Hitler seguia, que coincidia com o conselho de alguns de seus assessores de confiança, insistia com ele para que atacasse enquanto a Inglaterra ainda se encontrava totalmente despreparada. A guerra parecia inevitável, e os líderes do país pediram um dia de oração. Deus tornou o desafio muito real para o instituto e, durante dias, o conflito foi amargo. Era, em essência, um choque de forças espirituais -uma prova de forças entre o diabo em Hitler e o Espírito Santo no exército de intercessores.

No auge da batalha, a única oração que o Espírito deu ao instituto por intermédio de seu servo foi: "Senhor, faça Hitler se curvar". Chegou um ponto quando esse clamor de luta se transformou num grito de vitória. O diabo teve de ceder.

Foi exatamente antes do começo do novo período escolar no instituto. A vitória era tão certa que o Sr. Howells transformou o dia de abertura num dia de louvor. No sábado, dia 17 de setembro, apareceu um anúncio no *South Wales Evening Post*, declarando que "as reuniões (da quinta-feira seguinte) assumiriam a forma de louvor e de ações de graças, porque Deus havia, novamente, impedido uma guerra européia."

Centenas se reuniram no salão de conferências naquela hora sombria da história, para unirem-se em louvor a Deus. Nos dias que se seguiram, a prova se tornava cada vez mais intensa, porém a fé estava firme e, na quinta-feira, dia 29 de setembro, o instituto e a escola tiveram um feriado geral, para

comemorar a vitória futura. No dia seguinte, 30 de setembro, foi assinado o Pacto de Munique. A guerra fora evitada.

O que *aconteceu* com Hitler? A única pessoa que estava em posição de saber era Sir Neville Henderson, o embaixador britânico na Alemanha naquele momento fatídico. Em seu livro *Failure of a Mission* (Fracasso de uma missão), ao descrever a reação singular de Hitler, após assinar o Pacto de Munique, ele faz as seguintes declarações significativas:

"Hitler ficou irritado consigo mesmo. Uma parte de seus seguidores estava sempre instigando-o a lutar contra a Inglaterra enquanto esta ainda estava militarmente despreparada. Censuraram-no por haver aceitado a solução de Munique e por haver perdido, desse modo, a oportunidade mais favorável. Havia um sentimento inquietante, pois tinham receio de que eles pudessem ter contribuído diretamente para o mau humor de Hitler... Sua 'voz' lhe dissera que... não poderia haver momento mais propício para ela (a guerra) do que outubro. Contudo, uma vez mais, ele fora obrigado a não levar em conta aquela 'voz' e a ouvir os conselhos de prudência... pela primeira vez, ele não obedeceu à sua 'voz'... Em diversas ocasiões, ele atuara em desafio direto ao conselho de seus resolutos seguidores e de seu exército, entretanto os acontecimentos sempre provaram que ele estava certo. Até aquela ocasião em Munique. Ali, pela primeira vez, ele fora compelido a ouvir a opinião contrária. Assim, pela primeira vez, sua própria fé em sua 'voz' e a confiança de seu povo em sua capacidade de julgamento ficou abalada... 'O senhor é o único homem', disse ele um tanto amargamente ao Sr. Chamberlain, 'a quem já fiz uma concessão'."*

O Senhor fizera "Hitler se curvar".

Certamente foi por causa dessa vitória e do conhecimento que o Espírito Santo era mais forte do que o diabo em Hitler, que o instituto, um ano mais tarde, foi capaz de ter certeza, quando veio a guerra, que esta não significava uma vitória de Satanás, mas era a "guerra de Deus contra a besta".

Uma coisa que também fortaleceu muito o Sr. Howells e seus seguidores, em seu desafio de fé naquela época, foi o fato de que em julho de 1938, pouco antes dessa crise, Deus dera o selo sobre a "Visão de Toda Criatura", como prometera - o donativo de alta soma vindo do "Tesouro".

* Neville Henderson, *Failure of a Mission*, pp. 175, 176, 179, 157; Hodder Stoughton, Ltda. Citado com permissão dos testamenteiros do autor.

A ETIÓPIA

Logo após a crise de março de 1936, veio a longa e dura luta pela Etiópia, a qual parecia que terminara em um sombrio fracasso. Assim que ficou evidente que Mussolini pretendia invadir o país, o Sr. Howells e o instituto viram o que estava por trás daquela invasão.

A Etiópia, pela influência do imperador, estava abrindo um novo caminho para as missões evangélicas e havia perspectiva de ampla evangelização em muitas áreas. O Sr. Howells reconheceu que uma vez mais se tratava de uma campanha contra o inimigo na igreja de Roma; pois se a Itália dominasse o país, seria o fim do testemunho protestante ali.

A batalha da intercessão durou três semanas.

"Era como se estivéssemos lutando naquele país", disse o Sr. Howells.

"Acreditávamos que Deus não daria a Etiópia ao ditador fascista."

A luta se tornou mais ferrenha, quando o exército italiano começou a se aproximar da capital, Adis-Abeba. O diário do instituto correspondente àqueles dias de 1936 relatava o seguinte:

24 de abril. "Dia de oração e de jejum (exceto para o café da manhã). Grande peso enquanto oramos pelos etíopes. Tudo se torna realmente mais pesado ao entardecer, e as notícias nos jornais são muito graves. Cremos que os italianos não entrarão em Adis-Abeba."

25 de abril. "Quatro reuniões de oração. Há uma grande carga a ser levada. Cremos que o Senhor intervirá e os italianos sofrerão um revés."

28 de abril. "A carga é grande. Muitos estão seguros de que os italianos não entrarão em Adis-Abeba e o instituto, em sua totalidade, crê nesse grande fato."

29 de abril. "Estamos chegando a uma sólida fé e esperamos que o Senhor detenha os italianos."

1º de maio. "A luta ainda é muito feroz. Passamos três horas maravilhosas com o Senhor, pleiteando pelas centenas de missionários que se encontram na capital. O Senhor diz ao diretor que ele deve se afastar da vida pública nos próximos dez anos e interceder pelas nações. Ah, que alegria estar nessa vida e tomar parte na batalha da intercessão!"

4 de maio. "Dia de oração e de jejum. Sentimos um grande peso por Adis-Abeba, enquanto líamos sobre o levante que teve início, quando o imperador deixou o palácio. Um dia difícil, mas estamos crendo que o Senhor intervirá, embora permita que a prova seja muito intensa."

5 de maio. "Ainda há grande peso por Adis-Abeba. Os italianos marcham sobre essa cidade às 4:00h esta tarde."Essa foi a primeira lição para muitos no instituto daquilo que vimos várias vezes na vida do Sr. Howells, a saber, a morte numa intercessão que precede a ressurreição, assim como essa é a prova para os intercessores para saber se eles podem atravessar o vale da humilhação, de um aparente fracasso, com uma fé inabalável. Aquilo que esperavam não aconteceu. Os italianos não deveriam ocupar a capital, mas a ocuparam, e o imperador fugiu. Roma triunfara. Parecia o fim da obra do evangelho naquele país. No entanto o Sr. Howells explicou ao instituto o princípio ao qual já nos referimos: que o aparente fracasso pode ser apenas uma pedra que irá ajudar para uma vitória maior. O registro do instituto continua:

6 de maio. "O diretor tem mais luz sobre a intercessão para mostrar-nos - ou seja, que se não tivéssemos intercedido por aqueles homens da Etiópia, jamais teríamos sofrido com eles. E se nossas orações foram orações de fé, sofreremos apenas um revés, e não um fracasso resultante da descrença. Houve uma grande reunião pública às 19:30h, quando o Senhor nos revelou José, 'o sonhador', que permaneceu naquilo que o Senhor lhe mostrara e passou por provas tremendas, mas, finalmente, viu acontecer aquilo em que acreditava." A fim de conservar a história das relações de Deus com o instituto, concernentes à Etiópia como um todo, revisaremos rapidamente os acontecimentos dos cinco anos seguintes, embora isso nos transporte para bem além da data que atingimos no presente.

Apesar de Mussolini ter capturado o país, o instituto nunca perdeu a fé. O imperador veio para a Inglaterra e, então, uma das coisas mais improváveis aconteceu, pois ele veio ao instituto. Quem, senão Deus, poderia ter dirigido seus passos para o grupo de pessoas que, provavelmente, orara, de forma concentrada, mais do que quaisquer outras, em favor dele e de seu povo? Alfred Buxton, genro de C. T. Studd, que foi líder da Sociedade Missionária dos Eclesiásticos da Bíblia na Etiópia, sabia que o instituto possuía um lar e uma escola para os filhos de missionários e escreveu ao Sr. Howells, perguntando se ele aceitaria na escola Lidj Asrate Kassa, filho de Ras Kassa e parente do imperador. (Posteriormente, ficou conhecido como Dejzmach Asrate Kassa e tornou-se o Governador-Geral de uma das grandes províncias da Etiópia.)

Um ano mais tarde, o próprio imperador perguntou se ele poderia vir e visitar o instituto e Asrate. Houve uma recepção cívica em Swansea, preparada pelo prefeito e sua esposa, e pelo Conselheiro David Richards e sua filha, realizado na sala de sessões da câmara municipal, onde ele assinou o livro de visitantes. O prefeito, dirigindo-se a ele, disse-lhe que, para o povo de Swansea, ele ainda era "Sua Majestade" e esperavam que algum dia ele fosse restaurado a seu país. Ele ainda acrescentou que somente Deus poderia fazer isso. Depois, o imperador visitou o instituto e a escola, onde ele tomou um chá completo. O Sr. Howells acabara de adquirir a mansão em Penllergaer e ofereceu-a ao imperador, para que fosse sua residência na Inglaterra até que suas orações fossem respondidas e ele voltasse ao seu trono. Enquanto se dirigiam à casa,

pela avenida de quase dois quilômetros, empolgados com os rododendros e as azaléias, os olhos do imperador se encheram de lágrimas. A seguir, fez a seguinte observação à Sra. Howells:

"Se o céu for um lugar mais belo do que este, deve ser muito maravilhoso. O que seu marido fez traz-me à lembrança um provérbio etíope: o homem que conta somente com Deus pode fazer todas as coisas e jamais falha."

O imperador ficou também muito comovido ao ouvir como o Sr. Howells fora chamado para ajudar os refugiados judeus, porque, como ele disse:

"Eu próprio sou um refugiado."

Poucos dias depois ele escreveu:

"Haile Selassie I

Eleito de Deus, Imperador da Etiópia

Ao Rev. e Sra. Rees Howells:

É com profunda gratidão que desejo lhes escrever hoje, para lhes agradecer por toda cordialidade e atenção que me dispensaram durante minha visita a seu instituto bíblico na semana passada. Para mim, foi uma inspiração ver todas as coisas maravilhosas que o Senhor os leva a fazer entre os de seu próprio povo e aqueles que encontram refúgio em seu país. Rogo a Deus para que em sua graça continue a abençoar, muito ricamente, essa grande obra dele.

Sinceramente,

(assinado pessoalmente pelo imperador)."

O capelão particular do imperador e seu genro, Abye Abebe, agora brigadeiro-geral e ministro da guerra, passaram um tempo, como estudantes, no instituto. No verão de 1939, o próprio imperador passou quinze dias em um acampamento nos terrenos de Penllergaer e, todas as noites, descia para a reunião no instituto. Ao fim de sua estada, o início da guerra era iminente e, portanto, foi direto do acampamento para Londres e, posteriormente, de Londres para seu próprio país. Em junho de 1941, quando o imperador reentrou em sua capital, ele enviou ao Sr. Howells este telegrama:

"Sei que o senhor partilhará de minha alegria, aquela que senti quando entrei em minha capital. Envio-lhe este telegrama como lembrança da simpatia e da ajuda no passado.

Imperador Haile Selassie."

O Sr. Howells lhe enviou uma resposta:

"Grato por vosso telegrama. Louvamos a Deus diariamente pela restauração da Etiópia e por dar-vos de volta o trono. Que o Senhor vos abençoe e vos guarde e vos dê a paz.

Rees Howells, Instituto Bíblico, Swansea."

A resposta de Deus foi perfeita. A expansão da obra missionária no país desde a expulsão dos italianos foi, sem dúvida, a maior da história. Assim como deveria ser, mais tarde, durante a Segunda Grande Guerra, nesse momento a resposta à intercessão não poderia ser completa, até que o agressor fosse tratado de tal modo que não pudesse mais se levantar e ameaçar o país novamente. E, quando os missionários retornaram, relataram que, no distrito de Walamo, não puderam explicar o avivamento que estivera em curso

durante a ocupação italiana, pois houve um salto de 500 convertidos para 20.000 deles.

A VISITAÇÃO DO ESPÍRITO

Desde o tempo da dedicação especial, no dia 29 de março de 1936, quando muitos do instituto, tanto professores como alunos, puseram a vida sobre o altar como intercessores, o Espírito estava trabalhando no meio deles. O ápice e a consumação aconteceram no ano-novo de 1937. Esse foi o dia de "Pentecostes" do instituto, do qual eles emergiram, não como um grupo de indivíduos consagrados, porém com vínculos frágeis, mas como um corpo no pleno sentido da palavra, um organismo vivo integrado, com uma só vida e um só propósito. O Dr. Kingsley C. Priddy, de alta graduação, membro do pessoal administrativo e, posteriormente, diretor da escola, apresenta o seguinte relato daqueles dias:

"Nas férias de Natal de 1936 dedicamos muito tempo à oração". À medida que nos aproximávamos do novo ano, de 1937, havia uma crescente consciência da presença de Deus. O primeiro sinal exterior de que ele estava operando de um novo modo foi quando um membro do pessoal administrativo não agüentou mais e começou a orar, confessando seu senso de necessidade e clamando ao Espírito Santo para que o socorresse. Então, ouvimos como o Espírito Santo se manifestara de tal forma, na glória de sua divina Pessoa, a algumas das alunas, que elas choravam perante ele durante horas - quebrantadas em face da corrupção de seu coração, que fora revelada à luz da santidade do Espírito.

"Um terrível senso da proximidade de Deus começou a infiltrar-se por todo o instituto. Havia uma solene expectativa. Lembramo-nos dos 120 no cenáculo antes do dia de Pentecostes. A semelhança deles, somente queríamos passar nosso tempo 'em oração e súplicas' - cônscios de que a mão de Deus estava sobre nós; cientes de que ele estava para realizar algo. Deus estava ali; entretanto sentíamos que ainda aguardávamos que ele viesse. E nos dias que se seguiram, *ele veio*.

"Ele não veio como um vento impetuoso. Mas, aos poucos, a Pessoa do Espírito Santo encheu todos os nossos pensamentos, sua presença invadiu todo o local e sua luz parecia penetrar todos os recantos ocultos de nosso

coração. Ele falava por meio do diretor em toda reunião, mas foi na quietude de nossos próprios quartos que ele se revelava a muitos de nós.

"Sentíamos que, antes, o Espírito Santo era uma Pessoa real para nós. Até onde podíamos compreender, já o havíamos recebido anteriormente, assim como alguns de nós já conheciam muito de suas operações em nossa vida e por meio de nós. Contudo agora a revelação de sua Pessoa era tão tremenda que todas as nossas experiências anteriores pareciam irrelevantes. Não havia nenhuma aparição visível, mas o Espírito se fez tão real a nossos olhos espirituais que era como se estivéssemos tendo uma experiência 'face a face'. E quando o vimos soubemos que realmente nunca o havíamos visto antes. Dissemos como Jó: 'Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem' (Jó 42.5); e como ele clamamos: 'Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza' (v. 6).

"A luz de sua pureza, não era tanto *o pecado* que víamos, mas o *ego*.

Enxergávamos o orgulho e os motivos pessoais subjacentes a tudo quanto já fizéramos. Luxúria e autocomiseração foram descobertas em lugares onde nunca suspeitáramos. E tínhamos de confessar que nada sabíamos do Espírito Santo como uma Pessoa que habita em nós. Sabíamos que nosso corpo devia ser templo do Espírito Santo, mas quando ele insistiu na pergunta 'Quem está vivendo em *seu* corpo?', não podíamos dizer que era ele. Outrora, teríamos dito isso, mas agora nós o tínhamos visto.

"Em sua natureza, o Espírito era como Jesus - ele nunca viveria para si mesmo, mas sempre para os outros. Éramos pessoas que haviam deixado tudo para seguir o Salvador e que, também, tinham abandonado os bens deste mundo para levar uma vida de fé. E até onde compreendíamos, havíamos submetido nossa vida inteiramente Aquele que morreu por nós. Ele, porém, nos mostrou: 'No mundo, existe uma total diferença entre ter *sua* vida submissa em minhas mãos e eu viver *minha* vida em seu corpo'.

"Lemos de novo o livro de Atos e verificamos que estávamos lendo não os atos dos apóstolos, mas os atos do Espírito Santo. O corpo de Pedro e o dos demais tornaram-se templo do Espírito. O Espírito Santo, como Pessoa divina, vivia no corpo dos apóstolos, da mesma maneira como o Salvador vivera sua vida terrena no corpo que nasceu em Belém. E tudo o que o Espírito Santo pedia era que lhe entregássemos nossa vontade e nosso corpo.

"'Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo.' (Rm. 12.1.) Era como se nunca tivéssemos lido esse texto antes. Ele deixou claro que não estava pedindo serviço, mas sacrifício. 'Nosso Deus é fogo consumidor' (Hb 12.29), e se Deus, o Espírito Santo, tomou posse desses corpos, então *sua* vida consumiria tudo quanto fosse *nosso*.

"Havíamos cantado muitas vezes: 'Queremos ser como Jesus', mas quando uma Pessoa, que é exatamente como o Salvador, se ofereceu para viver aquela vida diariamente, hora após hora, em nós, descobrimos como fôramos pouco realistas. Havia muita coisa dentro de nós que ainda desejava viver nossa própria vida - que recuava diante dessa 'sentença de morte'! Somente agora compreendíamos verdadeiramente as palavras do Salvador em Lucas 9.24:

'Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará'.

"Por que será que ele se manifestara a nós desse modo? Ele deixou isso perfeitamente claro. Era porque havia uma obra a ser feita no mundo hoje, que somente ele poderia fazer (Jo 16.8). Não é de admirar que o Mestre dissesse a seus discípulos que não se ausentassem de Jerusalém até que recebessem 'a promessa do Pai'. Mas, quando ele viesse, eles seriam suas testemunhas 'tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra' (At 1.8).

"Muitos de nós, naquele 29 de março, havíamos posto sobre o altar tudo o que tínhamos a fim de levarmos o evangelho a toda criatura. Estávamos dispostos a ser um dente qualquer da engrenagem na maquinaria de que Deus necessitava para realizar essa obra em nossa geração. Mas agora o Espírito Santo disse, como Jeová dissera a Moisés: 'Desci para fazê-lo'. E sabíamos que o Senhor era tão poderoso quanto era santo.

"A medida que aqueles dias de visitação passavam, estávamos simplesmente prostrados a seus p s. Pensávamos que havia alguma virtude em nossa submissão, ou seja, que nós, como milhares de outros, seríamos as pessoas escolhidas para evangelizar o mundo nesta gera o. Mas agora *ele* viera, e estávamos fora da obra - exceto devido ao fato de que nosso corpo seria o templo no qual o Espírito habitaria e operaria por meio dele. Ele disse: 'Não vim para dar-lhes alegria, ou paz, ou vitória. Não vim para dar-lhes qualquer b n o, absolutamente. Vocês encontrarão tudo o de que precisam em Jesus. Mas vim para colocar *vocês* na cruz, de maneira que Eu possa viver em seu corpo por amor a um mundo perdido'. (Ver Colossenses 3.3; 2 Coríntios 4.10; Gaiatas 2.20.)

"Ele nos advertiu de que as prova es, antes que essa tarefa estivesse completa, seriam grandes, e os ataques de Satanás, tão ferozes, que a 'carne e o sangue' nunca seriam capazes de resistir a eles. O Espírito nos mostrou que   véspera da crucifica o, quando houve o choque verdadeiro com o poder das trevas, somente o Salvador suportou. Vimos que cada um dos discípulos falhou naquela hora - a despeito de toda sua submissão, de seus votos e de sua devo o ao Mestre. E olhando para os anos futuros - as trevas dos últimos dias desta época, a competi o final entre o céu e o inferno pelos reinos deste mundo -só podíamos ver uma Pessoa que seria 'suficiente para essas coisas', ou seja, a gloriosa terceira Pessoa da Trindade atuando por meio daqueles em quem podia habitar.

"O Espírito se encontrou com cada um de nós. Desfizemo-nos em lágrimas e contri o perante ele. Um após outro fazia subir o clamor como subiu o de Isaías, quando ele também 'viu o Senhor': 'Ai de mim! Estou perdido!... sou homem de lábios impuros...' (Is 6.5). Uma a uma, nossas vontades foram quebradas, pois rendemo-nos a seus próprios termos incondicionais. A cada um veio o glorioso reconhecimento - ele entrara; e a maravilha de nosso privilégio simplesmente nos subjugara.

"A experiência pessoal foi grande - agora éramos novas pessoas, sua Palavra era nova. Assim, muitas vezes tiv ramos de rebaixar a Palavra para o patamar

de nossa experiência. No entanto agora a Pessoa que estava em nós insistiria em elevar nossa experiência ao patamar de sua Palavra. Entendíamos que a crucificação fora uma morte lenta e que ele teria muita coisa para modificar em nós antes que ele estivesse realmente livre para fazer sua obra por nosso intermédio. Contudo sabíamos uma coisa - ele viera, e não falharia.

"Muito mais importante, porém, do que qualquer coisa que sua visitação pudesse significar para nós pessoalmente, era o que ela significaria para o mundo. Nós o vimos como Aquele para quem 'as nações são consideradas como um pingo que cai de um balde; e como um grão de pó na balança'. Com nossas faces perante ele, só podíamos dizer o que vinha de um coração reverente: 'Espírito Santo, tu vieste para sacudir o mundo'.

"Não havia comoção ou entusiasmo da carne naqueles dias. Quando o poder do Espírito veio sobre nós depois de 29 de março, ficamos enlevados e vivíamos cantando e gritando nossos louvores. Mas, naqueles dias, estávamos tão reverentes pela santa majestade de sua Pessoa que, dificilmente, ousávamos levantar nossa voz nas reuniões.

"Inclusive, todo o terreno, do lado de fora, parecia cheio de sua presença. Andando juntos por toda parte, percebíamos, de repente, que estávamos cochichando. Geralmente já era tarde da noite e ninguém pensava em ir dormir - pois Deus estava ali. Parecia um antegozo da cidade santa - 'Lá não haverá noite.' (Ap 22.5.) Às duas ou às três horas da madrugada, muitas vezes, sentíamos como se fosse simplesmente meio-dia, enquanto comungávamos, orávamos com alguns que estavam 'alcançando a vitória', ou aguardávamos diante de Deus na quietude de nosso coração.

"Desse modo especial, sua visitação durou umas três semanas, embora - Deus seja louvado! - ele veio para 'permanecer' e continuou conosco desde aquela época. Ninguém, todavia, tem o monopólio do Espírito Santo. Ele é Deus e, seja qual for a experiência que tivemos com ele, ele é muito maior do que aquilo que podemos saber dele. Seja o que for que saibamos a respeito de seus dons, de suas manifestações e de sua unção, ele é muito maior do que tudo isso. Qualquer que seja a forma em que o Senhor se manifeste a nós, reconhecemos, no entanto, que ele opera poderosamente em outros e por intermédio deles. Cada vez mais contamos com o Espírito Santo, derramado sobre toda carne, conforme profetizou Joel, como o Único por quem a visão que ele nos mostrou pôde ser cumprida, por intermédio de seus canais preparados em todas as partes do mundo."

Mediante essa caída do fogo sobre o sacrifício, o Espírito selara para si mesmo um grupo de intercessores em favor de toda criatura. Havia entre eles professores, médicos, enfermeiras, empregados domésticos e de escritório, jardineiros e mecânicos, gente cuja atuação na sociedade civil era das mais variadas, mas cuja comissão era única. Muitos dos próprios alunos permaneceram como parte desse grupo de oração e de trabalho. Há ocasiões, nos tratos de Deus com seus servos, em que ele separa para si mesmo, não apenas indivíduos, mas grupos, batizados, por assim dizer, por um só Espírito em um só corpo para um único propósito indicado por Deus - e esse grupo era agora uma dessas companhias.

A QUARTA PROPRIEDADE E OS JUDEUS

O encargo que veio em seguida sobre o Sr. Howells foi em favor dos judeus. A medida que acompanhamos o instituto e o Sr. Howells ao longo dos meses e dos anos de intercessão por Israel, é notável ver agora o cumprimento da primeira fase de sua oração no retorno dos judeus e o estabelecimento do Estado de Israel. Praticamente não havia nenhum sinal aparente de que isso viria a acontecer quando o encargo veio pela primeira vez a seu servo! Isso nos lembra que nenhum grande acontecimento da história, muito embora profetizado com antecedência nas Escrituras, acontece sem que Deus encontre canais humanos de fé e de obediência. É preciso crer na manifestação das profecias, bem como das predições.

O peso recaiu pela primeira vez sobre o Sr. Howells quando leu a proclamação por parte da Itália, a 3 de setembro de 1938, de que todos os judeus deveriam deixar a Itália em seis meses. Esse fato, ligado ao feroz anti-semitismo na Alemanha, fez com que direcionasse seus pensamentos para o retorno do povo de Deus à própria terra. Ele disse nas reuniões:

3 de setembro. "Tenho uma grande responsabilidade por esse povo e quero que Deus lance sobre mim a carga deles. O diabo, por meio de Hitler e de Mussolini, está sendo usado para enviá-los de volta à própria terra. Esse é o cumprimento da profecia, um outro sinal de que este é o fim dos tempos. Estou ansioso para ajudar o povo de Deus a retornar à sua terra."

5 de setembro. "Nas profecias de Isaías, acerca do segundo retorno do povo de Deus, ele diz, nos capítulos 11 e 12, que Deus os recolherá dos quatro cantos da Terra. Isso é exatamente o que está acontecendo hoje. O Espírito Santo está ansiando por ajudá-los por intermédio de alguém. Quero que Deus me toque mais profundamente ainda com os sentimentos referentes ao que esse povo está sofrendo."

1 de setembro, "Daniel pôde prevalecer com Deus de um modo maravilhoso pelo retorno do povo de Deus, depois que ele viu que os setenta anos de cativeiro haviam terminado. Devemos ter fé e crer no pacto de Deus com Abraão de que eles habitarão na terra, em vez de meramente simpatizar com

os judeus. Deus moveu Ciro, aquele que os retinha no cativeiro, a fornecer o dinheiro para levá-los de volta! Ele fará isso novamente, se alguém crer nele. Creio firmemente que os tempos dos gentios estão se aproximando do fim, e os judeus devem estar de volta à própria terra quando o Senhor voltar."

11 de setembro. "Penso nos lugares de intercessão conquistados em favor dos errantes, na aldeia, como nazireu, pelas viúvas na Índia, por um tuberculoso, pelos filhos de missionários, Agora Deus nos chama para sermos responsáveis pelos judeus."

Em seguida, começou a descrever como Deus lhe dera, de forma bem clara, a incumbência para que se responsabilizasse por um donativo para os judeus, de valor altíssimo, e cresse em sua realização. Ele passou dias em oração fervorosa por essa quantia.

Contudo, poucas semanas mais tarde, chegaram as notícias que relatavam que Hitler "expulsara" milhares de crianças judias na fronteira polonesa, aumentando, desse modo, a responsabilidade que pesava sobre o Sr. Howells. "No momento em que li essa notícia nos jornais", disse ao instituto, "veio sobre mim uma grande angústia. Ninguém sabe o que isso deve significar para os pais delas. O Espírito Santo é como um pai, e se eu fosse pai de filhos cujo lar foi destruído, será que não buscaria um abrigo para eles imediatamente? O Espírito Santo sofre dessa maneira por todos aqueles pais que se encontram no Continente. A menos que o Espírito, por intermédio de vocês, torne esse sofrimento como se fosse de vocês mesmos, não podem interceder por eles. Nunca poderão tocar o Trono, a não ser que façam subir aquele clamor verdadeiro, pois as palavras não contam, absolutamente."

Como de costume, quando ele recebia um encargo como esse, tinha certeza de que Deus queria que ele fizesse algo e, ao perguntar o que poderia fazer, veio a resposta: "Faça um lar para elas".

O Sr. Howells já adquirira três propriedades por fé, mas o Senhor agora ia chamá-lo para uma aventura financeira nova e muito maior. Ele tentou alugar a residência de *Sir Percy Molyneux*, seu amigo, que falecera recentemente. Calculou que poderia alojar ali cinquenta crianças, mas os proprietários não estavam dispostos a ceder-lhe a casa.

Então, ele procurou uma casa maior, que comportasse duzentos e cinquenta crianças. Novamente, foi rejeitado.

Depois disso, numa noite, Deus sussurrou-lhe: "Penllgeraer", o nome de uma propriedade da qual já ouvira falar, mas que ainda não conhecia. Ele sabia que era uma das maiores na região de Swansea e que o proprietário era *Sir Charles Llewelyn*. Ao investigar, descobriu que ela tinha 270 acres e que os católicos romanos já haviam feito uma alta oferta pela mansão e por dois campos somente. Sendo assim, ele calculou que ela lhe custaria um preço muito alto. Os registros das reuniões de uma ou duas semanas após esse acontecimento falam da constante oração acerca da propriedade, até que nas anotações do dia 26 de novembro encontramos esta declaração: "Comprarei a nova propriedade, provavelmente, na próxima semana e estou disposto a arriscar tudo o que tenho a fim de ajudar os judeus".

Quando ele procurou o corretor, verificou que não havia tempo a perder, porque outras pessoas se preparavam para fazer uma oferta. Ele tinha de tomar uma decisão em vinte e quatro horas. Naquele dia, disse na reunião: "Esses outros estão formando uma companhia para comprar Penllergaer, e devo contar com a Trindade para fazer parte da minha companhia."

E na reunião seguinte:

"Fui informado de que hoje é o último dia para comprar Penllergaer, por isso fiz uma oferta maior do que a do sindicato. O corretor me disse que ela seria nossa, e ele escreverá ao proprietário esta noite."

A questão estava resolvida. O preço da propriedade foi estabelecido, com algumas alterações que se faziam necessárias, muito embora não tivessem nenhum dinheiro em mãos. A quantia estipulada reduzia a proporções ínfimas as compras anteriores, realizadas também pela fé, mas Deus o guiara de tal modo através dos anos que, quando pensavam que a prova fosse tremenda - e essa, de fato, era - ainda assim, como disse um dos estudantes, ele comprou Penllergaer com menos espalhafato do que muitos homens compram uma peça de roupa! Ele sentiu-se encorajado alguns dias mais tarde por uma ligação telefônica de um amigo muito íntimo do instituto. Este disse que, se o Sr. Howells estava arriscando tudo que tinha em Penllergaer, então ele faria o mesmo. Assim, uma propriedade livre e desembaraçada de quaisquer ônus que o pai lhe dera seria vendida para esse fim.

Penllergaer era uma propriedade maravilhosa, muito melhor do que qualquer uma das outras três. Havia uma grande mansão com muitos anexos externos, sete outras moradias, uma sede de fazenda e jardins, onde o finado Sr. John Llewelyn costumava empregar quinze jardineiros. O imóvel era famoso por sua coleção de árvores e arbustos, e a Universidade de Swansea a usara para ministrar aulas de Botânica aos estudantes. O rio e o lago, de dezoito acres, eram muito conhecidos entre os pescadores pelas suas trutas. A bela estrada que dava na mansão, de dois quilômetros de extensão, era toda arborizada com rododendros e azaléias.

Ali o Sr. Howells teve a visão dos "pequeninos perseguidos" sendo conduzidos por meio daquele caminho de rododendros, empolgados com a floração e sentindo em seu âmago que tinham já mais de meio caminho andado para seu lar de destino, a terra da Palestina, da qual ainda há de manar leite e mel.

Os jornais se referiam a essa propriedade como a "Cidade de Refúgio em Gales para as Crianças Judias Refugiadas", e os jornais de Londres também lhe dedicaram manchetes. As negociações com o Secretário do Interior se iniciaram, pois precisavam obter permissão para que algumas centenas de crianças judias fossem trazidas para o local. Tudo isso significaria responsabilidade financeira muito mais pesada, pois era necessário pagar uma quantia em dinheiro como garantia, correspondente a cada criança.

Então, Deus os chamou para um passo mais difícil, o mais difícil de todos.

Referia-se ao donativo de altíssimo valor pelo qual o instituto estava orando.

Como disse o Sr. Howells:

"Há uma regra áurea na vida de fé, que o cristão nunca pode prevalecer com Deus para mover outros a darem maiores somas de dinheiro para a obra de Deus do que ele mesmo deu, ou provou que está disposto a dar, se pudesse fazê-lo."

Assim, Deus, por diversos dias, falou por seu intermédio. E houve grande sensação no instituto quando, numa reunião matutina de domingo, ele lhes disse o que Deus estava pedindo, assim como que ele já tomara sua decisão. Era que eles venderiam as três propriedades que possuíam - Glynderwen, Derwen Fawr e Sketty Isaf - que foram estimadas no valor exato do donativo, e dariam esse dinheiro para os judeus. O instituto e a escola se mudariam para Penllergaer, e a ocupariam juntamente com as crianças judias.

A Sra. Howells também teve de enfrentar o sacrifício dessas propriedades todas com suas associações consagradas, e o custo de ter de edificar a obra de novo em Penllergaer. Parecia inconcebível que Deus realmente pretendesse isso, mas, quando ela ouviu o Sr. Howells comprometer-se em público, ela sabia muito bem que o assunto estava encerrado.

Seria difícil imaginar os sentimentos dela ao deixar a reunião, com os olhos marejados de lágrimas. A sós com Deus, ela lutou sua batalha. Ela não compareceu à reunião seguinte e também não almoçou, mas, às três horas, Deus lhe deu a vitória, quando ela viu Abraão subindo o monte com seu filho Isaque e oferecendo-o como um holocausto completo a Deus. Sem saber como sua esposa alcançara a vitória, o Sr. Howells pregou sobre aquela mesma passagem bíblica na reunião da tarde. Ele pediu a ela que encerrasse a reunião com uma oração, e quase todos naquela congregação estavam com os olhos marejados.

Assim, as negociações para a venda das propriedades começaram. O exército já requisitara alguns campos próximos de Derwen Fawr para o treinamento e estava investigando acerca das propriedades do instituto. Assim, o Sr. Howells começou a negociar com o Departamento da Guerra a respeito da venda. O Comando Ocidental, depois de alguns meses, finalmente decidiu não se estender mais nesse distrito, e o Senhor não provou mais seu servo nesse ponto.

Nessa mesma ocasião, houve uma série de reuniões no instituto, quando o Senhor falou a muitos sobre lançar seus chamados missionários sobre o altar e permitir que o Espírito Santo, por intermédio deles, tomasse o lugar de pais e de mães dessas crianças judias refugiadas. Foi uma verdadeira rendição por parte de muitos e, embora esse ministério nunca tenha sido realmente concretizado, esse era o estranho caminho da sabedoria de Deus; pois significava que esse grupo de cerca de 120 fora colocado à parte pelo Espírito Santo, durante aqueles inesperados anos de guerra, para a vida de intercessão. Uma vez mais, Deus usava um chamado aparente a fim de preparar seus servos para um outro chamado, muito mais elevado. Dessa maneira, o Senhor tinha seu exército do Espírito que combateria a guerra ajoelhado, para libertar o mundo novamente, a fim de que toda criatura receba o evangelho.

Enquanto se preparavam para receber as crianças, a guerra com a Alemanha foi declarada e seus planos tiveram de ser mudados. Contudo doze crianças

judias chegaram e se tornaram parte da família do instituto. Foi outro tempo de provação para o Sr. Howells.

"Quando tentamos fazer algo por Deus, tudo sai contra nós", disse ele. "Será que alguma coisa poderia estar mais contra mim do que isto - que, depois de comprar Penllergaer para as crianças, veio a guerra e não pude recebê-las! Mas quando Deus nos fala, nunca podemos duvidar. Se o que Deus nos disse nos leva a passar por grandes provações, então voltamos a Deus e passamos a responsabilidade para ele.

"Isso pareceu um grande engano, pois tinha uma enorme obrigação nesse tempo, mas não questioneei o assunto uma vez sequer. Sabia que não era um engano, embora o diabo me dissesse que era. Conquanto não pudéssemos conseguir as crianças, ainda assim obedecemos a Deus na compra daquela propriedade. Ele nos disse que essa propriedade renderia uma quantia volumosa para ser usada no reino de Deus."

Como Deus é maravilhoso! Primeiro, a posse daquela grande propriedade deu trabalho aos jovens, que o Senhor chamara para permanecerem no instituto para a obra de intercessão. Eles ficaram ocupados todos aqueles anos em derrubar árvores na propriedade e, como consequência, ficaram isentos de outros serviços.

Depois, enquanto a guerra ainda estava em curso, o Sr. Howells foi levado a traçar os planos para a construção de casas na propriedade. Foi uma orientação providencial, porque algum tempo depois o governo promulgou uma lei mediante a qual toda a terra está sujeita a despesas no caso de benfeitorias. Contudo foi incluída uma cláusula na lei isentando qualquer terra para a qual os planos já haviam sido aprovados antes de determinada data. Muito poucos imóveis se beneficiaram dessa cláusula, mas a propriedade de Penllergaer obteve vantagem e, quando as casas foram construídas, uma quantia volumosa foi poupada para o Tesouro de Deus.

A mansão de Penllergaer foi oferecida, então, ao Dr. Barnardo, de graça, para abrigar os órfãos de guerra. Todavia, depois de longas deliberações, o Conselho decidiu que a reforma, os consertos e a manutenção da mansão seriam dispendiosos demais. Então, o Conselho do Condado de Glamorgan assumiu o controle dela como escola para as crianças excepcionais. Contudo a propriedade em redor permanece nas mãos do instituto, para trazer de volta, na época devida, a soma de dinheiro que Deus prometeu a seu servo, aquela que ela produziria para o reino de Deus.

Durante os anos da guerra, os judeus nunca foram esquecidos, embora as orações a Deus fossem principalmente a favor dos assuntos referentes às nações, pois, conforme dizia o Sr. Howells:

"Quando a guerra começou, o Senhor nos transferiu dos judeus para a besta (nome que ele geralmente dava ao diabo no sistema nazista), e disse-nos: 'Obtenha vitória sobre ele!'"

Mas foi depois da guerra, em outubro e novembro de 1947, que dias inteiros foram novamente dedicados à oração para que os judeus retornassem à Palestina. O Sr. Howells disse:

"Pleiteávamos isso porque, devido ao pacto de Deus com Abraão há 4.000 anos, o Senhor levaria seu povo de volta à sua terra. E a Palestina deveria tornar-se novamente um Estado judeu."

O desafio que estava perante o instituto era: Se o povo judeu não voltou após a guerra de 1914 a 1918, será que voltaria depois dessa? Eles vieram a mão de Deus quando, para considerar a questão da Palestina, foi formada uma Comissão das Nações Unidas. Houve ação de graças quando receberam a notícia de que a Grã-Bretanha iria desocupar a região. Durante aqueles dois meses, onze dias foram dedicados à oração referente ao voto das Nações Unidas. A situação era crítica. No dia da votação, 27 de novembro de 1947, houve muita oração, porém chegou a notícia de que a partilha da Palestina não fora decidida. O instituto voltou a orar, ainda mais intensamente, e, durante esse período, viram, pela fé, "os anjos de Deus influenciando aqueles homens na Conferência das Nações Unidas, em Nova Iorque, para que trabalhassem em favor do povo de Deus", e tiveram plena certeza da vitória.

Quando, no dia seguinte, chegaram as notícias de que as Nações Unidas aprovaram a divisão da Palestina, por trinta e três votos a treze, e que o Estado de Israel era um fato, o instituto aclamou-a com regozijo como "um dos maiores dias para o Espírito na história desses 2.000 anos. Nesses séculos todos não houve um único sinal de que o país seria devolvido aos judeus, que estavam espalhados por toda a Terra. No entanto, agora, 4.000 anos depois do pacto de Deus com Abraão, o Senhor reuniu todas as nações e as fez dar grande parte da terra da Palestina de volta a eles".

Nessa época, um raio de luz fora do comum, concernente aos árabes, também foi dado ao Sr. Howells. Ele disse:

"Deus me separou por alguns dias a fim de revelar a posição dos árabes. Em Gênesis 16.12, Deus diz a Ismael que ele 'habitará diante da face de todos os seus irmãos' (ARC). Esse é o problema. Será que Deus pretende que os árabes habitem com os judeus? Abraão amava Ismael e queria que ele tivesse a herança. Assim, Deus, que faz o que diz, declarou: 'Eu o tenho abençoado'. Os árabes adoram somente um Deus. Será que Deus quer que eles sejam abençoados tanto quanto os judeus? Eles concederão abrigo aos judeus (Is 21.13-15) e serão os primeiros a vir a Jerusalém a fim de prestar homenagem ao Rei (Is 60.7).

"Do mesmo modo como fomos responsabilizados somente pelos judeus, quando tivemos de fazer intercessão por eles, assim o Senhor quis que nos preocupássemos com os árabes também. Eles são igualmente filhos de Abraão. Será que o Espírito Santo pode trazer algo que derrube a barreira entre judeus e árabes, para que possa haver um lar e uma bênção para ambos? Certamente os árabes são o povo de Deus, se eles defenderem os judeus e viverem naqueles países que devem escapar das mãos da Besta."

A INTERCESSÃO POR DUNQUERQUE

[Durante os quatro anos anteriores ao rompimento da Segunda Grande Guerra, como já vimos, o Senhor estava transferindo a carga, que pesava sobre o Sr. Howells, dos interesses locais - o desenvolvimento do instituto - para assuntos nacionais e internacionais. Conforme ele disse:

"O mundo tornou-se nosso campo de trabalho e fomos levados a nos responsabilizar por interceder em favor de países e de nações."

Vimos também como o Senhor estava preparando, no grupo do instituto, um instrumento especial de intercessão pela crise mundial vindoura.

Foi em março de 1936 que o Sr. Howells começou a ver claramente que Hitler era um agente de Satanás para impedir que o evangelho chegasse a toda criatura. Conforme disse mais tarde:

"No combate a Hitler, sempre dissemos que não estávamos contra o homem, mas contra o diabo. Mussolini é um homem, mas Hitler é diferente. Ele podia até dizer qual o dia em que esse 'espírito' veio a ele."

Por diversos anos, o Sr. Howells acentuou o fato de que Deus deveria destruir Hitler, se a visão do evangelho a toda criatura devesse ser cumprida.

A princípio ele acreditava que Deus impediria a guerra totalmente. Vimos como o instituto lutou de joelhos durante a crise de Munique e como eles aguardavam a paz.

A medida que as nuvens sobre a Europa se tornavam mais tenebrosas, o Sr. Howells continuava acreditando que Deus interviria e evitaria a guerra. Ele permaneceu firme à sua predição, até o dia da declaração de guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, a 3 de setembro de 1939. Mesmo assim, ele não se abalou.

Embora as pessoas dissessem que a predição estava errada, ele dava graças a Deus por havê-la feito.

"Se eu tivesse de escolher quanto a fazer essa predição novamente, ou não", disse ele, "eu a faria esta noite, embora os acontecimentos, na realidade,

tenham ultrapassado, e muito, o que pensávamos que fosse acontecer. Hitler deveria ser posto fora do caminho, porque, caso contrário, ele voltaria de novo dentro de dois anos. Acreditava que o Espírito Santo, certamente, era mais forte do que o diabo no sistema nazista. Essa era a batalha dos séculos, e a vitória aqui significaria uma vitória para milhões de pessoas."

No dia da declaração de guerra, ele publicou a seguinte afirmação:

"O Senhor nos fez saber que destruirá Hitler, o regime nazista, para que o mundo possa saber que foi Deus e somente Deus quem espalhou os ditadores. Há três anos e meio, o instituto fez essa oração durante semanas e meses, e cremos firmemente que o Senhor agora responderá a ela.

"Ele isolou a Alemanha de modo que pudesse atingir esse sistema maléfico, o próprio anticristo, e libertar a Alemanha, a terra da Reforma. Ele lidará com os nazistas como lidou com o exército egípcio no tempo de Moisés. Deus forçará Hitler a cair no campo de batalha, ou por um motim, ou ainda por um grande levante na Alemanha contra os nazistas."

Longe de a declaração de guerra abalar o Sr. Howells e os que estavam com ele, pois ela só os fez ajoelharem-se mais decididos do que nunca. Agora foram chamados, de uma nova forma, a pagar o voto que fizeram três anos antes - dar a vida "para lutar as batalhas do reino de Deus tão concretamente como dariam se tivessem sido convocados a lutar na Frente Ocidental". Essa posição de fé contra a guerra, a fim de que o evangelho não encontrasse impedimentos, provou ser o caminho de Deus para colocar sobre aquele grupo uma responsabilidade da qual nunca se livrariam, até que o inimigo com o qual Deus estava lidando fosse destruído.

Quando, após um mês de hostilidades, Hitler fez uma proposta de paz, o instituto se colocou ao lado do primeiro-ministro, ao declarar que a guerra deveria continuar, "até que o hitlerismo fosse desbaratado", muito embora, à semelhança de outros, o instituto tivesse muito a perder caso a guerra continuasse.

A convicção do instituto estava expressa no título de um livro que o Sr. Howells escreveu nas primeiras semanas da guerra, publicado em dezembro de 1939, intitulado: *God Challenges the Dictators - Doom of Nazis Predicted* (Deus desafia os ditadores - a ruína dos nazistas foi predita). Nesse livro ele disse:

"O Deus de Daniel libertará o Pastor Niemoller, assim como centenas de outros alemães evangélicos que o seguiram até os campos de concentração... O lugar deles nesses campos, um dia, será ocupado pelos líderes nazistas fanáticos, se algum deles escapar a uma morte rápida."

Após uma acusação de Mussolini, ele declarou:

"Quando chegar a vitória sobre os alemães... a Etiópia também deve ser devolvida aos etíopes, algo que também pode estar no plano divino para evangelizar a Etiópia."

Declarou também o seguinte:

"O bolchevismo e a Rússia Soviética estão sendo usados no plano de Deus para romper o cruel regime nazista."

No entanto disse o seguinte a respeito de Stalin:

"O diabo usa e ainda pode usar esse homem para ser o maior inimigo da Igreja que o mundo já conheceu."

Embora sua confiança fosse a de que Deus interviria para lidar com o inimigo, ele escreveu:

"Podemos sofrer muitos reveses antes que o Senhor faça isso... pode ser que nós, à semelhança dos israelitas (referindo-se a Juizes, cap. 20), tenhamos de clamar a Deus, em nossos momentos extremos, pela ajuda que certamente virá."

É verdadeiramente notável olhar para trás agora e verificar que essas coisas foram impressas antes do término de 1939.

Pouco depois disso, o Sr. Howells fez outra predição, que foi publicada pelo *Western Mail* a 8 de janeiro de 1940, com a seguinte manchete: "O diretor do Instituto Bíblico Galês insiste na oração para deter a guerra". E cita-o nestes termos:

"Se todos os justos que há no país fizerem subir orações eficazes, temos certeza de que prevaleceremos e abriremos Penllergaer na segunda-feira após o Pentecostes, sem guerra ou blecaute... será um alívio para milhões de pessoas, se Deus intervier e puser termo à guerra na semana do Pentecostes." Ele mal poderia imaginar que, quando fez aquela predição, os dias em torno do domingo de Pentecostes, 12 de maio, deveriam ser os mais negros na história de nosso país. Isso porque, em 400 anos, esse teria sido o momento em que a Grã-Bretanha chegou o mais próximo de uma invasão de suas praias. A 10 de maio, as colunas blindadas de Hitler irromperam na Holanda e na Bélgica, e a 29 de maio, a data que jamais será esquecida em nossa história, houve a evacuação de Dunquerque, que, logo depois, foi acompanhada pela memorável convocação do Sr. Churchill para "sangue e suor e fadiga e lágrimas".

A despeito desse aparente revés, conforme lemos nos diários das reuniões do instituto - via de regra, três por dia - podemos perceber que, certamente, não nos achávamos diante de um grupo temeroso. Também não estávamos frente a um grupo principalmente dado à oração, mas, ao contrário, entre aqueles que já pisam o terreno da vitória, quando o coração dos homens ao redor desfalece de medo. E o que lhes deu tamanha clareza e segurança de que a vitória era deles foi a "morte" aparente da predição!

Se dissermos que Deus não estava com eles, poderemos muito bem nos perguntar: "Será que havia, entre o povo de Deus, qualquer outro lugar em toda a Inglaterra, ou nos Estados Unidos, ou ainda em outra parte, onde houvesse um grupo assim - talvez cem deles e bem fervorosos - que estivesse de joelhos dia a dia, sustentando a vitória pela fé, ao passo que nossos soldados além-mar se retiravam quilômetro por quilômetro, e que países inteiros se rendiam, e o inimigo parecia que se aproximava cada vez mais de seu alvo?"

Desse tempo em diante, e por todos os anos da guerra, todo o instituto esteve em oração todas as manhãs, das sete horas até à meia-noite, com apenas um ligeiro intervalo para o jantar. Não passaram nem um dia sequer sem orar; ou seja, a oração que acontecia além da reunião de oração de uma hora todas as

manhãs e, muitas vezes, ao meio-dia. Houve muitos períodos especiais, quando todos os dias desse período eram dedicados totalmente à oração e ao jejum.

Nas reuniões pouco antes do domingo de Pentecostes, o Sr. Howells disse: "Mediante Deus fizemos a predição, mediante Deus permanecemos fiéis a ela, e mediante Deus vamos contra o inimigo. Ele me diz nesta noite: 'Não tema por causa daquela predição que você fez, não tema os nazistas'. Penso na glória que representa não termos necessidade de mudar nossas orações nem um pouquinho, a despeito dos atuais acontecimentos. Estou tão contente, pois foi o reino de Deus que tivemos diante de nós todo o tempo nos últimos nove meses, e não tenho nem uma única queixa. O Senhor disse: 'Vou lidar com os nazistas'. Essa é uma batalha entre o Espírito Santo e o diabo, a qual estávamos combatendo por quatro anos."

No domingo de Pentecostes, quando, em vez de ser declarada a paz, pois apenas dois dias antes Hitler invadira a Holanda e a Bélgica, o Sr. Howells disse na reunião do instituto:

"Nunca deveremos defender a predição. O problema é este: será que Deus pode pôr uma dúvida em nós de que realmente cremos? Se o Senhor Ihes diz que essa demora é para a glória dele, então vocês devem aceitar a vitória que está nela. Não há glória na demora, a não ser que haja fé para levá-la a cabo. Com certeza, seria um homem diferente hoje se houvesse fracasso, mas o Espírito Santo não é um fracasso. Posso realmente dar graças a ele pela demora. Não passaria sem essa experiência para o mundo. É muito estranho o fato de que aquilo que é morte, aos olhos do mundo, é vitória para o Espírito Santo."

No dia seguinte, ele disse:

"Não poderíamos ter morte maior do que na demora dessa predição. Mas só teremos a ressurreição sobre o que foi crucificado. Ontem preguei a vitória sem uma vitória visível. Há uma morte em cada patamar, mas tão real como a morte física de vocês, os frutos serão centuplicados.

"Vamos enfrentar a batalha e estou tão certo da vitória quanto estou do alvorecer. Se vocês soubessem que têm fé para alguma coisa, não iriam em frente até que a alcançassem? Gostaria que isto ecoasse pelo mundo: 'O Senhor é Deus!'"

Enquanto os nazistas avançavam pela Europa, o instituto permanecia diariamente diante de Deus. Vamos citar algumas notas extraídas das mensagens do Sr. Howells nas reuniões:

16 de maio, 9:30h da manhã. O dia seguinte à rendição da Holanda: "Hoje é, provavelmente, a maior batalha da história. Será que Deus pode fazer algo hoje? Agora, quando os alemães dizem: 'Fizemos com que os aliados batessem em fuga', será que Deus pode fazer alguma coisa? Mantenham os olhos em Deus hoje e alcancem essa vitória."

14:00h. "O Senhor deixou muito claro que a vitória é dele e de ninguém mais, e só ele deve receber toda a glória. Deus alcança o inimigo visível e invisivelmente, por intermédio do exército e por nosso intermédio."

17:30h. "A posição é muitíssimo grave na França, mas ainda que os franceses e os ingleses estejam lutando contra forças superiores, o Senhor pode ajudá-los."

17 de maio, 9:30h da manhã. "Deus não fará por seu intermédio nem um pouquinho mais do que a fé de vocês pode fazer. A vitória da noite passada estava em ver que não importa quão perto o inimigo chegue, pois o Espírito Santo é mais forte do que ele. Vocês são mais responsáveis por essa vitória hoje do que aqueles homens que estão no campo de batalha. Vocês devem estar mortos para tudo o mais, exceto para essa luta."

13:00h. "Visto que vocês se comprometeram, então são responsáveis. Nunca terão paz novamente, até que o mundo tenha paz, mas vocês têm um lugar na fenda da Rocha."

15:30h. "Ficaremos aqui até que esses nazistas sejam postos para fora."

19:00h. "Se o Senhor nos achar perfeitamente dispostos nesta vida de morte, e, caso alcancemos a vitória nesta prova, será que o Senhor nos permitirá prevalecer sobre ele agora para terminá-la? Se acreditávamos sábado passado, cremos também esta noite. Não estou disposto a ver milhares de nossos rapazes se perderem, porque a 'ruína dos nazistas' deve acontecer, e ela virá agora se pudermos prevalecer. Se isso tivesse sido um fracasso, Deus estaria contra nós. No entanto, ele mostra que está contente conosco."

18 de maio, 9:30h da manhã. "A menos que Deus intervenha hoje de um modo miraculoso, creio que perdemos. Estaria disposto a morrer, mas não posso propiciar minha morte, como também não podemos permitir que Hitler viva."

14:30h. "Quero lutar contra esse inimigo novamente neste fim de semana, como se fosse o fim da civilização. Não deixem que nada ganhe alguma oportunidade com isso. Não permitam que aqueles jovens na frente de batalha façam mais do que vocês aqui. Peço a Deus que faça com que os nazistas se defrontem com um verdadeiro desastre neste fim de semana."

18:30h. "Visto como o Senhor nos deu a predição e tivemos vitória nela, a demora não alterou nem um pouquinho nossa fé. Então, devemos voltar e perguntar a Deus quando ele a realizará. Sinto esta noite que seja lá o que for que os nazistas fizerem, eles não podem escapar do Espírito Santo. O cristianismo é perfeitamente seguro. Se vocês tiverem fé, podem deixá-la nas mãos dele, e ele intervirá no devido tempo. Não podemos indagar quando ele fará isso se não tivermos alcançado a fé de que ele realmente fará isso."

21:30h. "Não são vocês que estão lutando, mas Deus que está agindo. Vocês só tomarão conhecimento do que o Senhor está fazendo. Será que foi Deus quem atraiu Hitler a cruzar aquela linha com seus 2.500 carros blindados? Quero que Deus aniquile completamente esse homem e aqueles carros blindados."

19 de maio, 9:30h da manhã. "Esses nazistas não destruirão a civilização. Assim que chegarem suficientemente perto, Deus lidará com eles. Quando o Espírito Santo toma o lado da vitória, não se pode jamais convencer a pessoa, que tomou o lado da vitória com ele, de que ela é um fracasso."

21:15h. "Agora é a época para provar a Bíblia nas guerras, porque nós mesmos estamos envolvidos numa."

20 de maio, 9:00h da manhã. "As próximas 24 horas serão de crise nesta grande batalha. Eles estão prontos para tomar nosso país a qualquer momento. Até mesmo antes da hora do almoço, a história do mundo pode ser alterada. Algo como isso não nos aconteceu antes, e vocês não sabem de quanta fé é preciso. Estamos vindo ao Senhor nesta manhã, para dizer a ele que nossos olhos estão postos nele hoje. A menos que Ele intervenha, estamos perdidos. Não duvido do Senhor nem por um segundo, mas devo ser muito cuidadoso."

14:30h. "Esta noite, penso em enviar meu livro *God Challenges the Dictators* ao Sr. Churchill para encorajá-lo neste momento. A cada dia, o exército está perdendo terreno, mas no livro está predito que o homem não seria capaz de dar um fim a isso; porém, Deus disse: 'Não espere que eu o faça, até que você tenha atingido seu limite'. A única coisa que desejamos que o Senhor nos deixe clara é se chegamos ao lugar onde ele deseja que estejamos neste momento. A única coisa que desejo é não duvidar nesta época de crise, e esta será uma crise bem real."

19:00h. "Hoje enviei o livro ao Sr. Chamberlain, ao Lorde Halifax e ao Sr. Churchill, na hora mais sombria de nossa história."

21 de maio, 9:00h da manhã. Temor de uma invasão: "Ontem foi o dia mais sombrio na história deste país, especialmente após a fala do Primeiro-Ministro. Todos na cidade esperam que o inimigo invada o país. Dissemos ao Senhor: 'Nossa vida pela vitória'. Devemos orar agora para que o Senhor os detenha e os impeça de marchar sobre este país."

14:30h. "Devemos orar para que o Senhor mantenha o inimigo em xeque. Ele é como um leão que ruge."

19:00h. "O Primeiro-Ministro francês disse esta noite: 'Só um milagre nos salvará'. A prova é se a Bíblia é verdadeira. Estou disposto a arriscar minha vida para provar isso, e quero dizer-lhes esta noite que ela é perfeitamente verdadeira. Certifiquem-se de que sua crença esteja certa e, se estiver, vocês não precisam ter nenhum temor."

22 de maio, 9:00h da manhã. "Hoje, o mundo está em pânico e, certamente, também estaríamos, se não estivéssemos perfeitamente seguros de que o Senhor nos falou. O destino da Inglaterra estará em jogo hoje e amanhã."

14:30h. "Numa batalha como essa, a que enfrentamos hoje, vocês não podem confiar numa reunião ou em sentimentos. Devemos voltar ao que Deus nos disse. Há um inimigo que devemos manter em xeque, até que o Senhor faça algo grandioso."

Da noite de 22 de maio até o dia 25 do mesmo mês, o Sr. Howells não veio mais às reuniões. Assim, outros membros do pessoal administrativo as dirigiram. Ele ficou a sós com Deus para lutar até ao fim e, conforme outros testemunharam, a carga esmagadora daqueles dias quebrara-lhe o corpo. Ele realmente deu sua vida.

O dia 26 de maio foi de oração pública na Grã-Bretanha. O Sr. Churchill, no culto de intercessão desse dia na Abadia de Westminster, disse:

"Os ingleses relutam em expor seus sentimentos, mas em minha cadeira no coro pude sentir a emoção apaixonada reprimida, assim como o temor da congregação, não da morte - ou das feridas ou do prejuízo nacional - mas da derrota e da ruína final da Grã-Bretanha."

Nesse mesmo dia, 26 de maio, o Sr. Howells retornou às reuniões do instituto e disse às 9:30h da manhã:

"Tudo que vocês podem fazer hoje, quando o clamor do país subir, é estarem em posição de aceitar a resposta que vem de Deus. A pergunta esta manhã é a seguinte: 'Será que podemos aceitar a resposta?' Se alguma vez vocês clamaram, devem clamar hoje."

11:15h. "Como vocês podem estar certos de que os nazistas não tomarão nosso país? Todos os líderes sabem hoje que, se Deus não intervier, seremos escravos. Já oramos em favor da Etiópia e de outros países, por isso nosso clamor não é egoísta."

14:30h. "Estamos indo contra a besta como Davi foi contra Golias."

27 de maio, 9:00h da manhã. "Há intercessão e fé, por isso o Senhor pode realizar um ato poderoso. Nosso povo verá Deus respondendo às suas orações e terá todo o júbilo dessa resposta."

14:45h. "Orar é só o que posso fazer para crer hoje. As notícias entre as duas reuniões foram horrorosas - é o inferno na Terra."

No dia 28 de maio, o Sr. Howells esteve novamente a sós com Deus. Nas reuniões, a oração era para que o Senhor intervisse em Dunquerque e salvasse nossos homens. Mas, quando o Espírito veio sobre eles em oração e súplica, o que um deles orou no final expressava a certeza dada a todos: "Tenho certeza de que algo aconteceu."

O dia 29 de maio foi o da evacuação de Dunquerque. O Sr. Howells disse:

"Sejamos claros em nossa prece, ao afirmar que a intercessão está ganha. A batalha é do Espírito Santo. Vejam-no fora de vocês mesmo esta noite. Ele está lá no campo de batalha com sua espada desembainhada."

30 de maio. 19:30h. "Do ponto de vista do mundo, não há esperança de vitória; mas Deus disse que há. Não pude vir esta noite e pedir ao Senhor que intervisse, porque já dissemos que ele intervirá. A respeito das más notícias sobre nossos soldados, se Deus está no campo de batalha, ele pode mudá-las e torná-las boas-novas. Ah, quem nos dera que o Senhor nos levantasse esta noite! Não devemos entrar em pânico, pensando que os nazistas ganharão esta guerra: a Alemanha deve ser libertada, bem como a Inglaterra e a França. Podemos ter de passar por maiores sofrimentos ainda, mas não duvidarei do resultado final. Declaramos em termos muitíssimo claros: *O inimigo não invadirá a Inglaterra cristã*".

Quando agora olhamos para trás, após todos esses anos, muitos de nós na Inglaterra nos lembramos do terror daqueles dias. Lembramo-nos do milagre de Dunquerque, reconhecido por nossos dirigentes como uma intervenção de Deus - o mar calmo que permitiu que os pequeninos barcos cruzassem o canal, possibilitando a quase completa evacuação de nossas tropas, e, depois, a liderança que o Sr. Churchill deu ao país. Quão gratos somos porque Deus tinha esse grupo de intercessores anônimos, cuja vida esteve sobre o altar dia

após dia, enquanto todos permaneciam na brecha para o livramento da Grã-Bretanha.

A BATALHA DA GRÃ-BRETANHA

A batalha de intercessão que se seguiu era sobre os ataques aéreos e a crise da "Batalha da Grã-Bretanha", quando Goering fez sua grande tentativa de conquistar o domínio aéreo, para preparar a invasão da Inglaterra. Em cada um desses problemas vitais, nada foi deixado à mercê da sorte ou a um tipo de oração que seria como um tiro no escuro. Tudo era examinado na presença de Deus, e os motivos eram peneirados, até que o Espírito Santo pudesse mostrar a seu servo, de forma inteligível, que havia um direito inegável de que as orações fossem respondidas. Então, a fé se apegaria ao direito e garantiria a vitória. E não haveria descanso, até que tivesse certeza, proveniente do próprio Deus, de que a fé prevaleceria e a vitória estava garantida. Não era simplesmente orar e depois aguardar a resposta. Das notas feitas nas reuniões naquele tempo, citamos as seguintes:

No dia 2 de setembro de 1940, o Sr. Howells disse: "Quero ver se temos o direito de ficar livres de cuidados, quando esses aviões estiverem por aí. Corremos para estar na brecha e salvar as crianças judias de Hitler, quando ele as expulsou. Assim, será que não podemos agora reivindicar a proteção para todos os filhos de missionários? A menos que minha fé seja igual à daquela ocasião, em que clamávamos por sua proteção, devo trazer cada uma das crianças até o abrigo esta noite, e ficar lá com elas. Devemos temer só porque outros têm medo? Se confiei em Deus para que essas propriedades existissem, confiarei no Senhor para protegê-las. Quero que vocês consigam os alicerces para esta confiança. Precisamos de uma verdadeira base para nossa fé, caso as incursões aéreas durem meses. Será que podemos confiar no Senhor para a realização do impossível nesse caso, da mesma forma que confiamos para as finanças?"

"A única coisa que eu temo é que venha a faltar com a vontade de Deus. Muitas pessoas têm medo das conseqüências. Devo ser claro quanto a esse

ponto, porquanto Deus diz: 'Se é das *conseqüências* que vocês têm medo, não venham a mim em busca de proteção'. Há uma grande diferença entre um temor egoísta das conseqüências e desejar a proteção de Deus porque vocês têm uma obra a executar por ele. Será que, realmente, obtivemos a vitória?" A menção que o Sr. Howells fez ao abrigo, ao qual ele disse que poderia levar as crianças, referia-se à sua obrigação de prover um abrigo para os alunos diários, na época, cerca de trezentos. Contudo, para os alunos e para os filhos de missionários, que eram mais ou menos sessenta, e que faziam parte da família do instituto, o Senhor lhe disse que não provesse abrigos nem máscaras contra gases (embora qualquer indivíduo tivesse plena liberdade de possuir uma se quisesse). Deus vindicou plenamente sua posição durante a guerra toda, não permitindo que alguma bomba caísse sobre propriedades do instituto, embora a cidade, com suas docas estratégicas, sofresse alguns ataques aéreos pesados. Continuemos, porém, com os registros em seus diários:

3 de setembro (após um pesado ataque aéreo noturno). "Estou certo de que o Senhor me levou à cidade para ver o que aconteceu a uma valiosa propriedade que foi ao chão. Pensei: 'Será que valeu a pena adquirir Penllergaer, se é isto que pode acontecer com essa propriedade? Vale a pena levar uma carga e agonizar por amor do reino de Deus?' Percebi o que aconteceria com essas propriedades, a não ser que Deus as protegesse.

Assim, orei pela cidade tanto quanto orara pelo instituto na noite anterior."

4 de setembro. "A situação no país, em razão das incursões aéreas, pode tornar-se muito grave. Nunca passamos por este caminho antes. A coisa mais importante é descobrir onde Deus está nisto tudo. Quando corremos perigo todas as noites, leva muito tempo para termos certeza de que estamos sob a proteção de Deus. Será que vocês podem dizer que estão seguros durante os ataques aéreos? Deus disse isso a vocês? Será que podem tentar o uso da Palavra sem que o poder do Senhor a esteja fundamentando? Se Deus nos livrar deste inferno, algum poder deverá ser liberado. A menos que vocês tenham certeza de sua vitória, jamais serão capazes de orar pela libertação do país. Amarramos o diabo repetidas vezes e espero que o façamos novamente quando chegar o tempo de Deus nesta guerra.

7 de setembro. "Quantas pessoas foram movidas pela aflição desses ataques aéreos? Se vocês podem acreditar que foram libertados do inferno, por que não podem crer que foram libertados dos ataques aéreos? Sempre encontro algo que me proporciona alegria o dia todo e hoje minha alegria é porque temos a proteção de Deus. Mas, se não confiarmos realmente em Deus, onde entra o louvor? Esta paz que o Salvador concede não é artificial, pois é tão profunda que nem o próprio diabo pode perturbá-la. Vocês não podem ouvir as coisas no Espírito enquanto tiverem algum tumulto ou temor no íntimo. Não podem levar uma sombra de temor à presença de Deus."

8 de setembro. Dia Nacional de Oração. 9:00h da manhã. "Nosso país tem apenas uma forma exterior de religião, não é nem frio nem quente, como a igreja de Laodicéia. Que Deus possa trazer a nação de volta. Nosso único motivo para louvor é que o inimigo não pôde invadir nosso país."

No culto do meio-dia, assim que o Sr. Howells começou a falar, os aviões nazistas sobrevoaram a cidade. Os canhões no campo lá embaixo estrondeavam; e as sirenas soavam; mas ele continuou com sua mensagem, e "a congregação se manteve presa ao fascínio do Espírito Santo".

Foi nesse ponto que o peso da oração por proteção e as indagações dos últimos dias se transformaram em louvor e certeza. Obtiveram a segurança plena de vitória, a qual ainda soa nas palavras do Sr. Howells:

"Que vitória! Aqueles que estão no Espírito vêem isso como uma vitória, porque o Senhor encontrou fé em nós! Que júbilo! Que louvor!

Provavelmente, Deus não concederia fé para a vitória na guerra, até que primeiro fosse conquistada a vitória pessoal".

Quando o culto estava prestes a terminar, soou o sinal de que o perigo passara. O hino de encerramento foi: "A morte foi vencida, dissei-o com alegria, sede fiéis".

Nesse mesmo dia, na reunião da tarde, ele disse:

"Eu poderia agora até imprimir que nenhum diabo poderá tocar alguma pessoa aqui. Não há mais necessidade de orar. Quando vocês crêm, terminam com a oração. Nunca obtivemos este estado de vitória antes, prosseguindo exatamente como se não houvesse guerra. Como poderíamos conseguir essa vitória para o mundo, a não ser que primeiro creiamos nela para nós mesmos? Não podemos confiar em nada, exceto na oração fervorosa. Como o Espírito Santo veio esta manhã no culto de comunhão e nos falou de sua vitória!"

9 de setembro. "O Espírito Santo encontrou fé igual àquela que ele quer encontrar. Cuidem bem daquilo em que crêm. Crer é a coisa mais delicada que podemos imaginar. É como um vapor. Podemos perdê-lo facilmente. A vitória aconteceu ontem de manhã, e se vocês não a viram, talvez não a vejam mais. De agora em diante o Senhor pode guiar esta batalha, mas ele não poderia fazê-lo antes, sem a nossa fé."

10 de setembro. "De que adianta se milhões de preces subiram no Dia de Oração, e ninguém creu? Depois da vitória de domingo, há grande liberdade para orarmos para que Deus realmente lide com o diabo nos nazistas e ponha um termo a esse sistema perverso. Nossa oração em favor de Londres é que Deus inverta a maré agora e salve vidas. Não há dúvida de que o inimigo está zombando a valer do Dia Nacional de Oração, que aconteceu domingo passado."

11 de setembro, com a Batalha da Grã-Bretanha, sobre Londres e o sul da Inglaterra, no ponto mais feroz dessa batalha: "Muitos lugares foram bombardeados em Londres. Inclusive o Palácio de Buckingham foi atingido. Fiquei com o peso de orar pelo rei e pela rainha, e creio que nossa oração será respondida. Estou apenas observando como Deus deterá o inimigo."

12 de setembro. "Oramos a noite passada para que Londres fosse defendida e que o inimigo não conseguisse avançar, e Deus respondeu à oração. Se o Senhor não detiver o diabo e amarrá-lo, ninguém poderá ter segurança. Se tivemos proteção para nossas propriedades, por que não conseguiríamos proteção para o país? Que dias maravilhosos são estes!"

14 de setembro. "Porque cremos, Deus nos fez conhecer o que acontecerá. Toda criatura deve ouvir o evangelho, os judeus devem reconquistar a Palestina, e o Salvador deve voltar."

O Sr. Churchill, em suas *Memórias da Guerra*, diz que o dia 15 de setembro foi "a data culminante" na batalha aérea. Ele narra como, naquele dia, visitou a sala de operações da Força Aérea Real e observou como os esquadrões inimigos se lançavam sobre o país, e como os nossos homens subiam para encontrá-los, até que chegou o momento em que ele perguntou ao marechal da Aeronáutica:

- Que outras reservas temos? A resposta dele foi:
- Não há reservas.

E, a seguir, comentou que o Sr. Churchill parecia muito sombrio: "O que não era para menos", acrescentou o Sr. Churchill.

No entanto, cinco minutos depois, "parecia que o inimigo voltava para casa. A mudança dos discos na mesa mostrava um contínuo movimento, para o leste, dos bombardeiros e dos aviões de combate alemães. Nenhum novo ataque surgiu. Em apenas dez minutos, a ação estava terminada".

Parecia não haver motivo para que, exatamente no momento em que a vitória estava a seu alcance, a *luftwaffe* voltasse à base. No entanto, sabemos o porquê.

Após a guerra, o marechal da Aeronáutica, Lord Dowding, comandante chefe do Comando de Aviões de Combate na Batalha da Grã-Bretanha, fez este comentário muito significativo: "Mesmo durante a batalha, era possível reconhecer, dia após dia, o quanto de apoio externo estava chegando. No fim da batalha, tínhamos um certo sentimento de que houvera alguma intervenção divina especial, para alterar a seqüência dos acontecimentos que, de outra maneira, teriam um outro desfecho."

A RÚSSIA, A ÁFRICA DO NORTE, A ITÁLIA E O DIA "D"

A vitória na Batalha da Grã-Bretanha salvou o país da invasão, mas o inimigo procurou recompensar essa derrota por meio de bombardeios noturnos mais pesados, indiscriminados, que continuaram em 1941. Em janeiro desse ano, esse constante bombardeio à Grã-Bretanha tornou-se uma carga de oração no instituto, até que atingiu uma situação de crise. "Sinto muito mais fortemente hoje", disse o Sr. Howells na reunião de 20 de janeiro, "porque Deus me fez parar de orar mais por esta cidade do que pelo país. Disse-me ele: 'Se essas incursões aéreas vão se repetir, não posso garantir que vocês estarão a salvo, por isso venham e orem pelo país'. A seguir disse ao Espírito Santo: 'Tu nos proteges agora, até que tenhamos oportunidade de vir e crer em ti'." Passaram dez dias em oração e, depois, no dia 28 de janeiro, o diário trazia o seguinte: "Cremos na proteção do país". Essa frase estava seguida pela notável petição: "Senhor, desvia o inimigo para o Mediterrâneo", e, desse modo, alivia a pressão sobre a Grã-Bretanha, virando a atenção de Hitler para outra direção. Pouco mais de dois meses depois, em 6 de abril, Hitler declarou guerra à Iugoslávia e à Grécia e, a seguir, invadiu a ilha de Creta e a África do Norte. Com esses novos empreendimentos o inimigo se viu forçado a abandonar a destruição da Grã-Bretanha e, desse modo, cessou a crise imediata desse país.

A oração seguinte foi maior ainda. Durante todo o curso da guerra, nada causou ao mundo um choque maior do que quando, sem nenhuma palavra de advertência, Hitler virou-se e invadiu a Rússia. Se alguma coisa serviu para demonstrar a intervenção de Deus para ajudar os aliados, essa foi uma delas. Os jornais seculares relataram o acontecimento com palavras de um provérbio pagão: "Primeiro os deuses enlouquecem aquele a quem querem destruir".

Essa decisão de Hitler foi considerada um dos grandes atos de intervenção divina que sentenciou a "ruína dos nazistas".

A invasão da Rússia teve início às 4 horas da madrugada de 22 de junho de 1941. Todavia sete semanas antes, em 2 de maio, Deus começou a falar ao Sr. Howells acerca da Rússia. Assim, ele disse naquele dia:

"Por mais que desejemos ver o fim desta guerra, parece que Deus está dizendo: 'Há mais um país que desejo submeter a juízo, e esse é a Rússia Comunista!'"

E, novamente, no dia seguinte, ele disse:

"A Rússia vem perante mim. Será que seria justo que Stalin e seus seguidores escapassem? Se Deus nos permitir escolher, será que diremos a ele para prolongar a guerra, embora estejamos perdendo em todos os pontos?"

E, novamente:

"Pedimos a Deus para enfraquecer a Rússia e o Japão, mesmo que isso signifique prolongar a guerra por cinco anos. Será que o Senhor não pode virar o esforço do inimigo para a Rússia? Se Deus não lidar com a Rússia agora, ele terá de fazer uma outra guerra para esse fim. Digo que o Senhor deve submeter a Rússia, não importa quanto tempo demore, a menos que ele tenha outro meio de atingir esses comunistas."

A partir desse tempo, esta se tornou a principal oração do instituto:

"Senhor, inclua a Rússia nesta guerra e lide com o comunismo."

Seis semanas mais tarde a Rússia entrara na guerra!

Logo, porém, o perigo passou a ser de outra espécie. A Rússia entrara na guerra, mas depois de umas breves semanas estava enfrentando um colapso iminente. As hordas germânicas se despejavam sobre aquele país e ainda nos lembramos da ansiedade com que o mundo livre observava a gradual desintegração dos exércitos russos e de como os nazistas se aproximavam cada vez mais de Moscou. Era uma corrida contra o inverno. Essa era uma repetição da famosa invasão de Napoleão. Hitler proclamara que teria sucesso onde Napoleão falhara e que passaria o inverno na cidade de Moscou, uma cidade que estaria intacta. Será que ele realmente passaria o inverno ali? Será que alguém, naqueles dias tensos, acreditava que isso não aconteceria?

Os exércitos de Hitler estavam quase às portas da cidade. No domingo, dia 19 de outubro de 1941, a Sra. Howells relata que, muito cedo naquela manhã, o Sr. Howells lhe disse que desceria para ouvir o noticiário das sete horas para saber se Moscou caíra. Quando voltou, disse que ainda resistiam, mas que estavam esperando más notícias a qualquer momento. Uns poucos minutos depois disso, o Senhor começou a falar-lhe: "Será que é preciso que Moscou caia? Por que você não crê e ora para que eu salve Moscou e inflija um revés aos nazistas?"

O Dr. Kenneth G. Symonds, membro do Colégio Real de Cirurgiões, que, por doze anos, fez parte do pessoal do instituto, conta-nos a respeito daquela reunião na manhã de domingo.

"O diretor começou sua mensagem dizendo que a primeira coisa que o Senhor lhe dissera naquela manhã foi a seguinte: 'Orem para que Moscou não caia!' Parecia algo impossível, pois ouvimos que sua queda era inevitável.

Contudo, embora a oração estivesse muito além de nosso alcance, ainda assim o Espírito a impôs ao nosso grupo. Parecia que o Espírito orava a despeito de nós, de modo que labutamos todo o dia, até que, na última reunião daquela noite, ele nos inspirou de tal modo por meio de seu servo que tivemos a certeza de que Deus respondera. O Senhor nos deu liberdade de orar para que os nazistas pudessem, finalmente, arruinar-se num inverno russo. Nunca nos esqueceremos do júbilo de vitória que o Senhor nos concedeu à medida que a fé crescia durante aqueles dias."

No segundo dia, a notícia era de que os russos recobriram coragem, e a neve caía pesadamente em algumas regiões. Quatro dias mais tarde, o Sr. Howells falou na reunião:

"Digo agora: 'Assim diz o Senhor: Hitler está invernando nas neves russas!'"

Todos sabemos como a história terminou; Moscou jamais caiu, e Goering, mais tarde, ao relatar seus azares daquele inverno, declarou que três milhões da elite do exército nazista pereceram na neve. Victor Kravchenco disse em seu livro *Chose Freedom* (Escolhi a Liberdade):

"Naqueles dias, os alemães poderiam ter tomado Moscou praticamente sem luta... Por que retrocederam é um mistério que só os próprios alemães podem desvendar para a história."

Agora Deus começava a voltar as orações do instituto para outra direção. Como os nazistas estavam marchando através da Iugoslávia e da Grécia, assim como capturaram Creta, além da crescente ameaça de Rommel e dos italianos na África do Norte, a oração começou a centrar-se nas terras bíblicas. Essa era, realmente, uma das principais responsabilidades de oração que pesava sobre o instituto, porque, muito tempo antes, Deus lhes revelara que essa não era apenas uma guerra européia, mas que, por meio dela, "conforme o desígnio e a presciência de Deus", os judeus retornariam à Palestina, o evangelho seria anunciado a toda criatura, e, desse modo, o Salvador poderia retornar. Assim, tão logo o perigo de invasão das terras bíblicas parecia iminente, Deus voltou as orações deles para aquela direção.

"Estou certo", disse o Sr. Howells, "de que o inimigo nunca atingirá a Palestina, a Síria e o Iraque."

A região de grande perigo imediato era a África do Norte. Com o aparecimento de Rommel e suas divisões blindadas ali, a ameaça ao Egito tornava-se grave. E se este caísse, a porta para a Palestina estaria aberta. Novamente nos lembramos daqueles dias sombrios, quando Rommel fez nossos exércitos recuarem e estava quase batendo nos portões de Alexandria. "A menos que Deus intervenha em favor da Palestina", disse o Sr. Howells a 4 de julho de 1942, "não haverá segurança ali para os judeus. As terras bíblicas devem ser protegidas, porque é para essas terras que o Salvador voltará. Se tivesse escolha hoje, diria a Deus: 'Toma tudo o que tenho, mas preserva a Palestina'. Queremos dizer a Deus hoje: 'Se não houver um motivo especial para o Egito cair, não deixe que a Alexandria seja tomada, mas inflija um revés a Rommel. Será que posso levar a mesma carga hoje em favor da Palestina como levaria se Swansea estivesse sendo atacada?'"

Era um sábado e, geralmente, não havia reuniões de oração nas tardes de sábado. Naquele dia, porém, o instituto foi chamado a passar a tarde em oração para que Deus salvasse a Alexandria e mudasse o curso dos acontecimentos na África do Norte. Havia uma pesada responsabilidade, mas havia uma grande liberdade na oração. Na reunião daquela noite, o Sr.

Howells disse:

"Será que a oração que fizemos esta tarde é do Espírito Santo, para que o inimigo *não* tome a Alexandria? Falo a todos vocês que tomaram parte real nas orações contra o inimigo, orando para que ele desça ao Mediterrâneo, orando para que ele vá para a Rússia, mantendo-o fora de Moscou! Será que esta oração é do Espírito Santo? Se for, podemos ter certeza de que o inimigo não tomará a Alexandria, a mesma certeza que o povo terá quando ouvir a notícia."

Depois, no dia 5 de julho, disse:

"Tudo o que desejo saber é isto: Será que esta intercessão pelas terras bíblicas foi ganha? Se foi, temos o direito de prevalecer com Deus para que o inimigo não tome a Alexandria. O primeiro ponto de prova depois de Moscou é a Alexandria."

Naquela noite, o Sr. Howells e o instituto alcançaram a vitória.

"Pensei que ele podia ter permissão para tomar o Egito", disse ele, "mas agora sei que ele nunca tomará o Egito - nem a Alexandria nem o Cairo cairão."

E, ao término da reunião, ele declarou:

"Hoje fui agitado até às profundezas de meu ser. Era como se um homem estivesse abrindo caminho na areia. Agora, no entanto, alcancei a vitória e a estou agarrando - ela está sob controle."

Na semana seguinte, leram nos noticiários que a situação era muito grave.

Assim, naquele mesmo sábado, foi convocada uma reunião extraordinária de oração. Na verdade, foi naquele fim de semana que a situação se alterou em El Alamein, e a Alexandria foi salva. O Major P. W. Rainer, responsável pelo suprimento de água ao Oitavo Exército, relata um fato, um incidente notável e, possivelmente, decisivo na batalha da Alexandria, em seu livro *PipeLine to Battle* (Abastecimento da batalha), conforme citado na revista da Associação Cristã dos Oficiais de Serviço Mercante, de abril de 1944.

Os remanescentes de um exército inglês estavam entre os homens de Rommel e da Alexandria -cinquenta tanques, umas poucas peças de artilharia e cerca de 5.000 soldados. Os lados estavam em pé de igualdade, mas os alemães tinham uma vantagem em virtude de seus canhões de 88mm, muito melhores. Ambos os exércitos estavam próximos da exaustão em razão do calor, do pó e da falta de água. A batalha era árdua. Nas palavras do Major Rainer:

"O sol estava quase a pino, e nossos homens esgotavam rapidamente sua capacidade de resistência, quando os nazistas entregaram os pontos. Dez minutos mais e isso poderia ter acontecido conosco."

"Lentamente, de forma silenciosa, os tanques Mark IV se arrastavam de volta, com dificuldade e pesadamente, de sua batalha. E, então, aconteceu uma coisa incrível: 1.100 homens da 90.^a Divisão da Blindada Ligeira, a elite do exército denominado 'África Korps', veio em nossa direção, tropeçando na areia e com

as mãos para cima - alquebrados e pretos, devido ao sangue coagulado, com a língua inchada a sair-lhes da boca. Enlouquecidos, arrancaram as botijas de água do pescoço de nossos homens e tomavam grandes goles, que lhes devolviam a vida, entre seus lábios ressequidos."

Então, o Major Rainer prossegue sua narrativa, para apresentar o motivo da rendição dos alemães. Quando estes atravessaram as defesas britânicas e encontraram um cano de água de seis polegadas, fazia vinte e quatro horas que estavam sem água. Fizeram buracos no cano e beberam a valer. Somente depois que haviam sorvido grandes goles é que perceberam que era água do mar. O cano fora assentado fazia pouco tempo, e o Major Rainer começara a testar aquela água. A água potável, no entanto, nunca era utilizada para experiências em encanamentos - era preciosa demais.

"No dia anterior o cano estava vazio", escreve ele. "Dois dias depois estaria cheio de água fresca... Os nazistas não perceberam o sal de imediato, porque o paladar deles já fora anestesiado pela água salobra a que estavam habituados e pela sede."

A rendição daqueles 1.100 soldados, todos alquebrados, pode ter sido o incidente decisivo na batalha da Alexandria. O comentário do redator da revista foi o seguinte:

"Um acontecimento tão incrível como esse não pode ser considerado uma mera coincidência. Com toda certeza a mão do Deus todo-poderoso esteve, uma vez mais, em evidência, pois veio em nosso auxílio, quando assuntos relevantes estavam na balança."

A atenção do instituto teve de se voltar novamente para a campanha da Rússia, caso as terras bíblicas devessem ser salvas. Agora, o perigo que vinha do Sul não existia mais, porém, como os alemães falharam em sua tentativa sobre Moscou, pressionavam em direção leste, através do sul da Rússia, e se aproximavam de Estalingrado, pois estavam chegando perto das montanhas do Cáucaso. Se cruzassem essa cadeia de montanhas, a porta para as terras bíblicas da parte norte estaria aberta.

O Dr. Symonds nos diz o seguinte:

"Os nazistas já tinham penetrado nas defesas de Estalingrado e estavam lutando nos subúrbios da cidade quando, de maneira totalmente inesperada, o diretor anunciou que o Espírito Santo estava insistindo com ele para que orassem a fim de que Estalingrado não caísse. O motivo era que essa cidade significava uma porta de entrada para o Cáucaso, e este significava a porta de entrada para as terras bíblicas. O inimigo já fizera duas tentativas para ocupar essas terras. A primeira por via de Creta, a qual trouxe a oração do Espírito de que as hordas nazistas deviam voltar-se contra a Rússia. E a segunda, através da África do Norte, que resultará na intervenção divina em El Alamein, "em resposta à oração de fé. No entanto essa oração em favor de Estalingrado parecia a mais difícil de todas de compreender. Lutamos uma quinzena toda, e o Espírito Santo estava insistindo, por meio do seu servo, que, como a oração era proveniente do Espírito, devíamos ser responsáveis por fazer com que ela chegasse a um resultado feliz, como no caso de Moscou.

"A despeito de nossos clamores, o inimigo continuou a avançar até que metade da cidade estava em suas mãos. O combate ali, de casa em casa, foi um dos mais desesperadores em toda a guerra; porém o conflito no Espírito foi, da mesma forma, muito desesperador também. Ao contrário de toda razão humana, à medida que as notícias eram mais sombrias, a fé se elevava mais, até que verificamos que o inimigo se desbaratara diante de nós. Ao mesmo tempo, a situação se inverteu na batalha visível e, para admiração do mundo, o exército nazista foi expulso de novo, totalmente quebrado e desmoralizado. Esse foi outro triunfo poderoso do Espírito Santo."

Alguns meses mais tarde, com essas quatro grandes batalhas de oração em seu percurso - a da invasão da Grã-Bretanha, a da Alexandria, a de Moscou e a de Estalingrado - o instituto ficou muito interessado ao ver um artigo publicado na imprensa pelo comentarista militar, General J. R. C. Fuller, em que apresentava quatro motivos para a ruína iminente dos nazistas. Ele os chamava de as quatro asneiras de Hitler. A primeira asneira foi perder a oportunidade de invadir a Grã-Bretanha. A segunda foi seu fracasso em atacar o Egito e conquistar a Alexandria. A terceira, "tudo na campanha da Rússia dependia da queda de Moscou, entretanto, Hitler se desviou para outros objetivos". A quarta asneira - "o equívoco final de Hitler - o grande ataque a Estalingrado."

Em duas outras ocasiões, houve momentos de concentração especial em oração, uma durante a invasão da Itália e a outra pelo Dia "D". Na batalha em favor da Itália, o ponto crucial era Salerno, onde as tropas aliadas desembarcaram em setembro de 1943 para capturar algumas elevações estratégicas e para abrir caminho para as forças invasoras procedentes do Sul para atingir Roma.

"O dia do desembarque em Salerno e os fatos que se seguiram estarão sempre em posição destacada em minha memória", diz o Dr. Symonds. "Como de costume, tivemos a primeira reunião de oração vespertina no salão de conferências e, a seguir, nos reunimos de novo às 21:45h para a última reunião em Derwen Fawr. Ela teve um tom solene desde o começo. A voz do diretor estava trêmula, devido ao peso de sua mensagem, e pouco audível, enquanto dizia:

"O Senhor me sobrecarregou entre as reuniões com a invasão em Salerno. Creio que nossos homens estão em grandes dificuldades, e o Senhor me disse que, se não pudermos orar até ao fim, eles correm o perigo de perder sua posição."

"O temor de Deus tomou conta de nós, porque isso era algo inesperado para nós, pois não havia notícias oficiais com essa finalidade nos telegramas e, antes, nós mesmos tivemos um certo regozijo porque a Itália estava, afinal, a ponto de ser libertada da tirania fascista e nazista. Não demorou muito e já estávamos de joelhos, clamando a Deus para que interviesse. O Espírito apossou-se de nós e, repentinamente, irrompeu nas orações e, a seguir, estávamos louvando e regozijando, pois críamos que Deus ouvira e respondera nossas orações.

"Já não podíamos mais continuar orando, de modo que nos levantamos e começamos a cantar louvores, testemunhando o Espírito em nosso coração, pois sabíamos que Deus operara uma intervenção miraculosa na Itália. A vitória foi tão prevalente, que olhei para o relógio quando nos levantamos para cantar. -Eram 23:00h em ponto.

"Esperamos para ouvir o noticiário da meia-noite. O radialista, em tom grave, com efeito, dizia exatamente o que o diretor nos dissera da parte do Senhor - que, se não houvesse um milagre, nossas tropas corriam o risco de perder a cabeça-de-praia antes do amanhecer. Isso só serviu para confirmar a orientação do Espírito Santo, e nos sentimos mais confiantes do que nunca de que a vitória era certa.

"As notícias da manhã seguinte eram ainda mais esperançosas, mas aguardávamos com ansiedade os relatórios jornalísticos a respeito da frente de batalha. Não ficamos desapontados. Quinta-feira de manhã, um dos jornais diários exibiu uma manchete de primeira página, em letras garrafais: 'O Milagre de Salerno'. O relato do repórter, que se encontrava na frente de batalha, dizia mais ou menos isto:

"Na segunda-feira, eu estava com nossas tropas avançadas na invasão de Salerno. A artilharia inimiga avançava rapidamente e com fogo incessante. O barulho era terrível e era óbvio que, se não acontecesse um milagre, nossas tropas jamais poderiam deter o avanço em tempo hábil para estabelecer a conquista da cabeça-de-praia.

"Repentinamente, sem nenhum motivo justificável, o fogo cessou e a artilharia nazista parou seu avanço. Uma calma mortal tomou conta do cenário. Aguardamos, com uma certa expectativa, ansiosos, mas nada aconteceu. Olhei para meu relógio -*eram onze horas da noite*. Esperamos mais um pouco, porém nada aconteceu. E, naquela noite toda, nada mais aconteceu. No entanto aquelas horas representaram toda a diferença para essa invasão. Pela manhã, a cabeça-de-praia já fora conquistada."

Na última grande batalha de oração da guerra - em favor da abertura do Segundo Fronte - citaremos, novamente, algumas das palavras do Sr. Howells. A 6 de abril de 1944, apenas dois meses antes do Dia "D", ele dizia nas reuniões:

"Estamos preocupados com os jovens que estão para entrar no Segundo Fronte. Será que podemos crer que nossos jovens podem vencer com uma perda mínima de vidas? Se Deus interveio em Moscou, Estalingrado, Alexandria e em nosso próprio país, será que ele não pode intervir no Segundo Fronte e impedir que soframos um revés?"

"Temos todo o direito de pedir a Deus que venha e lute com nossos jovens, porque nossos dirigentes, como resultado desta guerra, só desejam a Carta do Atlântico e suas Quatro Liberdades. Se alcançamos a vitória em Estalingrado, podemos alcançá-la aqui também. Sabemos que o Senhor está do lado de nossos jovens e, esta noite, não vejo nada senão a vitória."

Um mês mais tarde (7 de maio) ele disse:

"Falo num momento, quando cinco milhões de homens enfrentam o Segundo Fronte. Esses jovens, procedentes dos Estados Unidos, estão em nosso país,

aguardando o momento da invasão, e milhares podem perder a vida. Em Verdun, os franceses perderam um milhão de homens. Se não fui convocado para lutar e conheço outro modo de ajudá-los, mas não os ajudo, devo morrer no lugar deles. Eles estão enfrentando a morte, e qualquer um que enfrentou a morte sabe que isso é uma coisa séria, principalmente porque eles a estão enfrentando por vocês e por mim. Se eles sofrerem mais do que sofremos por eles, isso será uma vergonha para nós enquanto vivermos. Se houver um Segundo Fronte na próxima semana, será que há um Deus no céu que poderá intervir? Quando essa intervenção começar, o Governador Dewey, de Nova Iorque, estará convocando todo seu Estado para uma oração. O pior disso tudo é que a Alemanha é um país protestante, e nós também. No entanto não estamos combatendo a nação alemã, mas o regime nazista. Cremos que Deus está do nosso lado e ele diz: 'Não embainharei a espada até que a Carta seja estabelecida e o mundo fique livre'."

Em outra reunião, Deus garantiu ao instituto que, no Dia "D", "ele estaria à frente de nossas tropas, e elas não sofreriam nenhum revés". Um dos presentes escreveu o seguinte:

"A crença era tão forte que pudemos aceitar essa profecia. Depois do peso que vínhamos carregando, o alívio foi tão grande que fui para meu quarto, caí de joelhos e rompi em lágrimas. Eram lágrimas de júbilo e de completo alívio, pois uma tremenda tensão caíra por terra. Isso, naquele momento, foi algo tão real para mim, que era como se todo o Segundo Fronte já estivesse estabelecido e a vitória realmente já tivesse sido conquistada."

A 6 de junho, o dia da abertura do Segundo Fronte, o Sr. Howells leu com grande aprovação a Ordem do Dia, do General Eisenhower, às tropas de assalto, na qual dizia:

"As esperanças e as orações dos povos amantes da liberdade em toda parte marcham convosco... imploremos, todos nós, a bênção do Deus todo-poderoso sobre este grande e nobre empreendimento."

Além disso, tivemos a maravilhosa fala do rei, transmitida para todo o país, em que convocava solenemente seu povo à oração e à dedicação, quando disse:

"Certamente, nenhum de nós está tão ocupado que não possa desempenhar sua parte numa vigília de oração de âmbito nacional, possivelmente de amplitude mundial, quando a grande cruzada tiver início."

Na reunião, o Sr. Howells disse:

"Se houver um dia de oração, ele deve ser um dia de vitória e de atuação de Deus."

E, em sua própria oração, ao término daquela reunião, quando pensou nas tropas de assalto que já haviam desembarcado na Normandia, ele orou:

"Se tu, Senhor, não tivesses intervindo em Dunquerque, nenhum de nós estaria aqui hoje. Assim, lança uma responsabilidade sobre nós, e não permitas que sejamos negligentes. Se Hitler tivesse ganhado, o cristianismo, a civilização e a liberdade já teriam sucumbido. Ah, Senhor, protege e guarda nossos homens! Não permitas que oremos de forma nenhuma diferente do que

oraríamos se estivéssemos na linha de frente. Cremos que o fim disto tudo será a vitória."

Finalmente, a 8 de julho, ele disse:

"Não há nada que se possa comparar à noite em que invadimos a Normandia. Dissemos que Deus ia à frente de nossos homens, e não seria como Dunquerque. O *Daily Telegraph* relatou que os submarinos alemães resolveram não patrulhar o canal somente naquela noite. O modo como chegamos à Normandia era algo além de qualquer coisa que poderíamos imaginar - 4.000 navios e 11.000 aviões - e cruzaram o canal sem jamais encontrarem um só navio ou avião inimigo! Deus disse: 'Tomarei parte e não haverá revés'. Portanto muito embora, enquanto esteja pregando, haja uma grande batalha em curso, volto à sua palavra de que não haverá contratempos."

A consumação desses seis anos de oração veio em junho de 1945, com o estabelecimento das Nações Unidas em São Francisco. Não houve esperanças vãs de paz mundial baseadas nessa organização, a ONU, pois a oração no instituto para que o evangelho fosse anunciado a toda criatura, e os judeus retomassem à Palestina, sempre esteve com aquela grande antecipação da volta do Salvador em glória e do estabelecimento do reino milenar, quando, afinal, haverá "paz na terra". No entanto, essa era a resposta àqueles anos de oração pela reabertura do mundo ao evangelho, de maneira que toda criatura pudesse ouvir as boas-novas ainda nesta geração.

O CHAMADO AO LAR

Agora, esse período de intercessão terminara. Durante os anos de guerra, Deus convocara o instituto para interceder pelo mundo, como anos antes ele se encerrara com o Sr. Howells para interceder por uma só alma. Nesse momento, em que a guerra terminara, os vínculos de comunhão foram renovados com o campo estrangeiro. O instituto sempre esteve a favor da comunhão com todos os fiéis, servos de Cristo, em todo o mundo. No decurso dos anos, os estudantes se filiaram a várias organizações, e diversas sociedades missionárias foram ajudadas financeiramente. Dirigentes e membros de muitas missões visitaram o instituto e, desde o tempo em que foi fundado, Deus disse a seu servo que nunca deixasse um missionário visitar o local sem despedi-lo com um donativo - mesmo que fosse a última coisa que ele possuísse. Agora que o instituto estava liberado da responsabilidade de orar pela guerra, o Senhor começou a lançar novamente sobre eles as necessidades do campo missionário. A conferência intitulada "Toda Criatura", que se realiza anualmente, teve início em 1947, e promoveu um intenso crescimento para o treinamento de estudantes para todos os campos. A responsabilidade especial que pesava sobre o coração do próprio Sr. Howells eram os custos para conseguir que o evangelho fosse anunciado a toda criatura, as finanças que poderiam ser gastas livremente no sustento dos servos de Deus em todas as terras. Essa responsabilidade jamais o deixou até domingo, 15 de janeiro de 1950. Na reunião daquela noite, às nove horas, ele leu os cânticos de Moisés e os de Davi, e depois disse: "Tudo em mim é louvor a Deus porque o Espírito Santo pode dizer: 'Terminei a obra que me deste para fazer'. Toda criatura ouvirá o evangelho, as finanças para a 'visão' estão seguras, e o Rei voltará."

Ele tinha certeza de que Deus daria a alta soma de dinheiro que prometera, a qual, posteriormente, investiria na obra do Senhor e, desse modo, reivindicaria o cêntuplo por cumprir a comissão de "Toda Criatura".

O grupo do instituto não sabia que essa era mais do que uma reunião de vitória a favor de finanças, pois, na verdade, era a complementação da luta terrena do intercessor do Senhor. Ele, como o restante do instituto, tinha fé em relação ao arrebatamento e ao espírito de vitória sobre a morte mediante Cristo, pois aguardavam o grande dia da vinda do Senhor e o cumprimento de Filipenses 3.21. No entanto, depois de conquistar essa posição final de intercessão, ele aceitou a vontade de Deus em plenitude de vitória. Em um mês, ele estava face a face com seu Salvador. O Dr. Symonds, que esteve com ele até ao fim, deu-nos este relato:

"Cerca de dois anos antes de sua chamada ao lar, nosso amado diretor teve o desejo de fazer uma visita aos locais de seu encontro com o Espírito Santo, em Llandrindod Wells. Poucos de nós tivemos o privilégio de acompanhá-lo. Sua alma estava, evidentemente, abençoada e revigorada, enquanto permanecíamos fora da pequena capela (agora não mais utilizada), onde o Cristo glorificado lhe fora revelado. Então, ele nos levou ao local da tenda da convenção e nos contou uma vez mais como o Espírito Santo o encontrou ali em Pessoa, o momento em que solicitou seu corpo. A medida que o diretor pensava novamente naquelas experiências e em todas aquelas, que o Espírito Santo fizera nele e por intermédio dele, a partir daquele momento, ele estava visivelmente fortalecido em sua crença de que o Espírito Santo jamais falharia no futuro para vencer todos os obstáculos e alcançar toda criatura com o evangelho ainda nesta geração.

"Pouco depois dessa noite, enquanto subíamos uma colina, notei que ele estava com uma horrível cor cinzenta, e tivemos de parar por uns instantes. Ele sentia as dores de um ataque cardíaco. Daquele dia em diante, somente alguns de nós sabíamos o quanto ele deve ter sofrido. Tentamos persuadi-lo a descansar, mas ele estava tão consumido em sua paixão pelas almas moribundas dos homens que nunca relaxou seu controle sobre as reuniões de oração e os outros negócios de seu Rei. Resolveu que também não tomaria nenhum remédio para aliviar sua condição, pois, como sempre, preferia deixar todas as coisas para o Senhor resolver.

"Daquele domingo em diante, quando houve tamanha vitória da fé a favor das finanças, ficamos cômicos de que o diretor sentia que sua obra na Terra estava terminada. Seu ministério principal sempre fora o da intercessão. Muitas vezes, ele me disse que agora preferiria muito mais ir para o lar, para a glória, e deixar o restante para os 'Josué', conforme Deus os chamasse. Seu júbilo pessoal por toda a eternidade seria que fora fiel, nas mãos de Deus, em lançar o alicerce. E, assim, aconteceu que passou para o Senhor.

"Na quinta-feira, 7 de fevereiro, a Srta. Margaret Wright, a enfermeira-chefe do hospital do instituto, que era, em especial, responsável por ele, foi a seu quarto após a reunião vespertina para ver se ele estava bem. Encontrou-o andando para lá e para cá no quarto, cantando alguns hinos galeses antigos,

que sua mãe costumava cantar, a respeito da 'terra que é mais formosa do que o dia'. Um deles, traduzido para o português, diz o seguinte:

"Formoso e gracioso é meu Salvador,
Mais formoso dos formosos ele é;
Rei de reis, eu o saúdo alegremente
Aqui e por toda a eternidade;
Sua grande beleza
Conquistou completamente a minha alma.
Vê acima as nuvens e as sombras,
Vê, minha alma, a terra de luz,
Onde a brisa é sempre refrescante,
Onde o céu é sempre brilhante;
Benditas miríades
Agora desfrutam sua perfeita paz.
Agora,
Finalmente, um poderoso êxtase
Faz vibrar meu turbado coração,
Na perspectiva de possuir
Essa herança divina,
Sempre benditos
Aqueles que buscam essa terra de descanso.
Sim, partimos, mas não para sempre
-Jubilosas esperanças enchem nosso ser;
Aqueles que amam o Salvador nunca
Conhecem uma longa e uma última despedida!
Uniões bem-aventuradas
Estão além desse véu de separação.

"Na noite seguinte, 8 de fevereiro, ao final da reunião, parecia que ele fora transportado para a glória, pois todo o grupo estava de pé e cantando: 'Além do Jordão com meu bendito Jesus', o coro que ele mesmo escolheu, mas que não fora cantado no instituto no ano anterior. Seu rosto, conforme a descrição de alguns, parecia com o de Estevão - a face de um anjo, quando ele tirou do bolso o lenço e o abanava enquanto cantava -era como se estivesse saudando seu Salvador e os santos que se foram antes. Essa foi sua última reunião na Terra.

"Dentro de meia hora, fui chamado para vê-lo, enquanto ele jazia prostrado em seu leito devido às agonias de um terrível ataque cardíaco. Para meu espanto, ele consentiu em tomar alguns medicamentos - para mim o primeiro presságio de que ele não esperava, realmente, recuperar-se, porquanto, se ele o esperasse, teria preferido agüentar meramente pela fé.

"Enquanto jazia numa agonia, que eu apenas podia imaginar - porque, até o finzinho, ele jamais murmurou uma só palavra com referência a seu próprio sofrimento - disse somente:

"'É o Senhor... é o Senhor... estou no centro da vontade do Senhor... tudo está ganho... é o Senhor'.

"Nos quatro dias seguintes, antes que ele fosse para o lar, sempre que ele voltava a ficar consciente, era para proferir o nome de algum missionário (especialmente, o Sr. Norman Grubb e Sr. John Thomas), ou algum outro amigo íntimo, por quem, obviamente, ele estava orando, ou para dizer-nos de sua crença em toda a 'visão'.

"Suas últimas palavras foram no domingo, 12 de fevereiro, num momento de consciência, quando ele me reconheceu e suspirou num calmo sussurro:

"'Vitória! Aleluia!'

"Diversas vezes, durante aqueles dias, dissera essas mesmas palavras a Sra. Howells - 'Que vitória gloriosa!' O fim dessa peregrinação terrena chegou às 10:00h da manhã do dia 13 de fevereiro, uma segunda-feira. Quando nos ajoelhamos ao redor de seu leito, estávamos profundamente cõncios da maravilhosa presença de Deus. Em suspiros oramos: 'Seja feita a tua vontade', e pedimos ao Senhor que nos fizesse sucessores dignos de um servo tão nobre de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."

Apenas uma hora depois, o Sr. Samuel Howells já reunira todo o pessoal do instituto e da escola. Naturalmente calmo e retraído, era óbvio a todos que o Espírito de Deus viera sobre ele, quando convocou a todos para uma nova consagração de vida, com a finalidade de levar a bom termo a visão e a comissão que seu pai nos deixara. Desde aquele dia, ficou claro a todos que no oculto dos últimos treze anos, durante os quais ele estivera com seu pai e sua mãe no instituto, Deus estivera amadurecendo seu servo para tomar o lugar do Sr. Howells. Nenhum filho, por herança natural, poderia tomar o lugar de um pai como Rees, mas todos reconheceram com gratidão que a mesma Pessoa divina, que vivera em seu finado diretor, também habitava em seu filho e, desse modo, o instituto e a escola ainda têm o mesmo Guia, Capacitador e Supridor, o próprio Senhor está em nosso meio.

PÓS-ESCRITO

Instituto Bíblico de Gales e a escola deste, que o Senhor levou seu servo a fundar e a dirigir, continuam suas atividades exatamente como antes. O pessoal dirigente do instituto bíblico, do hospital, da escola e do lar para os filhos de missionários totaliza noventa e oito pessoas, com o Sr. Samuel Howells como diretor honorário. Estes, com alguns outros amigos mais velhos, que são parte da família do instituto, formavam o grupo de intercessores durante os anos de guerra. Dificilmente, alguns deles estiveram no instituto por menos de dez anos, e alguns ficaram até por quinze ou vinte anos. Todos são os primeiros intercessores, tanto por darem a si mesmos, como pela vida de oração na "visão de toda criatura". Além disso, eles usam seus dons e seu preparo de várias formas no ministério. Isso é o cumprimento daquela promessa ao Sr. Howells de que "cada obreiro disposto seria habilitado". Muitos são professores, há três médicos, seis enfermeiras, dois que possuem diplomas de conservatório musical, outros são secretários, trabalhadores domésticos, jardineiros, mecânicos e assim por diante. O pessoal, esses anos todos, anda com Deus pela fé, inclusive com relação às suas necessidades pessoais. Ninguém recebe ordenado ou mesada. Tudo é suprido em resposta à oração. É notável que, durante o primeiro ano depois que o Senhor levou o Sr. Howells para si, Deus enviou mais recursos financeiros do que em qualquer outro ano da história do instituto. O instituto bíblico fornece aos estudantes um curso de dois anos para o trabalho nos campos estrangeiros e nacionais, a um preço muito inferior ao custo real, pois o ensino é gratuito. As reuniões de oração matutinas e vespertinas continuam como o centro da vida espiritual do lugar. Os estudantes recebem os cursos normais de aulas sobre as Escrituras e outros assuntos.

O instituto possui seu próprio hospital, com capacidade aproximada para vinte e cinco pacientes, construído nos terrenos de Derwen Fawr e usado, em grande parte, para os casos de enfermidade das crianças da escola e, muitas vezes, por missionários em férias. O Senhor continua a dar ao instituto as responsabilidades específicas de oração pela cura de pessoas enfermas. Seus médicos e enfermeiras se dirigem a Deus pessoalmente em busca do suprimento da maioria dos remédios, além de suas próprias necessidades. A mão de Deus está, notavelmente, sobre a escola do instituto bíblico desde seu início. Ela é quase única na Grã-Bretanha, um exemplo de escola preparatória e secundária, com realizações escolares de alto nível. No entanto cada membro do pessoal dirigente e docente é um servo consagrado de Jesus Cristo, pois eles colocam a conquista dos rapazes e das moças para o Senhor como o alvo mais importante a ser atingido. No início, em 1933, quando a escola foi inaugurada, apenas onze alunos a freqüentavam. O número subiu para 400 rapazes e moças, com idades que variam de cinco a dezoito anos. Com o Dr. Kingsley C. Priddy, de alta graduação, como diretor, e a Srta. Doris M. Ruscoe, bacharel em Letras, como diretora, há um corpo de trinta e três homens e mulheres que exercem o papel de professores, quatorze dos quais têm diploma universitário, e os demais têm diploma de professor primário, e um deles é formado em Educação Física.

A escola pediu que o Governo enviasse seus inspetores em 1948, de sorte que houvesse reconhecimento oficial, e tanto a escola preparatória como a escola de nível médio foram aceitas por eles como "eficientes". Durante esses anos, vinte e dois alunos se diplomaram em universidades, sete receberam diploma de médico, vinte e cinco passaram pela Faculdade de Filosofia para preparem-se para ser professores, e uns vinte se tornaram enfermeiros e enfermeiras.

Desses, doze voltaram, chamados pelo Senhor, para serem membros do pessoal da escola. Financeiramente, o pessoal da escola - assim como o pessoal do instituto - trabalha na base da fé pessoal, sem ordenado.

Em três ou quatro ocasiões, o Espírito de Deus atuou de modo notável entre os rapazes e as moças, com surtos de avivamento e muitas conversões, embora não se faça aos alunos nenhum tipo de pressão indevida. Há um saudável equilíbrio do desenvolvimento tríplice, ou seja, do espírito, da mente e do corpo. A evidência da bênção do Senhor em tudo na escola é a grande popularidade desta em Swansea e nas cidades circunvizinhas. Pais de todos os tipos, e não somente aqueles que simpatizam diretamente com o instituto em sua fé religiosa, fazem questão de enviar os filhos para lá.

Predominantemente, no centro da vida da escola, está o propósito original para o qual foi fundada, ou seja, proporcionar um lar para os filhos de missionários. Há uma afluência para o lar de uma corrente constante dos filhos daqueles que saíram para pregar o evangelho em terras distantes. A média, por diversos anos, foi de sessenta e cinco. É maravilhoso ver como a família está feliz, tanto na vida da escola como na do lar. Desde o início, o Senhor guiou o Sr. Howells a cobrar somente metade das taxas para os missionários, no tocante à pensão e à educação de seus filhos. Desde o começo, Deus chamou a Srta. G. Roderick para ser a principal encarregada da

escola e, no decorrer desses anos, juntou-se a ela um pessoal de quinze ajudantes.

Além do interesse do instituto em todas as atividades missionárias, há alguns centros nos campos estrangeiros que são ocupados diretamente por estudantes procedentes do instituto, os quais mantêm vínculos como os enviados do instituto pelo Espírito Santo. O primeiro é uma casa da missão em Paris, com um salão e pavimentos, adquirida pelo Sr. Howells há trinta anos, e onde há um pessoal administrativo, composto de cinco pessoas. O objetivo é iniciar um instituto bíblico para treinar os estudantes do Continente, em conexão com esse centro.

Depois, mediante solicitação direta do Imperador da Etiópia, um dos médicos do instituto, a Dra. Margaret FitzHerbert, especialista em obstetrícia e ginecologia, foi incumbir-se desses departamentos no Hospital Haile Selassie I, em Adis-Abeba. Algumas enfermeiras também foram com ela. Nessa posição estratégica, elas podem ser testemunhas de Cristo no coração da capital, sem serem "missionárias profissionais".

No Líbano, dois obreiros armênios mais experimentados, que por muito tempo tiveram uma escola da missão para cerca de cem crianças, agora contam com a colaboração de dois membros do instituto. Após uma visita que o Sr. Samuel Howells fez ao Oriente Médio, agora há planos em mãos para abrir um centro missionário na cidade velha de Jerusalém. No momento, diversas pessoas do instituto esperam ir para lá.

Além dessas filiais diretas do instituto, que estão ultrapassando as fronteiras para se estabelecerem em terras distantes, há elos de cooperação com os missionários que evangelizam na Índia, na Nigéria e no Brasil, onde estudantes do instituto estão trabalhando, além daqueles estudantes que se filiaram às várias sociedades missionárias.

As Conferências de Verão se realizam no instituto e, sem dúvida, haverá muitos, a quem Deus falará por intermédio da leitura deste relato sobre a vida do servo do Senhor, que desejaram vir, talvez dos confins da Terra, para ter uma comunhão viva e pessoal com o grupo do instituto, quer como visitantes, quer como alunos. Estes são bem-vindos, e a correspondência pode ser mantida sempre com a Sra. Rees Howells, a viúva do finado diretor, que continua seu rico ministério de fé e de amor no meio da família do instituto - no Bible College of Wales, Derwen Fawr, Swansea, South Wales.

*****FIM*****

